

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DOUTORADO**

JEFFERSON LUCIANO ZUCH DIAS

**ARQUEOLOGIA NO MÉDIO VALE DO RIO DOS SINOS E VALE DO RIO
PARANHANA: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO PELOS GRUPOS
CERAMISTAS DAS TRADIÇÕES TAQUARA E TUPIGUARANI**

São Leopoldo, RS, Brasil

Novembro de 2015

JEFFERSON LUCIANO ZUCH DIAS

**ARQUEOLOGIA NO MÉDIO VALE DO RIO DOS SINOS E VALE DO RIO
PARANHANA: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO PELOS GRUPOS
CERAMISTAS DAS TRADIÇÕES TAQUARA E TUPIGUARANI**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
História, pelo Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Área de Concentração: Estudos Históricos
Latino Americanos
Linha de Pesquisa: Sociedades indígenas,
cultura e memória

Orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge

São Leopoldo, RS, Brasil

Novembro de 2015

D541a Dias, Jefferson Luciano Zuch
 Arqueologia no médio Vale do Rio dos Sinos e Vale do Rio Paranhana: o processo de ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani / Jefferson Luciano Zuch Dias. -- 2015. 206 f. : il.; color. ; 30cm.

 Tese (Doutorado em História) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2015.

 Orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge.

 1. Arqueologia - Rio Grande do Sul. 2. Índio - Tupiguarani - Tradição. 3. Índio - Taquara - Tradição. 4. Bacia Hidrográfica - Rio dos Sinos. 5. Bacia Hidrográfica - Rio Paranhana. 6. Arqueologia - Cerâmica – Índio. I. Título. II. Rogge a, Jairo Henrique.

 CDU 902(816.5)

AGRADECIMENTOS

À família que sempre me apoiou e incentivou.

Minha esposa, Milene Pereira Monteiro, que igualmente me apoiou, incentivou e principalmente, motivou para durante todo o processo de elaboração deste Tese.

Ao Programa CAPES-PROSUP, pela concessão da bolsa para a realização do curso de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS.

Ao meu orientador, o prof. Dr. Jairo Henrique Rogge, pela paciência e pela oportunidade de aprendizado.

Ao prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, por todos os anos ensinamentos.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS.

Aos colegas do Instituto Anchietano de Pesquisa, pelas dicas e ensinamentos ao longo do caminho.

Aos professores Eurico Th Miller e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, que foram os primeiros a realizar a pesquisa na região por nós estudada, pois sem o primeiro esforço destes profissionais, esta Tese não seria possível.

“Faça ou não faça...
Tentativa não existe!”
Mestre Yoda

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo identificar e compreender o processo de ocupação da área do médio vale do rio dos Sinos e seu principal afluente da margem direita, rio Paranhana, por populações portadoras das tradições cerâmicas Taquara e Tupiguarani. Para isso, foram levantadas, organizadas e analisadas todas as informações documentais (fichas de registro de sítios, plantas baixas, fotografias, anotações diversas) e as coleções lito-cerâmicas disponíveis para os sítios arqueológicos registados naquela área, no acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), em Taquara, RS. A partir dessas análises, foi possível propor um modelo de ocupação da região do médio vale do rio dos Sinos e vale do rio Paranhana pelos grupos portadores das tradições cerâmicas Taquara e Tupiguarani, no qual os primeiros experimentam uma expansão descendo o vale do rio Paranhana até sua desembocadura e dali, possivelmente, rio dos Sinos à jusante, pelo menos até a altura de Sapiranga, entre 662 AD e 888 AD. Posteriormente, um segundo momento de expansão e ocupação do médio vale do rio dos Sinos e do vale do Paranhana se deu entre 1.450 e 1.750 AD, por portadores da tradição cerâmica Tupiguarani, mas agora no sentido inverso, subindo o vale do rio principal, possivelmente a partir do Lago Guaíba, onde existem sítios datados desde, pelo menos, 1.340 AD e depois subindo o vale do rio Paranhana, em um momento em que provavelmente, os grupos associados à tradição Taquara já teriam se dispersado ou refluído às áreas mais altas do vale do Paranhana e do Planalto contíguo. A expansão dos grupos portadores da tradição Tupiguarani em direção à montante do rio Paranhana, possivelmente levou ao estabelecimento de um processo de contato e interação com grupos associados à tradição Taquara, estabelecidos ainda nessa área do alto vale, fazendo dela uma zona de fronteira e resultando em dois sítios com evidências de contato. Tanto a expansão dos portadores da tradição Taquara, descendo o rio Paranhana e o rio dos Sinos, como um segundo processo de expansão, em sentido contrário e cronologicamente posterior ao anterior, relacionado aos portadores da tradição Tupiguarani, subindo esses mesmos rios, proposto por nosso modelo na área de estudo, são consoantes com fenômenos de expansão e dispersão desses grupos em uma perspectiva regional, mais ampla, em momentos cronologicamente semelhantes.

Palavras-chave: Arqueologia. Tradição Tupiguarani. Tradição Taquara. Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Bacia Hidrográfica do Rio Paranhana. Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 AS BACIAS DOS RIOS DOS SINOS E PARANHANA EM SEU CONTEXTO AMBIENTAL	14
CAPÍTULO 2 AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARANHANA E ÁREAS PRÓXIMAS	24
2.1 As informações existentes no MARSUL	24
2.2 Os sítios arqueológicos da Bacia do rio Paranhana e áreas próximas	27
2.2.1 Sítios Arqueológicos do município de Três Coroas	29
2.2.2 Sítios Arqueológicos do município de Taquara	46
2.2.3 Sítios Arqueológicos do município de Parobé	62
2.2.4 Sítios Arqueológicos do município de Sapiranga	75
CAPÍTULO 3 O MATERIAL LITO-CERÂMICO DOS SÍTIOS DA BACIA DO RIO PARANHANA E ÁREAS PRÓXIMAS	88
3.1 O material arqueológico dos sítios do município de Três Coroas	88
3.2 O material arqueológico dos sítios do município de Taquara	114
3.3 O material arqueológico dos sítios do município de Parobé	132
3.4 O material arqueológico dos sítios do município de Sapiranga	145
CAPÍTULO 4 A OCUPAÇÃO DO MÉDIO VALE DO RIO DOS SINOS E VALE DO RIO PARANHANA PELOS GRUPOS PORTADORES DAS TRADIÇÕES TAQUARA E TUPIGUARANI	169
CONCLUSÃO	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
ANEXO 1	

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa relaciona-se ao estudo da ocupação indígena pré-colonial em uma área que abrange a porção média do vale do rio dos Sinos e o vale do rio Paranhana, um de seus principais afluentes.

O rio Paranhana tem suas nascentes na região do Planalto, entre os municípios de São Francisco de Paula, Canela e Gramado e corre no sentido norte-sul, até desembocar na margem direita do rio dos Sinos, na altura do município de Taquara, na região geográfica conhecida como Encosta Inferior do Nordeste (Figura 1).

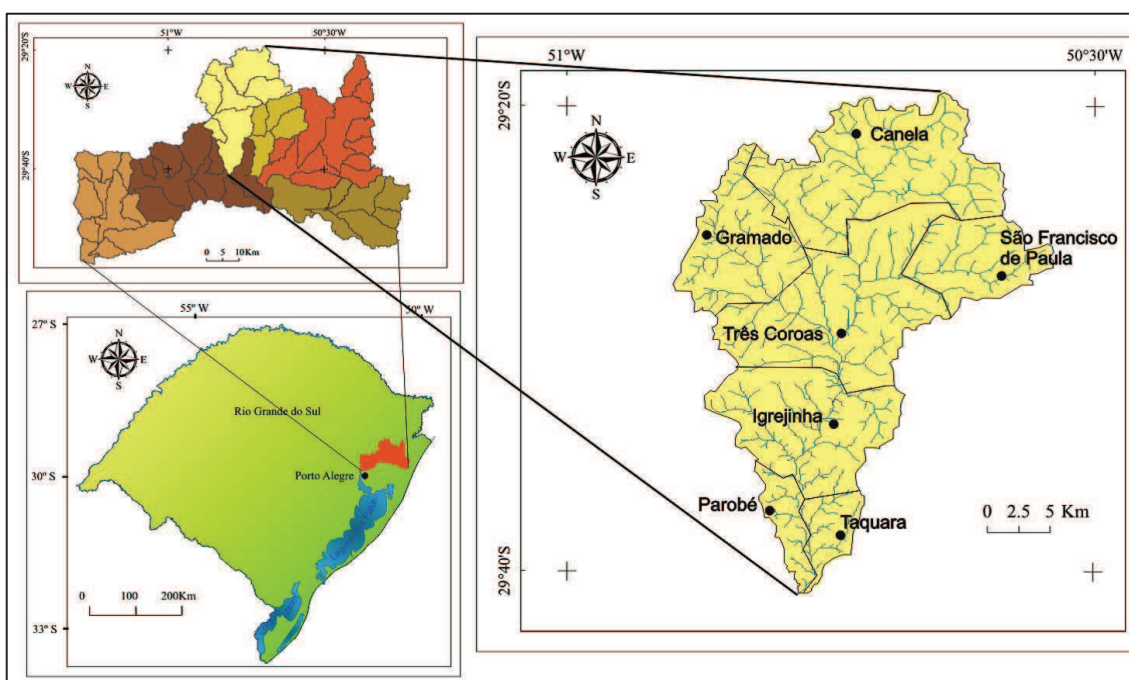


Figura 1. Localização geográfica da bacia do rio Paranhana. Fonte: Riffel e Guasselli (2012).

Nessa região, encontramos vestígios de pelo menos três tradições arqueológicas¹ distintas, que estão associadas a populações indígenas pré-coloniais. São elas: tradição Umbu, Taquara² e Tupiguarani, as primeiras relacionadas a grupos caçadores e

¹ Tradição conforme o Dicionário de Arqueologia (SOUZA, 1997, p. 124), refere-se a grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal. Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica.

² Mais recentemente tem sido usado o termo mais amplo “Taquara/Itararé” ou “Itararé/Taquara” para nomear essa tradição tecnológica, associada aos grupos indígenas linguisticamente conhecidos como Jê Meridionais. Porém, dada a limitação geográfica de nossa área de estudo e respeitando a definição original primeira dessa tradição ceramista para aquela área, utilizaremos somente a denominação “Taquara”.

coletores e as outras duas a grupos ceramistas. O interesse de nossa pesquisa se volta especificamente para as duas últimas no sentido de, a partir da análise da cultura material e da documentação original dos sítios existentes no acervo da Reserva Técnica do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), compreender o processo de ocupação dessa área (que também abarcará uma área um pouco mais ampla, englobando o médio vale do rio dos Sinos) pelos grupos portadores daquelas duas tradições tecnológicas.

Na região que envolve a bacia do rio Paranhana e a porção média do rio dos Sinos, de maneira sistemática entre os anos de 1961 e 1978, foram pesquisados por Eurico Th. Miller e Pedro A. Mentz Ribeiro 119 sítios arqueológicos, de natureza variada, com registros em abrigos-sob-rocha, sítios superficiais a céu aberto e sítios com estruturas subterrâneas. Ao todo foram estabelecidas, devido as suas características físicas e aos artefatos associados, 7 fases³ arqueológicas, as quais Miller subdividiu em 3 pré-cerâmicas e 4 cerâmicas (Figura 2).

Como já foi colocado mais acima, nosso foco de estudo recai sobre os sítios das duas tradições cerâmicas, Taquara e Tupiguarani, que foram subdivididas nas fases Taquara, Paranhana e Maquiné (a primeira associada à tradição Taquara, as duas últimas à tradição Tupiguarani).

O acervo gerado por estas pesquisas está acondicionado no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), sediado no município de Taquara. Esta instituição foi criada pelo Decreto Estadual 18009/66 de 12 de agosto de 1966 e é uma das Instituições da Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Rio Grande do Sul.

Originalmente o MARSUL nasceu ligado ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que estava sob o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas-CNPq e da Smithsonian Institution, da cidade de Washington, Estados Unidos, em colaboração com a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-SPHAN, iniciado em 1965 e encerrado em 1970.

³Conforme Souza (1997, p. 55), o termo “fase” refere-se a qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios, em uma área circunscrita.

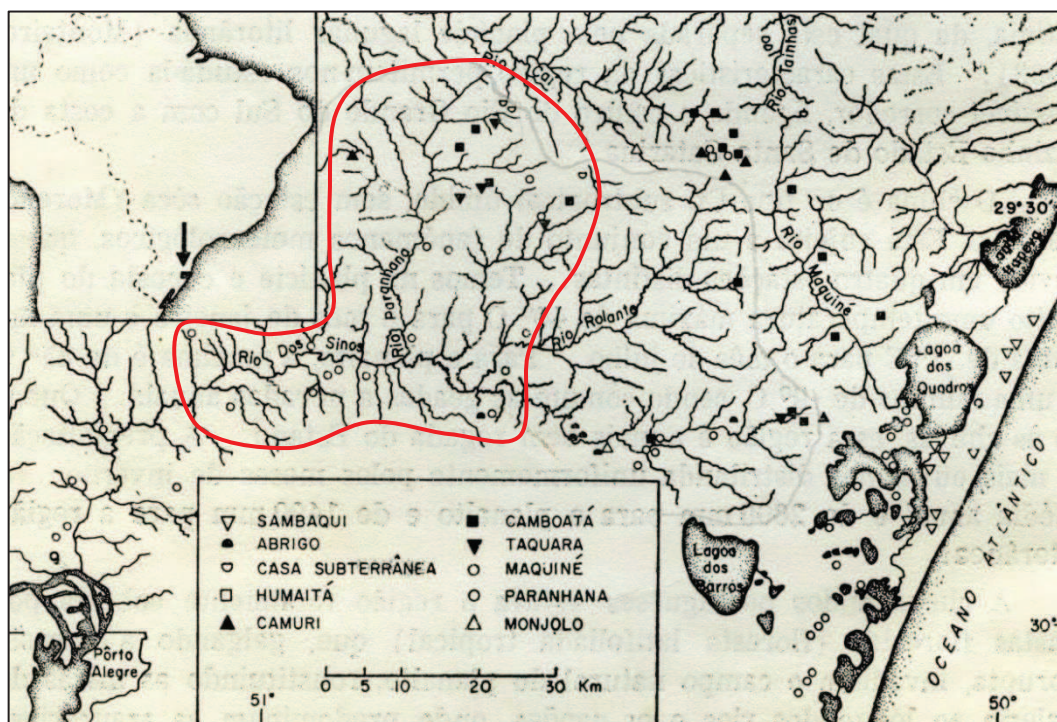


Figura 2: Localização aproximada dos sítios arqueológicos pesquisados por Eurico T. Miller na região nordeste do Estado, destacando a área do médio rio dos Sinos e vale do rio Paranhana (linha vermelha).
Fonte: Miller (1967).

Inicialmente o MARSUL esteve sediado na própria residência de Eurico Theófilo Miller e, a seguir, durante 12 anos, em um antigo frigorífico abandonado e restaurado para esse fim. Em janeiro de 1977, a partir da doação de um terreno por parte da Prefeitura de Taquara, o MARSUL foi transferido para sua atual sede, na estrada ERS 020, no Km 54, na gestão do então Governador Dr. Sinval Guazelli, tendo como Secretário da Educação e Cultura o Prof. Airton Santos Vargas e o Prefeito Municipal Dr. Alceu Martins.

O MARSUL conta com um dos acervos mais antigos referentes às primeiras pesquisas realizadas no Estado, executados em especial pelos arqueólogos, Eurico Th, Miller e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, a partir do início da década de 1960.

Atualmente, na Reserva Técnica do MARSUL, estão acondicionados diversos materiais referentes a pesquisas arqueológicas executadas entre os anos da década de 1960 até 1980, pelos pesquisadores acima citados. Muito deste material ainda necessita ser devidamente analisado e requer a publicação dos resultados obtidos em laboratório. A utilização de parte desse acervo nessa pesquisa é também uma das formas de realizar a socialização desse patrimônio.

Voltando à nossa área de estudo, sua ocupação pré-colonial se inicia com grupos caçadores e coletores associados à tradição Umbu⁴, que ali não possui sítios datados, mas em áreas próximas, à montante do rio dos Sinos (região de Santo Antônio da Patrulha), possui datas entre 8.800 ± 40 AP (Beta 160845), no sítio RS-S-327 - Sangão e 440 ± 90 (Beta 165621) no sítio RS-S-337 - Monjolo (Dias, 2003).

Para os sítios associados à tradição Taquara, temos apenas duas datas para o vale do rio dos Sinos, em sua porção média, uma em Taquara, de 1.190 ± 100 AP (SI-409), no sítio RS-S-61 - Morro da Formiga e outra em Sapiranga, de 1.380 ± 110 AP (SI 414), no sítio RS-S-282 - Porto Palmeira 2 (Miller, 1967).

Por fim, para os sítios da tradição Tupiguarani as informações cronológicas são ainda mais escassas, contando com duas datas, novamente na parte alta do vale dos Sinos, por termoluminescência (TL), para o sítio RS-S-399 - Campestre Novo 1, de 165 ± 20 AP (LVD 594) e 205 ± 25 (LVD 595) (Dias, 2003).

As datas sugerem uma sequência de ocupação do médio vale inicialmente por grupos caçadores e coletores, com um longo tempo de permanência, até a chegada de grupos portadores da tradição Taquara, provavelmente oriundos do planalto, nas cabeceiras do rio Paranhana e descendo por esse vale até seu baixo curso, no município de Taquara e, talvez, descendo ainda mais o rio dos Sinos, onde deixou seu registro em um complexo de sítios na região de Sapiranga.

Um outro momento de ocupação do médio vale do rio dos Sinos e Paranhana se dá posteriormente, com a presença de sítios associados à tradição Tupiguarani, que podem chegar até o médio/alto vale do Paranhana, onde teriam estabelecido algum tipo de interação com grupos portadores da tradição Taquara.

No contexto das pesquisas arqueológicas realizadas até o presente momento, conhecemos exemplos de interação entre os portadores da tradição Taquara com aqueles da tradição Tupiguarani, em algumas áreas específicas. Isto é demonstrado nos respectivos sítios arqueológicos, mais especificamente no seu conteúdo cultural, uma vez que temos a ocorrência de maneira estratigraficamente concomitante de vestígios cerâmicos pertencentes a estas duas populações, como por exemplo no sítio arqueológico RS-LC-97, localmente conhecido como Bacuparí, no litoral central do

⁴ A ocupação relacionada à esses grupos caçadores e coletores, por ora, não será incluída em nosso estudo, mas de qualquer forma, para uma visão completa da ocupação da área, em algum momento isso deverá ser feito.

Estado. Temos ainda registros similares nos sítios RS-LC-80, RS-LC-82, RS-LC-96 e RS-LC-97, todos encontrados e registrados na mesma região (ROGGE, 2004). Mais recentemente, também um sítio localizado no município de Arroio do Sal, RS-LN-295 (ROGGE e SCHMITZ, 2010), pertencente geograficamente no contexto arqueológico ao Litoral Norte, mostra essa mesma interação.

Percebemos assim uma dinâmica entre a ocupação do espaço e o tipo de assentamento e a cultura material associada aos grupos que ocupam a área, que aparentemente apresentam um bem marcado sistema de estratégias de domínio das áreas ocupadas e exploradas e uma também bem demarcada fronteira entre os grupos ligados às duas tradições ceramistas.

Assim, através do estudo da cultura material destas duas populações, pretendemos entender sua implantação neste ambiente e suas relações com o mesmo, conforme Estevam e Künzli (s/d, p. 1629):

Poderemos notar que tanto a cultura material como seus detalhes e o destino que lhes era dado, juntamente com a sua localização, permitem uma melhor correlação do povoamento com as variáveis ambientais, pois o universo material, ou melhor, sua realidade, é apreendida materialmente e carrega consigo práticas que, cotidianas ou não, são criadas, incorporadas e ratificadas pelo social, enquanto construção política.

Os dois grupos apresentam características distintas, seja na questão que envolve a área de implantação de suas aldeias ou acampamentos e a forma como se deslocam pelo ambiente. Ao mesmo tempo possuem elementos em comum, como por exemplo, a confecção e o uso da cerâmica. É através da análise, especialmente, dessa categoria de vestígio que pretendemos desenvolver nosso estudo. Segundo Oliveira (2001, p. 13):

[...] o perfil cerâmico faz parte do sistema técnico de um grupo cultural pré-histórico e, juntamente com as informações do contexto ecológico e arqueológico, pode-se estabelecer as distinções entre os grupos pré-históricos ceramistas. Esse tipo de abordagem procura as relações existentes entre os elementos do conjunto, evitando-se a análise isolada dos elementos culturais.

Pensando que a cultura material, fonte primordial da arqueologia e, em nosso caso aqui, especificamente os vestígios cerâmicos e líticos, são reflexos não somente de uma prática social, mas também e de forma importante, de estratégias de lidar com o meio ecológico que cerca os grupos humanos e que são esses que, enfim, interessam ao

estudo que realizaremos, lembramos de duas observações feitas por Marshall Sahlins. Uma, retiramos de sua obra "Ilhas de História", na qual ele diz que:

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos envolvidos, ou seja, as pessoas envolvidas. Porque, por um lado, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nestes termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação. [...] (SAHLINS, 1990, p. 7)

Podemos perceber que, conforme o grupo social, este organiza sua cultura de acordo com sua compreensão de mundo e segundo suas necessidades. Neste sentido podemos ter em um mesmo grupo étnico algumas diferenças. Isto não quer dizer que seus membros pertençam a culturas diferentes, apenas tem uma maneira própria de ver sua cultura e manifestá-la.

Em outro trabalho (SAHLINS, 1997), este autor une os aspectos da cultura e da história e insere neste contexto as pessoas responsáveis por elas, chamando a atenção para a importância dos indivíduos envolvidos neste processo. Segundo ele, cada sociedade é responsável pela construção de uma teia de significados⁵ e este processo não é estático, ao contrário, ele é dinâmico, sendo os conceitos elaborados, constantemente reavaliados. Esta dinamicidade norteou, de certa forma, nossa pesquisa, fazendo com que procurássemos através dos elementos da cultura material, os subsídios que permitissem perceber a as formas de ocupação do espaço e as interações ocorridas entre os diferentes grupos ceramistas na área de estudo.

Existe, com relação às duas tradições arqueológicas que serão o foco de nosso estudo, uma vasta produção bibliográfica e seria repetitivo e tedioso reproduzi-la aqui. Assim, trataremos de fornecer algumas informações que contextualizem de forma rápida e ampla, o leitor, detendo-nos exclusivamente ao que foi produzido no Rio Grande do Sul e que conformam sínteses do conhecimento em determinados momentos da história da pesquisa sobre cada tradição cerâmica.

⁵ A teia de significados a que nos referimos é aquela apresentada por Clifford Geertz (1989), na qual diz ser a cultura uma teia de significados que se inter-relacionam, feita pelo homem.

Com relação à tradição Taquara, iniciamos pelos trabalhos pioneiros de Schmitz (1958). De forma mais intensa temos toda a produção realizada pelo PRONAPA, por Miller (1967, 1969a, 1971), La Sálvia (1968) e também Schmitz e Brochado (1972) entre outros.

Entre os anos de 1970 e 1980, tivemos uma redução no volume de pesquisas sobre esta tradição, com os trabalhos de Mentz Ribeiro e Silveira (1979), Schmitz *et al.* (1987), Mentz Ribeiro (1991), além da síntese de Schmitz (1988). Desde meados da década de 1990, vemos uma retomada nas pesquisas desta tradição, em especial nas áreas do Planalto Sul-rio-grandense (SCHMITZ, 1999/2000; SCHMITZ *et al.*, 2002; COPÉ *et al.* 2002 entre outros), além da síntese de Beber (2005).

Com relação aos estudos sobre a Tradição Tupiguarani, podemos citar as primeiras sínteses mais gerais de Brochado *et al.* (1969), Brochado (1973a e b; 1977; 1984), Schmitz (1991) e Noelli (1999/2000) e Souza (2002), além de pesquisas mais pontuais mas com caráter de abrangência maior como Ferrari (1983), para o noroeste do Estado, Schmitz *et al.* (2000) para o médio vale do rio Jacuí, Dias (2003) para o alto curso do rio dos Sinos, Wagner (2004) para o litoralnorte do Estado, Milheira (2014) para o litoral sul entre outros.

Tanto os estudos acerca da tradição Taquara quanto sobre a tradição Tupiguarani abrangem várias áreas geográficas, como podem ser vistos em detalhes nos trabalhos citados. Percebemos que com relação à Encosta do Planalto, o volume de pesquisas é mais reduzido. De forma mais pontual temos as intervenções realizadas por Miller (1967) e algumas outras vistorias e registros superficiais (nada deste material encontra-se publicado). Mais recentemente Rosa (2007) realizou uma análise acerca do sítio RS-S-61 (Morro da Formiga, em Taquara), Dias (2003) estudou o padrão de assentamento desses grupos no alto vale do rio dos Sinos e Milheira (2014) identificou e analisou sítios da tradição Tupiguarani na Laguna dos Patos e Serra do Sudeste, na região sul do Estado.

Nossa área de estudos se insere justamente nesse compartimento maior, que é a encosta meridional do Planalto, mais especificamente no médio vale do rio dos Sinos e seu principal afluente, o rio Paranhana. Para essa área, postulamos uma história de ocupação pelas populações portadoras das tradições Taquara e Tupiguarani relativamente recente, com deslocamentos da primeira através do rio Paranhana de montante em direção a sua desembocadura, na margem direita do rio dos Sinos e, daí,

seguindo à jusante desse último, até a altura do município de Sapiranga, em um período que se inicia, provavelmente, por volta de 1.400 anos AP e segue até cerca de 1.000 anos AP, podendo se estender ainda um pouco mais.

Somente por volta de 500 anos AP, um novo ciclo de expansão e ocupação dessa área irá ocorrer, com grupos portadores da tradição Tupiguarani, em um movimento relativamente rápido subindo o rio dos Sinos e o rio Paranhana, explorando ambientes florestados, nas várzeas desses rios e afluentes maiores, até alcançar os divisores entre o médio e alto vale daquele segundo rio, onde estabelece relações de contato com os grupos associados à tradição Taquara. Essa expansão tupiguarani deixará uma quantidade muito maior de vestígios, na forma de assentamentos mais ou menos estáveis, indicando um processo contínuo e com uma população relativamente densa e que provavelmente se estende até o alto vale do rio dos Sinos.

Para melhor expor ao leitor nossa proposta de compreensão do processo de ocupação dessa área do médio vale do rio dos Sinos, subdividimos essa tese em 4 capítulos.

O primeiro fará a caracterização ambiental da região de estudo, compilando as informações de relevo, solos e cobertura vegetal, sempre buscando associar tais elementos ecológicos com o processo de ocupação humana, percebido através dos sítios arqueológicos.

No segundo capítulo, apresentaremos de forma pormenorizada as fontes documentais e de acervo material existentes no Catálogo de Registro de Sítios Arqueológicos (CRSA) do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), sobre as quais os dados brutos da pesquisa foram colhidos.

O capítulo terceiro está intimamente relacionado ao anterior, na medida em que aqueles dados serão manipulados e analisados, tanto sob o aspecto da interpretação dos documentos originais de registro dos sítios como em função de uma análise do acervo material daqueles sítios em que isso está disponível, privilegiando aspectos tecno-morfológicos das coleções lito-cerâmicas das tradições Taquara e Tupiguarani.

O quarto capítulo tratará de organizar as informações oriundas dos dois capítulos anteriores na forma de uma proposta de modelo interpretativo do processo de ocupação da área de estudo pelas populações portadoras daquelas tradições cerâmicas.

CAPÍTULO 1

AS BACIAS DOS RIOS PARANHANA E SINOS EM SEU CONTEXTO AMBIENTAL

Os dados apresentados a seguir, são de natureza ecológica e dão ciência das características ambientais da área em estudo, localizada na região conhecida como Encosta do Planalto, situada no Estado do Rio Grande do Sul. Como estamos lidando com uma área de confluência entre dois vales, o vale do rio Paranhana, ou Bacia Hidrográfica do Paranhana e o vale do rio dos Sinos, ou Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos, da qual faz parte a primeira, faz-se necessário apresentarmos os principais dados ambientais dessas áreas.

Os principais dados ambientais apresentados foram extraídos de Souza (2008), em um estudo sobre a cobertura vegetal e uso do solo nas zonas ciliares dos principais corpos hídricos (rios e arroios) da Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos, ligado ao COMITESINOS⁶. Outros dados, especialmente para a produção das cartas temáticas, foram obtidos em IBGE (2002).

Segundo Souza (2008), a Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos possui uma superfície aproximada de 3.691 Km², englobando, total ou parcialmente, 32 municípios, listados na Tabela 2 e representados na Figura 3.

Tabela 1: Municípios pertencentes à Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Fonte: Souza, 2008.

Município	População total (hab)	% Área na bacia	População na bacia
Araricá	4.032	99,00%	4.027
Cachoeirinha*	107.564	19,17%	20.620
Campo Bom	54.018	100,00%	54.018
Canela*	33.625	59,03%	17.071
Canoas*	306.093	55,94%	171.217
Capela de Santana*	10.032	1,42%	53
Caraá	6.403	99,67%	6.383
Dois Irmãos*	22.435	8,92%	15
Estância Velha	35.132	93,53%	35.083
Esteio	80.048	100,00%	80.048
Glorinha*	5.684	0,10%	5
Gramado*	28.593	31,61%	7.496

⁶ Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Órgão, descentralizado, que funciona como uma associação parceira ao Sistema e da Política de Recursos Hídricos do Estado do Rio Grande do Sul, que envolve todos os seus segmentos: poder público, empresas, companhias de saneamento, ONGs, enfim, representantes dos usuários das águas do Rio dos Sinos (<http://www.consorcioprosinos.com.br/>).

Gravataí*	232.629	16,00%	3.277
Igrejinha	26.767	93,17%	26.683
Ivoti*	15.318	6,28%	96
Nova Hartz	15.071	98,04%	15.028
Nova Santa Rita	15.750	41,94%	13.311
Novo Hamburgo	236.193	100,00%	236.193
Osório*	36.131	5,01%	274
Parobé	44.776	100,00%	44.776
Portão	24.657	85,99%	23.979
Riozinho	4.071	99,13%	4.058
Rolante	17.851	100,00%	17.851
Santa Maria do Herval*	5.891	2,60%	45
Santo Antônio da Patrulha*	37.035	32,58%	4.416
São Francisco de Paula*	19.725	11,43%	6.987
São Leopoldo	193.547	100,00%	193.547
São Sebastião do Cai*	19.700	3,57%	134
Sapiranga	69.189	58,95%	67.792
Sapucaia do Sul	122.751	100,00%	122.751
Taquara	52.825	93,26%	52.171
Três Coroas	19.430	94,16%	19.292
TOTAIS	1.902.966		1.247.714

* Municípios abrangidos parcialmente.

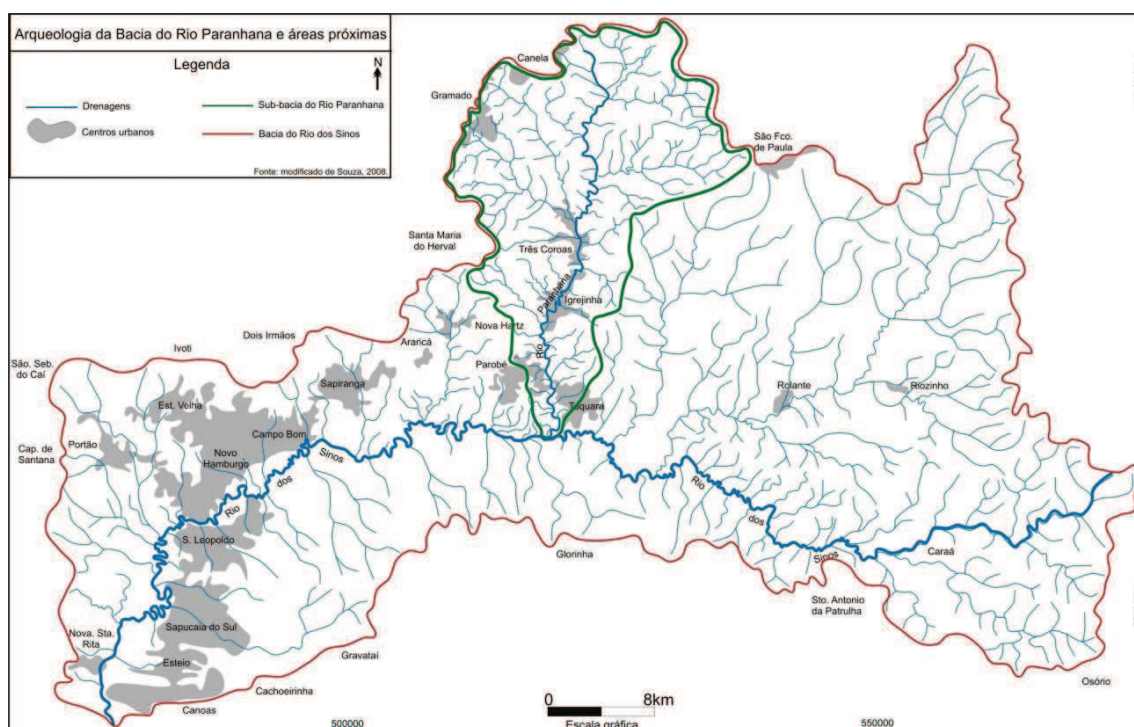


Figura 3⁷: Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, com municípios que a integram total ou parcialmente. Fonte: modificado de Souza (2008).

⁷ Ao Final desta Tese, o leitor poderá visualizar este e os demais mapas desta bacia demarcada para a área de pesquisa em formato maior para facilitar a identificação dos pontos de interesse para a pesquisa.

O rio dos Sinos é o principal curso hídrico da bacia homônima – e é um dos principais rios do Estado do Rio Grande do Sul e forma, junto com mais sete rios, a Região Hidrográfica do Lago Guaíba.

Seus principais afluentes são, no sentido das cabeceiras para a foz: o rio Rolante, o rio da Ilha e o rio Paranhana, todos pela margem direita e com nascentes na região serrana (municípios de São Francisco de Paula e Canela). Na porção inferior recebe, ainda, contribuições dos arroios Sapiranga, Pampa, Luis Rau, Portão, João Corrêa, Sapucaia e outros. O rio dos Sinos tem três modos diferentes de fluxo, que são definidos pela declividade do seu fundo: o trecho superior (primeiros 25 km, entre as cotas 600 e 60 m) onde o fluxo do rio é bastante rápido e encachoeirado; o trecho médio (com 125 km entre as cotas 60 e 5 m) onde o rio se desloca normalmente; e o trecho inferior (com 50 km) e cuja declividade é praticamente nula, apresentando um escoamento muito lento (Figura 4).

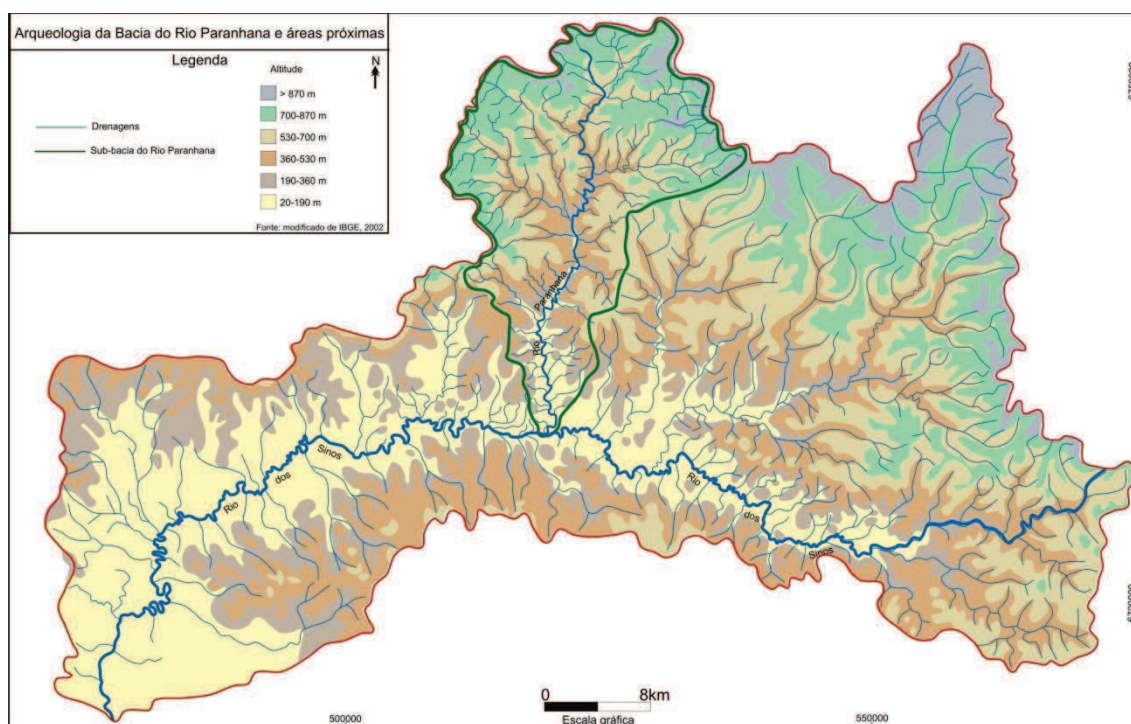


Figura 4: Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, mostrando as drenagens e principais variações de relevo. Fonte: modificado de IBGE (2002).

A cobertura vegetal na Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos está distribuída, aproximadamente, em 1.433 km² de matas, incluindo remanescentes de vegetação nativa, da Floresta Ombrófila Mista (mata com pinheiros) e Floresta Estacional Semidecidual (montana, submontana e de terras baixas), associadas a áreas de plantio de

espécies vegetais exóticas (silvicultura), 653 km² de campos (incluindo ambientes naturais e antropizados), presentes na parte nordeste da área, 1.150 km² de áreas alteradas (incluindo áreas urbanas e solo exposto) e 455 km² de banhados e áreas alagadiças. Além dessas formações vegetais, ocorre na parte baixa do vale uma extensa área de ecótono (tensão ecológica) entre campos (de baixa altitude) e a Floresta Estacional Semidecidual de Terras Baixas (Figura 5).

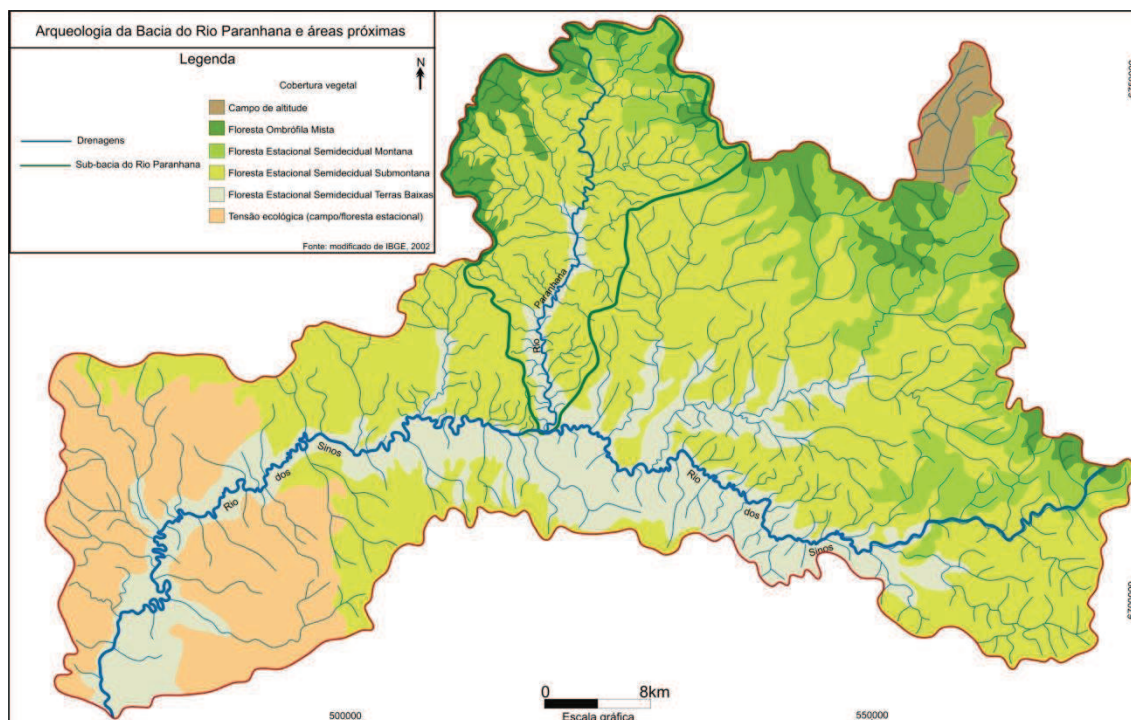


Figura 5: Cobertura vegetal da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Fonte: modificado de IBGE (2002).

A maior parte da bacia do rio dos Sinos está relacionada à presença (logicamente, maior no passado) da Floresta Estacional Semidecidual, que tem como característica a presença de um dossel arbóreo de grande porte, associada a um estrato arbustivo e herbáceo denso, cujas folhas caem parcialmente em ciclos anuais ligados a maior ou menor quantidade de chuva.

Por sua vez, a maior parte dessa floresta está associada à subdivisão Submontana, que se desenvolve em solos mais secos, em altitudes medianas, entre 50 a 400 m. Acima dessa cota, ocorre uma pequena faixa da subdivisão Montana e, abaixo, a de Terras Baixas, que formam as matas ciliares que acompanham as drenagens.

A Floresta Estacional Semidecidual abriga uma grande biodiversidade fito-faunística, o que a torna extremamente atrativa para a ocupação humana pretérita, como área importante de captação de recursos.

No extremo norte da área, ocorrem ainda fragmentos da Floresta Ombrófila Mista, com seu estrato arbóreo onde predomina a *Araucária angustifolia*, o pinheiro, associado a uma densa mata arbustiva, rica em frutos e matérias primas vegetais. Ligados a essa mata, ocorre uma grande diversidade faunística que, associada aos produtos vegetais, também tornam essa área atrativa para a ocupação humana.

No extremo sudoeste da bacia do rio dos Sinos, já próximo à jusante no Lago Guaíba, ocorre ainda uma área considerável de ecótono, ou de Tensão Ecológica, entre a Floresta Estacional e áreas abertas campestres, que irão se misturar, refletindo em uma biodiversidade complexa, mas também rica, em recursos econômicos.

As características geológicas e geomorfológicas de uma região influenciam diretamente em suas características pedológicas e fito-faunísticas. A geologia da área de estudo é relativamente pouco complexa, relacionada na maior parte por rochas basálticas, geralmente básicas (basaltos da Formação Serra Geral), em quase 50% da região que compreende a bacia do rio dos Sinos e a bacia do rio Paranhana, além de uma área mais limitada com exposição de rochas areníticas friáveis ou, em pequenas proporções, silicificadas (arenitos da Formação Botucatu e arenitos intertrápicos) e porções com cobertura sedimentar recente associada às planícies de inundação do rio dos Sinos e seus afluentes. A grande variação de relevo associada a diferentes índices de precipitação pluviométrica deixa como resultado um mosaico complexo de solos, com diferenças marcantes em termos de possibilidades de uso (STRECK *et al.*, 2008) (Figura 6).

Nas partes mais baixas da bacia, em áreas de relevo mais ondulado, predominam os solos podzólicos vermelho amarelados, argilo-arenosos e com fertilidade moderada, ocorrendo associado à litologias areníticas e a uma cobertura vegetal de Floresta Estacional Decidual e Semidecidual. Em termos econômicos, atualmente associam-se à agricultura extensiva e à pecuária.

Ao longo da calha principal do baixo vale dos Sinos, ocorrem planossolos que correspondem às áreas úmidas com excesso de água permanente ou temporária, formados por material aluvial com alta concentração de argilas, sendo atualmente pouco utilizáveis para a agricultura (com exceção do arroz) e mais para a pecuária. Subindo a

calha do rio em direção à montante, enquanto ainda há formação de áreas de várzea, encontramos os cambissolos e podzóis, mais secos que o anterior, derivados de sedimentos aluvionares argilo-siltosos e com fertilidade moderada a alta, sendo muito utilizados para agricultura extensiva, com cultivos anuais, devido sua produtividade alta, com práticas simples de manejo.

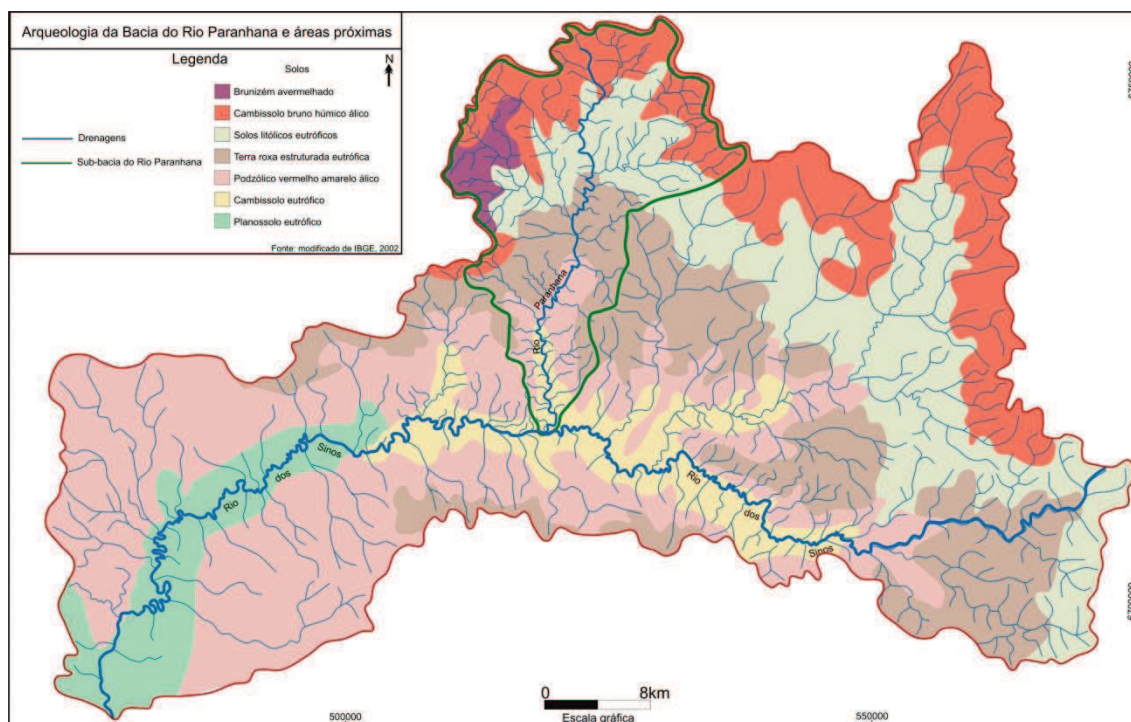


Figura 6: Cobertura de solos da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Fonte: modificado de IBGE (2002).

Nas áreas médias e altas e de relevo mais dissecado, a partir dos 200 m de altitude, ocorrem extensas porções de solos do tipo terra roxa estruturada, associados aos derrames basálticos, argilosos e espessos, com boa fertilidade. Os solos litólicos são encontrados em altitudes superiores, também com boa fertilidade, ainda que pouco espessos e muito pedregosos, com a rocha matriz (basalto) quase aflorante. Atualmente é utilizado para agricultura extensiva e pecuária, que requer técnicas simples de manejo, em função da intensa movimentação do relevo.

No extremo norte da área ocorrem ainda solos do tipo cambissolo húmico, com alta concentração de matéria orgânica, associados à área de ocorrência da Floresta Ombrófila Mista. No entanto, sua fertilidade é baixa por ser muito ácido e, atualmente, está economicamente mais relacionado com a pecuária ou agricultura intensiva com cultivos que suportem temperaturas baixas (maçãs, por exemplo). Há ainda, nessa mesma área, pequenos enclaves de solo brunizém avermelhado, com alta fertilidade,

também associado à Floresta Ombrófila Mista e atualmente utilizados para plantio anual de trigo e milho.

Com relação especificamente à bacia do rio Paranhana, esta possui uma área total de 580 km² e se situa na micro-região Encosta Inferior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, sendo o rio Paranhana seu principal curso de água e um dos principais afluentes do rio dos Sinos (RIFFEL e GUASSELLI, 2012).

O rio Paranhana tem suas nascentes localizadas nos municípios de Canela, Gramado e São Francisco de Paula, a cerca de 900 m de altitude e sua confluência com o rio dos Sinos localiza-se no município de Taquara, a uma altitude de 20 m (Figura 7).

Além desses municípios, também fazem parte de sua bacia hidrográfica os municípios de Três Coroas, Igrejinha e Parobé. É importante destacar que, em termos geopolíticos e por questões sócio-culturais, atualmente a bacia envolve uma região maior, incluindo os municípios de Rolante e Riozinho. Porém, em nosso estudo, nos limitaremos somente à bacia hidrográfica propriamente dita, ampliando-o um pouco mais para a jusante e montante do rio dos Sinos, até o município de Sapiranga, mas todos compreendidos no médio curso do rio dos Sinos.

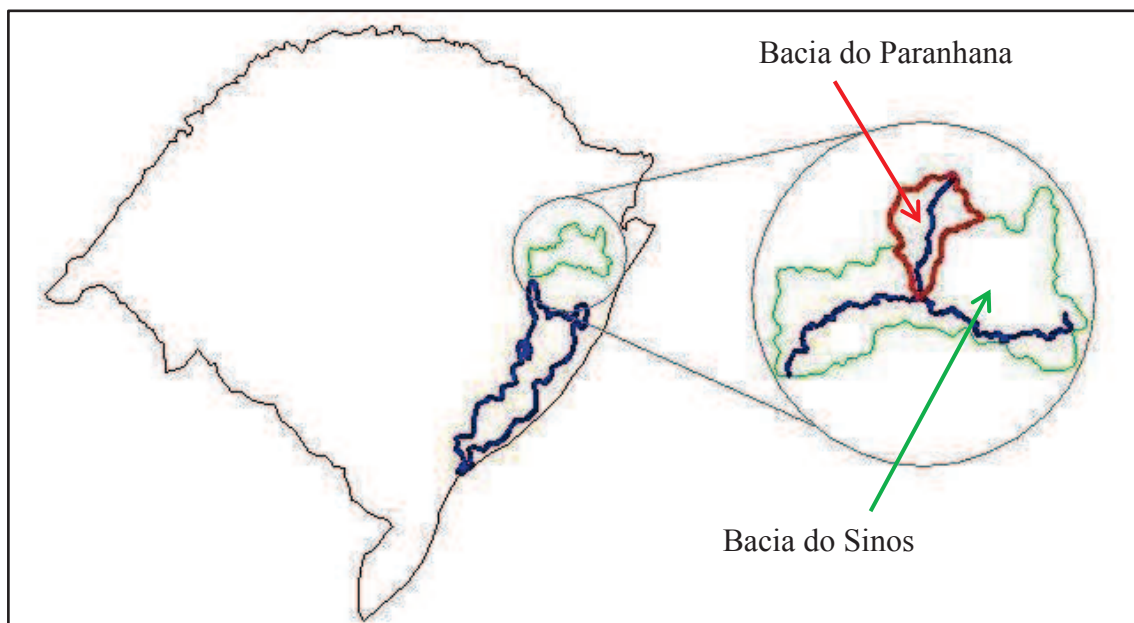


Figura 7: Articulação entre as bacias hidrográficas do rio dos Sinos e Paranhana. Fonte: Pante, 2006, p. 48.

Pante (2006) descreve como sendo os principais afluentes do rio Paranhana os arroios São Paulo, Solitária, Nicolau, Irapuã, Iraparú, Angabeí, Laranjeiras, Águas

Branças, Müller, Santa Maria, além de pequenos cursos nas áreas de nascente. Nas nascentes do Paranhana ocorre uma transposição de vazões (de 2 a 9 m³/s) da bacia do rio Caí, através de três reservatórios em série presentes no rio Santa Cruz – reservatórios da Divisa, do Blang e Salto – que após a transposição alimentam a usina de Bugres e a jusante formam o reservatório da usina de Canastra. No curso do rio Paranhana ainda encontra-se o reservatório de Laranjeiras, atualmente sem uso, mas com previsão de geração de energia elétrica, a ser operado pela iniciativa privada.

Riffel e Guasselli apresentam as unidades geológicas presentes na bacia do rio Paranhana, como sendo das formações Serra Geral, Botucatu e aluviões. A formação Serra Geral, composta basicamente de basalto oriundo de derramamentos vulcânicos mesozóicos, está presente nas cabeceiras dos arroios São Paulo, Santa Maria, Angabei e nascentes do rio Paranhana, regiões de maior altitude e relevo mais acidentado. A formação Botucatu está presente no trecho inferior da bacia do rio Paranhana, principalmente nos Municípios de Taquara e Parobé. Constitui-se de solos arenosos bastante suscetíveis à erosão, não obstante esta formação situar-se em relevo com menor declividade. Próximas à calha do rio Paranhana são encontradas as formações aluvionares, caracterizadas por depósitos sedimentares heterogêneos presentes nas várzeas de inundação (RIFFEL E GUASSELLI, 2012).

A cobertura vegetal, segundo Riffel e Guasselli (2012) é caracterizada por uma intensa ação antrópica, com agricultura nas regiões de cabeceiras e ocupação urbana nas regiões menos declivosas da Bacia. Existem unidades de conservação que envolvem parte ou estão próximas à bacia, com destaque para a Floresta Nacional de São Francisco de Paula (1.140 ha) e a Floresta Nacional de Canela (500 ha).

Segundo o estudo ‘‘A Qualidade das Águas da Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos’’⁸, a cobertura vegetal da bacia está atualmente muito reduzida, sendo que os remanescentes localizam-se, predominantemente, nas nascentes do rio dos Sinos e seus formadores.

Voltando à região de abrangência da bacia do rio dos Sinos, sua porção superior (de Caraá até Rolante), apresenta vegetação ciliar e pequenos banhados. São áreas de baixa densidade populacional, com pequenas propriedades rurais cuja agricultura é

⁸ Disponível em: http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/qualidade_sinossinos.asp

diversificada (culturas de arroz, cana de açúcar e hortaliças, etc). A pecuária também é pouco desenvolvida, mas encontramos pequenas criações de gado leiteiro, suínos e aves.

Na porção média do rio dos Sinos (entre Taquara e Sapiranga) a densidade populacional aumenta, mas as duas grandes cidades (Sapiranga e Taquara) não estão localizadas próximas às margens. Esta porção do rio não apresenta uma característica tão rural como a porção superior. As formações vegetais originalmente existentes são a Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária), a Floresta Estacional e as Savanas (Campos). Grande parte desta vegetação foi suprimida ou alterada, restando áreas remanescentes nas encostas íngremes dos vales.

Com relação ao clima, Pante (2006) aponta que de acordo com a classificação climática de Köppen (MAGNA, 1996) a bacia do rio dos Sinos, e por consequência a do rio Paranhana, apresentam os Tipos Climáticos Cfa – mesotérmico (temperatura média do mês mais frio inferior a 18° C e do mês mais quente superior a 22° C), subtropical úmido sem estação seca, e Cfb - mesotérmico e temperado úmido (temperatura média do mês mais quente inferior a 22° C).

As precipitações são bem distribuídas ao longo do ano, com médias de 2.310 mm na parte alta, medidas em um posto localizado em São Francisco de Paula (área de tipo climático Cfb) e 1.401 mm na parte baixa, medidas em posto localizado em Taquara (tipo climático Cfa).

A temperatura média na região é de 14,4° C na região de tipo climático temperado (São Francisco de Paula) e 19,4° C na região de tipo climático subtropical (Taquara). A umidade relativa do ar tem média anual de 83% no posto de São Francisco de Paula e 76% no posto de Taquara, tendo pouca variação ao longo do ano, que pode ser explicada pela boa distribuição de chuvas ao longo do ano nos dois postos analisados.

Da interação do clima com as condições de fertilidade e umidade do solo surgem alguns ecossistemas bem típicos que, primitivamente, dominavam toda a região e hoje se restringem às áreas de preservação legal e aos pontos não explorados pelo homem.

Em síntese, nas regiões de maior altitude, no Planalto, encontramos os campos, onde muitos dos formadores iniciais do rio Paranhana nascem em pequenos banhados de altitude. Na zona norte e oeste das encostas do Planalto onde o solo, derivado da rocha basáltica, tem maior fertilidade, predomina a mata subtropical muito rica e

diversificada tanto em animais como em plantas. Esta vegetação forma a proteção dos solos das cabeceiras dos rios e são fundamentais para protegê-los das chuvas, bem como recolhê-las e facilitar a sua entrada no solo rumo às primeiras vertentes do vale. Já nas partes alagadiças, junto ao curso médio e inferior, há um ecossistema em que a fertilidade natural trazida pelas cheias e a presença constante da umidade no solo formam uma paisagem típica: os banhados. Eles funcionam como um filtro biológico e local de reprodução de peixes e outros animais do rio. Além disso, atuam como reguladores da vazão, absorvendo o excesso das cheias e liberando água nos períodos de seca. Ainda contribuem em muito para a limpeza natural da poluição e como fonte de renovação da vida. São habitados por muitos animais e plantas típicas de ambientes alagados, em especial aves, anfíbios e vegetação flutuante. São fundamentais para a saúde do rio.

Junto às margens do rio e seus afluentes existe a mata de galeria, formando um corredor no meio do qual corre o rio. Possuem uma parte ocupada por cidades, lavouras e pecuária, existindo poucos lugares ainda intactos.

De uma maneira geral, o vale do Paranhana apresenta um sistema ecológico caracterizado por uma ampla diversidade ambiental, com uma cobertura vegetal de matas úmidas e um substrato litológico que produz solos aptos à agricultura extensiva, especialmente ao longo de sua várzea, pelo menos até a altura do município de Três Coroas, quando o vale passa a ser mais encaixado e as várzeas desaparecem.

Em termos de recursos econômicos ligados à caça e coleta, a Floresta Estacional Semidecidual que cobria praticamente todo o vale no passado, associado às áreas de Floresta Ombrófila Mista nas partes altas, forneceria uma ampla variedade de produtos vegetais, tanto para o consumo como alimento quanto para a produção de artefatos, materiais construtivos e combustível, associados à possibilidade de uma também ampla variedade de animais.

As matérias primas líticas, embora relativamente restritas ao basalto, arenito friável e silicificado e minerais associados como quartzo e calcedônia, ocorrem em certa abundância em afloramentos e, especialmente, em cascalheiras de rios e arroios.

Em um ambiente extremamente rico, é esperado encontrar muitos vestígios de ocupações indígenas pré-coloniais, como de fato ocorrem e que, especialmente em relação às tradições ceramistas Taquara e Tupiguarani, passaremos a caracterizar no capítulo que segue.

CAPÍTULO 2

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO PARANHANA E ÁREAS PRÓXIMAS

2.1 As informações existentes no MARSUL

Foram utilizados, como fonte principal e base de dados sobre os sítios arqueológicos da bacia do rio Paranhana, os sítios existentes no Catálogo de Registro de Sítios Arqueológicos (CRSA) do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), elaborado a partir das pesquisas arqueológicas efetuadas por aquela instituição desde o início da década de 1960.

Inicialmente, buscamos por sítios arqueológicos, relacionados às tradições Taquara e Tupiguarani, que apresentavam documentação e acervo de cultura material que permitissem uma caracterização do mesmo e sua localização aproximada, bem como detalhes sobre intervenções em superfície (coletas) e/ou subsuperfície (sondagens, poços teste, escavações), assim como análises de material cultural, mesmo que prévias. Da mesma forma, buscamos os sítios com documentação escrita que também possuíssem acervo de cultura material lito-cerâmica e zooarqueológica⁹ associado. No entanto, nem todos os sítios possuíam tais informações e nem, essas eram homogêneas. Alguns deles possuíam fichas de registro, plantas baixas, fotografias e acervo de material; outros somente as fichas e acervo ausente ou incompleto e alguns somente estavam listados no CRSA, sendo que a documentação escrita e o acervo material não foi localizado. Isso fica detalhado mais abaixo, no subitem 2.2 desse capítulo.

Com isso, houve a necessidade de aumentamos a área de abrangência do estudo para sítios fora da bacia hidrográfica do Paranhana, que cumprissem pelo menos algum dos requisitos (documentação escrita e/ou acervo material), com informações suficientes e úteis para alcançar os objetivos propostos, mas que também estivessem em seu entorno imediato. Foram assim selecionados 27 sítios arqueológicos (Tabela 2 e Figura 8).

⁹ Infelizmente, nenhum dos acervos estudados possuía vestígios zooarqueológicos.

Tabela 2. Sítios das tradições Taquara e Tupiguarani, utilizados nesse estudo. Fonte: elaborado pelo autor.

Mun.	Sítio	Nome do Sítio	Coordenadas Aproximadas (UTM)	Localidade	Filiação
Três Coroas	S-296	Arroio Iraparú 1	520087 6736808	Sander	Tg/Ta
	S-297	Arroio Iraparú 2	520243 6736649		Tg
	S-299	A. Lamp 1	522108 6731636	Arroio Lamp	Tg
	S-300	A. Lamp 2	524929 6731409		Tg
	S-301	A. São Paulo	525393 6748023	Arroio São Paulo	Ta
	S-320	Rodeio Bonito 1	526636 6736794	Rodeio Bonito	Ta/Tg
	S-321	Rodeio Bonito 2	526353 6737202		Ta/Tg
Taquara	S-61	Morro da Formiga	520348 6720937	Morro da Formiga	Ta
	S-271	Linha Gonzaga	518475 6715445	Linha Gonzaga	Ta
	S-293	Arroio Taquara	519959 6719903	Taquara	Tg
	S-379	Moquéim 1	530899 6720346	Moquéim	Petroglifos/Tg
	S-380	Moquéim 2			Tg
	TQ-1	Mineiro	519514 6714684	Mineiro	Tg
	TQ-2	Km 4	522511 6723354	Km 4	Tg
	TQ-4	Patomé	524160 6711680	Patomé	Tg
	S-30	Tucanos	524272 6719504	Tucanos	Tg
Parobé	S-34	Morro Negro	512660 6714865	Santa Cristina do Pinhal	Tg
	S-260	Pinhal	513104 6715750		Tg
	S-291	Zezinho Paz 1	509058 6714832		Tg
	S-292	Zezinho Paz 2	509035 6715367		Tg
Sapiranga	S-281	Porto Palmeira 1	505423 6715417	Porto Palmeira	Tg/Ta
	S-282	Porto Palmeira 2	505293 6715573		Tg/Ta
	S-283	Porto Palmeira 3	505336 6715645		Tg/Ta
	S-375	Otto Wingert 1	497719 6723468	Sapiranga	Tg
	S-382	Otto Wingert 2	497455 6723855		Tg
	S-378	José Wenter 1	501846 6723286		Tg
	S-383	José Wenter 2	501867 6723451		Tg

Ta=Tradição Taquara, Tg=Tradição Tupiguarani

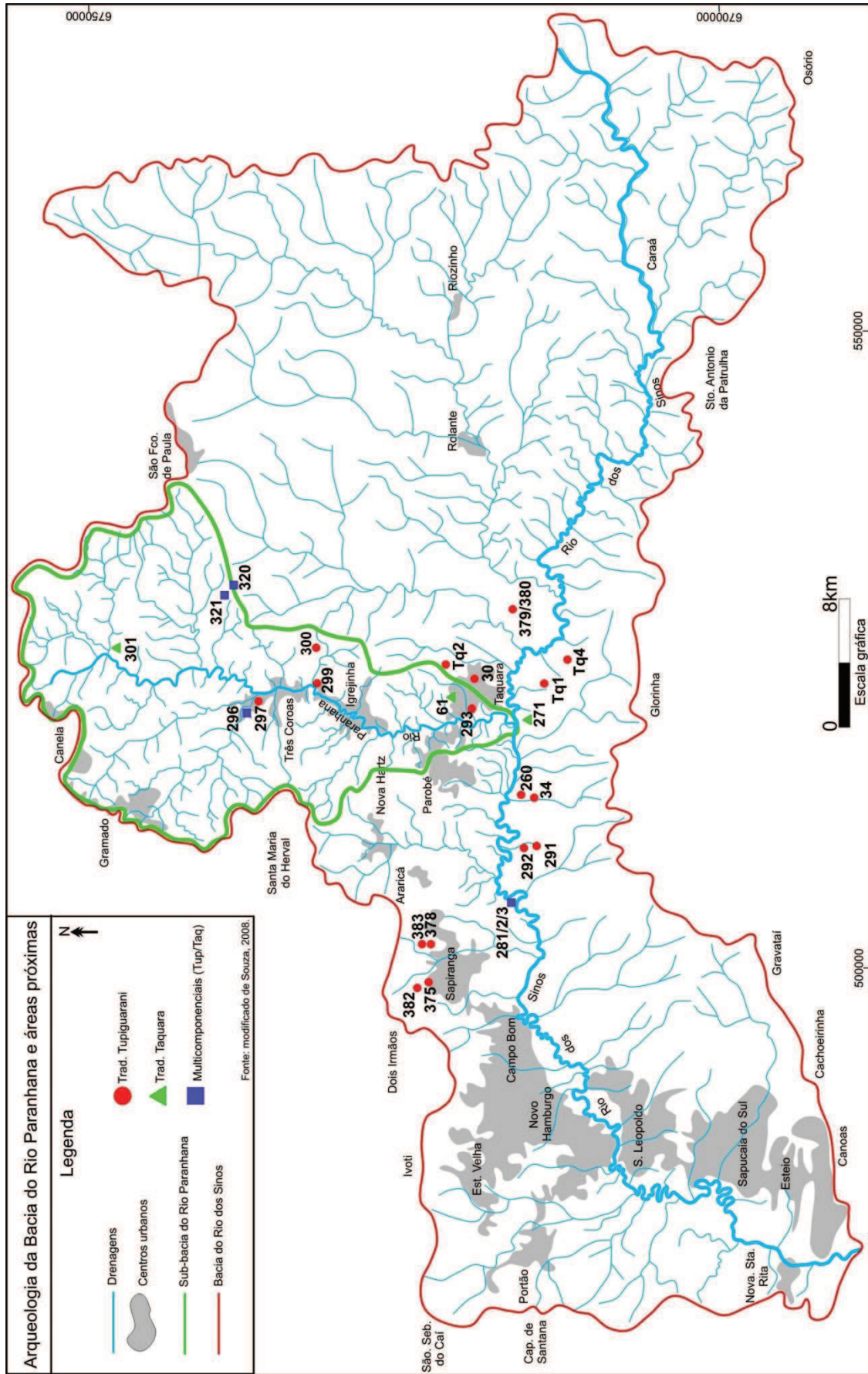


Figura 8: Mapa de distribuição dos sítios estudados por municípios. Fonte: modificado de Souza (2008) e IBGE (2002).

Desses 27 sítios, 9 estão inseridos no interior da bacia do Paranhana, nos municípios de Três Coroas e Taquara. Os outros 18 sítios localizam-se ao longo do rio dos Sinos, nos municípios de Taquara, Parobé e Sapiranga.¹⁰

Especialmente o sítio RS-S-282 Porto Palmeira 2, localizado em Sapiranga, é importante pois possui uma das raras datações radiocarbônicas da área, de 1.380 ± 110 (SI-414), relacionada a um sítio multicomponencial com cerâmica das tradições Taquara e Tupiguarani. Outra data somente temos no sítio RS-S-61, localizado no município de Taquara, de 1.190 ± 100 AP (SI-409), relacionada também à tradição Taquara.

A seguir, trataremos de caracterizar os sítios listados na Tabela 3, utilizando as informações originais presentes nas fichas de registro do CRSA do MARSUL e, quando existirem, acrescidas das plantas baixas e fotografias do acervo documental, bem como contagens de material lito-cerâmico, realizadas ou por E. T. Miller ou por P. A. Mentz Ribeiro.

2.2 Os sítios arqueológicos do Vale do Paranhana e áreas próximas

Como já foi colocado anteriormente, entre todos os municípios listados na Tabela 1, que fazem parte da Bacia do Paranhana por questões geopolíticas e culturais, selecionamos somente aqueles que possuíam uma relação mais direta com a bacia hidrográfica daquele rio, além de sítios localizados em município que se situam fora dessa bacia hidrográfica, mas que continham informações importantes para nossa pesquisa, o que inclui então aqueles de Sapiranga, Parobé e outros em Taquara (ver Tabela 3).

Através do levantamento da documentação destes sítios arqueológicos, sabemos que os sítios S-379 e S-380, localizados em Taquara, e que os sítios S-375, S-378, S-382 e S-383, localizados no município de Sapiranga, foram pesquisados por Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Os demais foram pesquisados por Eurico Th. Miller.

¹⁰ Existem sítios listados no CNSA do IPHAN, para essas áreas, mas optamos por não os utilizarmos nesse estudo, em parte porque são sítios que estão presentes na Tabela 3 ou porque possuem informações muito escassas. Alguns desses sítios são produtos de levantamentos realizados por S. M. Copé, por volta de 2001, por ocasião de laudo de linhas de transmissão elétrica, mas que também possuem pouca informação.

Na maior parte dos sítios foram feitas somente coletas de superfície, enquanto que nos sítios S-321 (Três Coroas), S-61, S271, S-293 (Taquara), S-260 (Parobé), S282 e S-283 (Sapiranga), foram realizadas sondagens estratigráficas¹¹. Somente S-61 (Morro da Formiga) recebeu intervenção em área mais ampla.

Como exemplo da metodologia utilizada na revisão dos dados documentais e dos acervos materiais dos sítios selecionados, a atividade teve início com o sítio S-296 (Arroio Iraparú 1), localizado no município de Três Coroas. Este local foi identificado como pertencente à tradição ceramista Tupiguarani e em sua composição, encontramos materiais líticos e cerâmicos provenientes de 3 coletas superficiais, realizadas por Eurico Th. Miller, no ano de 1966.

Primeiramente separamos o material de acordo com seu número de catálogo, que corresponde aos números 494 (coleta 1), 495 (coleta 2) e 496 (coleta 3). A seguir, trabalhamos na separação e classificação deste material da seguinte forma: primeiramente analisamos o material lítico, sendo o mesmo separado por matéria-prima; após, cada peça foi analisada e caracterizada em termos tipológicos, sendo alguns exemplares (que mostrassem a variabilidade artefactual dentro dos sítios) desenhados e fotografados e, por fim, cada objeto foi embalado separadamente e identificado com uma respectiva etiqueta, para ser acondicionado em uma caixa específica para o material lítico.

O mesmo procedimento foi adotado para classificar o material cerâmico. Primeiramente o material foi separado por número de catálogo e conforme suas características estilísticas (morfologia e decoração). Foi feita também uma análise da pasta e queima em parte das coleções, por amostragem que proporcionasse um percentual significativo dentro delas; os fragmentos foram ainda separados em bordas, fragmentos de corpo e bases. Utilizando as bordas e as bases, construímos alguns modelos gráficos para diferentes categorias formais de vasilhas.

Assim, nesse capítulo compilamos as informações contidas nas fichas de registro originais, com todas as anotações feitas pelos pesquisadores da época, bem como registros de contagens de material e croquis com plantas baixas e fotografias, quando existentes. A análise do material arqueológico de cada sítio (quando existente) será apresentada no capítulo seguinte (Capítulo 3).

¹¹ Em alguns sítios (TQ-1, TQ-2, TQ-4 e S-34), foram realizadas apenas intervenções pontuais para a retirada de urnas funerárias.

Através das fichas de registro, buscamos também localizar os sítios no geograficamente. Em alguns casos (S-296, S-297, S-320, S-321, S-61, S-293, S-281, S-282 e S-283), a localização geográfica foi um pouco mais facilitada tanto pelo conhecimento que temos da região bem como pelo grau maior de informação da descrição feita na ficha original, o que permitiu um georeferenciamento mais preciso (embora não totalmente) do local dos sítios. Para os demais, a localização é imprecisa, mas de qualquer forma, representa (o melhor possível) as áreas em que estão localizados.

2.2.1 Sítios Arqueológicos do município de Três Coroas

No município de Três Coroas foram identificados 7 sítios arqueológicos (Figura 9), sendo 1 associado somente à tradição Taquara (S-301), 3 à tradição Tupiguarani (S-297, S-299 e S-300) e ainda 3 sítios com material cerâmico das duas tradições, que chamamos de “sítios multicomponenciais”, mas que podem representar situações de contato ou sobreposição de ocupações.¹²

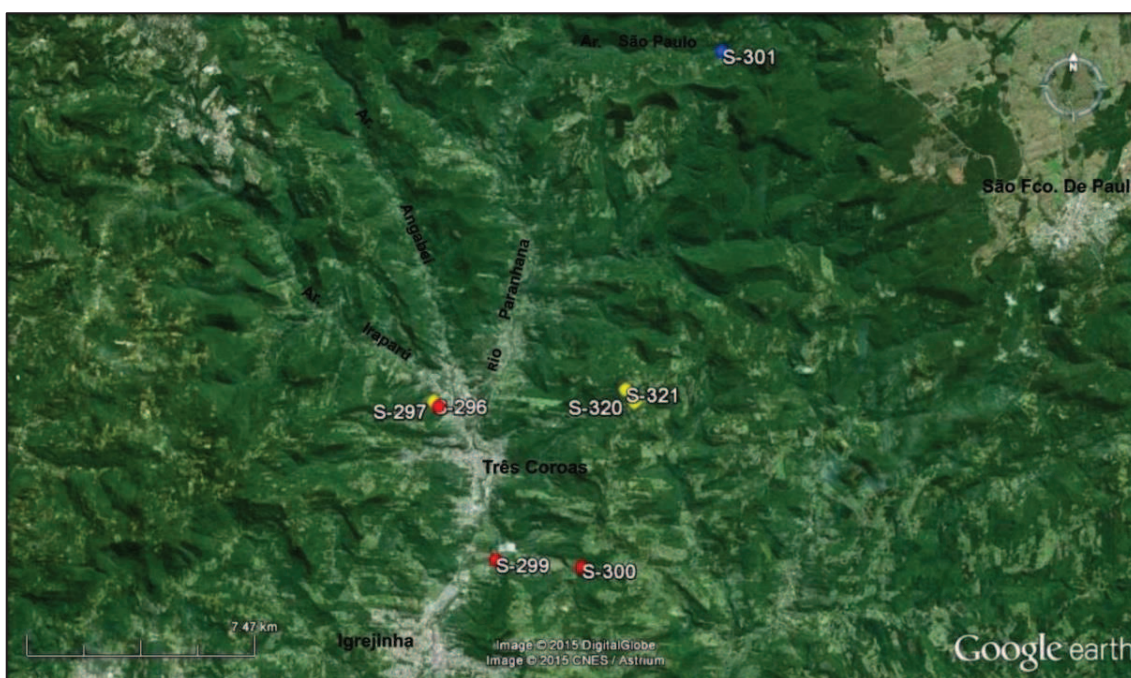


Figura 9: Sítios arqueológicos do município de Três Coroas (vermelho = sítios tupiguarani, azul = sítios taquara, amarelo = sítios multicomponenciais tg/ta). Fonte: Google Earth, 2015.

¹² Sobre isso trataremos, para cada um dos casos em que ocorre tal fenômeno, no Capítulo 4 dessa Tese.

Do total de sítios arqueológicos identificados neste município, 6 tiveram somente atividades de coleta superficial e em 1 foram feitas sondagens estratigráficas (S-321).

A seguir transcrevemos o conteúdo das fichas originais, ilustrando com os respectivos croquis para cada sítio arqueológico e fotos das áreas pesquisadas, sempre que dispormos das mesmas.

RS-S-296 - Arroio Iraparú 1

As intervenções nesse sítio foram somente de coleta superficial, em três áreas diferentes. Os acervos de cada um desses pontos receberam, no CRSA do MARSUL, números distintos.

Na ficha original, escrita por E. T. Miller consta, para o primeiro ponto de coleta (CRSA 494), o seguinte:

“Em terras de Arlindo Rigel e Arthur Dreher em Sander, a 800 m da margem direita do Arroio Iraparú, afluente do Rio Paranhana. Numa chapada a meia altura de um alto morro, tendo ao sul uma sanga com mato, ao norte o Vale do Iraparú, a oeste uma baixada e a leste a continuação da chapada. Apesar da grande extensão deste sítio de habitação Guarani o material arqueológico não é abundante, podendo-se porém distinguir três focos onde o material está um pouco mais aglomerado. O material com este número corresponde a coleta 1 no extremo leste do sítio. Não há mancha de terra escura. Terreno argiloso e pouco irregular, com muitos matações. Cacos pequenos e erodidos. Data: 18/01/66”.

Existe também uma contagem do material feita por Miller, com 4 artefatos líticos e 82 fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

Para o segundo ponto de coleta (CRSA 495) o conteúdo da ficha original, escrita por E. T. Miller, registra que:

“O material com este número corresponde a coleta 2 no centro do sítio, onde se percebe uma tênue mancha de terra escura. Superfície com milho e alfafa, ao muito argiloso, cacos pequenos a médios erodidos. Alguns petrefatos. Data: 18/01/66.”

Junto a esta ficha, temos uma contagem de material registrando 34 objetos líticos e 352 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Para o terceiro ponto de coleta (CRSA 496), na ficha original consta:

“O material com este número corresponde a coleta 3 efetuada no extremo sudeste do sítio, junto a sanga com mato. Superfície argilo-arenosa, com duas grandes manchas de terra escura, milho e mandioca. Cacos pequenos a médios erodidos. Alguns choppers. Data: 18/01/66.”

Anotações de Miller dão conta de que foram contabilizados, nessa área de coleta, 14 artefatos líticos e 151 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Além das fichas de registro e das contagens apresentadas acima, também foram encontrados o croqui do sítio e imagens fotográficas da área do mesmo, feitas por Miller (Figuras 10, 11 e 12).

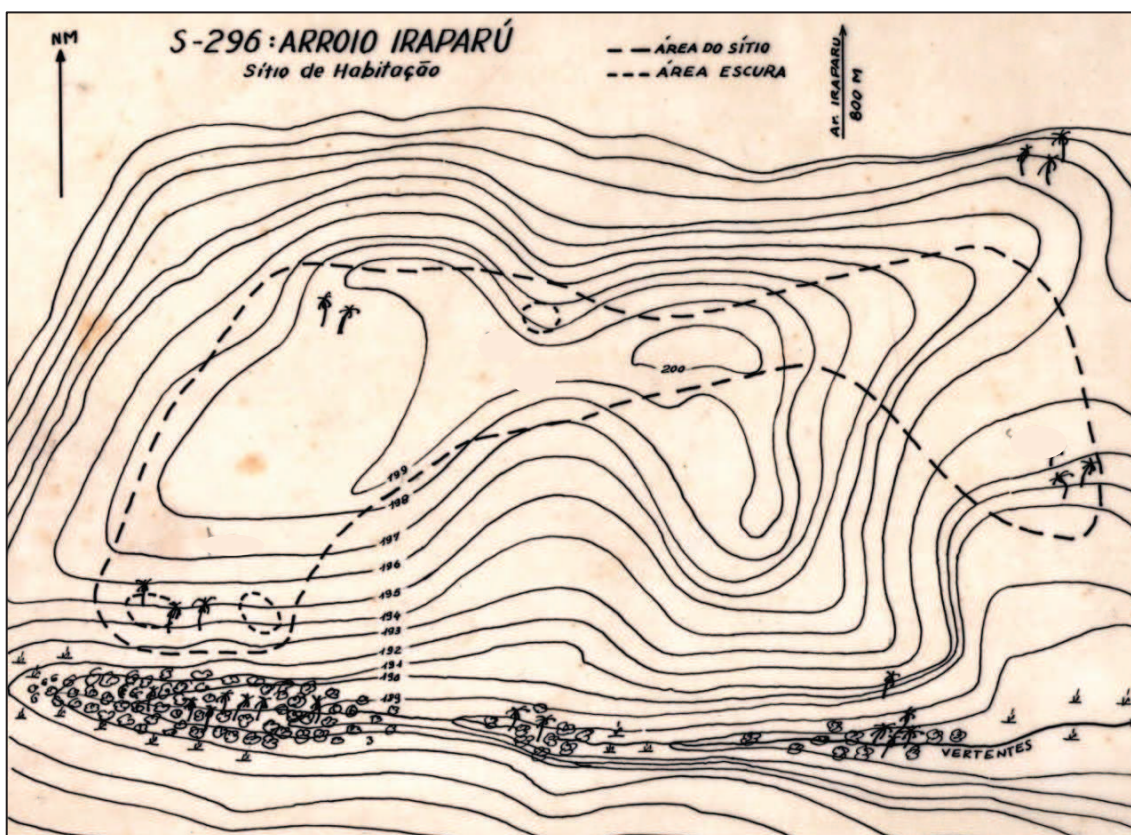


Figura 10: Croqui do Sítio RS-S-296. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 11: Vista geral do vale do Arroio Iraparú e vale do rio Paranhana, a partir da área do sítio RS-S-296. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 12: Vista da área do sítio RS-S-296. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-297 - Arroio Iraparú 2

Com relação ao sítio arqueológico RS-S-297, que possui o número do CRSA 497, o acervo de cultura material não foi localizado nas dependências da Reserva

Técnica do MARSUL mas, segundo a documentação consultada deste sítio, que pode ser localizada, havia muito pouco material recolhido, associado à tradição Tupiguarani.

Na Ficha de Registro de Sítio Arqueológico, registrada no MARSUL, feita por E. T. Miller, consta que o mesmo foi localizado:

“Em terras do Sr. Chenardi, morador em Sander. Este sítio de habitação Guarani esta situado a sudeste +/- 250 m de S-296. A nordeste sanga com mato, ao norte baixada e estrada de roça, a oeste estrada de roça e a oeste o pico do morro. A superfície é bastante inclinada e com cultura de milho e cana, algumas laranjeiras e muitos matacões. A leste pequena vertente, terreno argiloso. Cacos pequenos a médios e erodidos. Alguns choppers. Data: 18/01/66.”

Junto a esta ficha, encontramos o croqui do sítio, com sua planta baixa e fotografias da área do mesmo (Figuras 13, 14 e 15).

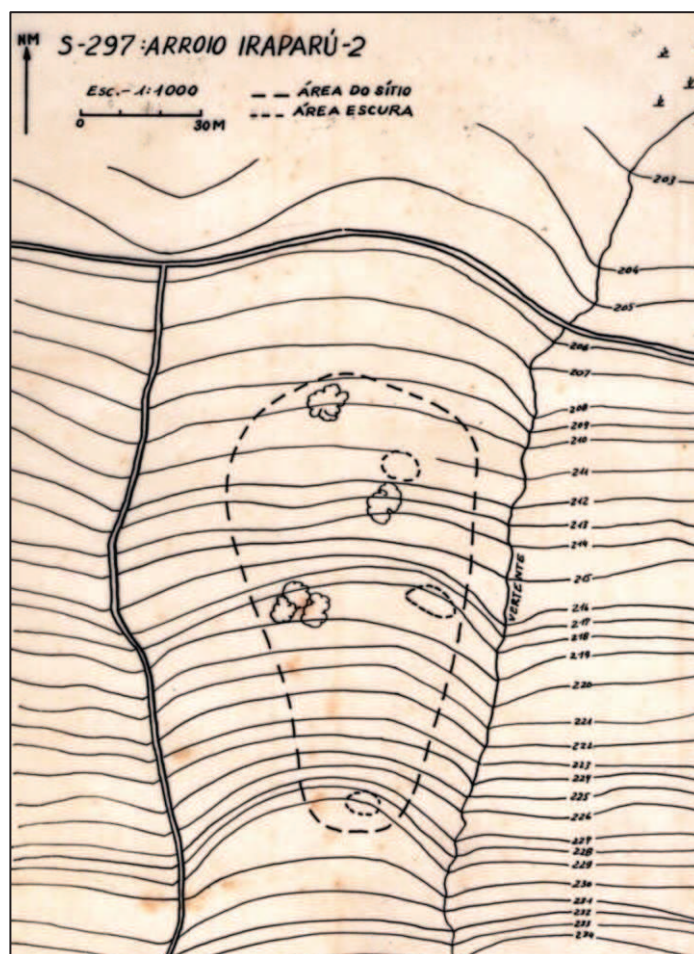


Figura 13: Croqui do sítio RS-S-297. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 14: Vista parcial da área do sítio RS-S-297. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 15: Vista geral da área, em direção ao vale do rio Paranhana. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-299 - Arroio Lamp 1¹³

Esse sítio possui o número CRSA 500. Junto à ficha de registro, encontramos um croqui com a planta baixa do sítio (Figura 16). Retiramos dessa ficha, escrita por E. T. Miller, os seguintes dados:

“Proprietário: Arno Hugo Krummenauer, morador local. Lado esquerdo do rio Paranhana, pouco mais de 500 m do arroio Lamp abaixo, onde uma ponta de morro encosta no rio e a 20 m sobre este e a 50 m distante. A nordeste vertentes e mato, a sudoeste o mesmo e a sudoeste o pico do morro. Solo solto e arenoso com roça de mandioca, muito suja. Cacos na superfície, de pequenos a médios muito erodidos. Maioria dos cacos do eixo maior para ocidente. Data: 22/01/66.”

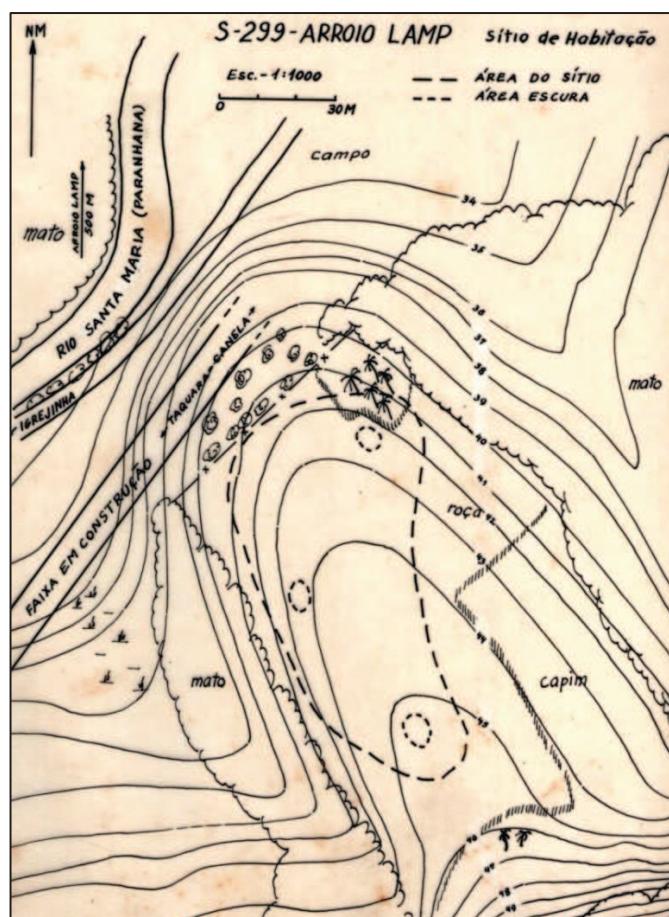


Figura 16: Croqui do sítio RS-S-299. Fonte: Acervo MARSUL.

¹³ Na verdade, trata-se do Arroio Kampf, que faz divisa com o município vizinho de Igrejinha (Nota do autor).

Junto à documentação, encontramos anotações que registram 6 peças líticas e 132 fragmentos cerâmicos, pertencentes a Tradição Tupiguarani.

RS-S-300 - Arroio Lamp 2

O sítio possui registro no CRSA com o número 501.

A descrição na ficha original apresenta as seguintes informações, feitas por E. T. Miller:

“Enterramento. Proprietário Naldo Viro Krummenauer. A norte do arroio Lamp +/- 600 m e a oeste da faixa de São Francisco de Paula a 1 km. A oeste do paredão, 50 m, que limita a chapada que está a cavaleiro. Em terreno íngreme e argiloso, fortemente erodido, o qual a dois anos estava coberto por denso mato com árvores em sua maioria de 25 cm de diâmetro. A erosão pôs a mostra alguns cacos que recolhemos (e uma pequena panela toda rachada que no entanto estava composta e semi-enterrada com o fundo para cima, segundo o proprietário) do panelão pouco recuperamos mas o suficiente para reconstituição. Como o local é constituído quase que só de rochedos e matações não pudemos escava-lo, mas passamos um ancinho por entre o cisco sem nada encontrar-mos. A pouca terra não apresenta outra coloração a não ser a natural. Examinamos uma grande área, mas sem encontrar indícios. Cultivada com mandioca, rabanete, milho e abóboras. Data: 24/01/66”

Junto da descrição da ficha original, encontramos um croqui deste sítio (Figura 17).

Além do registro acima, também encontramos a seguinte descrição feita por André Jacobus (1994), que compõe um trabalho intitulado “*Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas e estruturas funerárias*”:

“Pesquisado por Eurico Th. Miller, em 24/1/66, durante o PRONAPA. Coleta superficial (501) de 73 fragmentos de cerâmica. Situa-se no município de Três Coroas a 600 m ao norte do arroio Lamp e a um quilômetro a oeste da estrada RS-020. Segundo informação de um morador daquela cidade o nome correto do arroio seria Kampff. Em terras de Naldo Viro

Krummenauer. (...) Havia uma estrutura funerária.”(Jacobus, 1994, s.p.).

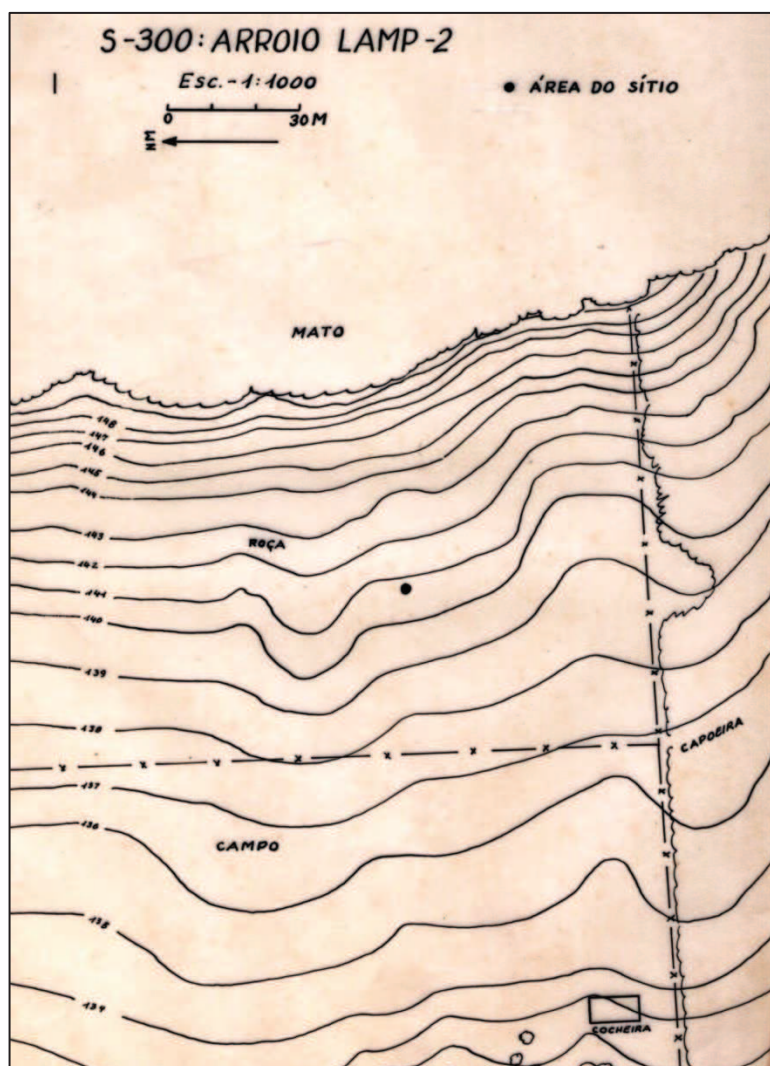


Figura 17: Croqui do sítio arqueológico RS-S-300. Fonte: Acervo MARSUL.

Somente cerâmica compõe seu conteúdo cultural, sendo que 34 fragmentos pertencem a uma mesma peça. Esta peça possui uma decoração dupla, sendo que na borda e na base apresenta detalhes em corrugado e na parede do corpo identificamos a decoração “escovada”. Ao todo foram contabilizados, por Miller, 73 fragmentos cerâmicos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Também identificamos o seguinte registro na ficha original feita por E. T. Miller: T-086. Esta anotação refere-se ao seguinte item encontrado na listagem do Livro Tombo: “vaso pintado da Tradição Tupiguarani, pertencente à Coleção Miller, registrado no ano de 1966.”

Este item de pequenas dimensões (diâmetro não superior a 10 cm e com altura por volta dos 15 cm) está acondicionado na Prateleira 16 da Estante 01, da Sala do Tombo (Figura 18).



Figura 18: Vasilha pintada da tradição Tupiguarani (T-086), encontrada no sítio RS-S-300. Foto: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-301 - Arroio São Paulo

Com número do CRSA 502, além do croqui e fotografias (Figuras 19, 20 e 21), localizamos sua ficha de registro original, assim descrito por E. T. Miller:

“A margem esquerda do arroio São Paulo e pouco abaixo da cachoeira de mesmo nome, debaixo da qual deságua o córrego da Divisa, que é o limite leste do sítio. Este terreno é bastante argiloso como são as terras altas. Descendo-se a estrada que vai a Canela, paralelo ao arroio da Divisa por ladeiras e patamares alternados após 350 m chega-se ao Arroio São Paulo. Dois focos, com terra escura, culturais são visíveis numa roça bastante suja. O primeiro mais próximo da estrada (a 100 m) e do arroio Divisa (a 50 m). O segundo próximo ao arroio Divisa (a 15 m) e do arroio São Paulo (a 80 m). O primeiro num patamar o segundo em terreno enclinado para uma ladeira.

Colhemos na superfície poucos cacos pequenos e erodidos, do grupo Gê (Taquara) e alguns petrefatos (principalmente lascas). O proprietário diz que a meio dum vassoural havia um buraco de $\pm 2 \times 1 \times 0,5$ m com cinza e cacos de cerâmica. Não conseguimos localiza-lo. Data: 25/01/66.”

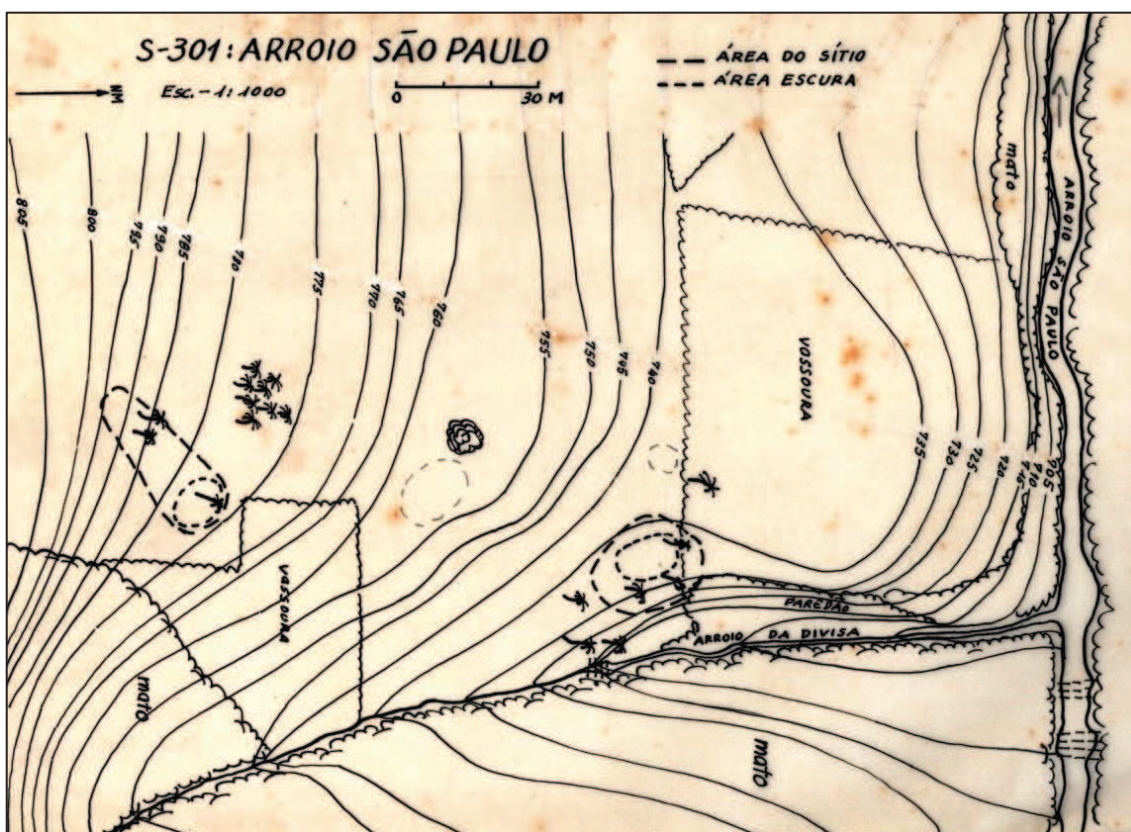


Figura 19: Croqui do sítio arqueológico RS-S-301. Fonte: Acervo MARSUL.

Junto da ficha, encontramos uma contagem de material, na qual estão registrados 15 objetos líticos pertencentes à tradição Taquara. No entanto, não há referência aos fragmentos cerâmicos mencionados na ficha de registro.

Este é o sítio mais setentrional, entre aqueles que tivemos acesso à documentação e acervo material, dentro da área da bacia hidrográfica do rio Paranhana.



Figura 20: Vista geral da região, a partir do sítio. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 21: Vista parcial da área do sítio. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-320 - Rodeio Bonito 1

Esse sítio possui número do CRSA 527. Retiramos da ficha original escrita por E. T. Miller, os seguintes dados:

“Proprietário: Theobaldo Sauerressig, morador local. Numa suave ladeira descendente para o nordeste, a 200 m do ponto onde a “Estrada velha da serra” se cruza com a faixa Taquara-São Francisco de Paula, no local chamado Rodeio Bonito. A leste a “estrada velha” a 5 m em terreno argilo-humoso, com cultura de arroz e mandioca, tendo uma sanga ao sul, roça a leste e norte e capoeira ao sul. Muitos matacões ao leste com pirestre. Sítio de habitação não guaraní. Três manchas escuras. Na de oeste alguns cacos guaraní, na central e sul cacos tipo Morro da Formiga (Taquara), todos erodidos. Algumas lascas, raspadores, choppers, etc. Data: 18/02/66”.

Junto com a ficha de descrição, encontramos outra ficha contendo os seguintes dados: “material lítico composto por 199 peças; material cerâmico, classificado como pertencente à tradição Taquara, composto de 169 fragmentos”.

Registrada nesta ficha, encontramos ainda a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 89; cerâmica lisa = 56; borda decorada = 17; borda lisa = 07: total = 169+199 = 368”, o que indica que nessa contagem devem ter sido computados também fragmentos cerâmicos tupiguarani, que não são mencionados explicitamente. De qualquer forma, na recontagem e classificação que fizemos (que aparecerá no Capítulo 3 dessa Tese), puderam ser identificados os fragmentos correspondentes às duas tradições culturais, mas ainda assim em número menor que 368, indicando que haveria mais material cerâmico associado ao sítio, mas que não foi localizado na reserva técnica do MARSUL.

Entre a documentação, ainda temos o croqui do sítio e fotos da área (Figuras 22, 23 e 24).

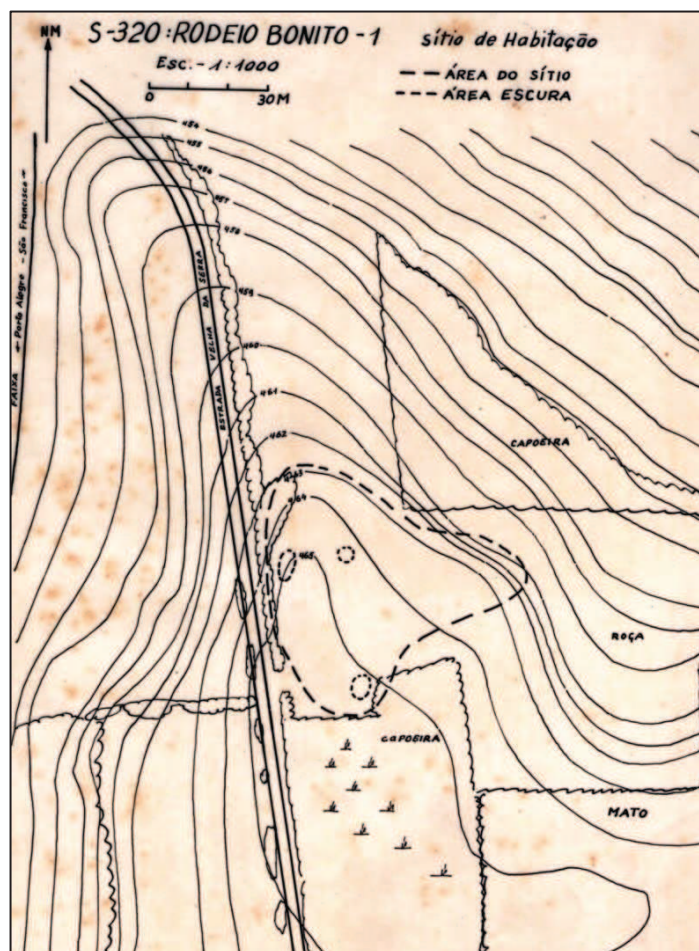


Figura 22: Croqui do sítio arqueológico RS-S-320. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 23: Vista geral da área do sítio arqueológico RS-S-320. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 24: Vista geral da região, a partir do sítio arqueológico RS-S-320. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-321 - Rodeio Bonito 2

Com número do CRSA 524, sobre este sítio arqueológico, além de um croqui e uma fotografia da área (Figuras 25 e 26), temos as seguintes informações de E. T. Miller:

“Proprietário: Carlos Steigleder, morador de Três Coroas. Ao norte 60 m da estrada Água Branca e a 250 m da faixa de São Francisco a leste. No extremo oriental mato, no extremo ocidental campo, ao norte roça e campo e ao sul capoeira. Superfície com plantação de milho e mandioca de centro a sul e capoeira de centro a norte. Muitos matacões ao centro onde está a mancha mais centro setentrional. Água mais próxima a nordeste e a 30 m e no centro norte do sítio. Poucos cacos, pequenos e erodidos, tipo Guaraní na mancha ocidental. Alguns cacos pequenos e erodidos tipo Morro da Formiga (Taquara) nas duas manchas mais ocidentais, digo, orientais. Lascas, raspadores, polidores, choppers, etc., principalmente junto as manchas. Data: 18/03/66.”

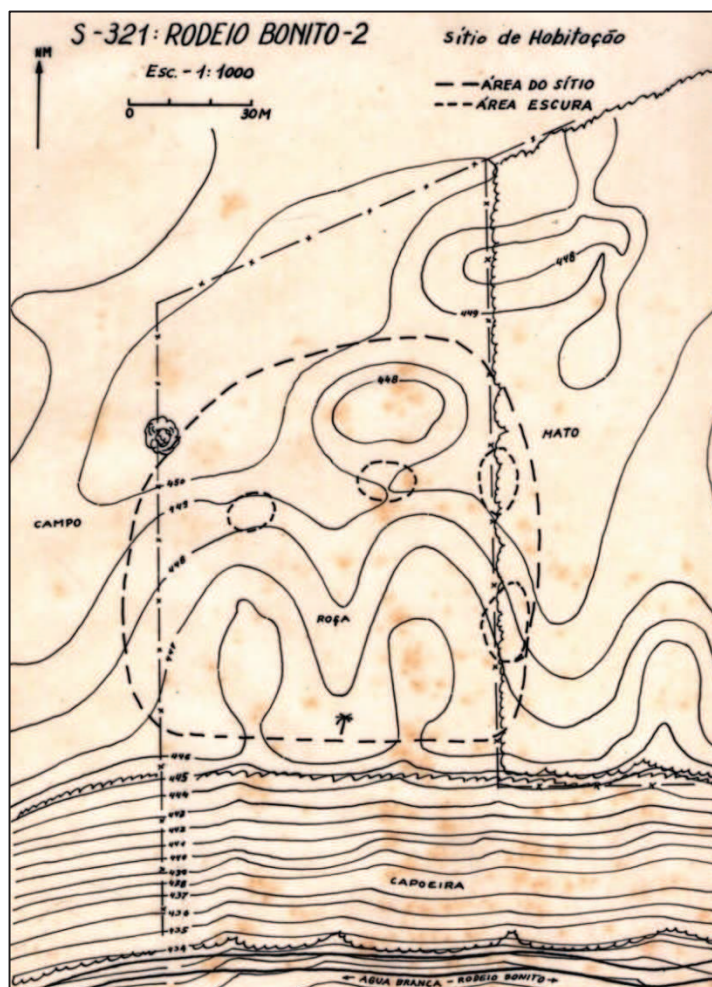


Figura 25: Croqui do sítio arqueológico RS-S-321. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 26: Vista geral do sítio arqueológico RS-S-321. Fonte: Acervo MARSUL.

Junto à ficha de registro, há uma contagem de material com as seguintes quantificações: “64 peças para o material lítico e 17 fragmentos cerâmicos, pertencentes à Tradição Taquara, Fase Taquara”. Encontramos registrada ainda nesta ficha a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 3; cerâmica lisa = 12; borda decorada = 2 =17; total de material + lítico= 64 = 81”.

O sítio RS-S-321 recebeu intervenção subsuperficial, com uma sondagem estratigráfica realizada em uma das áreas (manchas) em que havia somente cerâmica da tradição Taquara, que atingiu 80 cm de profundidade, embora material arqueológico tenha ocorrido somente até os 20 cm.

O registro a seguir refere-se ao primeiro nível (0-10 cm), registrado por E. T. Miller:

“Escavação de 1,5x1,5 m na mancha sul oriental entre a cerca e o mato. Superfície algumas ervas e cacos tipo Morro da Formiga (Taquara). Solo macio, argiloso pegajoso e de cor cinza marrom média, algumas raízes. Cacos pequenos erodidos tipo Morro da Formiga (Taquara).”

A ficha de contagem do material para este nível indica que não havia material lítico, somente 11 fragmentos cerâmicos da Fase Taquara, que integra a Tradição Taquara. Encontramos registrada nesta mesma ficha a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 3; cerâmica lisa = 7; borda decorada = 1 =11”.

Nas informações registradas para o nível 2 (10-20 cm), constam os seguintes dados:

“Solo compacto, argiloso e pegajoso, cor cinza marrom claro. Poucas raízes. Poucos cacos, pequenos e erodidos, tipo Morro da Formiga (Taquara). Cacos até 18 cm de profundidade. Escavamos até 80 cm sem nada encontrar, solo cor de tijolo alaranjado.”

O material encontrado neste nível, que está registrado na ficha de contagem de material original, caracteriza-se por estar composto por 3 fragmentos de cerâmica da tradição Taquara. Encontramos registrada nesta ficha a seguinte anotação: “cerâmica decorada = 2; borda decorada = 1”, totalizando 3 fragmentos.

Não fica claro, pelas anotações de Miller, se aqueles totais encontrados junto à ficha original geral agrupam coletas de superfície e a sondagem estratigráfica, mas é

provável que sim. Em nossa recontagem e análise (apresentada no Capítulo 3 dessa Tese), existem algumas diferenças quantitativas.

Ainda no município de Três Coroas, encontramos o registro no CRSA do MARSUL, a informação sobre mais um sítio arqueológico, pertencente à tradição Tupiguarani RS-S-347 (CRSA 1866-1875). No entanto, temos escassas informações, somente mencionando que está associado à Fase Maquiné da Tradição Tupiguarani e a menção de uma única peça lítica de basalto, caracterizada por ser uma lasca cortical com gume. Nenhuma outra informação ou documentação sobre este sítio arqueológico foi localizada sendo ele, portanto, não inserido na lista da Tabela 3.

2.2.2 Sítios Arqueológicos do município de Taquara

No município de Taquara foram identificados 9 sítios arqueológicos que atenderam aos requisitos mínimos para inclusão nessa Tese (ver Tabela 3 e Figura 27), sendo 2 associados exclusivamente à tradição Taquara, 6 exclusivamente à tradição Tupiguarani e 1 com características multicomponenciais, com cerâmica tupiguarani associada a petroglifos. Nesse caso, certamente se trata de ocupações distintas em um mesmo local.

Desses sítios, os mais importantes são, sem dúvida, o RS-S-61 (o clássico sítio do Morro da Formiga), associado à tradição Taquara e deu seu nome¹⁴ e o RS-S-293 Arroio Taquara, associado à tradição Tupiguarani, até então inédito em termos de descrição e análise de material.

Apresentamos a seguir os dados originais das fichas, referente aos sítios arqueológicos localizados no município de Taquara.

¹⁴ Escavado por Eurico T. Miller, no ano de 1965.

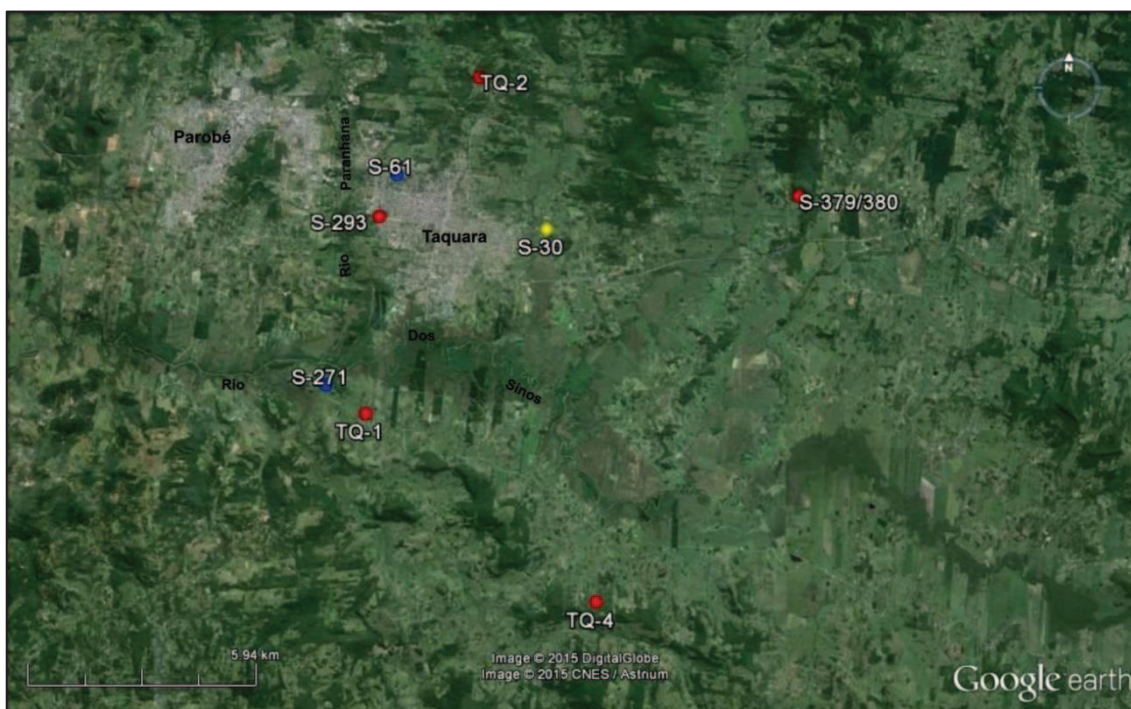


Figura 27: Localização dos sítios arqueológicos do município de Taquara (vermelho = sítios tupiguarani, azul = sítios taquara, amarelo = sítios multicomponenciais tg/ta). Fonte: Google Earth 2014.

RS-S-61 - Morro da Formiga

Este sítio arqueológico é um marco cultural de extrema importância para a arqueologia do Estado e também para a história da arqueologia brasileira. A área já era conhecida desde os anos de 1950, mas os trabalhos mais sistemáticos iniciaram somente no ano de 1964. Pesquisado por E. Th. Miller, temos os seguintes registros com relação a este local:

“Esta jazida em campo aberto esta localizada no Morro da Formiga delimitando a cidade de Taquara a Nordeste. Elevação baixa 60 metros acima da cidade. Arredondada e flancos suaves. A jazida é de pequenas dimensões, aproximadamente 3.000 m². Seu terreno já de longa data vem sendo cultivado, apesar disto encerra vestígios arqueológicos estranha a região, o que lhe atribue um valor especial. Seu foco principal está situado no topo do morro progredindo pelo suave declive em direção nordeste. Sua cerâmica é composta exclusivamente pelo tipo encontrado nos “cômodos de frente” da região praiana de Tôrres. É tipicamente carijó e, estranha ao Vale do Rio dos Sinos. Também os petrefatos de pedra lascada é estranha a região. Tudo indica uma situação anormal e rara. Teriam eles emigrado da costa para o interior? Até o presente momento a pesquisa foi

superficial mas esperamos que, quando em profundidade, venha a formar o quebra cabeça. O conhecimento da cultura material do Amerindio que ai habitou tem o seu valor. Uma vêz que, conhecida suas características, que ai deverão se mostrar sem contaminação, o seu resultado será útil no estudo das jazidas a beira mar, que para nós, se apresentam muito confusas.”

Apesar de todo o trabalho realizado por Miller neste sítio arqueológico e do imenso acervo de cultura material existente, não localizamos fichas de registro nem tampouco anotações sobre a análise e/ou quantificação de material arqueológico, somente um croqui de localização e duas fotografias (Figuras 28, 29 e 30).

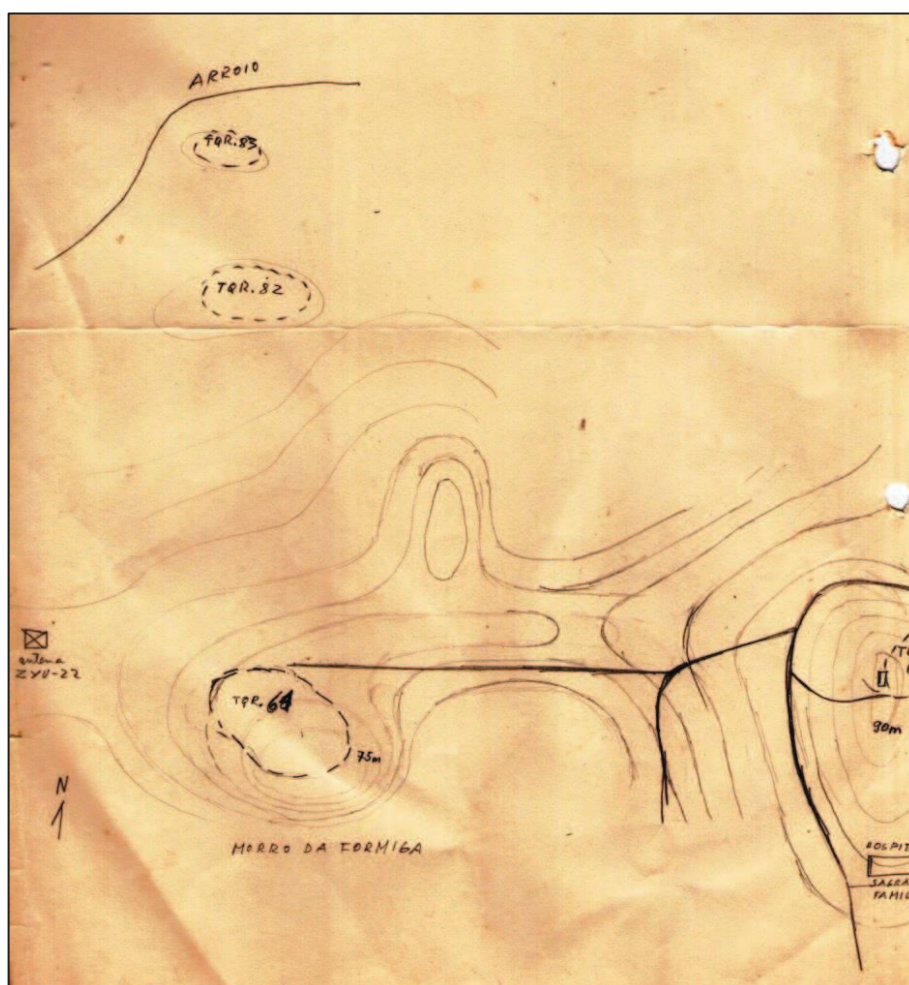


Figura 28: Croqui do sítio arqueológico RS-S-61. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 29: Vista parcial da área do Morro da Formiga, no centro urbano da cidade de Taquara na década de 1960. A seta indica o local do sítio RS-S-61. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 30: Detalhe de uma área escavada, mostrando o perfil estratigráfico (com indicações feitas por Miller na fotografia original). Fonte: MARSUL.

RS-S-271 - Linha Gonzaga

Com numero do CRSA 323, o sítio arqueológico RS-S-271 não possui acervo de cultura material encontrado na reserva técnica do MARSUL, onde dispomos somente da ficha de registro deste sítio, um croqui e uma fotografia (Figuras 31 e 32).

Conforme Miller, o sítio está localizado

“A margem esquerda do Rio dos Sinos, cerca de 600 m a pequenos nascedouros de um córrego, na base pouco íngreme de uma coxilha, ora lavrada para agricultura ora campo (antigamente coberta de mata latifoliada) encontra-se o sítio cerâmico com duas manchas de terra escura a margem nordeste do mesmo. A cerâmica é tipo Morro da Formiga (Taquara), pouco abundante. Choppers, raspadores, lascas em pequeno número, um machado polido, etc. Data: 30/11/65.”

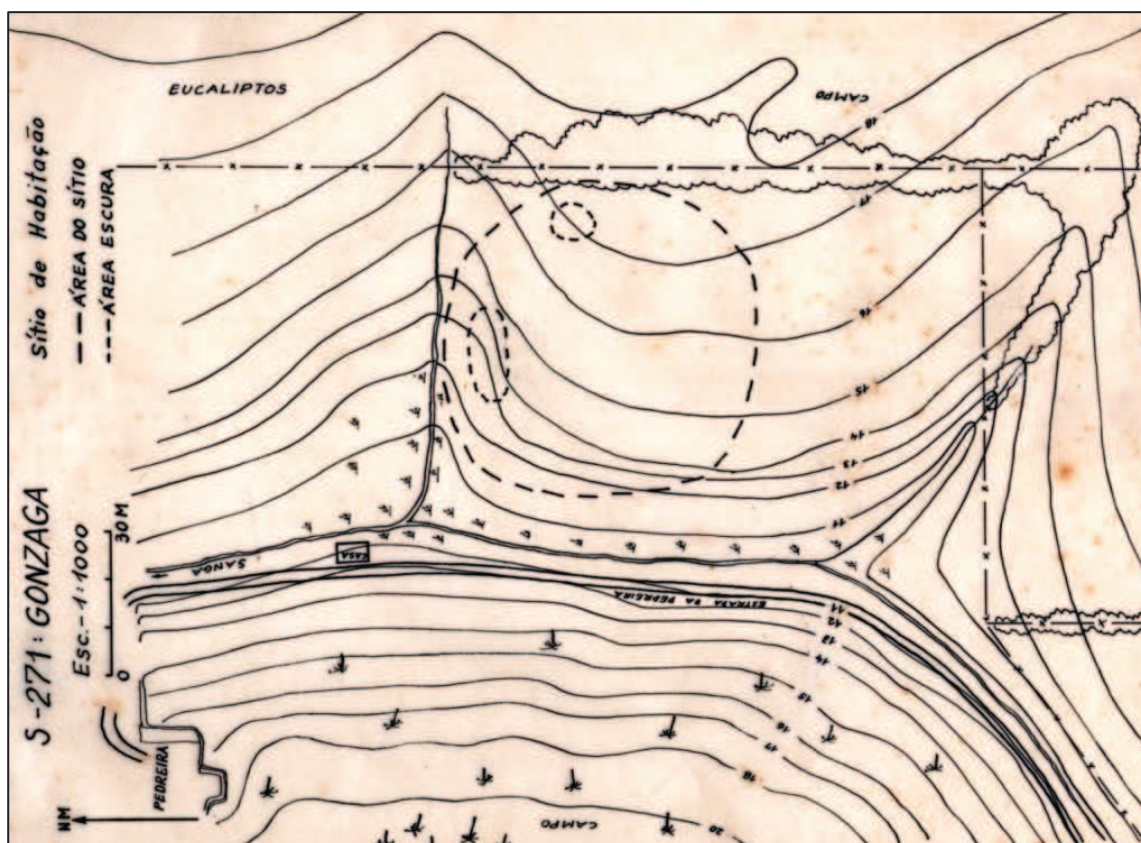


Figura 31: Croqui do sítio arqueológico RS-S-271. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 32: Vista do perfil estratigráfico da sondagem a parede de um corte estratigráfico, feito no sítio arqueológico RS-S-271. Fonte: Acervo MARSUL.

Embora não exista nenhuma informação na ficha, a fotografia encontrada mostra que foi realizada uma sondagem estratigráfica nesse sítio, que mostra claramente a presença de uma camada lenticular de terra escura, referente a uma das manchas mencionadas na ficha.

Em qual das manchas foi feita a sondagem estratigráfica e qual o contexto do material encontrado, infelizmente, não fica claro.

RS-S-293 - Arroio Taquara

Esse sítio tem o número do CRSA 474. Segundo informações registradas por E. T. Miller se trata de um:

“Sítio de habitação Guaraní. A 70 m para o sul da rua Pinheiro Machado em Taquara, junto a margem esquerda da canalização do Arroio Taquara, ao sul 100 m faixa Taquara-São Leopoldo, a leste capão (recentemente, digo, remanescente a antiga mata). Este sítio está situado em meio a uma várzea, a oeste de Taquara, e a apenas 2,5 m acima dos banhados que o rodeiam. Superfície com mandioca, milho a oeste, pasto e campo ao centro oeste no capão. muitos cacos pequenos a médios erodidos, alguns petrefatos. As manchas escuras ocupam mais de 180° da periferia do sítio. Proprietário Sr. Sauer, ex-prefeito de Taquara. Data: 13/01/66”

Junto à ficha, foi localizado também um croqui com a planta baixa do sítio (Figura 33).

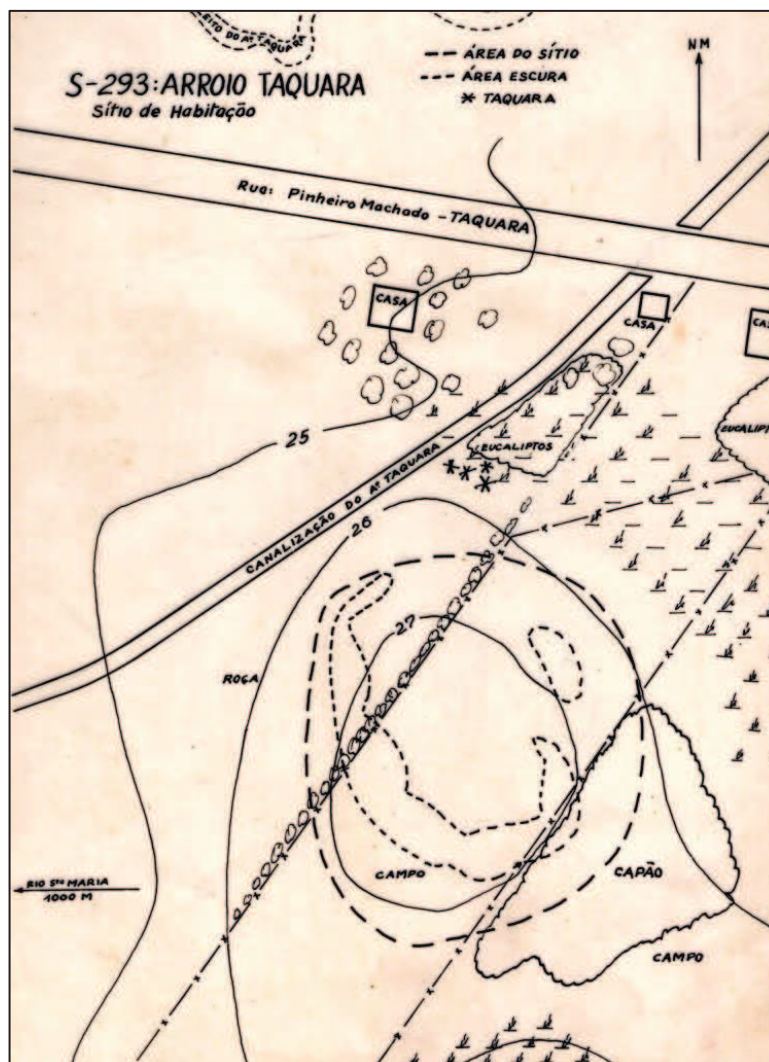


Figura 33: Croqui do sítio arqueológico RS-S-293. Fonte: Acervo MARSUL.

Além de coleta superficial, também foram feitos no sítio duas sondagens estratigráficas de 1,5 x 1,5 m cada, tendo ambas alcançado, em média, 70 cm de profundidade, embora o material lito-cerâmico tenha ocorrido somente nos primeiros 30 cm.

Junto à ficha de registro, foram ainda identificadas as seguintes informações sobre o material deste sítio: “com relação ao material lítico, estão contabilizadas 43

peças e para os fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani, um total de 518 fragmentos, todos relacionados às coletas superficiais”.

Encontramos ainda a seguinte observação, na respectiva ficha de contagem de material: “246 fragmentos de cerâmica sem número; 17 líticos sem número e ainda 2 fragmentos de concha”, também em superfície.

Também dispomos de uma fotografia de um perfil estratigráfico, mas sem informação sobre qual das sondagens está relacionada (Figura 34).



Figura 34: Detalhe de um perfil estratigráfico de uma das sondagens feitas no sítio arqueológico RS-S-293. Fonte: Acervo MARSUL.

As informações abaixo são referentes ao Corte 1 Nível 1 (0-10 cm), realizados por E. T. Miller.

“Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro oeste do sítio. Superfície capim, milho e mandioca. Solo fofo, muito úmido, cor cinza marrom escuro, pouco carvão, algumas raízes de capim e milho. Cacos pequenos a médios, erodidos e escassos. Data: 13/01/66”.

De acordo com a ficha de contagem original de material, neste nível estão registrados 1 peça lítica e 61 fragmentos cerâmicos, pertencentes a tradição Tupiguarani.

A descrição a seguir refere-se ao nível 2 (10-20 cm), também pertence ao Corte 1. Nessas informações registradas por E. T. Miller constam:

“Solo fofo, úmido, cor cinza marrom escuro, na base norte transição violenta para o cinza claro. Pouco carvão. Na base sul transição branda, poucas raízes de capim. Cacos pequenos e erodidos. Data: 13/01/66”

A contagem original do material apresentava 1 peça lítica, mas nossa análise indicou 2 fragmentos de seixos basaltóides lascados. Os dados originais da contagem da cerâmica apresentavam 17 fragmentos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

Seguem abaixo os dados referentes ao nível 3 (20-30 cm) do Corte 1. A informação registrada por este pesquisador menciona:

“Solo fofo, cinza claro para areia limpa ao norte, ao sul cinza claro. Sem carvão e muito úmido. Cacos pequenos e erodidos. Aos 50 cm começa a verter água e aos 70 cm encontramos areias movediças. Data: 13/01/66”.

Segundo a ficha de registro de contagem de material, neste nível não havia material lítico. Já a cerâmica era composta por 7 fragmentos classificados como pertencentes a tradição Tupiguarani.

Com relação à sondagem 2, para o Nível 1 (0-10 cm), Miller fornece as seguintes informações:

“Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro nordeste do sítio. Superfície semi-gramada. Solo solto, cor cinza marrom claro algumas raízes e carvão em pequena quantidade. Cacos médios a pequenos, erodidos. Data: 13/01/66”.

Na contagem para o nível 1, está registrado que não existe material lítico. Já a quantificação da cerâmica contabiliza 46 fragmentos pertencentes à tradição Tupiguarani.

Para o nível 2 (10-20 cm), nessa mesma sondagem, constam as seguintes informações:

“Solo fofo, cor cinza médio até 18 cm com pouco carvão, muita umidade, de 18 a 20 cm cor cinza escuro com muito carvão. Cacos pequenos e erodidos. Data: 13/01/66”.

A ficha de contagem de material registra que neste nível não foi encontrado material lítico. Já o material cerâmico pertencente à tradição Tupiguarani, compõe-se de 53 fragmentos.

O registro referente ao Nível 3 (20-30 cm) da sondagem 2, apresenta os seguintes dados:

“Solo solto, cor cinza escuro com muito carvão, tendendo aos 28 cm para cinza claro e pouco carvão. Solo úmido. Cacos pequenos e erodidos, aos 50 cm verte água e a areia aos 60 cm torna-se movediça. Data: 13/01/66”

Junto a esta ficha, temos o registro da contagem geral do material encontrado. Segundo esses dados, não havia material lítico, somente cerâmica pertencente à tradição Tupiguarani, representada por 13 fragmentos cerâmicos, divididos em bases, bordas e paredes.

RS-S-379 – Moquém 1

Com número do CRSA 4394, esse sítio possui somente a ficha de registro e duas fotografias (Figuras 35 e 36). Não encontramos nenhum acervo de cultura material na reserva técnica do MARSUL.

O responsável pelas atividades de pesquisa nesse sítio arqueológico foi Pedro Augusto Mentz Ribeiro, no ano de 1971. Em suas anotações, consta:

“Osmildo Osvaldo Wagner – Moquém, Taquara. Toma-se a estrada Taquara-Rolante; logo após a descida do morro do Moquém, entra uma estrada a esquerda (que leva a Açoita Cavalos); 2 km por ela, bem numa curva, a esquerda entra um caminho que leva a casa do Sr. Osmildo, proprietário de um alambique; da estrada a casa são 500 m, aproximadamente. Da casa para o sítio, segue-se pelo caminho de roça que passa no alambique, sanga e sobe o morro com canavial; na meia encosta, 500 m adiante da casa, 50 m acima de uma vertente e 20 m esquerda do caminho, o caminho fica 1,5 m acima do nível dos petroglifos e a vertente uns 10-15 m abaixo), está uma pedra em rocha basáltica com petroglifos em sua superfície. Da pedra a sanga existe um desnível de 83 m. O local onde se encontra a pedra é mais ou menos plana. A pedra está voltada para o sul e os petroglifos, devido a concavidade na mesma, estão voltados para leste; possui 1,80x1,43x0,78 cm de comprimento, largura e espessura (esta até onde foi possível medir), respectivamente. A técnica usada na confecção dos petroglifos foi o alisamento.

Existem tridáctilos, retas, “v”, etc. Foram copiadas em decalque em papel sêda encerado e pincel atômico; fotos sem e com giz, preto-branco e “slides”. Ao lado da pedra, distante 20 m junto ao caminho), encontramos alguns fragmentos de cerâmica tupi-guarani. O local dos petroglifos é um canavial; solo: basalto em decomposição. Coletor: Pedro A. Mentz Ribeiro. Data: 17 e 19/07/1971”.



Figura 35: Vista geral do morro do Moquéem, em segundo plano. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 36: Detalhe do petroglifo do sítio arqueológico RS-S-379. Fonte: Acervo MARSUL.

Os petroglifos são claramente do Estilo Pisadas e devem estar associados a caçadores e coletores da tradição Umbu, em um período anterior ao assentamento tupiguarani na área.

RS-S-380 – Moquém 2

Para o sítio arqueológico RS-S-380, com número do CRSA 4397, além de uma fotografia (Figura 37), o mesmo arqueólogo registrou os seguintes dados:

“Osmildo Osvaldo Wagner – Moquém, Taquara. Para alcançar o sítio, veja o RS-S-379 (4394); o anterior está meia encosta do morro e êste está em cima, numa parte bem plana do mesmo; da casa ao sítio são 1000 m, aproximadamente (500 m dos petroglifos RS-S-379 (4394). O sítio está no fim do caminho, quem alcança a parte superior do morro, lado esquerdo. O solo argiloso; área: 100 m de comprimento por 50 m de largura; água mais próxima: vertente; cultivo: roça em preparação. Material: cerâmica tupi-guarani e 1 talhador (afastado da concentração de cerâmica). Coletor: Pedro A. Mentz Ribeiro. Data: 17/07/1971”.



Figura 37: Vista geral do sítio RS-S-380. Fonte: Acervo MARSUL.

Os sítios arqueológicos apresentados abaixo, não estão registrados no CRSA do MARSUL. Entretanto, informações sobre os mesmos foram encontradas em um artigo manuscrito, não publicado, de autoria de André Luiz Jacobus (1994), com o título “Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas e estruturas funerárias”¹⁵.

Esse autor, no entanto, menciona somente parte do acervo desses sítios, relacionado às urnas funerárias tombadas e foco do seu estudo, que se encontram na Reserva Técnica ou na Sala do Tombo do MARSUL e por este motivo estão inseridos em nosso estudo. O restante do acervo de cultura material, se havia, não foi localizado.

TQ 1 - Mineiro

Jacobus (1994) registra que a peça (Figura 38) foi:

“Coletada por Pedro A. Mentz Ribeiro em 1971 (nº de catálogo 4029). Situa-se na localidade de Mineiro, no município de Taquara, em terras de João Germano Klaus. Havia uma estrutura funerária que apresentava somente uma urna. Na imagem da figura existe o registro T-362”.



Figura 38: Urna pintada (cambuchi) da tradição Tupiguarani, do sítio TQ1. Foto: Jefferson L. Z. Dias.

¹⁵ Texto manuscrito, não publicado, escrito como monografia de disciplina de curso de mestrado na PUCRS.

TQ 2 - Km4

Sobre essa peça (Figura 39), Jacobus (1994) menciona que foi:

“Coletada por Eurico Th. Miller em 1978. Situa-se na localidade de Quilômetro Quatro, no município de Taquara, em terras pertencentes ao Hotel Vila Verde, próximo ao MARSUL. Havia uma estrutura funerária, a urna teve sua superfície pintada destruída com escova de aço e sua borda colada com cimento. A tampa ainda não foi restaurada, junto aos fragmentos dela encontram-se outros ainda não foram classificados.

Na urna haviam elementos ósseos humanos com aparência de madeira podre (fragmentos de fêmures, clavículas, talus, calcâneo, cúbitos, omoplatas, rádios, crânio, mandíbula, úmeros, fíbulas, metapodiais, vértebras e costelas), muitos deles com partes azuladas onde preservou a cortical. O Dr. Jorge Ferigollo, vendo o material, sugeriu que o mesmo fosse submetido a uma análise química para saber-se que substância é esta que preservou partes da cortical.”



Figura 39: Urna pintada (cambuchi) da tradição Tupiguarani, do sítio TQ 2. Foto: Jefferson L. Z. Dias.

TQ 4 - Patomé

O seguinte registro (Figuras 40 e 41) refere-se ao sítio arqueológico TQ 4: Patomé¹⁶, sobre o qual Jacobus (1994) mencionou:

“Pesquisa de Eurico Th. Miller, possivelmente em 1961. Situa-se na localidade de Patomé, no município de Taquara. Segundo o pesquisador ‘sobre a vertente noroeste do morro do Patomé’. Havia uma estrutura funerária, da qual identificamos no MARSUL somente a urna (tombo nº 592). O pesquisador faz referência a duas vasilhas, o que se constata na fotografia nº 16.”



Figura 40: A “fotografia nº 16”, referida por Jacobus, a qual registra a excavação realizada por E. T. Miller, para a retirada da urna no sítio TQ 4. Fonte: Jacobus, 1994.

¹⁶ A localidade, no interior do município de Taquara, em direção a Rolante, na verdade é chamada de Padre Tomé, do qual vem a corruptela “Patomé”.



Figura 41: Urna pintada (cambuchi) da tradição Tupiguarani, do sítio TQ 4. Foto: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-30 - Tucanos

Além dos sítios mencionados acima para o município de Taquara, que foram incorporados a nosso estudo, mais recentemente encontramos, na Reserva Técnica do MARSUL, materiais arqueológicos pertencentes a um sítio na localidade de Tucanos, cerca de 2 km a leste do centro urbano.

Além de um pequeno acervo de cerâmica tupiguarani, misturada a peças líticas típicas da tradição Umbu, as únicas informações de que dispomos, feitas por E. T. Miller estão junto do material, em uma pequena etiqueta improvisada.

Nesta etiqueta, temos a seguinte descrição:

“RS-S-30 (S/nº) – Tucanos. Sítio Eldo Klein, no aviário Klein, perto do salão “redondo” 26/02/72”

No CRSA do MARSUL, estão listados mais 1 sítio arqueológico associado à tradição Taquara e 2 à tradição Tupiguarani (Tabela 3), para a área do município de

Taquara¹⁷. No entanto, esses sítios não possuem número de catálogo, nem fichas de registro nem tampouco foram encontrados os conteúdos culturais dos mesmos na Reserva Técnica do MARSUL. Assim, não foram utilizados na amostragem.

Tabela 3: Sítios listados no CRSA do MARSUL, mas sem informações adicionais nem acervo material.

NÚMERO DO SÍTIO	NOMENCLATURA	LOCALIDADE	CIDADE	TIPO	FASE	TRADIÇÃO	NÚMERO DE CATÁLOGO
10	Santa Rosa	Santa Rosa	Taquara	CA	---	Ta	---
14	Morro da Cruz	Taquara	Taquara	CA	---	Tg	---
22	Picada Francesa	Picada Francesa	Taquara	CA	---	Tg	---

2.2.3 Sítios Arqueológicos do município de Parobé

No município de Parobé, foram identificados 4 sítios arqueológicos, todos associados à tradição Tupiguarani (Figura 42).

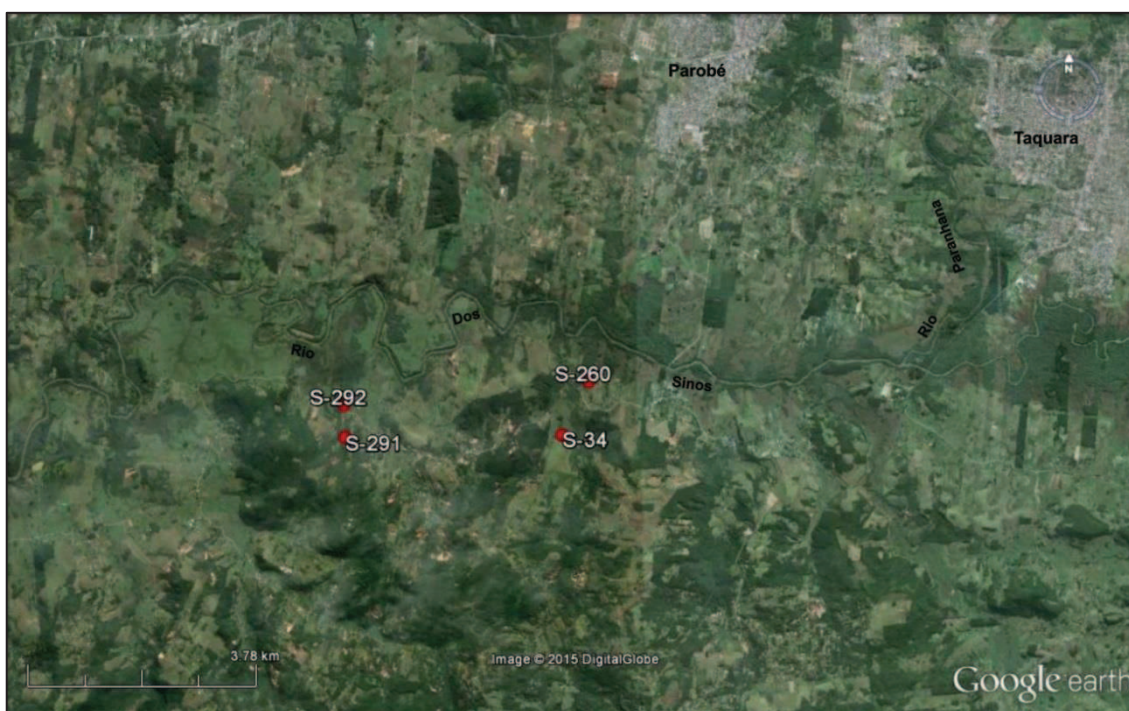


Figura 42: Localização dos sítios arqueológicos no município de Parobé (vermelho = sítios tupiguarani).
Fonte: Google Earth, 2015.

¹⁷ Também foi encontrado no CRSA um sítio arqueológico para o município de Igrejinha, associado à tradição Taquara que, da mesma forma, não possui nenhuma outra informação nem acervo. Trata-se de um abrigo chamado Buraco do Bugre.

RS-S-34 - Morro Negro

Desse sítio, que possui número do CRSA 34, não foi localizada a ficha de registro com descrição, somente seu nome listado naquele catálogo.

No entanto, sabemos que se trata de um sítio tupiguarani localizado em Morro Negro, no atual município de Parobé. Em Jacobus (1994), aparece a seguinte informação:

Pesquisa de Eurico Th. Miller, possivelmente em 1961. Situa-se na localidade de Morro Negro, no município de Taquara. Haviam duas estruturas funerárias além de fragmentos de cerâmica e lítico (ver figuras nº 47 e 48 e fotografias nº 14 e 15)¹⁸. As vasilhas ilustradas na figura nº 48 não foram identificadas no MARSUL (a lápis está escrito T-803) Associados possivelmente a esta estrutura funerária foram encontrados uma placa peitoral perfurada em basalto e um tembetá em quartzo hialino (ver fotografia nº 19)¹⁹, ambas as peças não identificadas no acervo do MARSUL. Na imagem da figura existe o registro T-134.”

O acervo material deste sítio é composto por um fragmento lítico de arenito friável e por 408 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, das quais Jacobus (1994) reproduz (provavelmente a partir de originais de E. T. Miller) duas reconstituições gráficas de vasilhas tombadas no MARSUL, associadas a estruturas funerárias (Figuras 43 e 44) e duas fotografias (Figuras 45 e 46), uma do momento da retirada de uma urna funerária corrugada e a mesma já na reserva técnica. Nenhum desses documentos originais foi localizado no MARSUL.

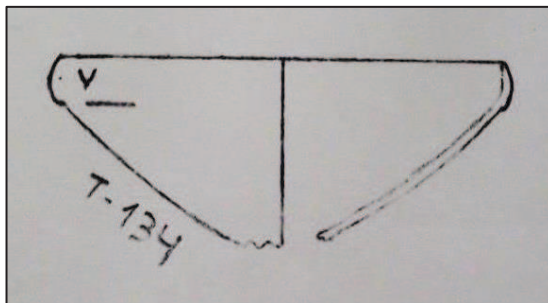


Figura 43: Reprodução de vasilha associada a "estrutura funerária" do sítio RS-S-34. Fonte: Jacobus, 1994.

¹⁸ Numerações dadas por André Jacobus em seu trabalho, só reproduzimos o texto em sua integralidade.

¹⁹ Idem.

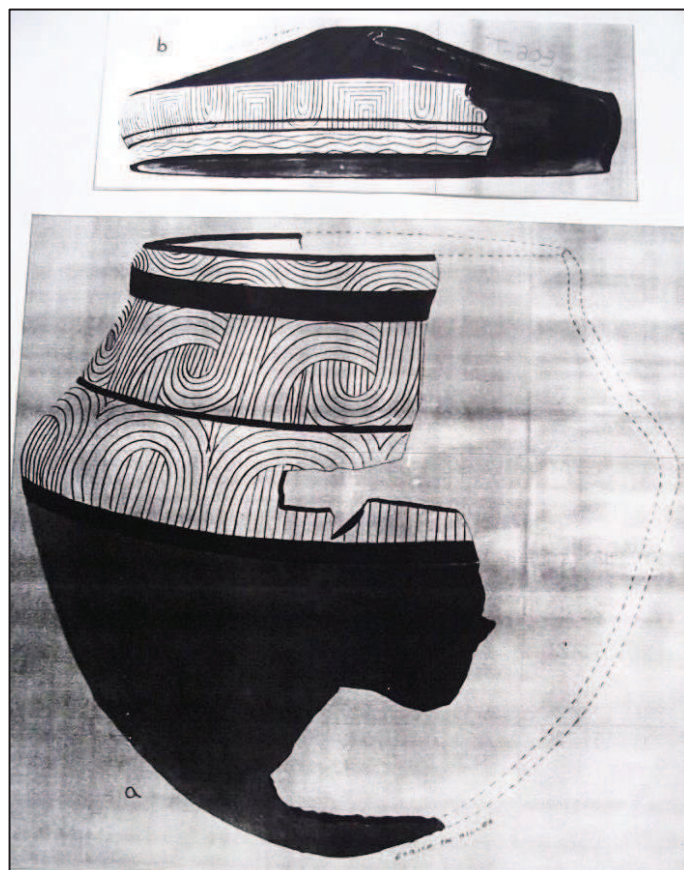


Figura 44: Reprodução de "estrutura funerária" do sítio RS-S-34. Fonte: Jacobus, 1994.



Figura 45: Foto do material coletado no sítio RS-S-34. Fonte: Jacobus, 1994.



Figura 46: Foto do material coletado no sítio RS-S-34. Fonte: Jacobus, 1994.

Além desse material, Jacobus (1994) também menciona e mostra imagens de 2 artefatos que, segundo ele, estariam acompanhando os sepultamentos, como mobiliário: uma plaqueta polida de basalto, com função de adorno peitoral e um fragmento proximal de tembetá, aparentemente de quartzo hialino (Figura 47), que infelizmente não foram localizados na reserva técnica do MARSUL.

A seguir, reproduzimos fotografias atuais das vasilhas cerâmicas desse sítio no acervo tombado do MARSUL (Figuras 48, 49 e 50).



Figura 47: Plaqueta polida (adorno peitoral) de basalto e fragmento proximal de tembetá, em quartzo hialino. Fonte: Jacobus, 1994.



Figura 48: Vasilha da tradição Tupiguarani, com número de Tombo 134, que aparece nas Figuras 43 e 45. Foto: Jefferson L.Z. Dias.



Figura 49: Vasilha da tradição Tupiguarani, com número de Tombo 803, que aparece na Figura 44. Foto: Jefferson L.Z. Dias.



Figura 50: Vasilha corrugada da tradição Tupiguarani, com número de Tombo 1191 (provavelmente a mesma das Figuras 45 e 46). Foto: Jefferson L.Z. Dias.

RS-S-260 - Pinhal

O sítio arqueológico RS-S-260, com número de CRSA 433, pesquisado por E. T. Miller, contém as seguintes informações, registradas em sua documentação:

“Enterramento. Em terras do Sr. Renato Batista, morador local. Localiza-se este sítio sobre o alto de um coxilhão, acompanhando seu eixo que vai de leste para oeste, num suave declive. O terreno está em roça de mandioca, para oeste e leste campo. Água mais próxima fica a 80 m coxilha abaixo na direção sul, dentro de uma pequena mata. O terreno é lavrado de longa data por seus familiares que, conta, quebraram muita louça. O sítio fica a 700 m do rio dos Sinos a margem esquerda, e a 1500 m a oeste da Vila de Santa Cristina do Pinhal. Há dois meses, pela lavração foram quebradas várias painelas grandes e pequenas, muitas partes foram levadas pelos curiosos. Escavamos e encontramos alguns cacós. Conseguimos ainda

uma pequena panela. A ausência de coloração a não ser a da terra indica que pertenceu a um enterramento. Data: 11/12/65”.

Parte integrante da documentação deste sítio, a ficha original de contagem de material registra que não havia material lítico, somente cerâmica pertencente à tradição Tupiguarani, coletada superficialmente e em duas sondagens estratigráficas.

Ainda fazem parte da documentação deste sítio arqueológico, um croqui e uma fotografia (Figuras 51 e 52).

No croqui, aparecem duas notações para a sigla do sítio. No entanto, confirmando na listagem de sítios do CRSA, o número correto é 260.

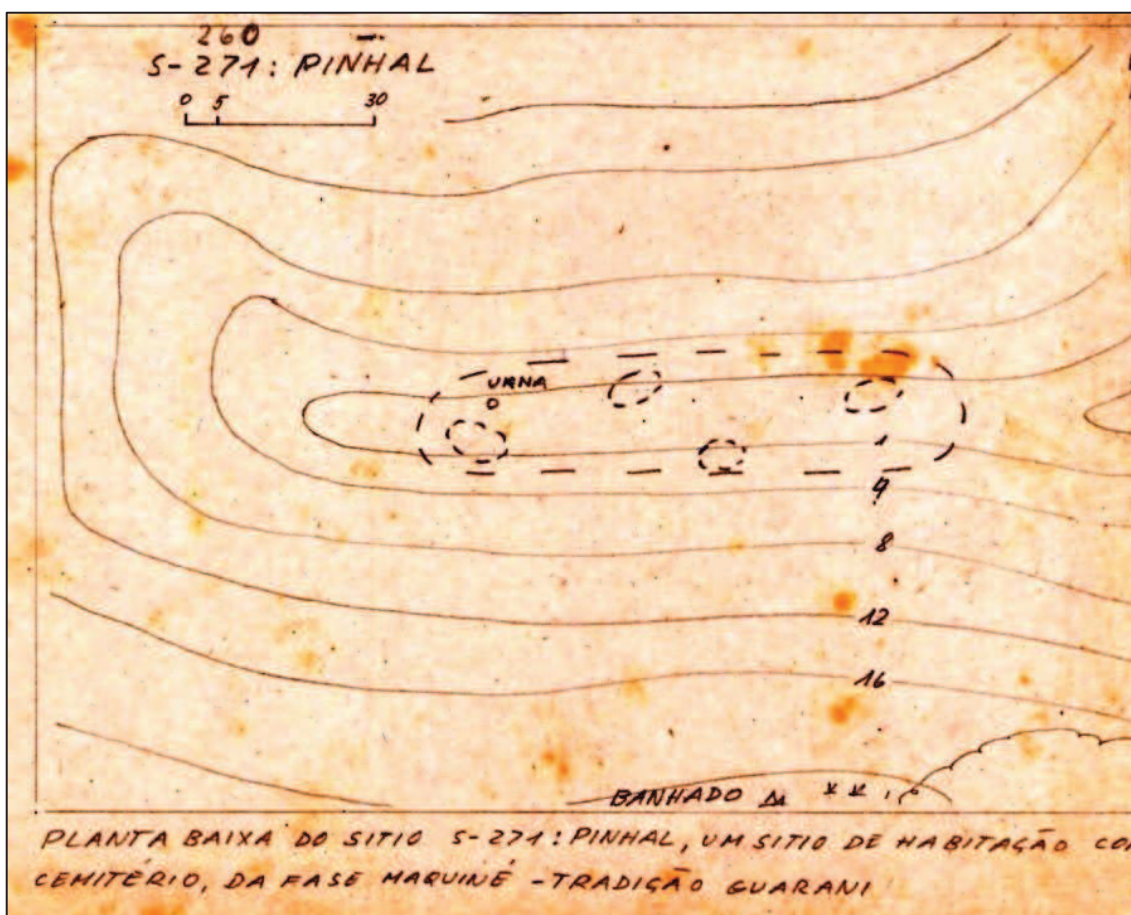


Figura 51: Croqui do sítio arqueológico RS-S-260. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 52: Vista geral do sítio arqueológico RS-S-260. Fonte: Acervo MARSUL.

A seguir, apresentamos os dados registrados por E. T. Miller, nas sondagens estratigráficas realizadas no sítio. Iniciamos pelas informações acerca do registro do conteúdo cultural do Corte 1, nível 1 (0-10 cm), com o número de catálogo 434. Segundo a documentação temos:

“Escavação de 1x1 m, parte centro sul do sítio. Superfície pouco capim. Solo fofo com algumas raízes de capim. Coloração cinza escuro, pouco carvão. Cacos médios a pequenos, mas pouco erodidos. Pequena quantidade fragmentos de polidor de arenito. Data: 11/12/65”.

A ficha de contagem original apresenta 1 fragmento de arenito friável e 2 seixos basaltóides, extremamente pequenos. Já o material cerâmico estaria composto de 37 cacos, pertencentes à Tradição Tupiguarani.

Ainda referente ao Corte 1, temos as seguintes informações para o nível 2 (10-20 cm):

“Solo fofo sem raízes, pouco carvão, coloração cinza escuro. Cacos médios e pequenos, pouco erodidos, pequena quantidade. Pedacos de pedra grês (arenito). Data: 11/12/65”.

A contabilização original do material para este nível identifica 7 objetos líticos e 25 cacos de cerâmica da Tradição Tupiguarani.

Para o Nível 3 (20-30 cm) do Corte 1, temos:

“Solo fofo, sem raízes, pouco carvão. Coloração cinza claro e cinza escuro na parte norte da escavação, onde estão mais concentrados os cacos. Cacos médios a pequenos, pouco erodidos. Pouquíssimos. Pedaco de pedra grês. Data: 11/12/65”.

A descrição da quantidade de material lito-cerâmico está assim apresentada: 1 fragmento de arenito friável e 10 fragmentos cerâmicos.

Registrando as informações para o Nível 4 (30-40 cm), E. T. Miller apresenta:

“Solo fofo, sem carvão, coloração terra local manchada de cinza. Um (1) caco e uma pedra grês na parte norte da escavação entre 30 e 35 cm. Data: 11/12/65”.

Conforme a contagem original, este nível apresenta 1 objeto lítico, descrito como um fragmento de seixo de arenito silicificado. Com relação à cerâmica, 1 fragmento (corpo) apresentando a decoração unglada, pertencendo a tradição Tupiguarani.

Ao realizar uma segunda sondagem, Corte 2, no Nível 1 (0-10 cm) E. T. Miller registrou:

“Escavação efetuada na parte centro norte do sítio. Superfície limpa. 1x1 m. Solo fofo de cor cinza escuro, pouco carvão. Cacos homogeneamente espalhados, tamanho médio a pequeno, pouco erodidos. Um polidor de arenito. Pedras de arenito. Data: 11/12/65”.

A ficha de contagem original do material deste corte registra que haviam 3 objetos líticos, enquanto que a cerâmica foi quantificada em 31 fragmentos, que pertencem a tradição Tupiguarani.

No Nível 2 (10-20 cm), Miller registrou o seguinte:

“Solo fofo, cinza escuro, pouco carvão. Cacos grandes e pequenos, pouco erodidos. Pedacos de arenito. Data: 11/12/65”.

A ficha de contagem do material registra 3 fragmentos de arenito friável, e 22 fragmentos de cerâmica da Tradição Tupiguarani.

E. T. Miller, registra para o Nível 3 (20-30 cm) do Corte 2, o seguinte:

“Solo fofo, cinza claro (manchas) e arenoso, pouquíssimo carvão. Cacos médios e pequenos, poucos. Data: 11/12/65”.

O material lítico está caracterizado por 1 fragmento de arenito friável. Já a contagem cerâmica registra originalmente 8 fragmentos.

No último nível escavado, Nível 4 (30-40 cm) do Corte 2, temos o seguinte registro:

“Solo fofo, cor areia suja, sem carvão. Um caco grande, um pequeno. Um núcleo de basalto. Data: 11/12/65”.

Como ocorrido com outros sítios arqueológicos, André Jacobus (1994) faz a seguinte descrição para o sítio arqueológico RS-S-260 - Pinhal:

“Pesquisado por Eurico Th. Miller, em 11/12/65, durante o PRONAPA. Coleta superficial (nº catálogo 433) e dois cortes estratigráficos de 1x1 m, com quatro níveis de 10 cm cada um. Corte 1 (434 a 437) e corte 2 (438 a 441). Recuperou 256 fragmentos de cerâmica e 19 líticos. Inicialmente o sítio tinha a sigla RS-S-271. Situa-se na localidade de Santa Cristina do Pinhal, no município de Parobé, a 700 m da margem esquerda do rio dos Sinos e a 1500 m da sede da localidade, em terras de Renato Batista. Na figura nº 4 encontra-se a planta baixa do sítio, não há indicação da localização dos dois cortes, somente de áreas escuras e da urna.”

Nos dois registros (Miller e Jacobus), é mencionada uma estrutura funerária. Junto ao acervo do sítio no MARSUL, identificamos uma vasilha, que poderia ser a urna mencionada (Figura 53), além de fragmentos do que seria a tampa dessa estrutura,

todas com decoração predominantemente ungulada. A panela mencionada por Miller, encontrada inteira, foi tombada com o n° 320, mas não foi encontrada.



Figura 53: Vasilha com decoração plástica ungulada da tradição Tupiguarani, do sítio RS-S-260. Foto: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-291 - Zezinho Paz 1

Com número de CRSA 472, outro sítio arqueológico pesquisado por E. T. Miller, no município de Parobé, é o sítio RS-S-291 - Zezinho Paz 1. Na ficha original deste sítio consta:

“Proprietário: Darcy Pereira. Santa Cristina do Pinhal. Sobre uma elevação a 400 m da estrada para São Leopoldo e a esquerda do rio dos Sinos e deste 1300 m. Entre duas estradas de roça que tangem. A leste o mato, ao sul o pico do morro, a oeste roça e capoeira. Solo arenoso com mudas de eucalipto, a 20 cm no subsolo a base arenítica do morro. Sítio de habitação pequeno com três manchas de terra preta, poucos cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas e pedras de arenito cozido. O material foi colhido por todo o sítio, a maioria na parte norte. Data: 10/01/66”.

Fazem parte da documentação desse sítio somente um croqui com planta baixa, indicando a localização das manchas de terra preta (Figura 54).

Segundo a contagem original do material, encontrada junto à ficha de registro, haveriam 63 peças líticas e 294 fragmentos cerâmicos.

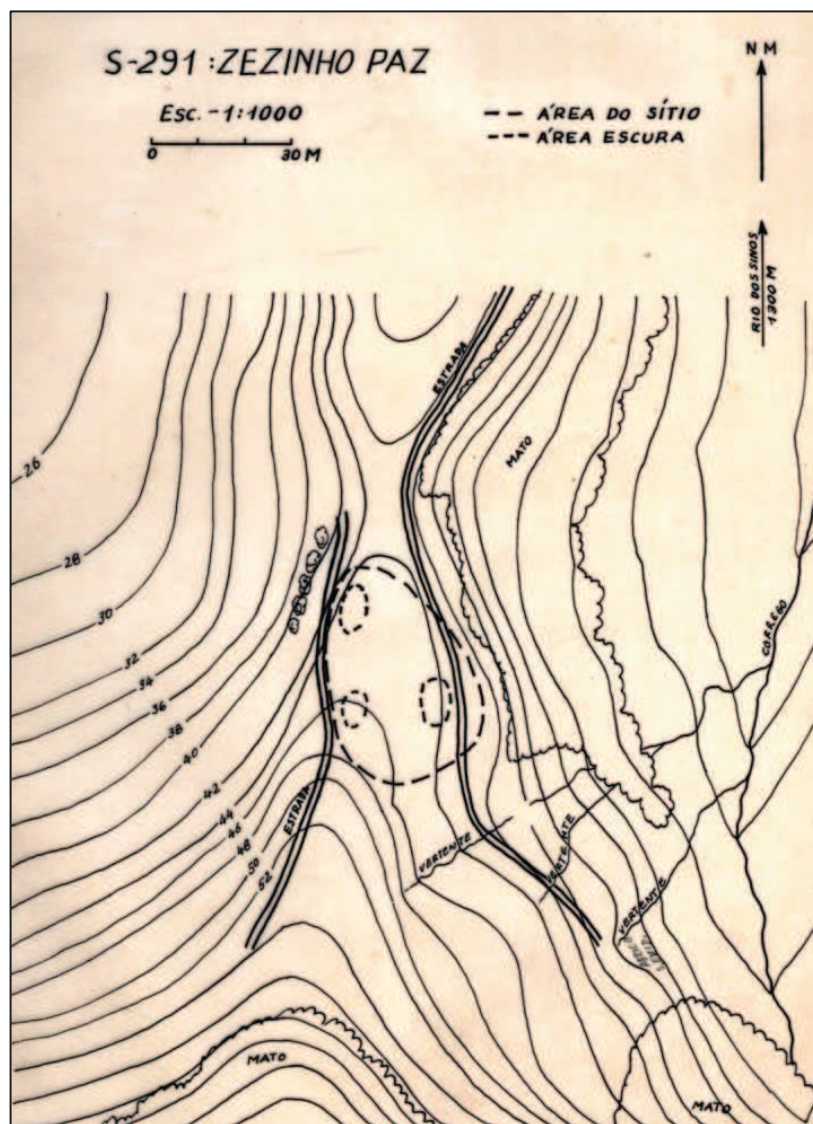


Figura 54: Croqui do sítio arqueológico RS-S-291. Fonte: Acervo MARSUL.

RS-S-292 - Zezinho Paz 2

O sítio RS-S-292 tem como número do CRSA 473. Nas informações originalmente registradas por E. T. Miller, consta que se localiza:

“Numa colina, digo coxilha a 700 m da margem esquerda do rio dos Sinos e a direita da estrada de São Leopoldo. Ao norte, cemitério e mato, a leste várzea e casa do proprietário, a oeste campo e capoeiral. Solo arenoso e fofo. Sítio coroa a elevação, sendo de tamanho pequeno, com duas manchas de terra escura, para oeste. Cacos pequenos e muito erodidos, sem concentração e colhidos por todo o sítio. Data: 11/01/66”.

A documentação compreende um croqui do sítio e uma fotografia da área (Figuras 55 e 56). A contagem do material, segundo a ficha original, registra 12 peças líticas e 134 fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani.

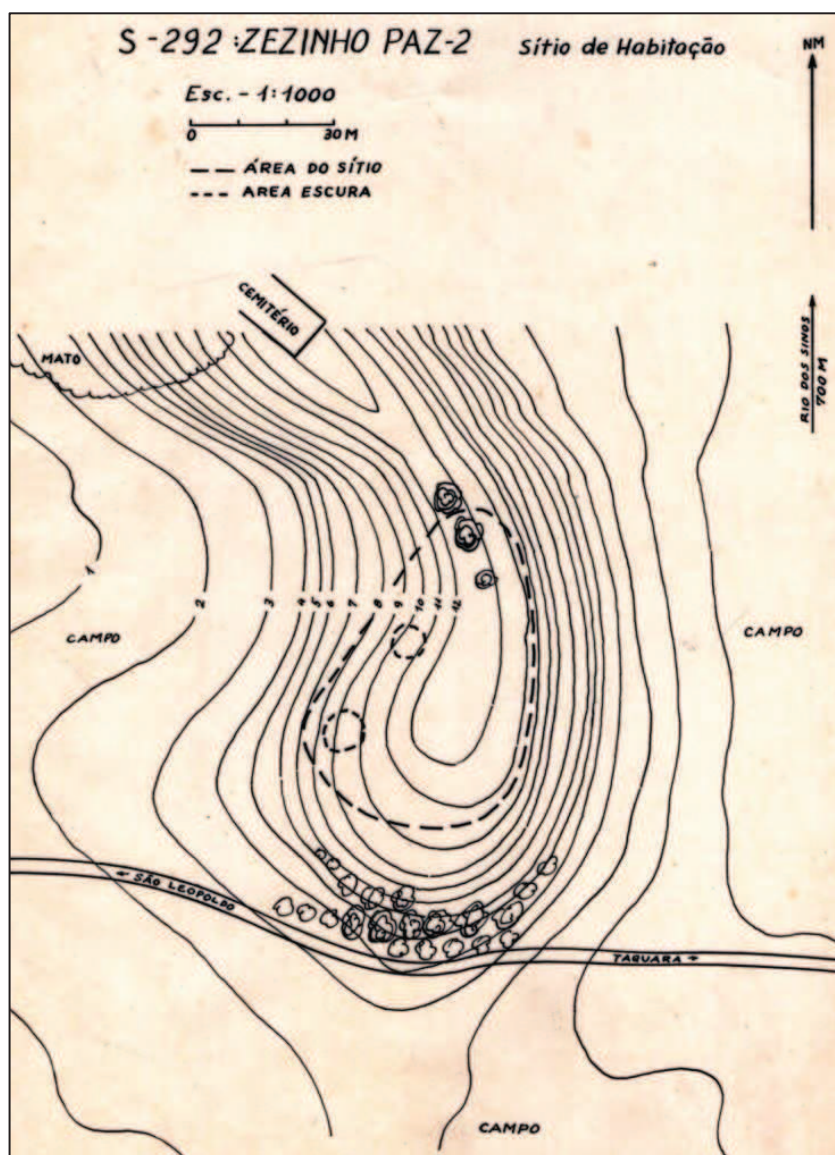


Figura 55: Croqui do sítio arqueológico RS-S-292. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 56: Vista geral do sítio arqueológico RS-S-292, no topo da elevação. Fonte: Acervo MARSUL.

2.2.4 Sítios Arqueológicos do município de Sapiranga

No município de Sapiranga foram localizados 7 sítios arqueológicos, 4 pertencentes somente à tradição Tupiguarani e 3 considerados multicomponenciais, pois apresentam material das tradições Taquara e Tupiguarani (Figura 57).

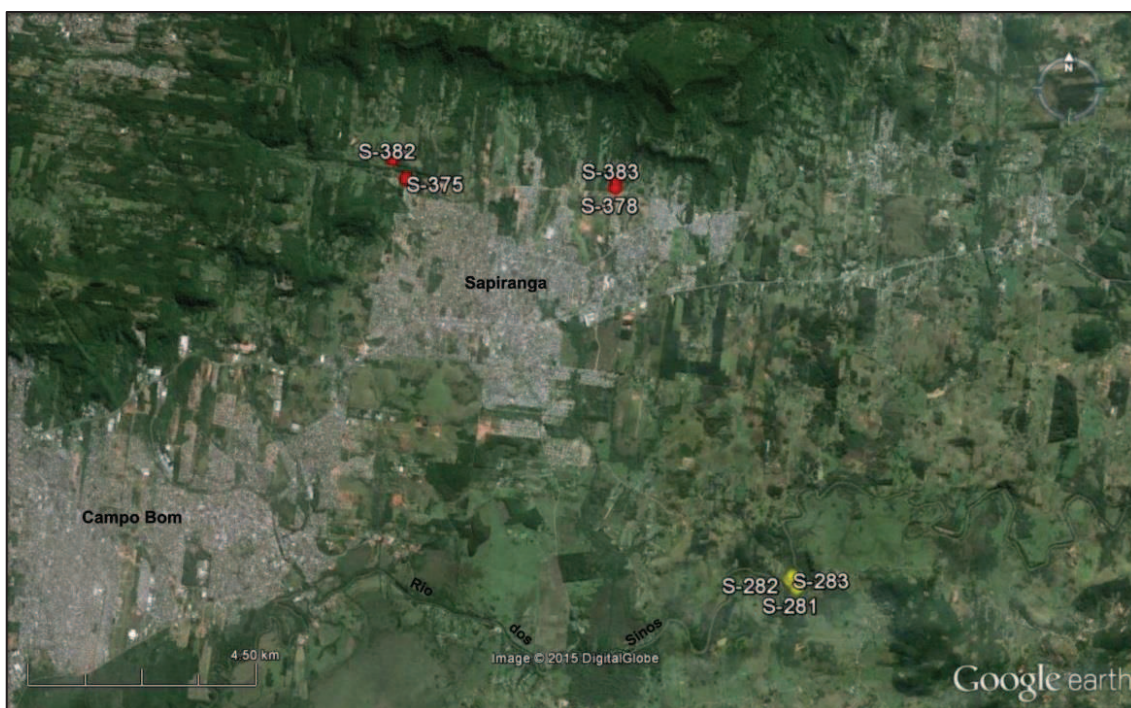


Figura 57: Localização dos sítios arqueológicos no município de Sapiranga (vermelho = sítios tupiguarani, amarelo = sítios multicomponenciais tg/ta). Fonte: Google Earth, 2015.

RS-S-281 - Porto Palmeira 1

A região do Porto Palmeira ou Porto das Palmeiras é de grande interesse para a nossa pesquisa, pois é uma dos raros locais, dentro da área de estudo e fora da parte alta da bacia hidrográfica do Paranhana em que aparecem, num pequeno espaço, 3 sítios multicomponenciais com presença de cerâmica Tupiguarani e Taquara (Figura 58).

As informações das fichas de registro e contagens de material originais são apresentadas a seguir.



Figura 58: Localização dos sítios arqueológicos da região de Porto Palmeira, no município de Sapiranga (amarelo = sítios multicomponenciais tg/ta). Fonte: Google Earth, 2015.

Para o sítio RS-S-281, cujo número de CRSA é 454, Miller registra as seguintes informações:

“Proprietário: Olinerindo Cesário da Silva, morador local. Sítio de habitação Guarani. Superfície parte campo e parte roça de mandioca e cana-de-açúcar, mais ou menos limpa. Duas manchas pequenas de terra escura. A margem direita do rio dos Sinos, +/- 120 m no local chamado Porto das Palmeiras. Elevação baixa tipo coxilha. Ao sul o rio e banhados a oeste pequena várzea com arroio, ao norte roça e S-282 e ao leste a estrada para o porto (barca) com plantação de acácia. Solo +/- solto (arado) cor cinza marrom claro, ao redor solo arenoso

argiloso. Cacos pequenos a médios, erodidos. Alguns tipo Morro da Formiga (Taquara). Poucos petrefatos. Data: 26/12/65”

Fazem parte da documentação deste sítio arqueológico, um croqui da área pesquisada e uma fotografia da mesma (Figuras 59 e 60).

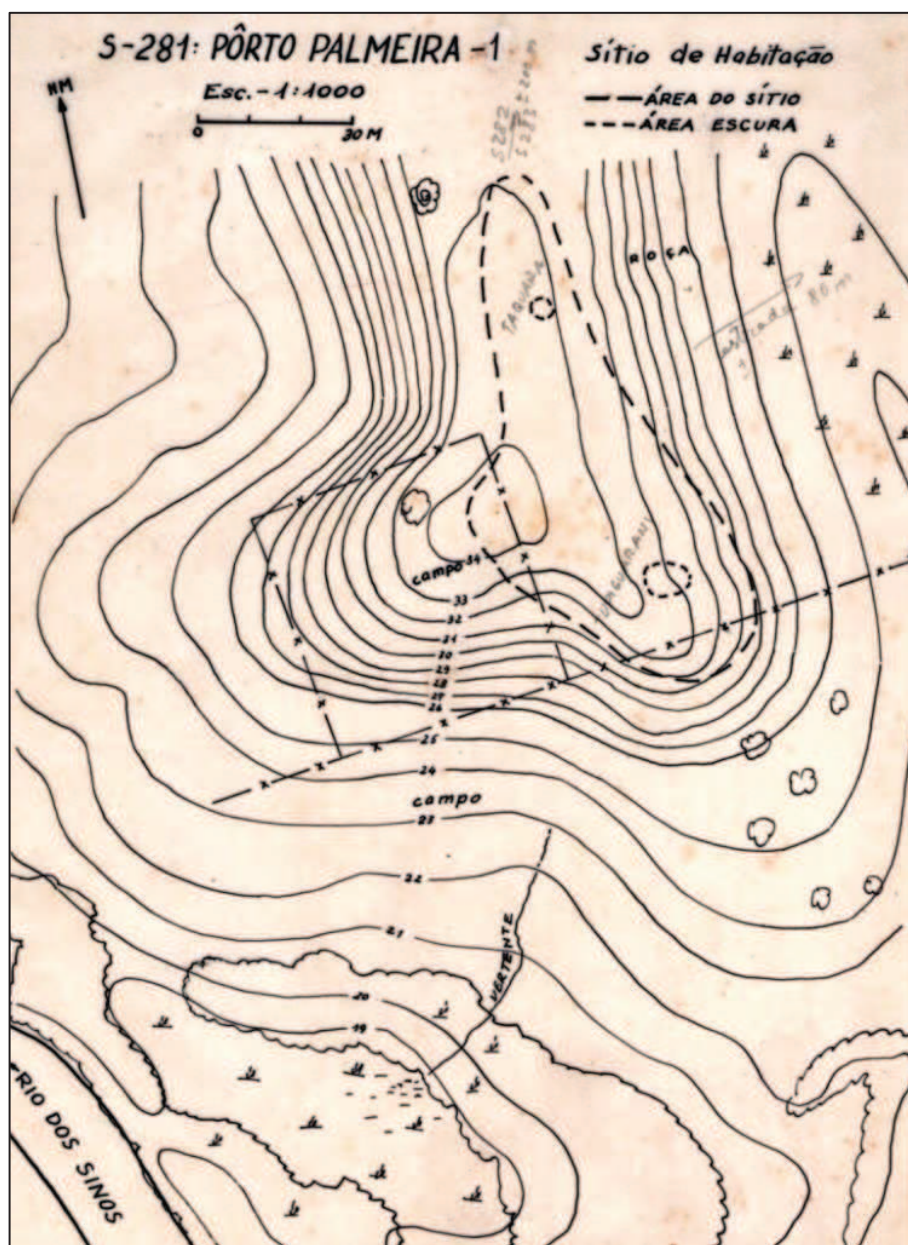


Figura 59: Croqui do sítio arqueológico RS-S-281. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 60: Vista geral da área do sítio arqueológico RS-S-281. Fonte: Acervo MARSUL.

Esse sítio não recebeu intervenção subsuperficial, somente coleta de superfície, em dois locais, mencionados por Miller. A ficha de contagem original do material apontava para 17 peças líticas e 147 fragmentos de cerâmica pertencentes a tradição Tupiguarani.

Apesar de informar na ficha de registro, Miller não discrimina na contagem os fragmentos da tradição Taquara. Porém, na análise que fizemos (ver Capítulo 3), encontramos 2 fragmentos dessa tradição cerâmica.

RS-S-282 - Porto Palmeira 2

Com número do CRSA 455, Miller registra o sítio arqueológico RS-S-282 – Porto Palmeira 2, as informações abaixo:

“Pela mesma coxilha do S-281 para o norte \pm 120 m. A oeste pequena várzea e arroio, para norte roça e banhado, oeste junto ao sítio, estrada do porto (barca) para o sul S-281. Solo \pm solto (arado) cor cinza marrom claro, ao redor solo arenoargiloso. Três manchas de terra escura. Cacos pequenos a médios, alguns grandes, \pm erodidos, colhidos em toda a superfície,

principalmente aqueles que talvez pertençam a um painel com escora interna.

Alguns cacos tipo Morro da Formiga (Taquara). Poucos petrefatos. Proprietário: Olinerindo Cesário da Silva, morador local (terras dos familiares). Data: 27/12/65”

Faz parte da documentação deste sítio arqueológico um croqui com planta baixa (Figura 61), que também agrega o sítio RS-S-283. Junto com os registros documentais, encontramos também mais 2 fotografias, sem identificação.

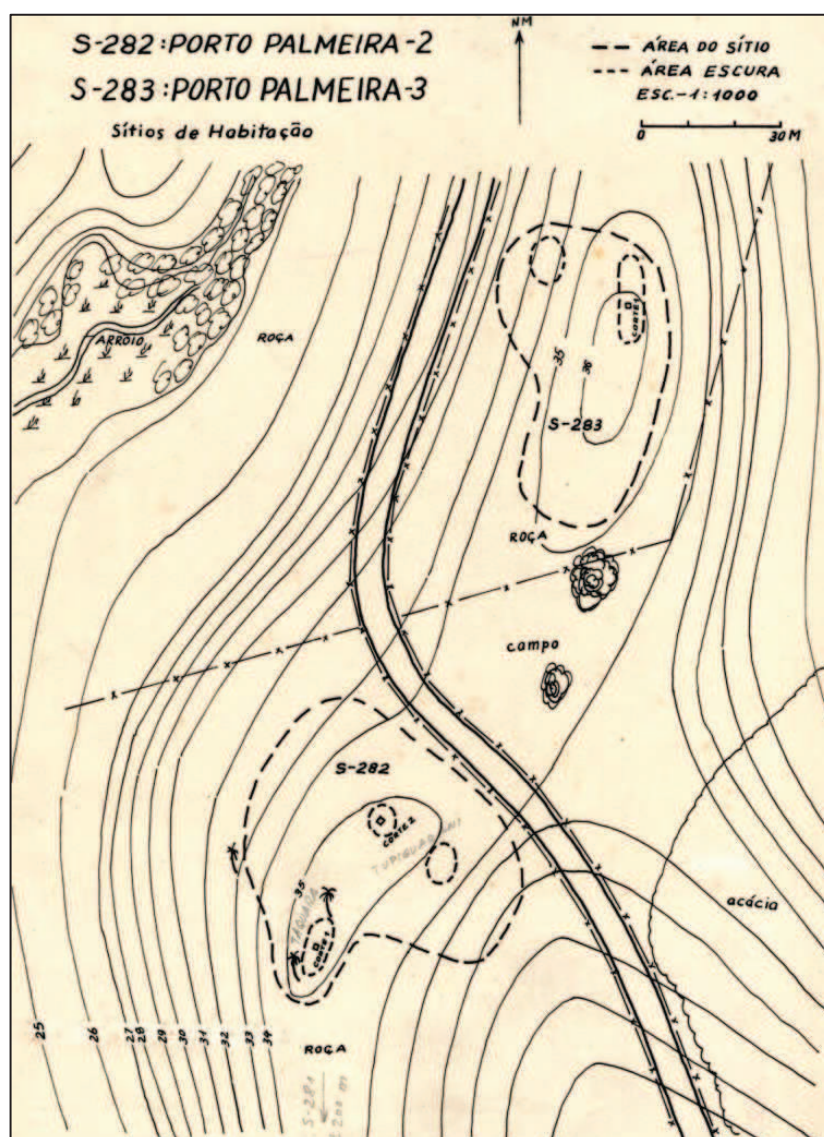


Figura 61: Croqui dos sítios arqueológicos RS-S-282 e RS-S-283. Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 62: Vista geral da área dos sítios arqueológicos RS-S-283 e RS-S-282 (na área de lavoura, ao fundo). Fonte: Acervo MARSUL.



Figura 63: Sondagem estratigráfica, realizada no sítio RS-S-282. Fonte: Acervo MARSUL.

Comparando com a descrição feita por Miller e com a planta baixa do croqui, pudemos associar a imagem da Figura 62 com uma vista dos sítios S-282 e S-283, a partir do segundo em direção ao primeiro, que possui área recém arada. A imagem da Figura 63 apresenta um perfil estratigráfico que, provavelmente, é de uma das sondagens realizadas no sítio S-282.

A ficha de contagem original registra 49 peças líticas e 519 fragmentos cerâmicos, associados à tradição Tupiguarani, resgatados na coleta superficial. Junto desta ficha ainda estão registradas as seguintes informações: “1 fragmento de afiador em canaleta, 29 fragmentos de cerâmica da tradição Taquara”.

Embora não mencionado na descrição geral do sítio, vista mais acima, esse sítio recebeu intervenção subsuperficial (ver Figura 63), em duas sondagens estratigráficas de 1 x 1,5 m, sendo que cada sondagem e cada nível artificial escavado recebeu um número de CRSA separado.

Para a sondagem 1 (CRSA 456), Miller informa:

“Escavação de 1,5 x 1,5 m ao sul do sítio, onde encontramos cacos Tipo Morro da Formiga (Taquara) e lascas de arenito cozido. Superfície alguns cacos e lascas, com plantação de mandioca. Solo solto, cor cinza marrom médio, pouco carvão. Cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas. Data: 27/12/65”

A ficha de contagem de material para este corte, no nível 1 (10-20 cm, CRSA 456), Miller registra as seguintes informações: “material lítico composto por 34 peças, 7 cacos de cerâmica da tradição Tupiguarani”. Nesta ficha existe, ainda, a seguinte observação: “10 fragmentos de cerâmica Taquara”.

Para o nível 2 (10-20 cm, CRSA 457), Miller registrou:

“Solo pouco mais compacto, cor cinza marrom escuro, carvão não muito abundante. Cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas. Data: 27/12/65”.

Na ficha original de contagem de material, estão registradas 34 peças líticas e 30 fragmentos cerâmicos associados à tradição Tupiguarani, Há ainda o registro de 6 fragmentos cerâmicos característicos da tradição Taquara

O último nível escavado, nível 3 (20-30 cm, CRSA 458) do Corte 1, Miller registra os seguintes dados:

“Solo fofo, cor cinza marrom claro, pouco carvão. Cacos pequenos e erodidos (até 29 cm). Algumas lascas. Escavamos mais 40 cm chegando a uma camada natural não arqueológica de seixos profundamente (totalmente) oxidados de basalto, que não apresentava à mão muito peso. Data: 27/12/65”.

Estão quantificados 10 objetos líticos e 3 fragmentos cerâmicos que pertencem a tradição Tupiguarani. Ainda está registrado a identificação de 1 fragmento de cerâmica Taquara.

A sondagem 2 está identificada com o número do CRSA 459. Em seu nível 1 (0-10 cm), registrou:

“Escavação de 1,5x1,5 m na parte centronordeste, ao canto de uma mancha de terra escura. Superfície cultivada com mandioca. Solo solto, cor cinza marrom médio, pouco carvão. Cacos pequenos a médios e pouco erodidos. Data: 27/12/65.”

Na ficha de contagem de material, está registrado que neste nível não havia material lítico.

Já os fragmentos cerâmicos totalizam, pela contagem original, 62 fragmentos, pertencentes à tradição Tupiguarani.

Na sondagem 2, nível 2 (10-20 cm, CRSA 460), Miller registra as seguintes informações:

“Solo solto, cor cinza marrom escuro, muito carvão, com (colhemos amostra para C¹⁴) algumas manchas cinza marrom claro. Cacos pequenos a médios, pouco erodidos. Data: 27/12/65.”.

Na ficha de contagem de material, não existe registro para material lítico. Já a cerâmica encontrada está atribuída a tradição Tupiguarani e compõem-se de 18 cacos.

Para o último nível, nível 3 (20-30 cm, CRSA 461), Miller registra:

“Solo fofo, cor cinza marrom médio, muito carvão (colhemos amostra para C¹⁴), manchas marrom claro. Cacos pequenos a médios, pouco erodidos. Cacos até 30 cm. Abaixo aos 35 cm areia limpa até 80 cm de profundidade. Data: 27/12/65.”

A quantificação encontrada junto da documentação original, registra a ocorrência de 4 fragmentos cerâmicos pertencentes a tradição Tupiguarani. Não existe material lítico para este nível.

RS-S-283 - Porto Palmeira 3

O sítio arqueológico RS-S-283 (Figura 64), com número do CRSA 462, foi pesquisado por E. T. Miller, que registrou as seguintes informações gerais:

“A nordeste do S-282, a +/- 70 m, tendo a estrada do porto entre ambos, e a mesma coxilha por base. Sítio de habitação. A sul e oeste a estrada, ao norte eucaliptos (1 m) e a leste eucaliptos e acácias. Superfície em capinzal e roça de mandioca, com algum milho. Duas manchas de terra escura, a de oeste ocupada por cacos Guaranis e a de leste por grande quantidade de lascas e choppers. A 6 m dos cacos Guaranis, para o sul cacos (poucos) tipo Morro da Formiga (Taquara). Cacos médios pouco erodidos. Proprietário: Elisio Costa, morador local (familiares). Data: 27/12/65.”

A ficha original de contagem de material registra a ocorrência de 107 objetos líticos em superfície. Para a cerâmica foram contabilizados, originalmente, 294 cacos representativos da tradição Tupiguarani. Uma observação, feita por Miller na ficha do sítio, indica ainda a presença de 7 fragmentos de cerâmica da tradição Taquara, todos em superfície.



Figura 64: Vista parcial da área do sítio arqueológico RS-S-283. Fonte: Acervo MARSUL.

Foi feita uma sondagem estratigráfica de 2,0 x 2,0 m, escavada em dois níveis estratigráficos artificiais. No nível 1 (0-10 cm, CRSA 463), Miller registrou:

“Escavação de 2x2 m ao centro da mancha contendo lascas. Superfície com capim e mandioca. Solo solto cor cinza escuro, pouco carvão, raízes de capim. Algumas lascas e um caco. Data: 27/12/65.”

Na ficha original de contagem de material, são registradas 52 peças líticas. Embora não ocorra cerâmica, a afiliação cultural feita por Miller associa as peças líticas à tradição Tupiguarani.

Para o nível 2 (10-20 cm, CRSA 464), Miller registrou:

“Solo solto cor cinza claro, pouco carvão, algumas raízes. Lascas de basalto e arenito cozido, até 18 cm. Nenhum caco. Abaixo até 80 cm nada encontramos. Data: 27/12/65.”

A ficha original de contagem de material registra 23 peças líticas, sem a presença de material cerâmico. Como no nível anterior, Miller associa o material lítico à tradição Tupiguarani.

RS-S-375 - Otto Wingert 1 e RS-S-382 - Otto Wingert 2

Esses dois sítios (CRSA 4385 e 4395, respectivamente) foram pesquisados por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, entre 25 de março e 22 de abril do ano de 1967. Segundo sua informação na ficha de registro, o sítio localiza-se em:

“Sapiranga, proprietário: Otto Wingert. O sítio ‘1’ (4385) está na encosta sul de uma suave elevação de terreno e o ‘2’ (4395) na encosta norte de um morro próximo a baixada e distante do ‘1’ em linha reta, 600 m, aproximadamente.

Para chegar-se nos sítios toma-se a estrada Sapiranga-Kraemer Eck, até a casa do proprietário são 3 km e está a esquerda da estrada, uns 100 m depois a direita um caminho de roça leva ao sítio ‘1’ distante 400 m e bem junto ao caminho, a direita, ao ‘2’ deve-se tomar o caminho a esquerda, distante uns 200 m depois da casa do Sr. Otto, e neste último caminho, mais 200 m, depois de passar por um arroio e iniciar a subida (está em ambos os lados mas o caminho cortou a extremidade leste do mesmo). Sítio ‘1’: área de 30 m de diâmetro, solo arenoso, água mais próxima: arroio Sapiranga uns 100 m ao sudoeste. Material: cerâmica Tupiguarani. O local é lavrado a 15 anos e no início apareciam manchas pretas no chão. Cultivo: mandiocal (parte de mato natural cobre o sítio). Sítio ‘2’: solo arenoso, área de 30 m de diâmetro, água mais próxima arroio Sapiranga 150 m ao norte. Material: cerâmica tupiguarani. Cultivo: mandiocal, canavial e macegas. O proprietário diz que aparecia mancha preta circular mas fazem 45 anos que o local é lavrado. Registrado por: Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Data: 25/03 e 22/04/67.”

Segundo a ficha de contagem de material, no sítio RS-S-375 foram recolhidos, em superfície, 157 cacos de cerâmica da tradição Tupiguarani. No sítio RS-S-382, também através de coleta superficial, foram obtidos 82 fragmentos de cerâmica tupiguarani.

Não existe nenhuma outra documentação (croqui com planta baixa, fotografias) no acervo documental do MARSUL.

RS-S-378 - José Wenter 1 e RS-S-383 - José Wenter 2

Os sítios RS-S-378 (CRSA 4388) e RS-S-383 (CRSA 4396) foram também pesquisados por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, na mesma época dos sítios mencionados acima.

Uma única ficha de registro foi encontrada, onde estão as seguintes informações:

“Morro Ferrabraz, Sapiranga. Proprietário: José Wenter. Para chegar-se nos sítios deve-se tomar a estrada de Amaral Ribeiro ao Morro Ferrabraz; uns 3 km da primeira localidade, no grande patamar do morro, depois de um entroncamento sendo que a esquerda acompanha o patamar podendo-se, por ele, alcançar ou a parte baixa novamente, ou a Picada São Jacob e, seguindo-se reto por uns 100 m, a direita, está a casa do proprietário. Nos fundos da casa, distante uns 50 m, num lugar plano está o sítio ‘1’; o sítio ‘2’ está em frente, de outro caminho, uns 150 m distante e num local mais alto, num pequeno patamar.

Características do sítio ‘1’: área 50x30 m, solo avermelhado (basalto em decomposição) água mais próxima é uma vertente e pequenos córregos (o mais próximo 100 m), cultivo de milho, aveia e cana-de-açúcar. Material: cerâmica tupiguarani. Encontrava manchas pretas de mais ou menos 5m de diâmetro logo que abriu o mato para fazer roça, encontrou 3 manchas e uma delas tinha mais ou menos 10 m de diâmetro, fazem muito anos.

Sítio ‘2’: área 100x300 m, solo avermelhado (basalto em decomposição), água mais próxima vertentes e córregos (mais próxima a 100 m), cultivo de hortaliças e solo arado para cultivo. Material: cerâmica tupiguarani.

O proprietário doou uma boleadeira. Registrado por: Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Data: 25/05/67”

Para esses sítios, também não existe nenhuma outra documentação (croqui com planta baixa, fotografias) no acervo documental do MARSUL.

Embora a ficha de registro mencione material cerâmico nos dois sítios, somente encontramos no acervo a cerâmica do sítio S-378, com 99 fragmentos associados à tradição Tupiguarani, além de 2 peças líticas.

Para o sítio S-383, nada foi localizado. Também não encontramos a bola de boleadeira, referida por Mentz Ribeiro, na ficha de registro.

Nesse capítulo, fornecemos as informações básicas sobre os sítios amostrados, procurando dispor o que encontramos, especialmente, no acervo documental do MARSUL.

Partindo dessa base de dados, no capítulo seguinte apresentaremos os resultados da análise do acervo material desses sítios, a partir de uma classificação dos vestígios lito-cerâmicos, comparando também esses dados com as informações encontradas nos registros deixados por Miller e Mentz Ribeiro.

CAPÍTULO 3

O MATERIAL LITO-CERÂMICO DOS SÍTIOS DA BACIA DO RIO PARANHANA E ÁREAS PRÓXIMAS

No capítulo anterior, foram apresentadas as informações básicas sobre os sítios arqueológicos associados às tradições Taquara e Tupiguarani, na área de estudo.

Ainda que procurássemos utilizar como amostra somente aqueles sítios em que houvesse tanto informações descritivas sobre sua localização e características físicas, a partir do Catálogo de Registro de Sítios Arqueológicos (CRSA) do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), como acervo material na Reserva Técnica daquela instituição, resultando em um universo amostral de 27 sítios, nem sempre os dois elementos ocorreram, especialmente quanto ao acervo de material arqueológico.

A metodologia de análise foi feita, especialmente, a partir e com o objetivo de constituir uma base tipológica simplificada, buscando caracterizar principalmente a variação morfológica e o tratamento de superfície da cerâmica nas duas tradições (além de informações básicas sobre características da pasta e da queima) e, para o material lítico, as matérias primas e categorias de artefatos produzidas. Trata-se, portanto, de uma análise inicial, que poderá no futuro ser mais aprofundada.

Abaixo, apresentaremos o resultado das análises quantitativas²⁰ e qualitativas sobre o material lítico e cerâmico daqueles sítios que possuíam acervo identificado. A ordem seguirá a mesma em que, no capítulo anterior, foram descritos.

3.1 O material arqueológico dos sítios do município de Três Coroas

RS-S-296 - Arroio Iraparú 1

Neste sítio, Miller realizou três coletas superficiais em diferentes pontos, registrando tanto material cerâmico como lítico, que associou à tradição Tupiguarani.

²⁰ Quanto à contagem do material lito-cerâmico, nem sempre a quantificação encontrada nas fichas de registro, feita por Miller ou Mentz Ribeiro, reflete naquela que fizemos para essa tese.

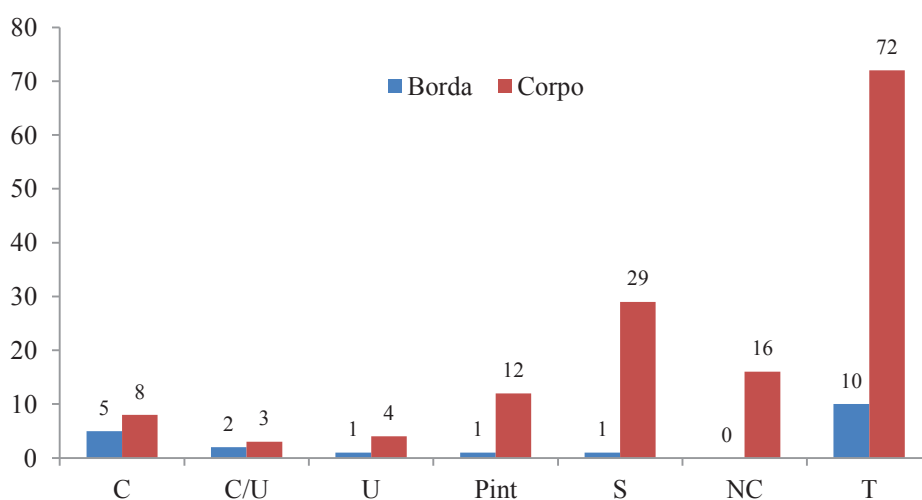
O material cerâmico contabilizou, ao todo, 644 fragmentos, entre bordas, bases e outras diferentes posições do corpo das vasilhas²¹.

De uma maneira geral, apresenta-se com coloração externa marrom clara à marrom avermelhada, com muitos fragmentos relativamente grandes (entre 5 a 10 cm), com paredes com média de 1 cm de espessura e uma pasta composta por argila compacta e um antiplástico arenoso médio a grosseiro, predominantemente quartzoso e quase sempre com baixo grau de esfericidade, indicando utilização de áreas fontes locais. Não foi observado o uso de chamote (cerâmica triturada) como antiplástico, embora ocorram eventualmente fragmentos de basalto triturado.

A produção foi feita a partir de roletes, apresentando uma queima predominantemente oxidante incompleta.

No primeiro ponto de coleta, Miller registrou 82 fragmentos cerâmicos, número igualmente registrado em nossa análise (Gráfico 1).

Gráfico 1: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no primeiro ponto de coleta.



A maior parte dos fragmentos apresentou um tratamento de superfície não decorado, somente com alisamento externo e interno (classificado como “simples”). É relativamente comum também o corrugado e o corrugado unglado, sendo menos

²¹ Nos gráficos de quantificação da cerâmica, sempre separamos os fragmentos de bordas daqueles relacionados ao corpo e base das vasilhas (que denominamos somente "corpo"), para melhor visualizar a relação entre o total de fragmentos e a possibilidade de reconstituição de modelos gráficos a partir das bordas.

representativo o unglado. Ocorrem também alguns fragmentos de vasilhas pintadas, sobretudo com pigmento vermelho interno e externo²².

Fragmentos não classificados em categorias de tratamento de superfície, especialmente por estarem erodidos, foram contabilizados como “não classificados” (NC), e são relativamente frequentes em todas as amostras.

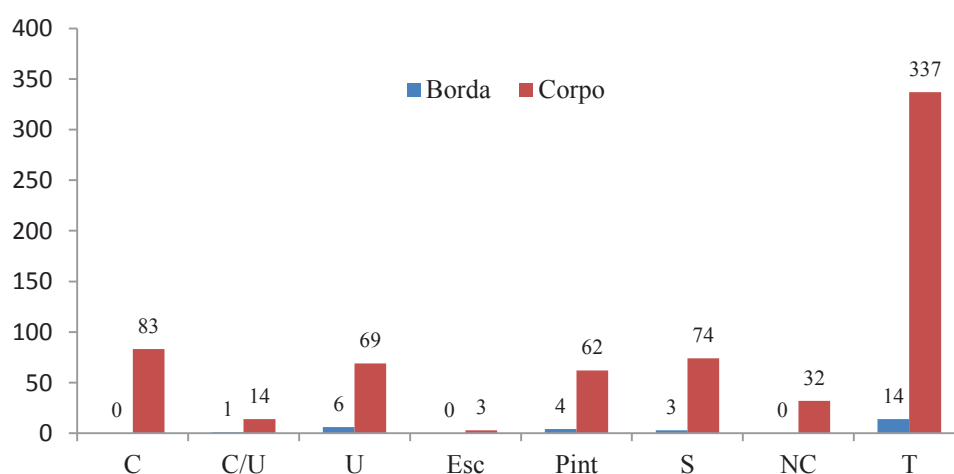
No segundo ponto de coleta feita por Miller, o mesmo registra a ocorrência de 352 fragmentos. Em nossa revisão, encontramos um a mais, totalizando 353 fragmentos.

Esse ponto mostrou uma densidade muito maior de artefatos cerâmicos, que podem estar associados a uma área de habitação maior, marcada pela presença de solo antropogênico, como menciona Miller na ficha de registro original.

Fragmentos com decoração corrugada e com tratamento de superfície alisado (simples) são os mais representativos, mas cresce muito a frequência de unglados e pintados (Gráfico 2).

O alto índice de decoração unglada, aqui, começa a mostrar uma tendência que parece ser comum nos outros sítios da área estudada e que pode ser considerado um marcador efetivo para definir um amplo território de domínio socialmente determinado. Sobre isso voltaremos a tratar no capítulo seguinte.

Gráfico 2: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no segundo ponto de coleta



²² A chave para o significado de todas as siglas para a decoração da cerâmica pode ser visto em sua totalidade no Anexo 1 dessa tese.

Ocorrem também raros fragmentos de decoração escovada que, embora em pequenas quantidades, irá ocorrer também em vários outros sítios da área de estudo e que, como já foi observado em outros contextos onde ocorrem associados a sítios da tradição Tupiguarani, parece estar associada a um período cronologicamente recente daquela tradição tecnológica (SCHMITZ, 1991).

Ainda entre o material cerâmico resgatado nessa segunda área, ocorrem 2 fragmentos com decoração ponteadada, típica da tradição Taquara. Em um deles (Figura 65), porém, as características de pasta, antiplástico arenoso grosseiro, queima e espessura da parede remetem a um estilo produtivo tupiguarani, mas isso pode ser enganoso, pois em alguns casos a produção de vasilhas taquara também envolvem a utilização e existência de elementos como aqueles. De qualquer forma, embora seja um caso único nesse sítio, poderia tratar-se de uma evidência de contato entre os dois grupos, já que isso parece ocorrer não muito longe dali, nos sítios RS-S-320 e 321.

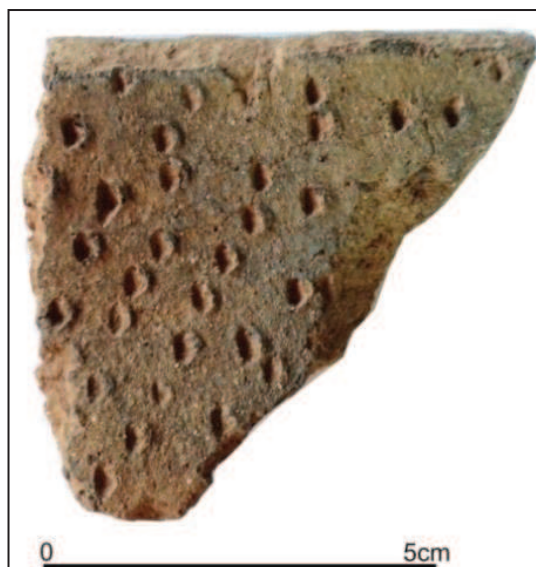
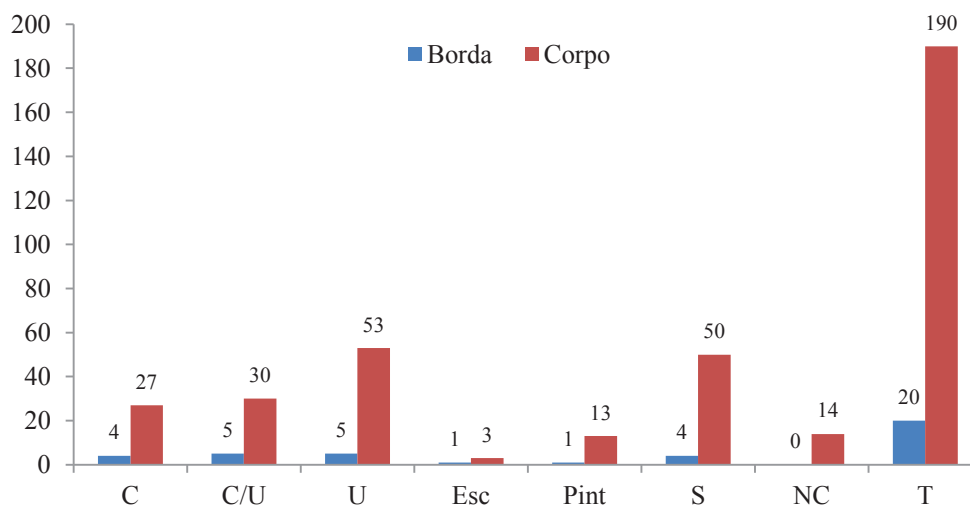


Figura 65: Fragmento cerâmico com decoração ponteadada, ponto 2, sítio RS-S-296. Foto: Jefferson L. Z. Dias.

O terceiro ponto de coleta apresentava, na contagem original de Miller, 151 fragmentos cerâmicos. No entanto, encontramos 210 peças, distribuídas entre unglados e simples. Menos frequentes são os corrugados e corrugados unglados e, ainda mais raros as peças pintadas e escovadas (Gráfico 3).

Esse ponto também parece refletir em uma área de habitação relativamente densa, composta por duas manchas de solo antropogênico, segundo a descrição original de Miller.

Gráfico 3: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no terceiro ponto de coleta.



Nem todas as bordas puderam ser utilizadas para a reconstituição gráfica dos modelos de vasilhas existentes no repertório do sítio. Nesse sentido, privilegiamos somente aquelas que forneceriam um maior grau de certeza para a criação dos modelos. Para a reconstituição gráfica, os modelos não foram separados por área de coleta, mas é possível perceber a presença mais forte de formas maiores e mais complexas no segundo ponto de coleta, justamente o que apresentou maior quantidade de fragmentos e, aparentemente, maior área.

Assim, temos formas (Figura 66) em geral com corpo elipsoide, relativamente rasas, com bordas diretas, às vezes com um ponto angular levando diretamente à base, formando peças como pratos e tigelas (ñaembé e cambuchí caguaba), associados ao ato de dispor e servir alimentos sólidos e líquidos; menos frequentes são as panelas de contorno mais fortemente infletidos ou compostos, de capacidade volumétrica maior, geralmente associadas à cocção de alimentos (yapepó). Não foram identificados os grandes recipientes para armazenamento de líquidos (cambuchí).



Figura 66: Modelos de formas cerâmicas, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-296.
Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico associado ao sítio RS-S-296 mostrou-se relativamente pouco expressivo, com um total de 41 peças, nos três pontos de coleta.

No primeiro ponto, ocorrem somente 4 peças, compostas por um fragmento arenito friável que apresenta evidência de polimento em uma das faces; 2 lascas de basalto, sendo uma delas cortical e outra uma lasca secundária, ambas com presença de gume retocado; 1 seixo de basalto que apresenta em uma das faces uma pequena depressão, podendo ser um possível quebra-coquinho.

No segundo ponto de coleta, o material lítico é mais expressivo, com 27 artefatos (7 a menos do que o mencionado por Miller) entre lascas e seixos apresentando retoques bifaciais, núcleos e resíduos de lascamento unipolar, além de grandes peças bifaciais, sobre seixos de basalto, na forma de raspadores plano-convexos e talhadores. São comuns também fragmentos de arenito friável com faces polidas e raras peças de arenito silicificado. Ocorrem também alguns fragmentos de retalhamento bifacial de quartzo hialino.

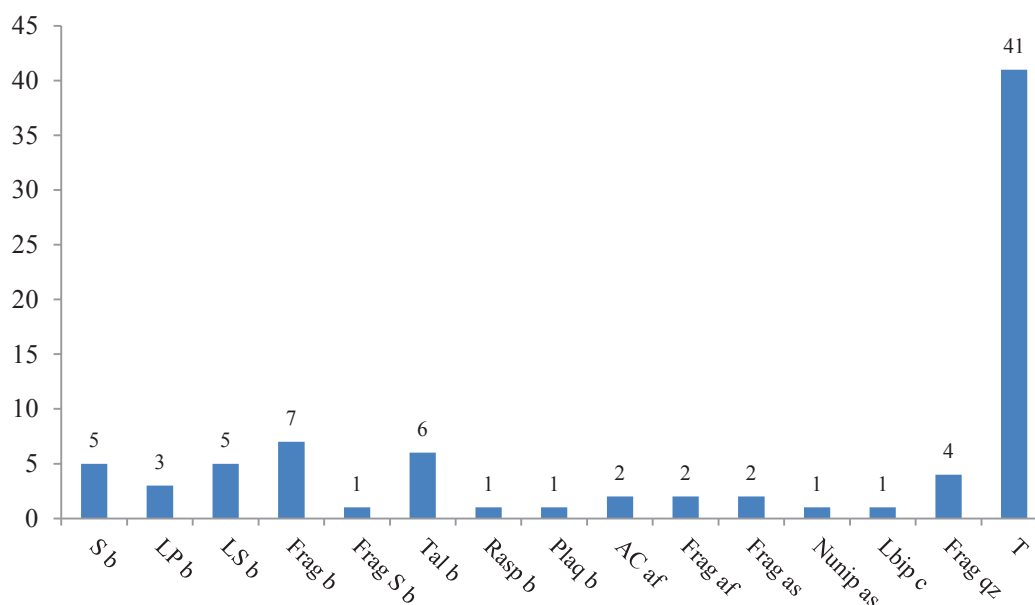
O terceiro ponto de coleta apresentou uma menor quantidade de artefatos líticos (10 peças, 4 a menos do que o mencionado por Miller), distribuídas entre seixos,

fragmentos e lascas de basalto, além de raros talhadores e plaquetas dessa mesma matéria prima. Ocorrem também raras peças de arenito friável e silicificado.

De uma maneira geral, a indústria lítica presente no sítio envolve a utilização quase exclusiva de basaltos locais como matéria prima básica para a produção de lascas, que podem ser retocadas lateralmente, de modo não muito uniforme, configurando instrumentos de corte com gume agudo e, basicamente, grandes talhadores bifaciais, quase sempre com gumes terminais e com muita área cortical na porção mesial e proximal, indicando uma tendência que será recorrente nos outros sítios da área de estudo, remetendo a uma produção de instrumentos com caráter expedito, usando matérias primas locais e facilmente encontradas.

No gráfico abaixo, apresentamos a contagem e classificação tipológica²³ do material lítico do sítio, nos três pontos de coleta. Na Figura 67, são apresentados graficamente os artefatos mais representativos desse sítio.

Gráfico 4: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-296.



²³ O significado das siglas para a classificação tipológica do material lítico pode ser visto em sua totalidade no Anexo I dessa tese.

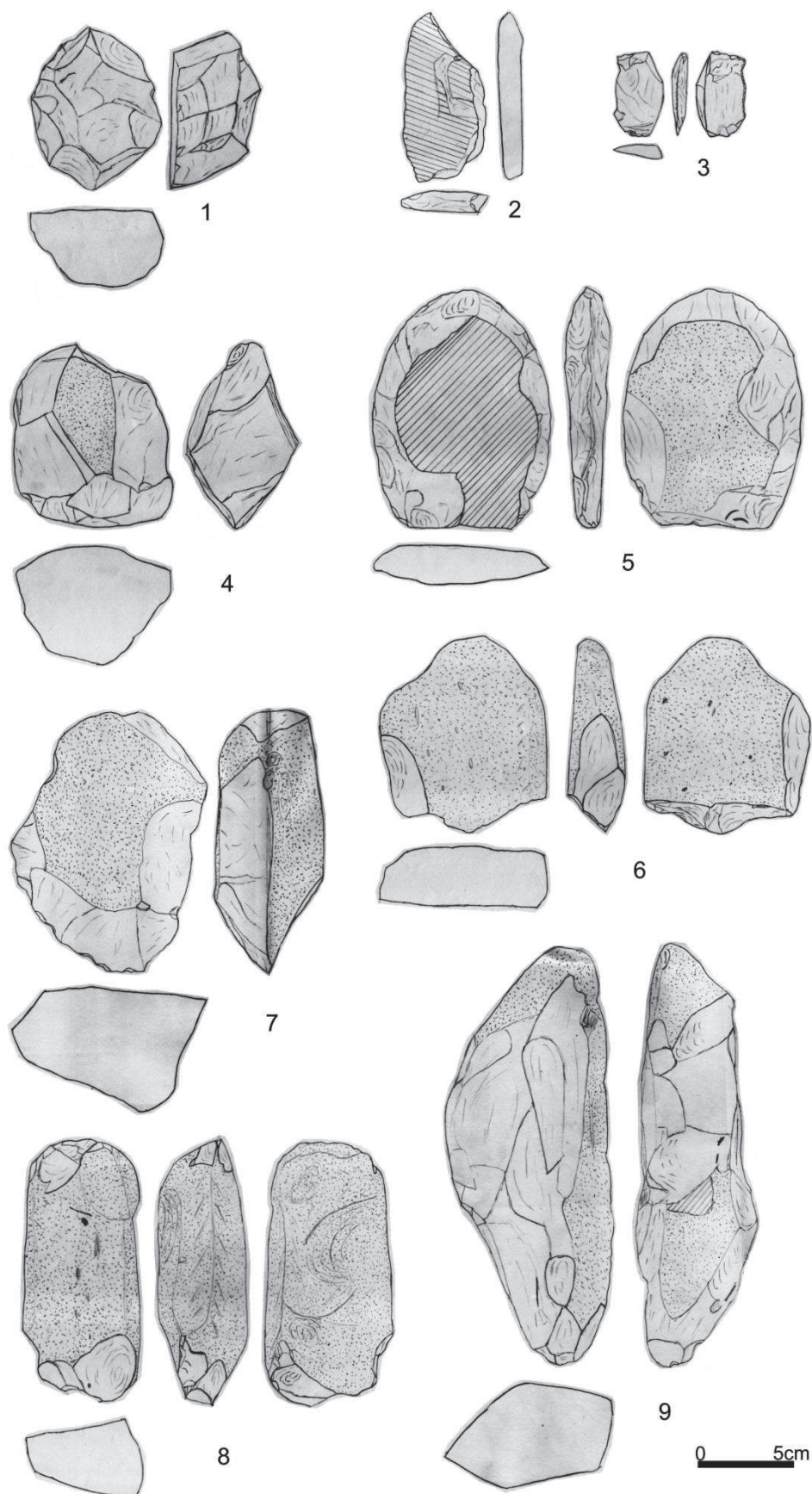


Figura 67: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-296. 1- raspador plano-convexo (b), 2 – fragmento de arenito com face polida, 3 – lasca bipolar (c), 4 – núcleo (b), 5 – biface (b), 6, 7 8 e 9 – talhadores (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-297 - Arroio Iraparú 2

O material lito-cerâmico desse sítio não foi localizado na Reserva Técnica do MARSUL.

No entanto, na ficha de registro escrita originalmente por Miller, o sítio estaria localizado muito próximo ao RS-S-296 e com características de implantação semelhantes, embora com um pequeno número de material resgatado.

Foi associado por Miller à tradição Tupiguarani.

RS-S-299 - Arroio Lamp 1

Esse sítio, associado à tradição Tupiguarani, está localizado em um terraço junto à margem esquerda do rio Paranhana, na parte média do vale, próximo à desembocadura do arroio Kampf²⁴, no atual limite geopolítico entre os municípios de Três Coroas e Igrejinha.

O material lítico associado, resultante de uma coleta superficial, não é muito abundante, composto por 132 fragmentos que sofreram intensa perturbação, encontra-se muito erodidos e de tamanho reduzido.

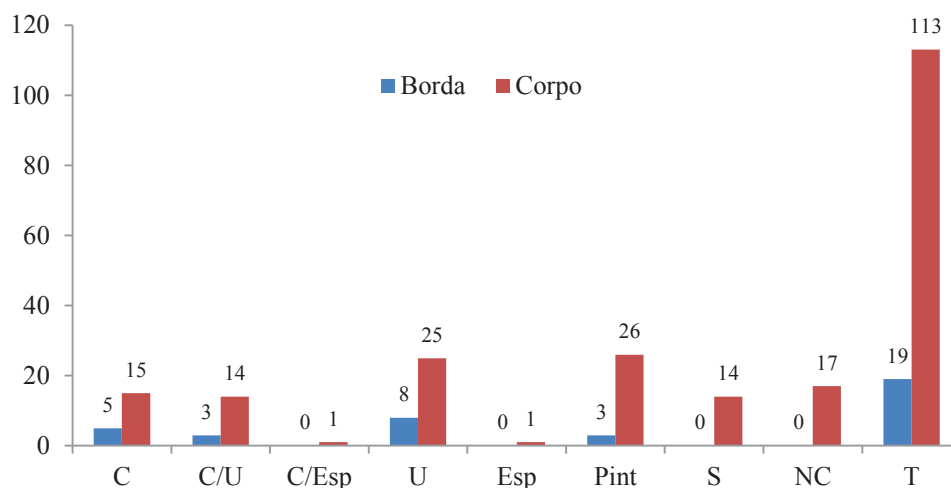
A pasta é relativamente homogênea, mas com antiplástico bastante arenoso, com grãos de quartzo de tamanho médio a grande (entre 1 e 3 mm), com baixo grau de esfericidade, que confere à cerâmica uma textura áspera e facilmente quebradiça.

A coloração é marrom clara a tons mais escuros, com espessuras de parede entre 6 e 10 mm, apresentando queima oxidante incompleta.

O tratamento de superfície externa apresenta uma proporção maior de decoração ungulada e pintada (especialmente com pigmento vermelho, na parede interna). Em seguida, destacam-se as decorações corrugadas e corrugadas unguladas, além da alisada (simples) (Gráfico 5).

²⁴ Ver nota de rodapé 12, no capítulo 2 dessa tese.

Gráfico 5: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no sítio RS-S-299.



Poucos fragmentos de borda foram úteis para uma reconstituição gráfica mais precisa. Porém, as formas dominantes parecem ter sido as elipsoides, em meia calota, resultando em vasilhas relativamente pequenas e rasas, como pratos e tigelas (ñaembé e cambuchí caguaba), com bordas diretas ou levemente infletidas. Poucas são as vasilhas infletidas restringidas, de maior volume, utilizadas na cocção de alimentos (yapepó). Não foram identificados os grandes recipientes para armazenamento de líquidos (cambuchí) (Figura 68).

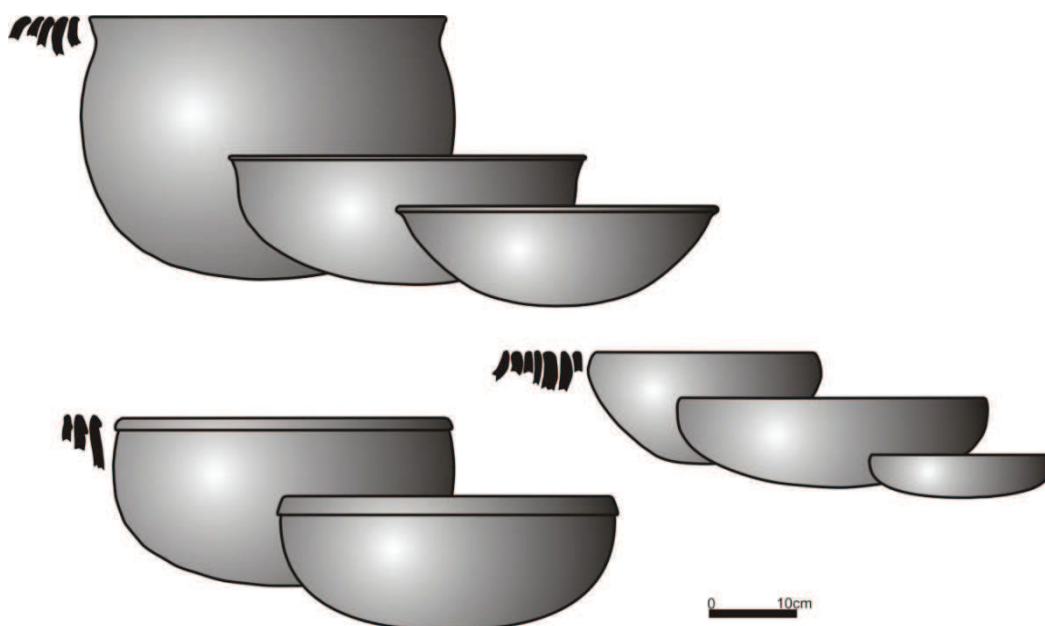


Figura 68: Modelos de formas cerâmicas, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-299.

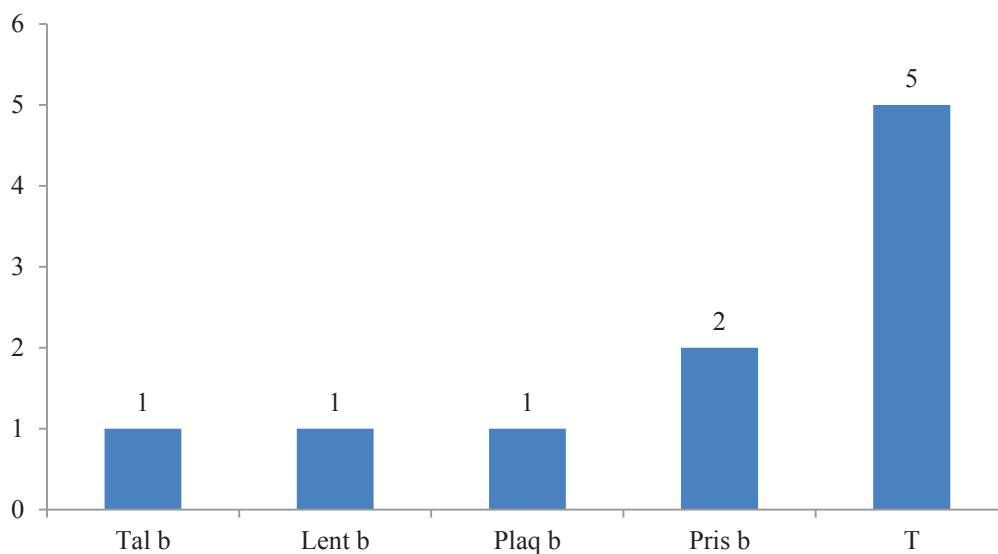
Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico, após nossa análise, contabilizou 5 peças, uma a menos que o que consta na ficha original.

O pouco material lítico apresenta o aproveitamento de plaquetas e prismas de basalto, geralmente com uma ou mais faces polidas e a presença de gume em uma das arestas laterais.

Também ocorre um talhador grande com gume distal produzido em um seixo de basalto e um seixo, dessa mesma matéria prima, de formato lenticular, com faces alisadas (Gráfico 6 e Figura 69).

Gráfico 6: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-299



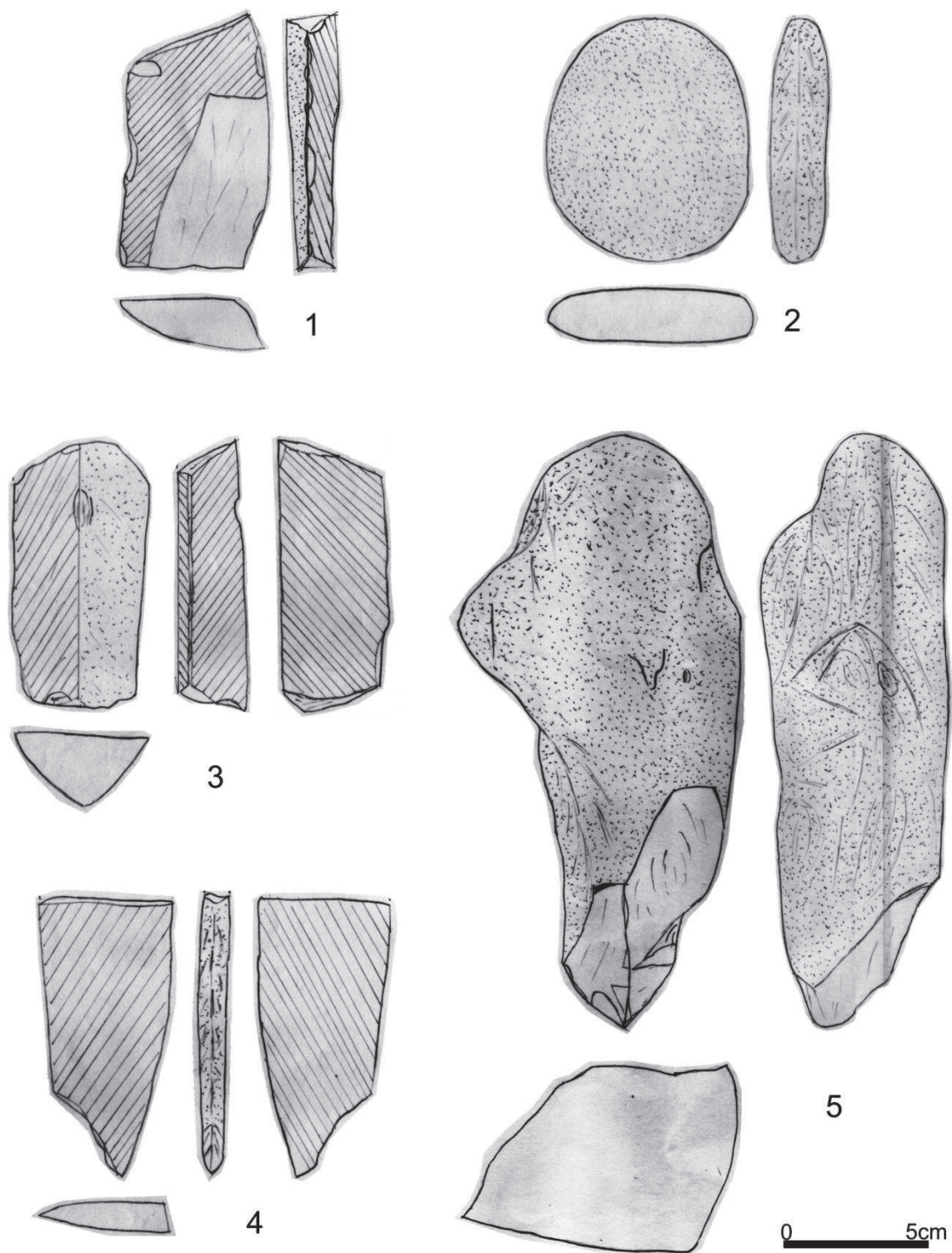


Figura 69: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-299. 1 e 3 – fragmento de prismas com faces polidas e gume (b), 2 – seixo lenticulóide com faces alisadas (b), 4 – fragmento de plaqueta com face polida e gume (b), 5 – talhador (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

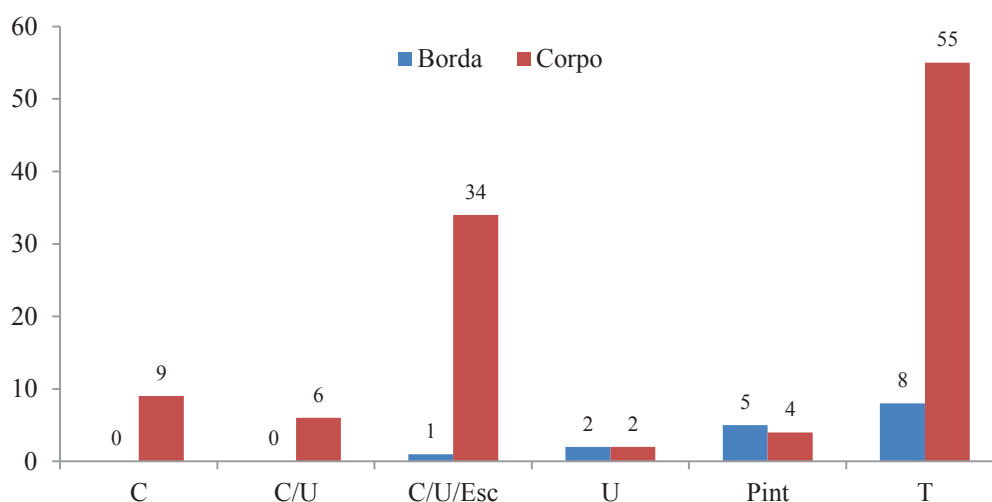
RS-S-300 - Arroio Lamp 2

Esse sítio está localizado na parte alta do arroio Kampf, cerca de 3 km a leste do sítio anterior. Não houve coleta de material lítico, somente cerâmico.

Na ficha de registro original, Miller menciona a ocorrência de 73 fragmentos cerâmicos, além de uma vasilha inteira. Desses, localizamos na Reserva Técnica do MARSUL somente 63 fragmentos, sendo que 35 deles estão relacionados à estrutura funerária mencionada por aquele pesquisador. Além dos fragmentos, localizamos também a peça inteira tombada, representada na Figura 18, no capítulo 2 dessa tese.

Desconsiderando os fragmentos da mesma peça (urna funerária), que apresenta uma decoração dupla, com mistura entre corrugado, na área da borda e base e escovado, na porção do bojo e a vasilha inteira (pintada, em vermelho sobre branco), a quantidade de cerâmica é pequena, com maior destaque à presença de decoração corrugada e corrugada ungluada, seguida de fragmentos pintados, geralmente vermelho sobre branco externo (Gráfico 7).

Gráfico 7: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no sítio RS-S-300



A cerâmica apresenta uma pasta semelhante àquelas já descritas anteriormente, com antiplástico arenoso grosseiro, com grãos de quartzo pouco arredondados, de textura áspera e friável e queima oxidante incompleta, com coloração externa marrom clara à marrom avermelhada.

Poucas bordas apresentaram-se úteis à reconstituição gráfica. Entre essas, foi possível reproduzir o modelo gráfico da urna que continha o sepultamento, mostrando uma vasilha infletida restringida de grande dimensão, com morfologia de uma panela de uso para cocção de alimentos (yapepó), além de pratos e tigelas (ñaembé e cambuchí caguaba) e vasilhas mais complexas, como aquela peça inteira tombada (Figura 70)

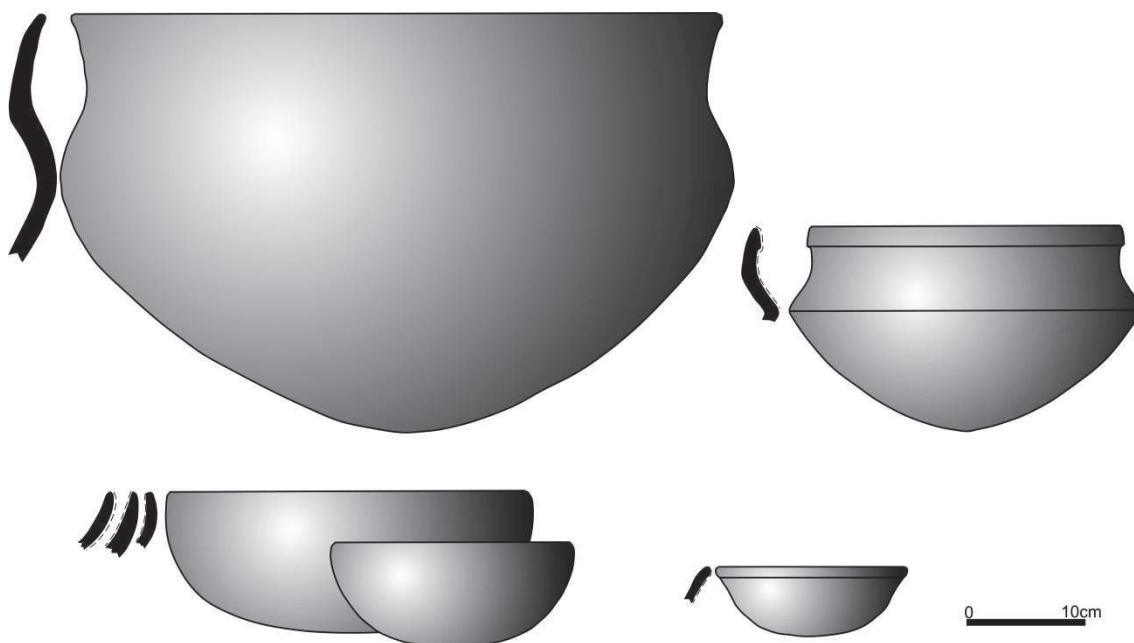


Figura 70: Modelos de formas cerâmicas, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-299. No alto, à esquerda, reconstituição gráfica da urna funerária. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-301 - Arroio São Paulo

Esse sítio é o mais setentrional da área de estudo e encontra-se localizado na margem esquerda do arroio São Paulo, na divisa geopolítica dos municípios de Três Coroas e Canela, em altitude de cerca de 500 m.

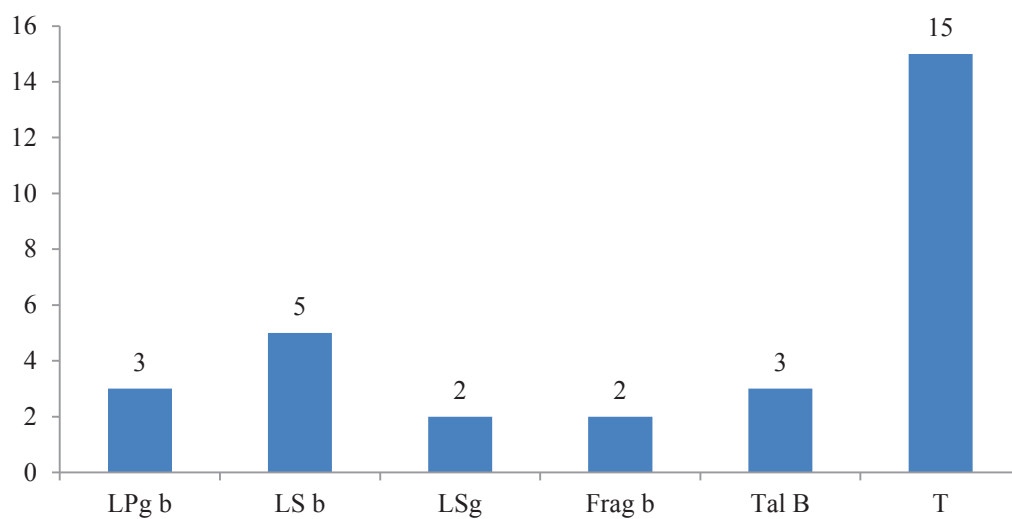
Miller menciona, na ficha de registro original, duas áreas com solo antropogênico, onde realizou coletas de material lítico e cerâmico. A cerâmica, mencionada por Miller, é “do grupo Gê (Taquara)”; porém, a mesma não foi localizada na Reserva Técnica do MARSUL.

Além disso, aquele pesquisador menciona a informação, dada pelo proprietário da terra, da existência de “um buraco de $\pm 2 \times 1 \times 0,5$ m com cinza e cacos de cerâmica”, mas que não foi localizado por ele.

O sítio pode ser, por essas descrições, associado à tradição Taquara, com uma possível casa subterrânea, ainda que seu elemento diagnóstico mais importante (cerâmica) não tenha sido encontrado.

O material lítico, bastante escasso, está representado por 15 peças, entre elas alguns seixos e fragmentos de basalto, talhadores grandes com gume distal, sobre seixos de basalto e várias lascas com gume retocado, na mesma matéria prima (Gráfico 8 e Figura 71).

Gráfico 8: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-300



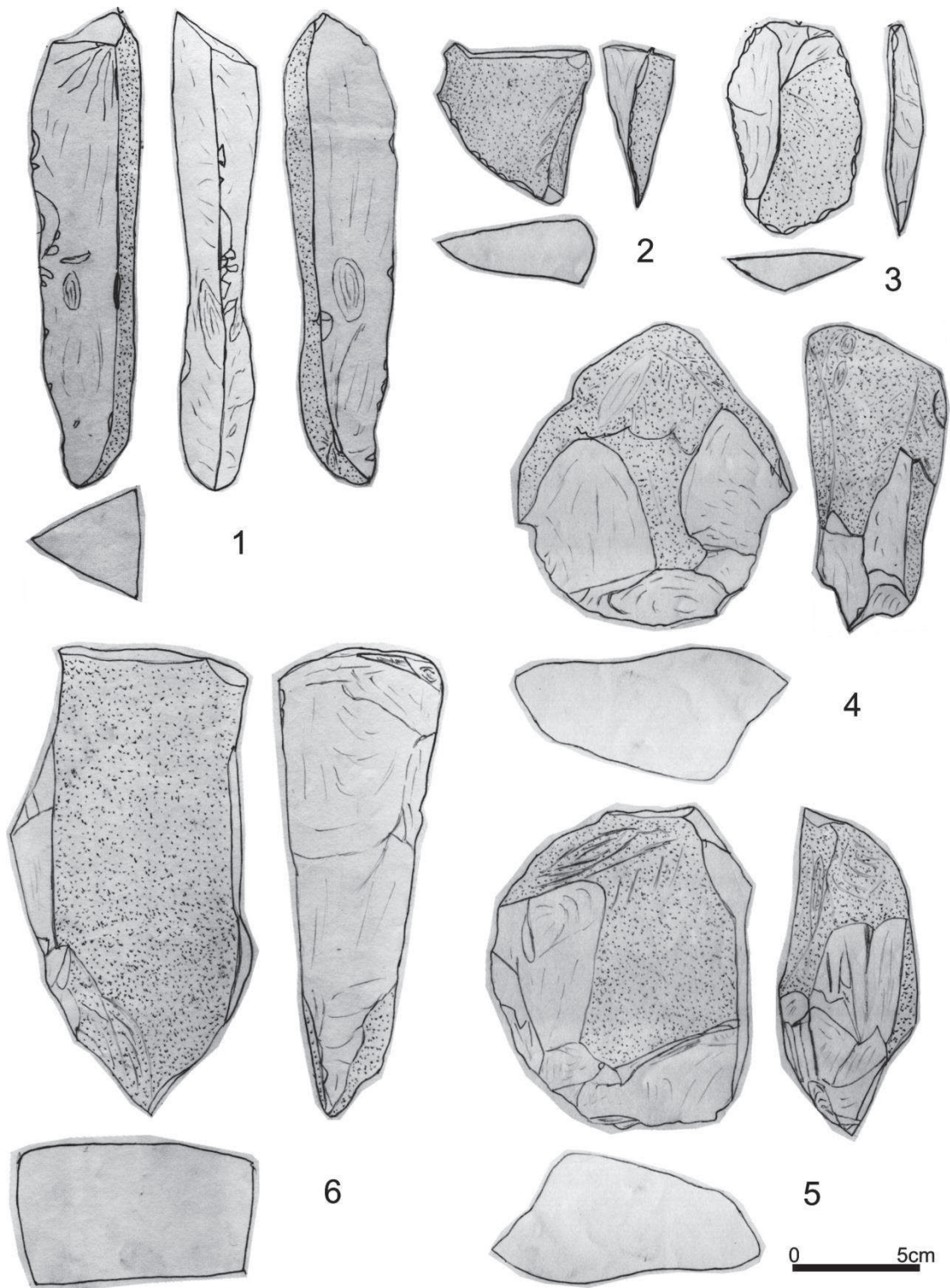


Figura 71: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-301. 1, 2 e 3 – lascas com gume retocado (b), 4, 5 e 6 - talhadores (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-320 - Rodeio Bonito 1

O sítio está localizado em uma região afastada de cursos de água maiores, em cota que alcança cerca de 500 m acima do nível do mar.

Na ficha de registro original, Miller menciona que é um “sítio de habitação não guaraní”, composto por três áreas de solo antropogênico escuro, sendo que em duas delas ocorre cerâmica do “tipo Morro da Formiga (Taquara)” e em uma “alguns cacos guaranis”. Além disso, em todas as áreas foram encontrados materiais líticos.

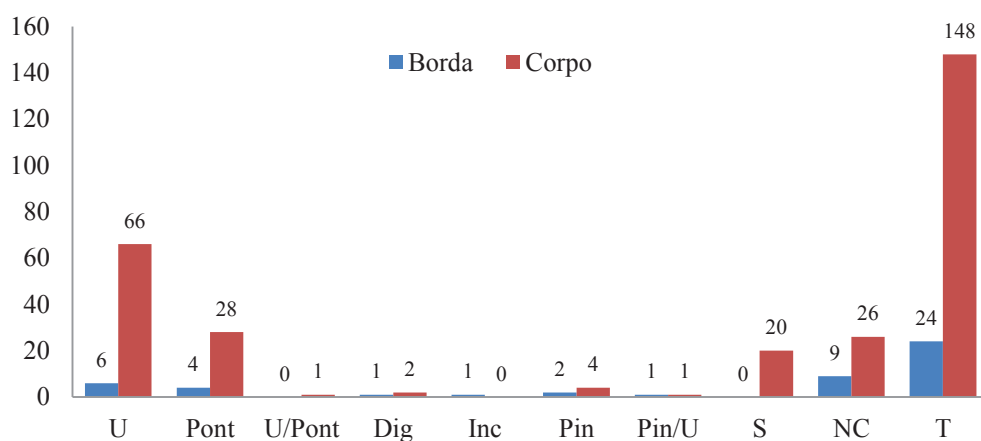
Na contagem original da cerâmica, Miller menciona a ocorrência de 368 fragmentos, sendo que 169 seriam associados à tradição Taquara, restando 199 à tradição Tupiguarani. No entanto, em nossa revisão localizamos somente 200 fragmentos, sendo que 172 eram claramente pertencentes à tradição Taquara e 28 à tradição Tupiguarani.

A cerâmica associada à tradição Taquara remete às características clássicas do sítio-tipo do Morro da Formiga (RS-S-61), localizado em Taquara. Vasilhas relativamente pequenas, com paredes finas (no máximo 1 cm de espessura), cozidas geralmente em ambiente oxidante de forma completa e, eventualmente, redutora, com coloração marrom escura, bem alisadas interna e externamente quando não decoradas.

A pasta é sempre homogênea, com utilização de antiplástico arenoso composto por grãos de quartzo finos (no máximo 1 mm), além de minerais opacos (óxido de ferro), mas com pouca esfericidade, deixando uma textura áspera ao toque.

As decorações plásticas são predominantemente unguladas e ponteadas, mas aparece também (embora raras) o pinçado, o digitado, o inciso e misturas entre engulhado e ponteadado e ungulado e pinçado (Gráfico 9).

Gráfico 9: Quantificação da cerâmica Taquara no sítio RS-S-320



A morfologia das vasilhas, reconstituídas graficamente, mostram modelos com formas cilíndricas verticais, geralmente de tamanho maior, levemente infletidas, mas com capacidade volumétrica relativamente baixa (até no máximo 5 litros), se comparada com vasilhas da tradição Tupiguarani. Além dessas, também ocorrem pequenas tigelas na forma de meia calota, com bordas diretas ou levemente infletidas (Figura 72).

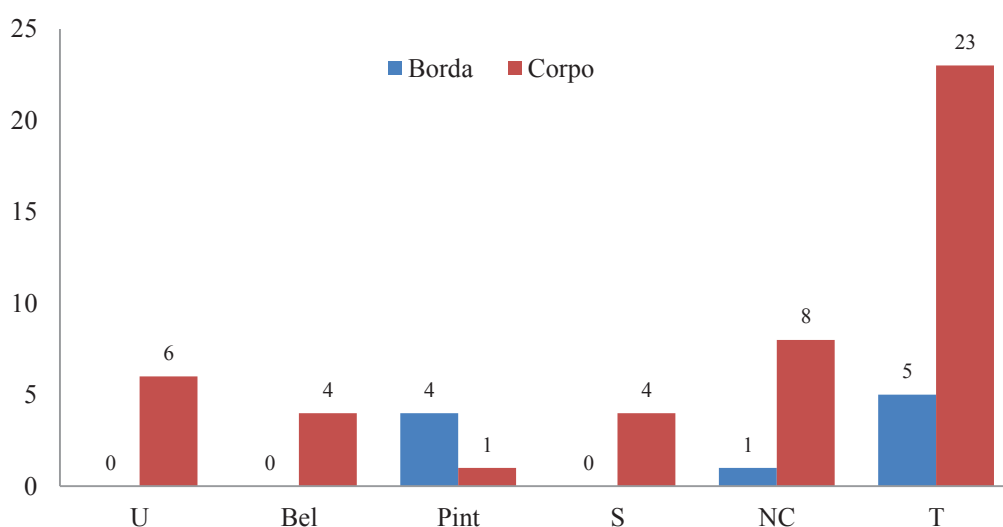


Figura 72: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-320. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

A cerâmica relacionada à tradição Tupiguarani apresenta características semelhantes às já descritas para os sítios anteriores, com pasta com alto percentual de antiplástico, geralmente areia grossa com pouca esfericidade, paredes espessas e queima oxidante incompleta, com coloração marrom clara a marrom avermelhada.

Os fragmentos apresentam decoração plástica unglada, além de alguns exemplares de beliscado e pintura externa em vermelho sobre branco e não decorados (simples) (Gráfico 10).

Gráfico 10: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no sítio RS-S-320



Somente uma borda foi útil para a reconstituição gráfica segura, que apresenta borda direta, com lábio expandido, de uma vasilha de pequena dimensão, na forma de tigela em meia calota, com provável função de recipiente para beber (cambuchí caguaba) (Figura 73).

Porém algumas bordas, embora não passíveis de reconstituição gráfica confiável, indicam formas maiores (com até 30 cm de abertura de boca) e mais complexas, restringidas, com decoração pintada (vermelho sobre branco), lembrando vasilhas utilizadas para armazenamento de líquidos, do tipo cambuchí.

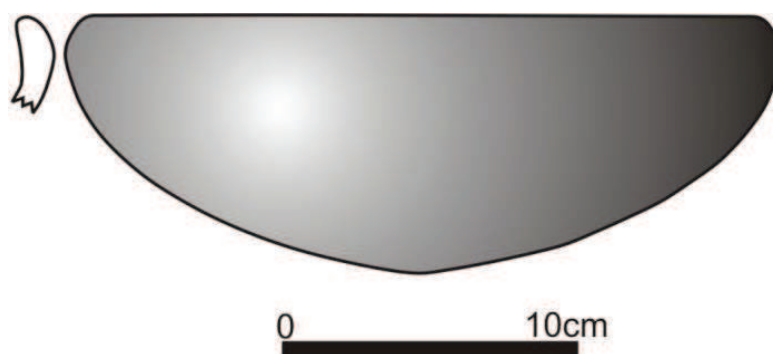
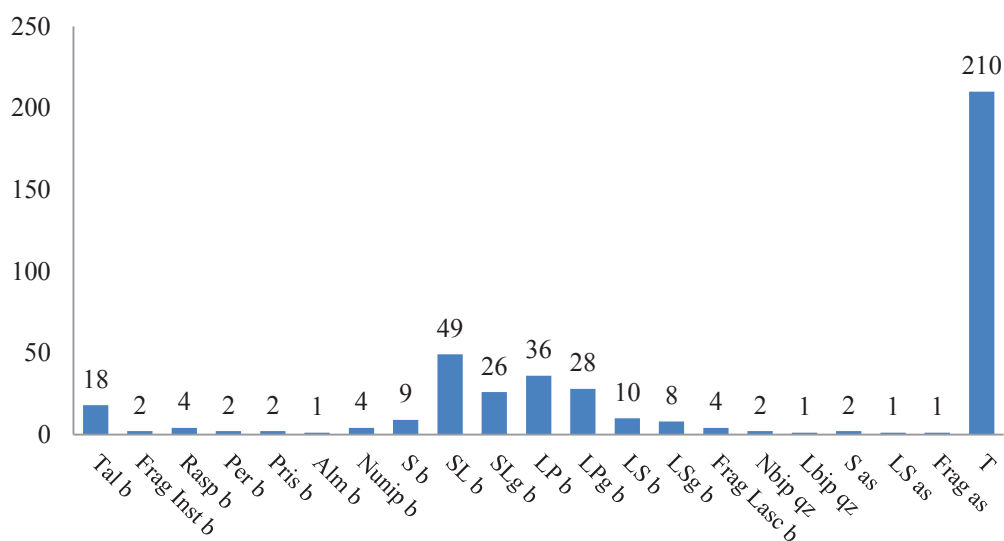


Figura 73: Modelo de forma cerâmica Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de borda do sítio RS-S-320. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

Com relação ao material lítico, originalmente foram registrados por Miller 199 peças, não discriminando de que áreas de coleta eram procedentes, o que impede de determinar sua associação direta a uma ou outra tradição tecnológica.

No entanto, em nossa revisão encontramos 210 peças, predominando seixos de basalto, que eventualmente receberam algum tipo de quebra ou retirada de lascas e muitas lascas de basalto, corticais e secundárias, retocadas. Além disso, repete-se a importante produção de talhadores grandes, em basalto, bem como a utilização de plaquetas e prismas dessa mesma matéria prima. Ainda que não seja possível separar as peças que seriam associadas a uma ou outra tradição, parece que a tecnologia de produção e a tipologia de peças é indiscriminadamente a mesma para ambas (Gráfico 11 e Figuras 74 e 75).

Gráfico 11: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-320



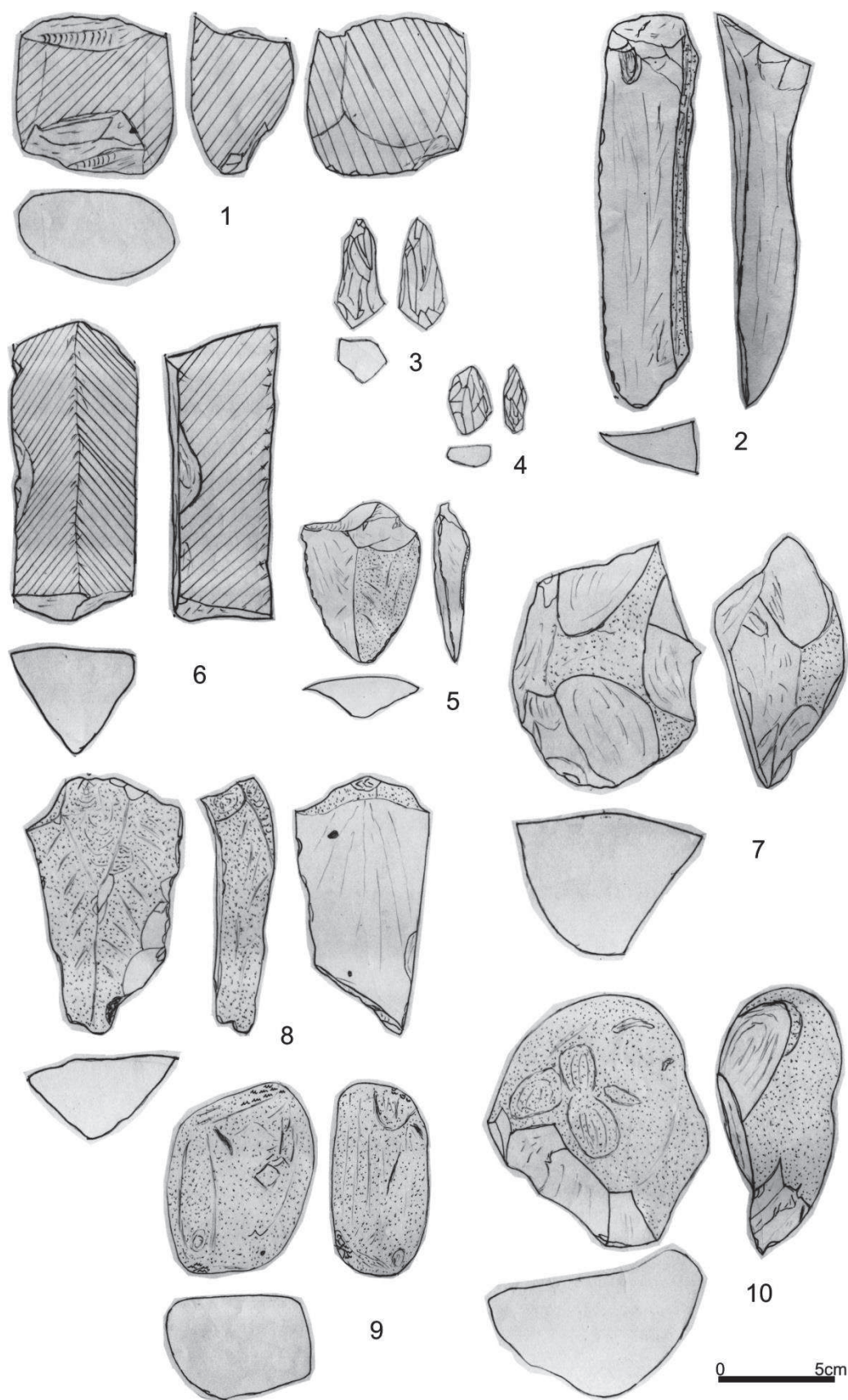


Figura 74: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-320. 1 – fragmento de instrumento polido (b), 2, 5 e 8 - lascas com gume retocado (b), 3 e 4 – núcleo e lasca bipolar (qz), 6 – fragmento de prisma com faces polidas e gume (b), 7 – raspador plano-convexo (b), 9 – percutor (b), 10 – talhador (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

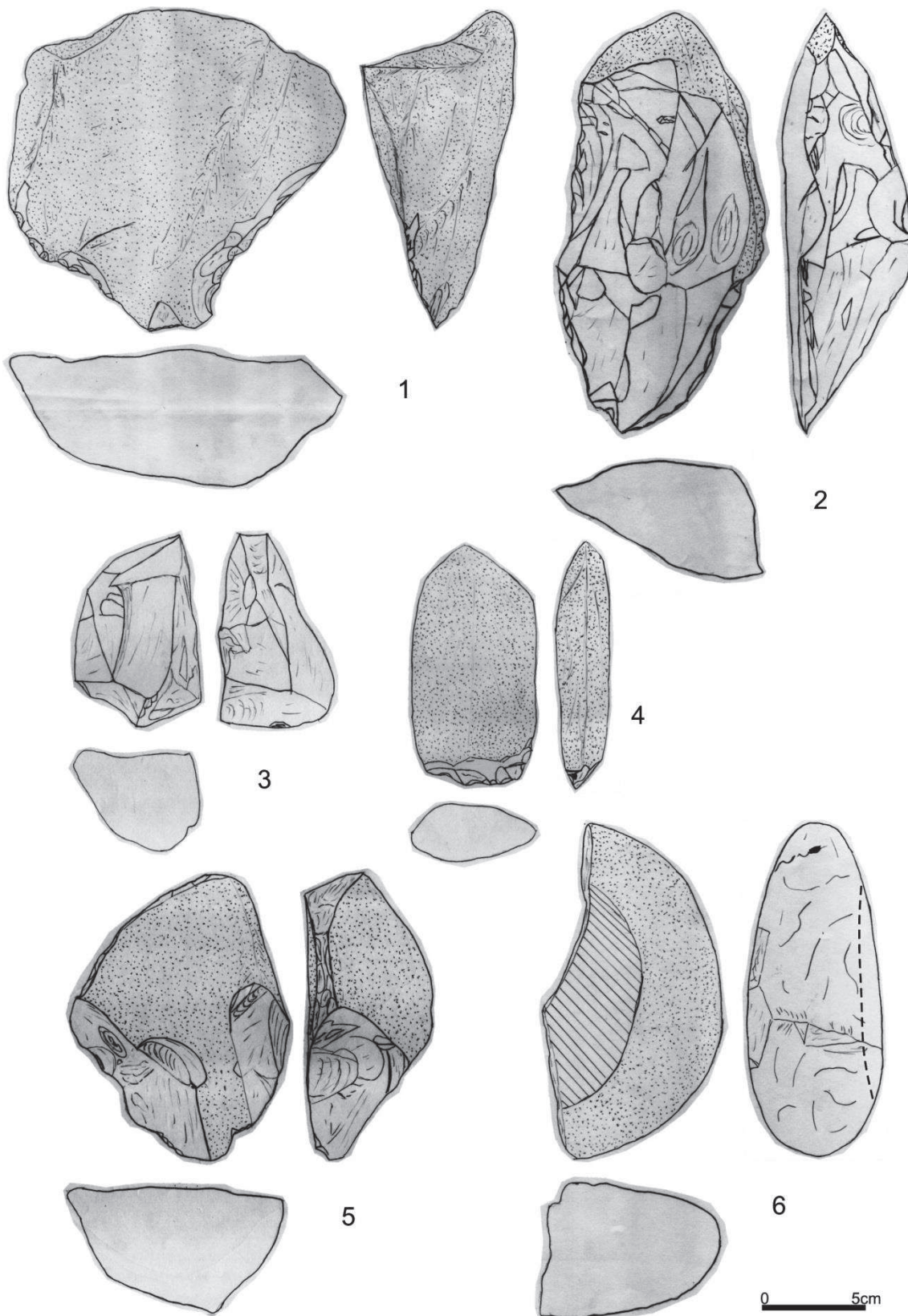


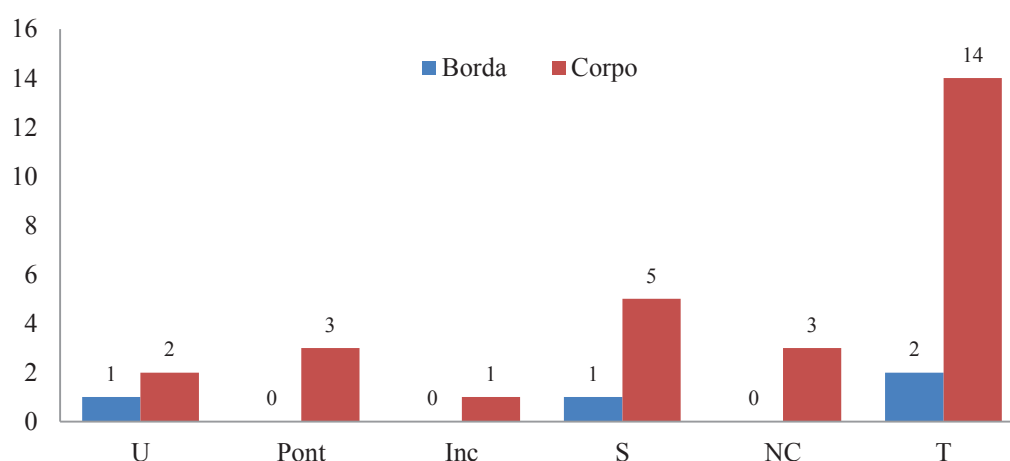
Figura 75: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-320. 1, 2, 4 e 5 – talhadores (b), 3 – núcleo (b), 6 – fragmento de seixo com face polida e rebaixada (almofariz) (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-321 - Rodeio Bonito 2

Esse sítio está localizado a cerca de 500 m a noroeste do anterior, sobre o mesmo platô e possui características muito semelhantes em termos de implantação na paisagem, de organização espacial interna com 3 áreas distintas de solo antropogênico, sendo uma delas somente com alguns fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani e duas exclusivamente com cerâmica da tradição Taquara.

Miller menciona, na ficha de registro original, uma contagem total de 17 fragmentos cerâmicos da tradição Taquara, que está relacionada a uma coleta superficial geral dos quais, em nossa revisão, encontramos somente 16 peças (Gráfico 12). Não menciona, contudo, a contagem dos fragmentos tupiguarani. Esses, na verdade, não foram localizados na Reserva Técnica do MARSUL.

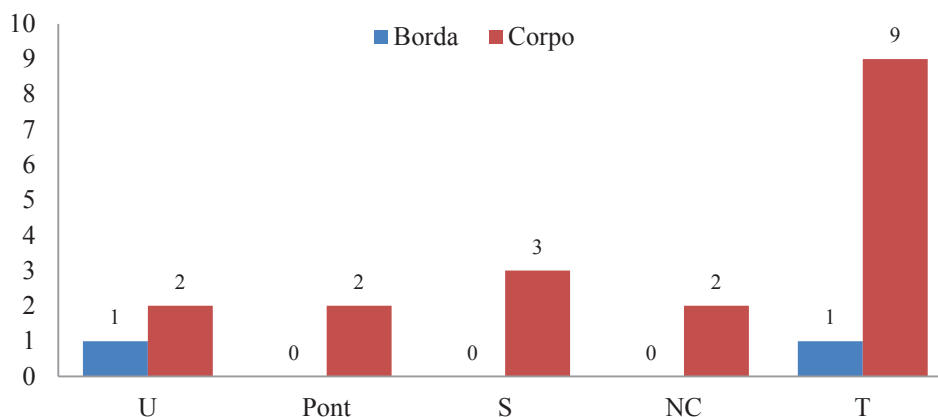
Gráfico 12: Quantificação da cerâmica Taquara, superficial, no sítio RS-S-321



Em uma das áreas com solo antropogênico, somente com cerâmica da tradição Taquara, o mesmo pesquisador realizou uma sondagem estratigráfica de 1,5 x 1,5 m, até a profundidade de 0,80 m, em níveis artificiais de 0,10 m. Porém, somente os dois primeiros níveis apresentaram material cerâmico, mas não lítico. Os níveis inferiores, segundo Miller, eram estéreis.

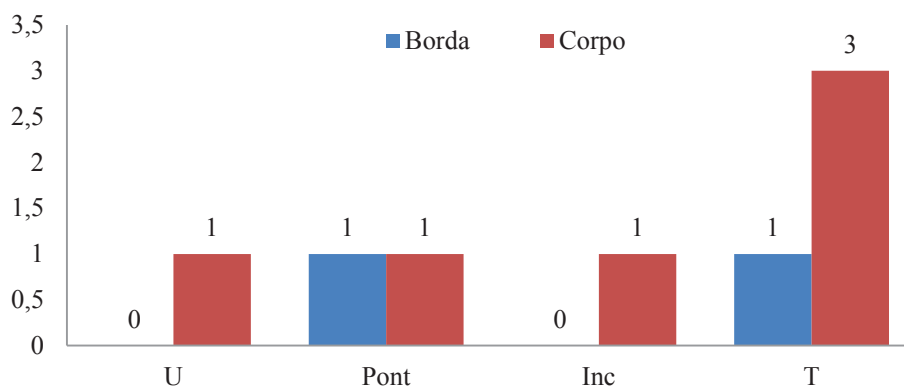
Para o nível 1, Miller menciona a ocorrência de 11 fragmentos, dos quais só encontramos 10, distribuídos como mostra o Gráfico 13.

Gráfico 13: Quantificação da cerâmica Taquara, nível 1, no sítio RS-S-321



Para o nível 2, Miller menciona a ocorrência de 3 fragmentos mas encontramos, além desses, mais uma borda, totalizando 4 fragmentos, como mostra o Gráfico 14.

Gráfico 13: Quantificação da cerâmica Taquara, nível 2, no sítio RS-S-321



A cerâmica da tradição Taquara, nesse sítio, possui as mesmas características descritas para o sítio anterior, em termos de pasta, antiplástico, textura e queima. Quanto ao tratamento de superfície, predominam os alisados (simples), ponteados e ungulados, com diferença que não ocorrem pinçados e pintados em vermelho, como naquele.

As poucas bordas presentes na amostra (somente 4) não apresentaram condições suficientes para uma reconstituição gráfica adequada e confiável, mas percebe-se

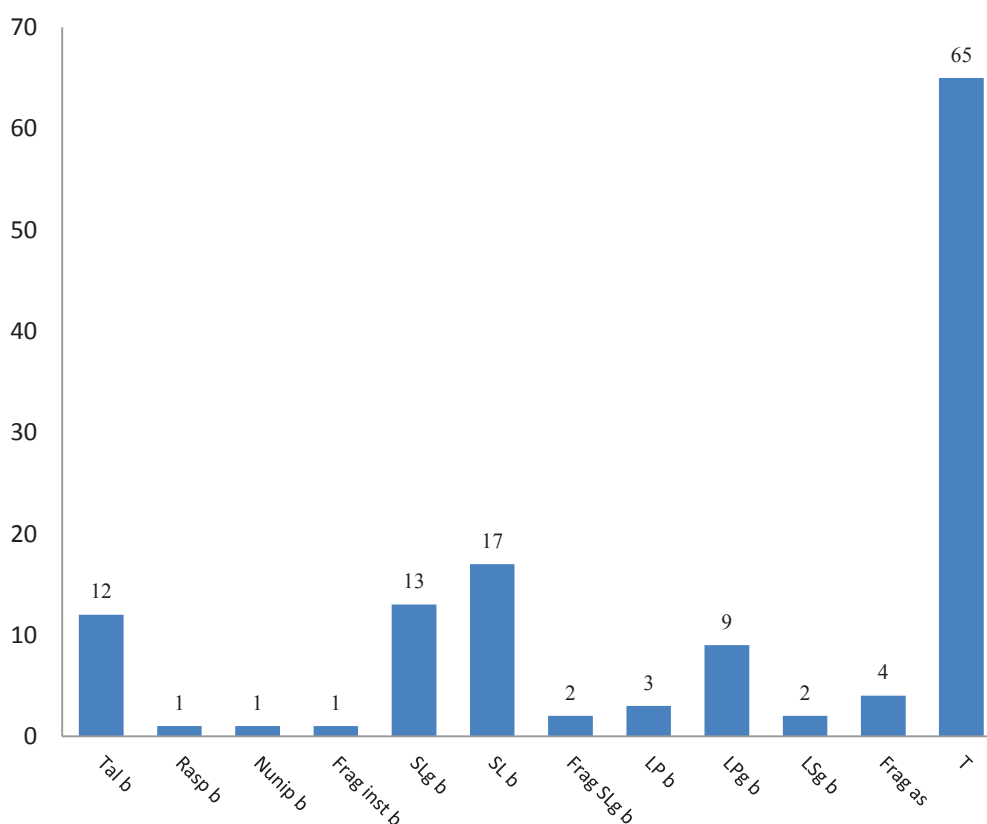
formas semelhantes a algumas que ocorrem no anterior, como as pequenas tigelas em forma de meia calota, com bordas diretas ou levemente infletidas.

Quanto ao material lítico, encontramos no total 65 artefatos (um a mais que o mencionado originalmente por Miller), todos eles oriundos de coleta superficial, sem discriminar em quais das áreas específicas com solo antropogênico.

Há também uma grande semelhança entre os artefatos líticos desse sítio e o anterior, especialmente com relação a alta frequência de seixos quebrados intencionalmente ou com uma ou duas retiradas de lascas, mas não conformando instrumentos acabados. Além disso, mantém-se a produção regular de lascas retocadas e grandes talhadores (Gráfico 14 e Figura 76).

Com exceção de dois fragmentos de arenito silicificado, toda a indústria lítica é produzida sobre basalto, em geral com boa qualidade, com textura compacta, mas homogênea, na cor cinza escuro.

Gráfico 14: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-321



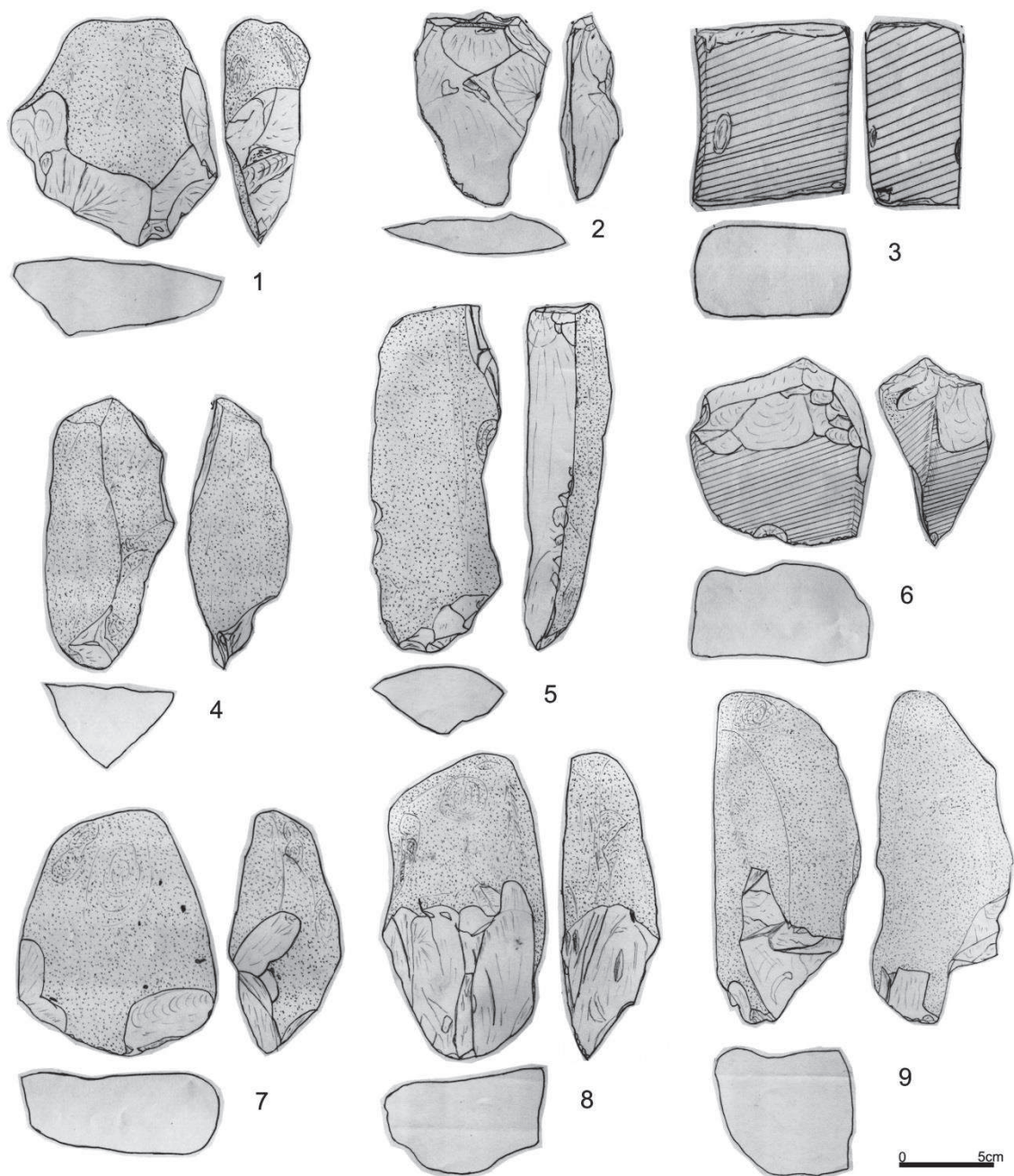


Figura 76: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-321. 1, 4, 7, 8 e 9 – talhadores (b), 2 - lasca com gume retocado (b), 3 – fragmento colunar com faces polidas (b), 5 – lasca espessa, com retoques distais (enxó?) (b), 6 – raspador plano-convexo (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

3.2 O material arqueológico dos sítios do município de Taquara

Na área correspondente ao município de Taquara, foram estudados 9 sítios, 7 deles associados à tradição Tupiguarani e 2 à tradição Taquara.

Dos 7 sítios da tradição Tupiguarani, somente 2 deles (RS-S-30 e RS-S-293) possuíam acervo material na Reserva Técnica do MARSUL, mas somente um (RS-S-293) permitiu uma análise mais sistemática, pois contava com um número maior de peças cerâmicas e líticas.

Os demais contaram somente com a descrição nas fichas originais e, eventualmente, algumas peças que foram tombadas no acervo daquela instituição.

Dos 2 sítios da tradição Taquara, somente o RS-S-61 (Morro da Formiga) já era conhecido, por se tratar do sítio tipo dessa tradição tecnológica. O outro (RS-S-271), não possui acervo material.

RS-S-61 – Morro da Formiga

O sítio está localizado no topo aplanado de uma colina arenítica, cerca de 1 km da margem esquerda do rio Paranhana, com cerca de 80 m acima do nível do mar, situada atualmente dentro do centro urbano da cidade de Taquara, em área em parte construída e em parte coberta por capoeira, já altamente antropizada.

Escavado em meados da década de 1960 por Eurico Theóphilo Miller, tornou-se o sítio tipo para a definição da tradição Taquara, mas infelizmente um estudo completo e mais aprofundado do mesmo nunca foi publicado e ainda hoje a totalidade das informações de campo e laboratório não é acessível.

Problemas de incongruência entre o acervo material e as poucas descrições e mapas das áreas escavadas faz com que não seja possível realizar tal estudo de forma sistemática, por isso o material não foi reanalisado para essa tese. Atualmente estamos buscando reavaliar essas informações para que, no futuro, possamos realiza-lo.

No entanto, sabemos que foram feitas descrições prévias e reconstituições gráficas das formas do vasilhame cerâmico, que foram publicadas parcialmente em Miller (1967), junto a formas de outros sítios da tradição Taquara e sem nenhuma descrição ou análise mais detalhada. Da mesma forma, encontramos um esboço do quadriculamento da área escavada, com anotações no interior das quadriculas que, entre

outras informações que não conseguimos compreender, estava o número de cada uma delas.

Por outro lado, Rosa (2007) retomou recentemente a análise de pequena parte do material lito-cerâmico desse sítio, a partir de uma abordagem tecno-tipológica, apresentando também uma análise espacial intrasítio, buscando inferir áreas de atividades a partir da presença de certos artefatos líticos e cerâmicos nem determinadas áreas. Assim, remetemos o leitor àqueles dois trabalhos mencionados acima, constatando que uma análise refinada desse material ainda merece um trabalho no futuro.

Entre as poucas informações encontradas no CRSA do MARSUL (apresentadas no capítulo 2 dessa tese), reproduzimos aqui os quadros com a morfologia das vasilhas, reconstituídas graficamente por Miller (Figuras 77, 78 e 79).

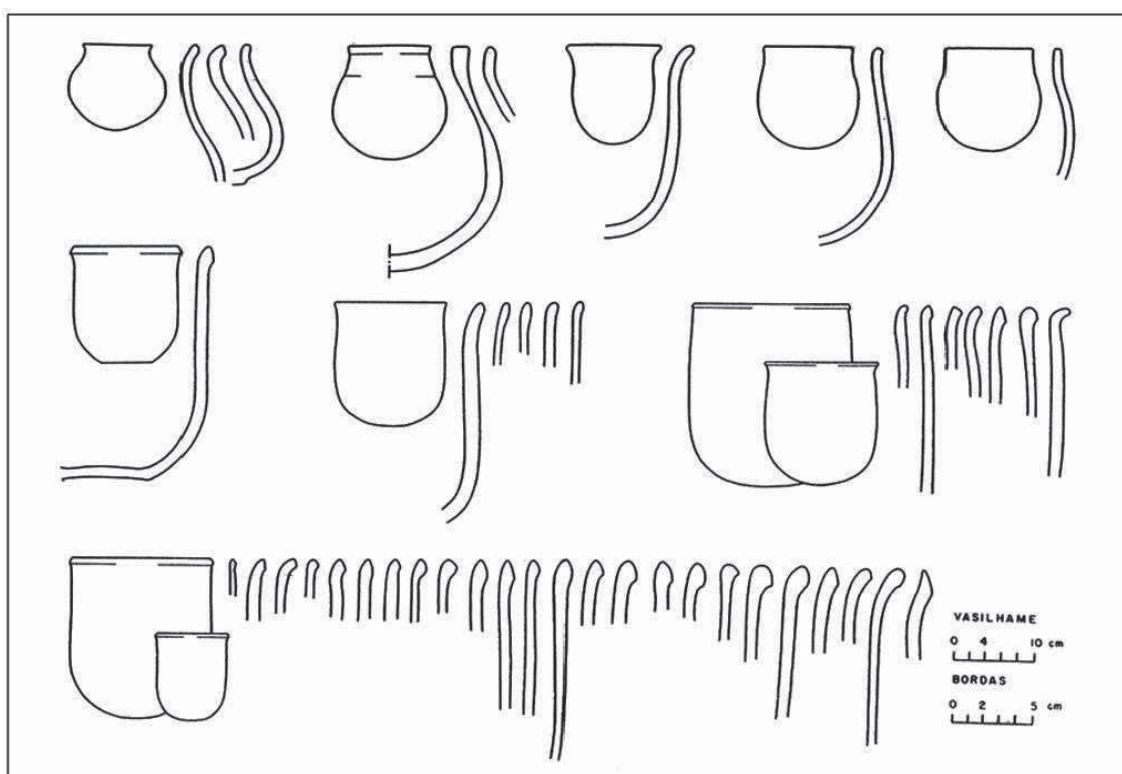


Figura 77: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

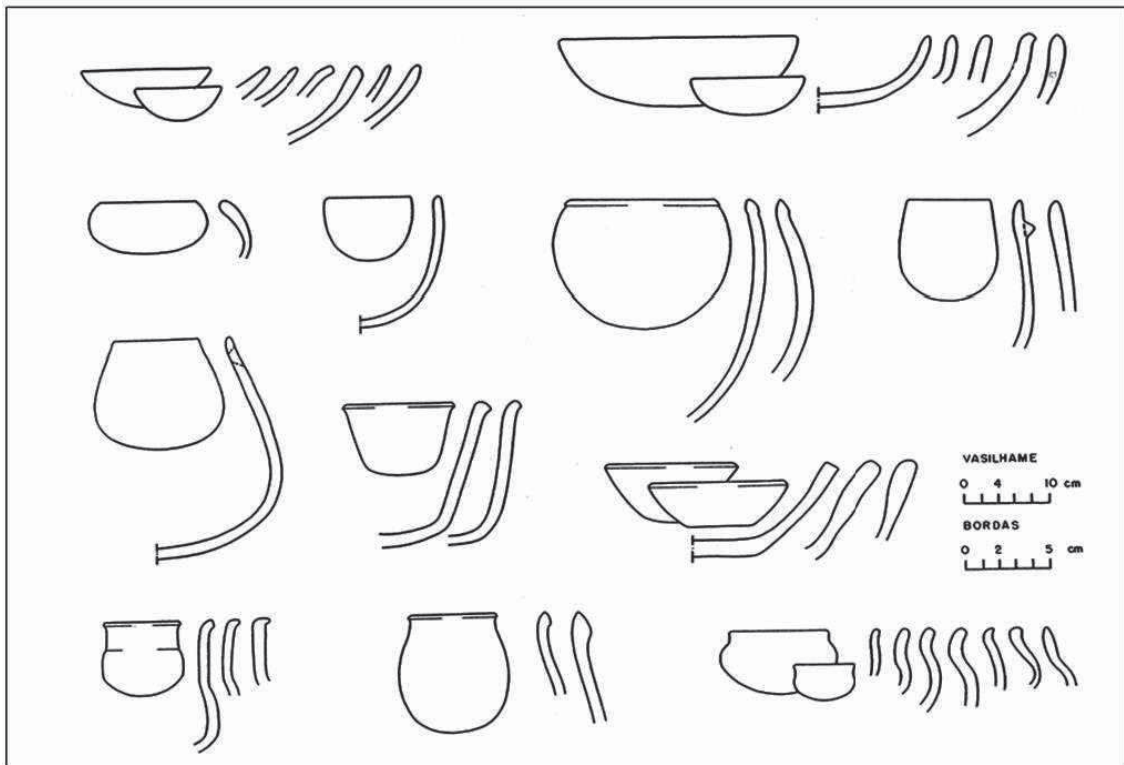


Figura 78: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

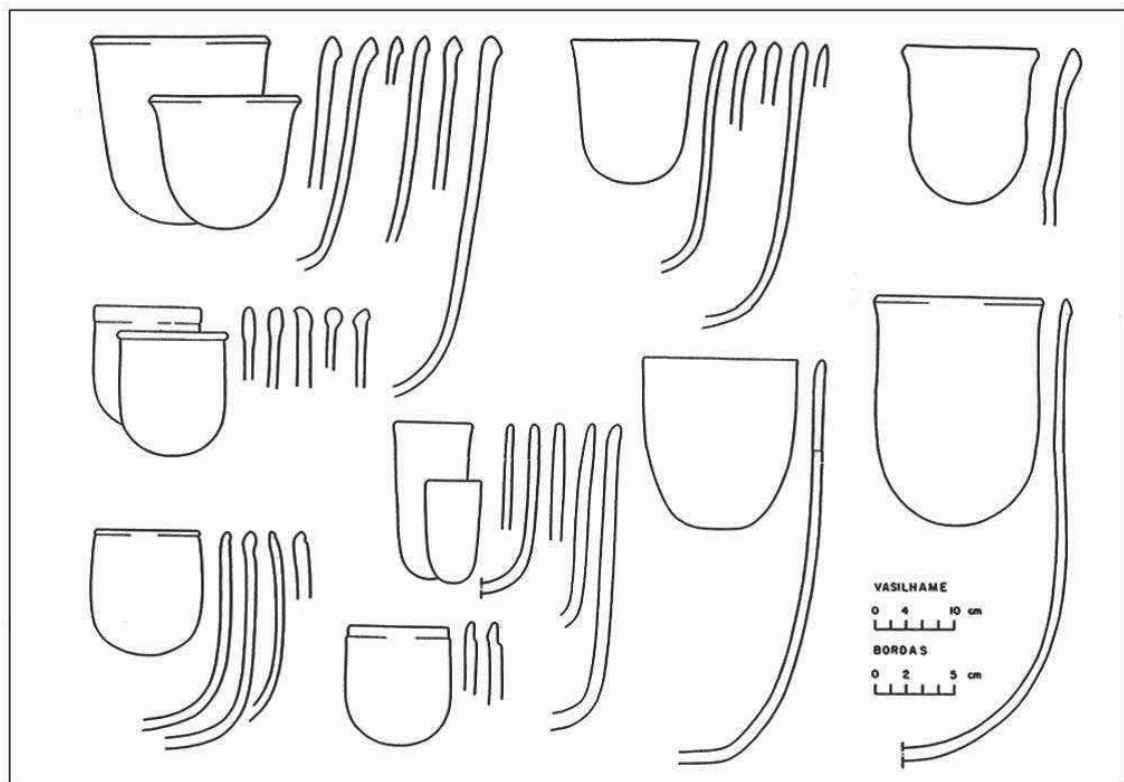


Figura 79: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

Além disso, fizemos também uma contagem aproximada do material cerâmico, a partir de registros feitos por Miller da distribuição deste na área escavada, composta por 281 quadrículas de 2 x 2m (Figura 80).

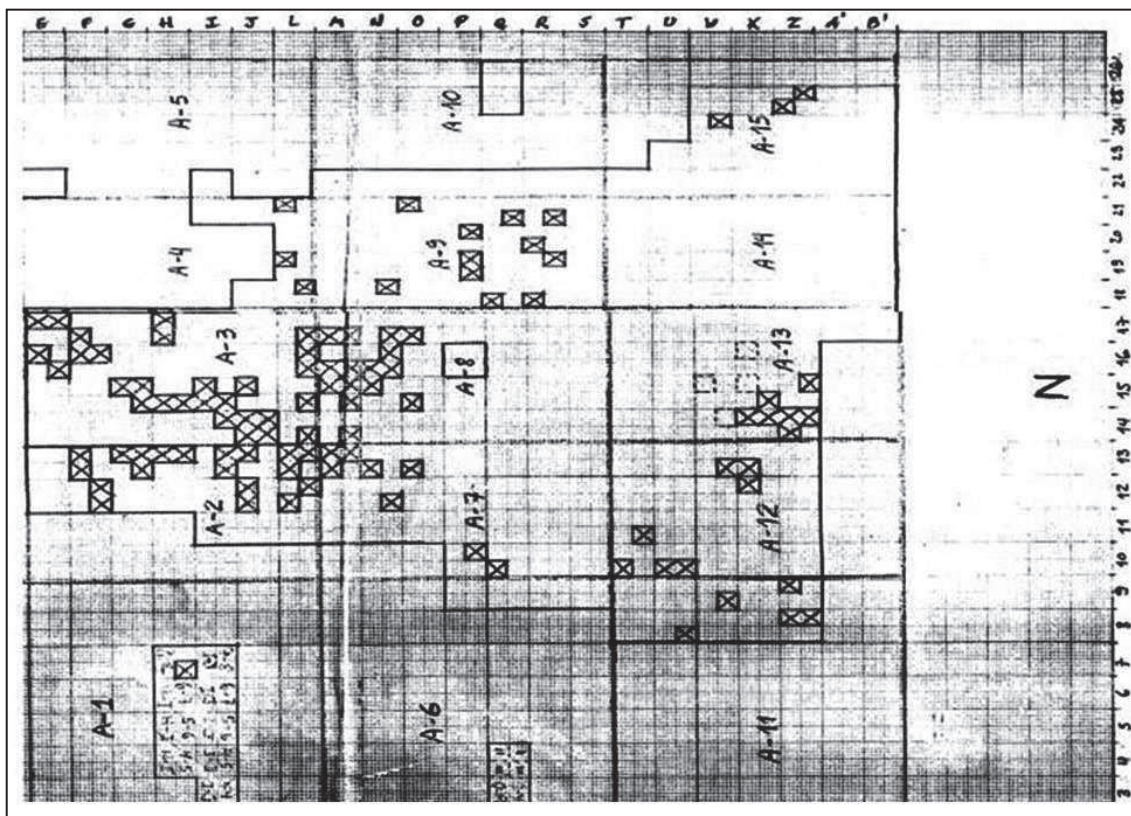


Figura 80: Planta baixa esquemática parcial da área quadriculada por Miller no sítio RS-S-61. As quadrículas com "X" representam áreas não escavadas. Fonte: Rosa (2007).

Apesar de não termos certeza absoluta quanto ao significado das siglas utilizadas por Miller para a classificação das decorações cerâmicas, no total chegamos a 2.962 fragmentos, distribuídos como apresentado na Tabela 4.

Tabela 4: Quantificação do material cerâmico da tradição Taquara, no sítio RS-S-61, realizada por Miller.

Categorias	PI	S	Po	U	P	F	PI	Ñ	G	UI	Sg	Ua	N	PoPi	Total
Quantidade	890	859	404	399	208	98	32	15	15	13	13	10	3	3	2.962

Podemos supor que algumas das siglas utilizadas por Miller referem-se a categorias de decoração mais conhecidas, tais como PI (pinçado), S (simples), Po (pontado) e U (ungulado), que representam as decorações com maior frequência e que

são os elementos diagnósticos do que ele chamou de “Fase Taquara” daquela tradição tecnológica. Para essas, Miller também elaborou pranchas com os principais modelos de formas associadas (Figuras 81, 82, 83 e 84).

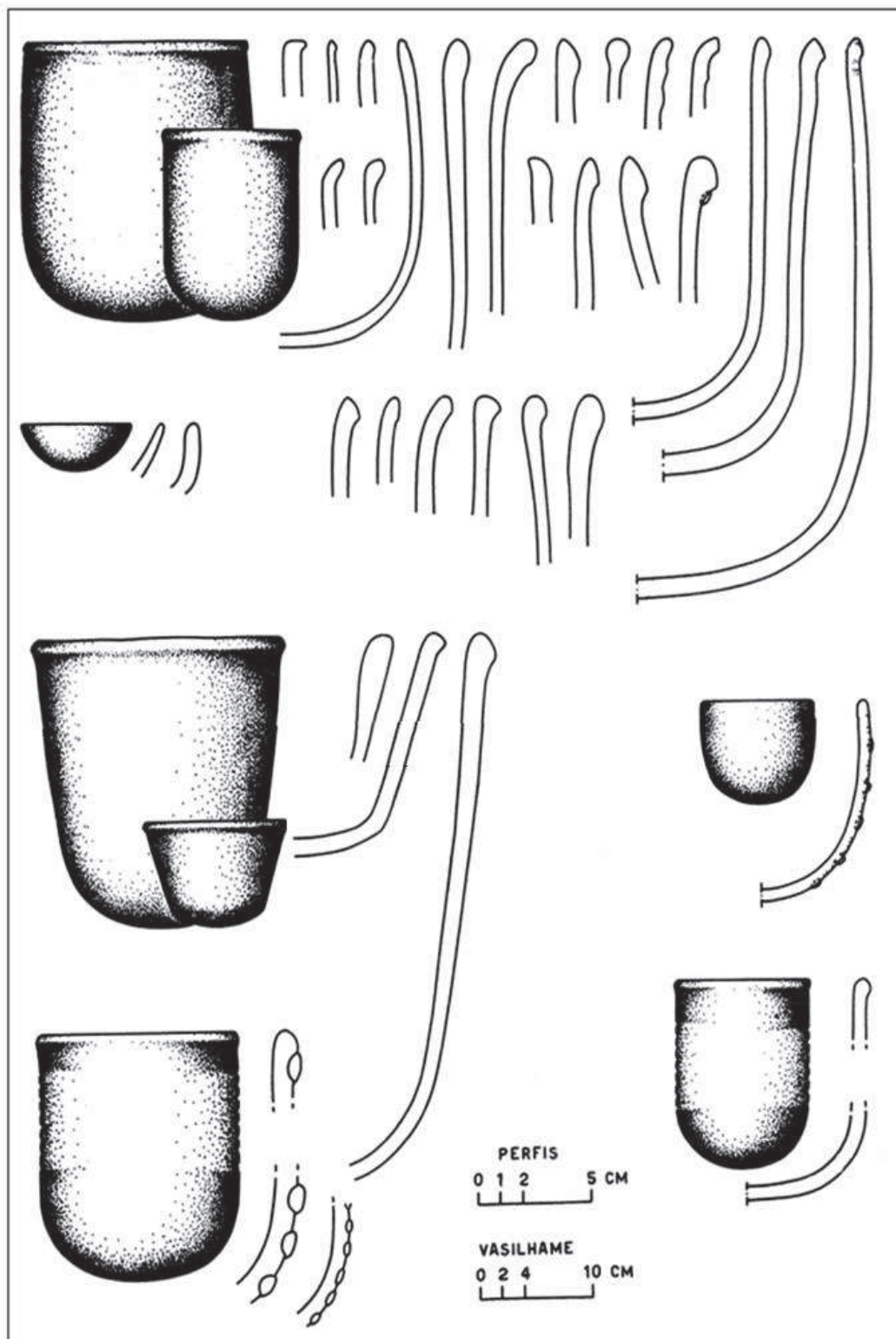


Figura 81: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, com decoração pinçada, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

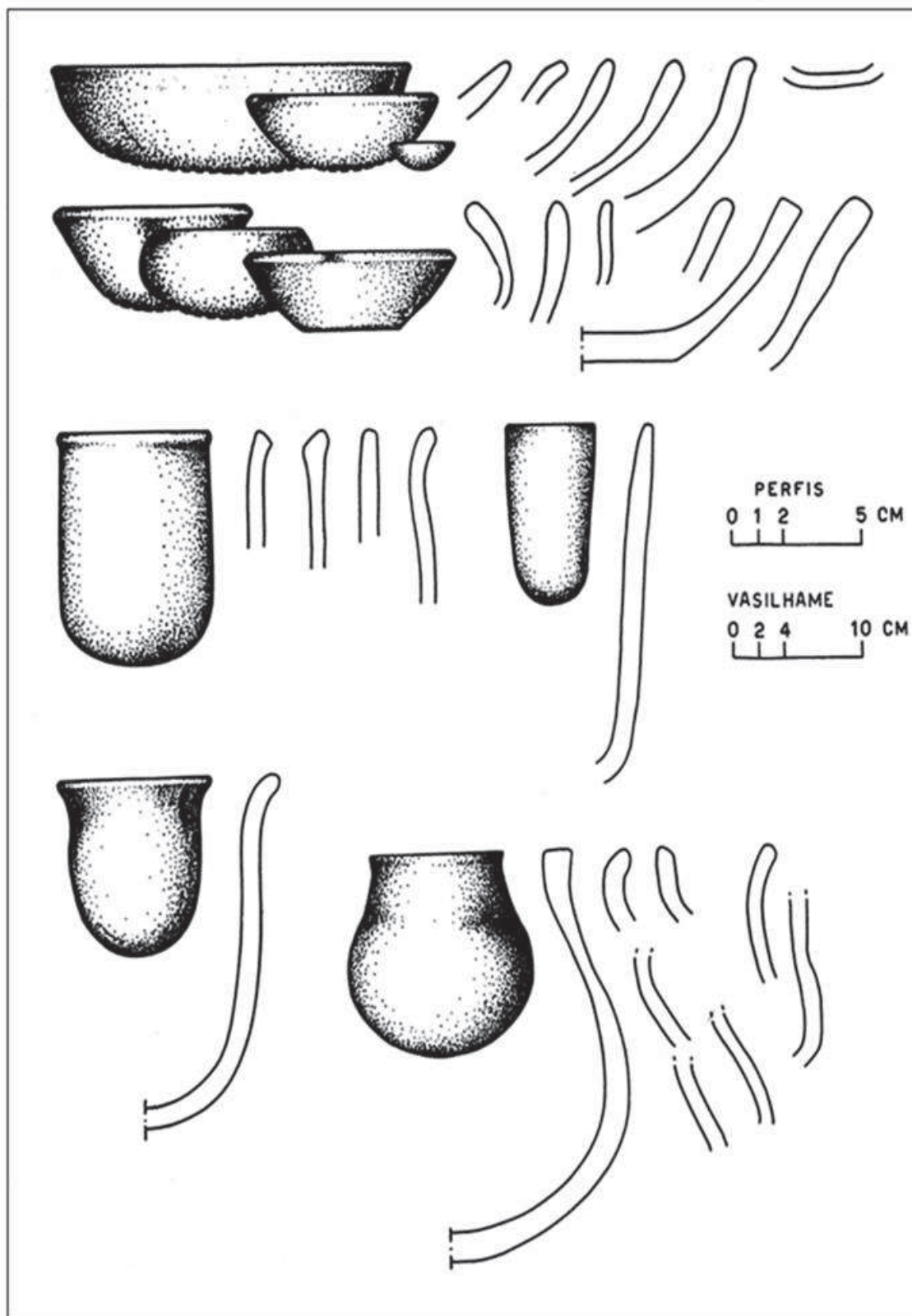


Figura 82: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, simples, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

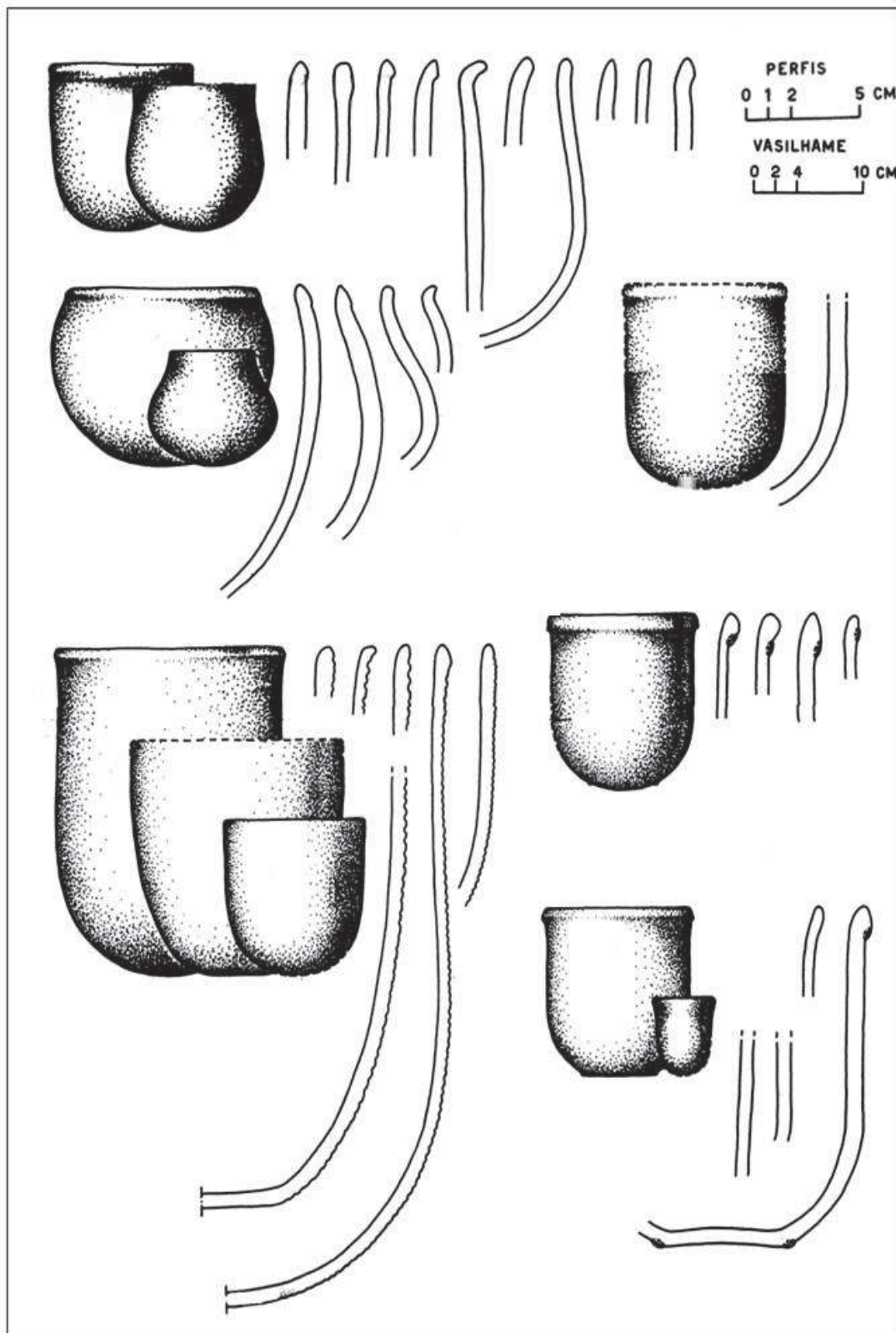


Figura 83: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, com decoração ponteadá, a partir da reconstituíçáo gráficá de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

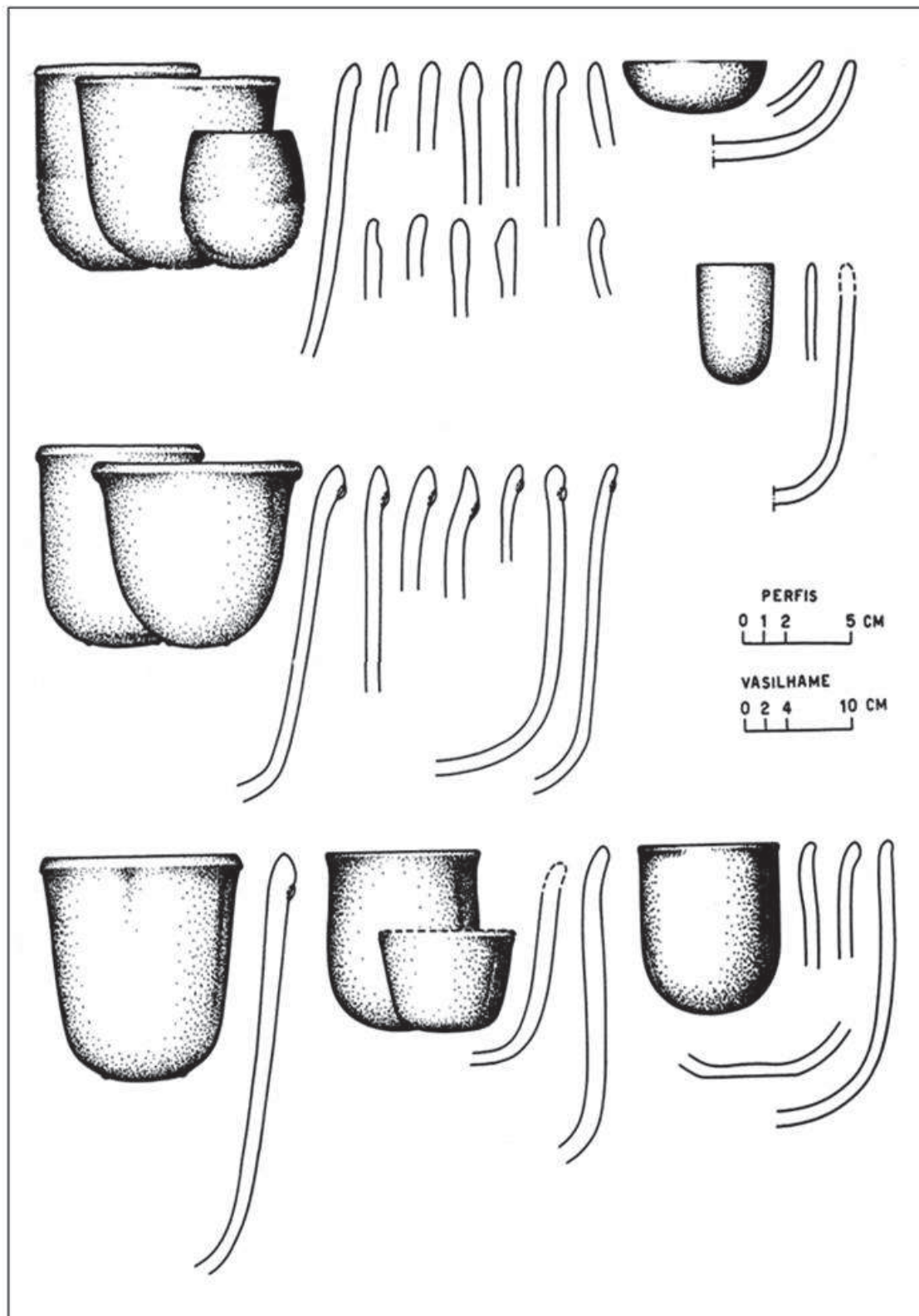


Figura 84: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, com decoração unglada, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

Porém, entre as decorações menos frequentes, tais siglas são mais difíceis de decifrar. Tentativamente, poderíamos supor que seriam P (pintado?), Pl (ponteados linear?), Ul (ungulado linear?), Sg (serrungulado?), N (nodulado?), PoPi (ponteados/pintados?) entre outras que desconhecemos (F, Ñ, G, Ua).

Para esse caso, Miller produziu uma prancha onde apresenta as formas relacionadas a decorações diversas (Figura 85).

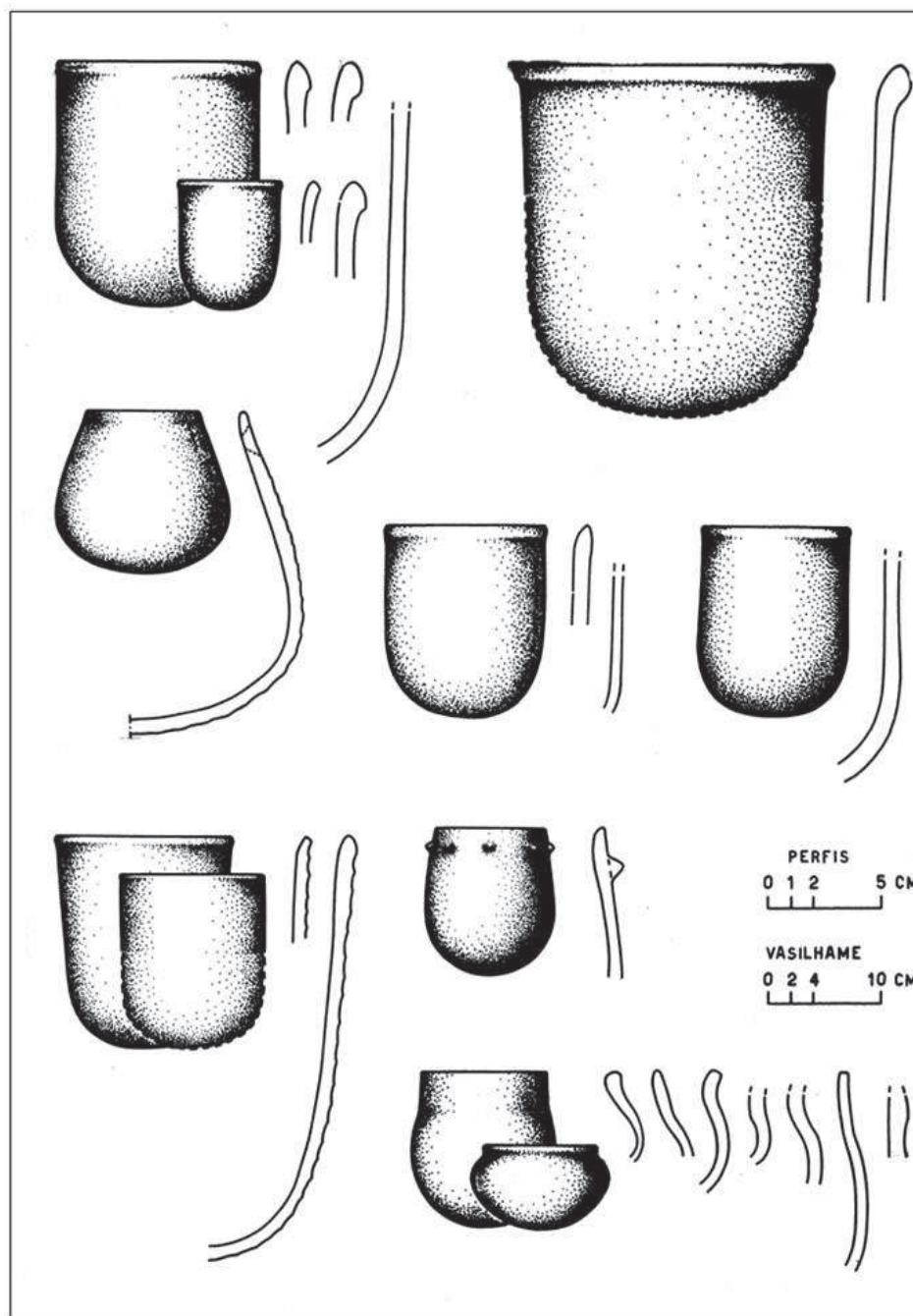


Figura 85: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, com decoração diversa, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-61, feitas por Miller.

Quanto ao material lítico, Rosa (2007) menciona um total de 2.022 peças estudadas, produzidas a partir de matérias primas rochosas e minerais como basalto, arenito friável e silicificado, quartzo hialino e calcedônia, sendo que o basalto foi o mais largamente utilizado (quase 60 %), seguido pelo quartzo hialino (cerca de 27 %).

A mesma pesquisadora identifica 2 tipos de técnicas de produção de instrumentos, através de lascamento: unipolar, aplicada especialmente no basalto e arenito silicificado e bipolar, no quartzo e calcedônia.

As categorias de análise para os artefatos lascados, embora mais complexas, podem ser sintetizadas em lascas, núcleos, peças unifaciais e bifaciais, estudados pela autora a partir do conceito de cadeia operatória. Aparentemente, as peças uni e bifaciais que ocorrem aí não são de tão grande tamanho quanto àquelas associadas aos sítios da mesma tradição tecnológica da parte alta do vale.

Novamente, aqui remetemos o leitor para o trabalho de Rosa, mencionado acima, para uma visão mais aprofundada da análise do material lítico.

RS-S-271 - Linha Gonzaga

Esse sítio está localizado na parte sul da área de estudo e fora da bacia hidrográfica do rio Paranhana, mas próximo ao seu limite mais meridional. Encontra-se a cerca de 600 m da margem esquerda do rio dos Sinos, e próximo à desembocadura do rio Paranhana, na encosta baixa de uma pequena colina.

Na ficha original, escrita por Miller, são mencionadas duas áreas de solo antropogênico, com poucos fragmentos de cerâmica do “tipo Morro da Formiga”, além de artefatos líticos como “choppers, raspadores, lascas em pequeno número, um machado polido”. Uma fotografia associada ao documento mostra que foi feita uma sondagem estratigráfica, mas sem indicação do local e do contexto.

Infelizmente, o acervo material desse sítio não foi encontrado na Reserva Técnica do MARSUL.

RS-S-293 - Arroio Taquara

Esse é, dentro do contexto dos sítios da região de Taquara, talvez o sítio mais importante relacionado à tradição Tupiguarani.

Localizado na margem esquerda do arroio Taquara, nesse trecho já àquela época canalizado, está a cerca de 1 km da margem esquerda do rio Paranhana e a 1,2 km a sudoeste do sítio RS-S-61, mas em terreno mais baixo (cerca de 25 m acima do nível do mar), sobre uma pequena elevação cercada por áreas alagadiças.

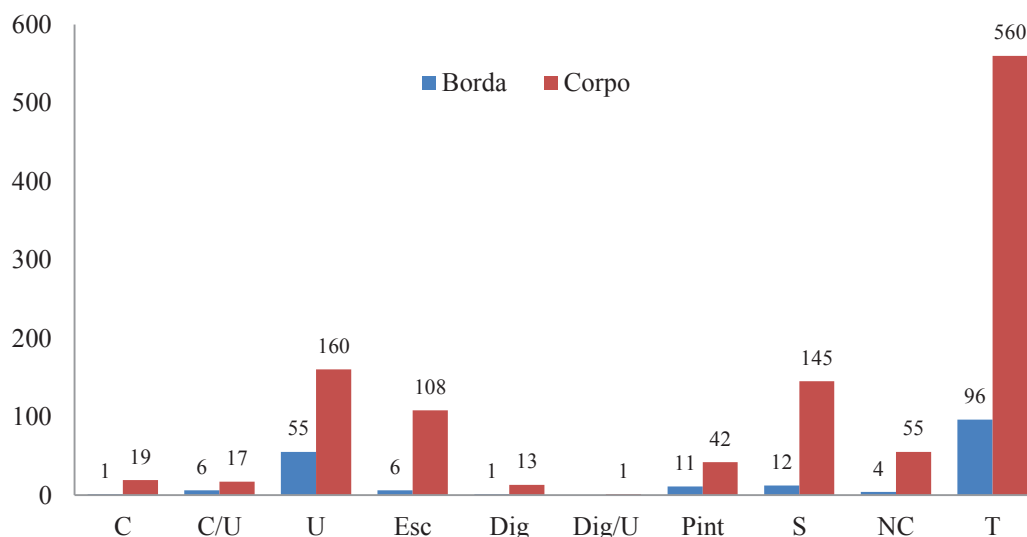
Atualmente, esse local está totalmente incorporado à zona urbana de Taquara e a área é coberta, em parte, por mata secundária e, em parte, foi recentemente terraplanada.

No sítio, foi realizada uma coleta superficial geral e duas sondagens estratigráficas de 1,5 x 1,5 m, com níveis artificiais de 0,10 m, em diferentes locais.

A coleta superficial contabilizou, segundo Miller, 764 fragmentos cerâmicos e 43 peças líticas. Nas sondagens escavadas, que chegaram até um máximo de 0,70 m, foram encontrados, ao todo, ainda segundo Miller, 197 fragmentos cerâmicos e 2 peças líticas.

Na coleta superficial, em nossa revisão do material cerâmico, diferentemente de Miller, encontramos um total de 656 fragmentos, distribuídos como mostra o Gráfico 15.

Gráfico 15: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, em coleta superficial, no sítio RS-S-293

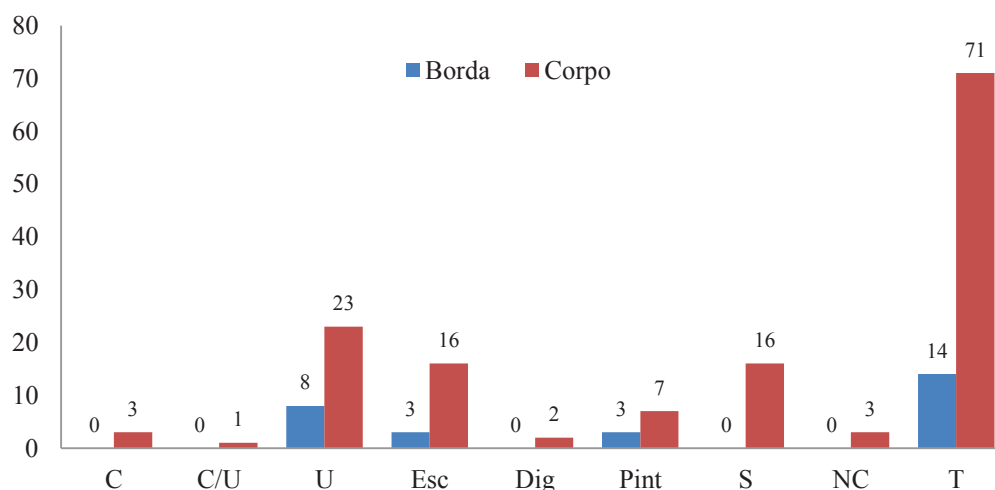


Nas sondagens estratigráficas, também houve pequenas divergências de contagem. Nesse sentido, achamos melhor apresentarmos a contagem em função das categorias de decoração dos fragmentos reunindo o total para cada uma delas, e não por

nível artificial, sabendo que a frequência de fragmentos diminui consideravelmente do primeiro para o terceiro nível, limite inferior máximo da ocorrência de cerâmica em ambas sondagens.

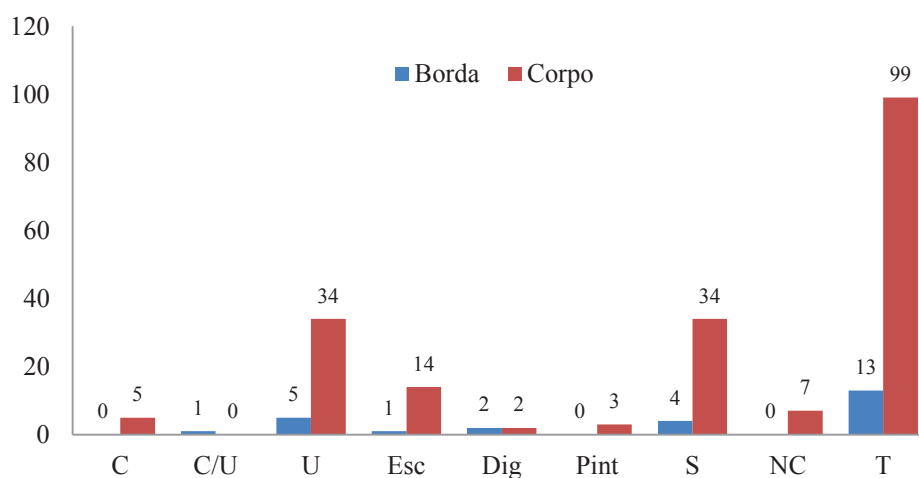
Assim, temos para a sondagem 1, realizada na parte centro oeste do sítio, os valores apresentados no Gráfico 16, totalizando 85 fragmentos.

Gráfico 16: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, na sondagem 1, no sítio RS-S-293



Para a sondagem 2, realizada na parte centro nordeste do sítio, temos um total de 112 fragmentos, distribuídos como mostra o Gráfico 17.

Gráfico 17: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, na sondagem 2, no sítio RS-S-293



Apesar da ocorrência de diferentes categorias de decoração, é importante ressaltar a alta frequência do unglado, seguido pelo simples e escovado, em detrimento de decorações mais populares em outras áreas de ocorrência da tradição Tupiguarani, onde predominam o corrugado e suas variações, além da decoração pintada, ambos muito pouco representativos nesse sítio. Da mesma forma, apesar de apresentar uma frequência significativa de corrugados e pintados, também na área do médio e alto vale do Paranhana (Três Coroas), temos o unglado como a decoração mais popular. Por outro lado, uma nova forma de decoração ocorre, o digitado, no qual a superfície externa dos fragmentos é pressionada ou penetrada levemente pelo dedo da artesã.

De uma maneira geral, as características da cerâmica em termos de técnica de produção, pasta e antiplástico, bem como a queima, são semelhantes às coleções já descritas aqui anteriormente, ressaltando o uso de antiplástico arenoso grosseiro e pouco arredondado, formado principalmente por grãos de quartzo.

A morfologia das vasilhas também se assemelham às aquelas já apresentadas, mas é visível a existência de uma diversidade maior de formas e tamanhos, incluindo pratos e tigelas para servir alimentos (ñaembé, ñaetà e cambuchí caguaba) que podem chegar a 0,50 m de diâmetro de abertura e grandes vasilhas infletidas ou complexas para uso no fogo ou armazenamento de alimentos (yapepó e cambuchí) (Figuras 86 e 87). Essa diversidade de formas e tamanhos pode ser um indicador de que esse assentamento parece ter sido relativamente bem estável

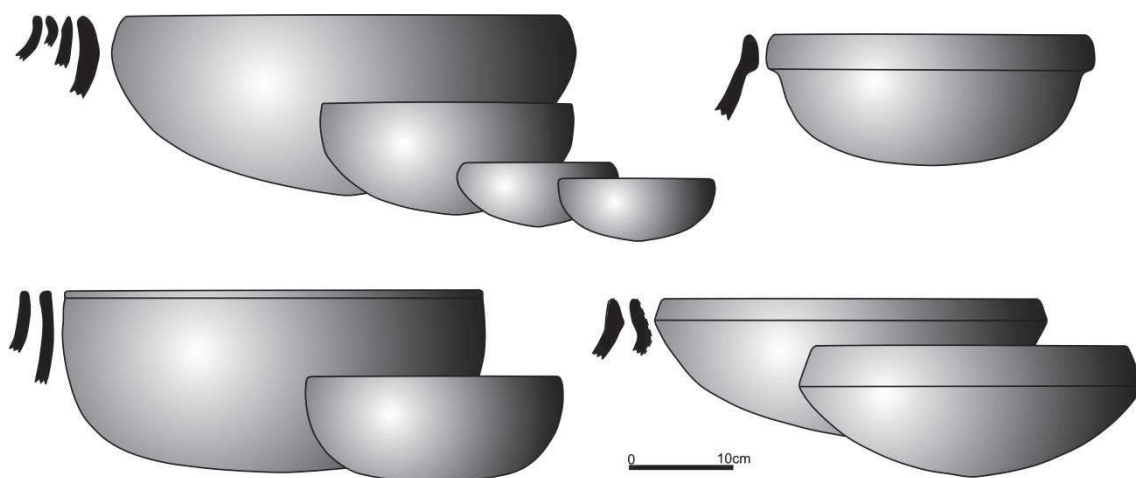


Figura 86: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-293. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

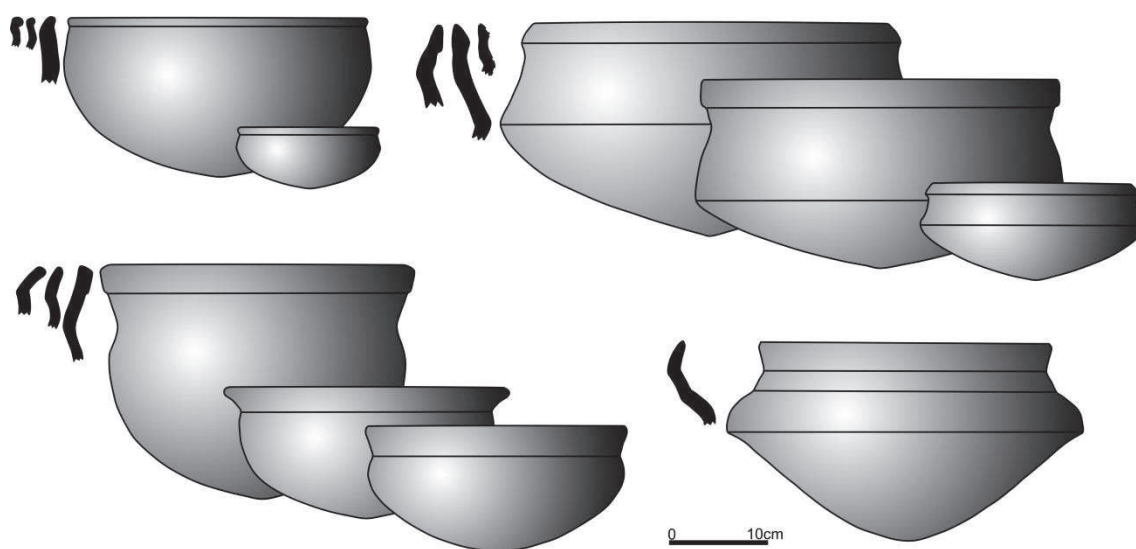
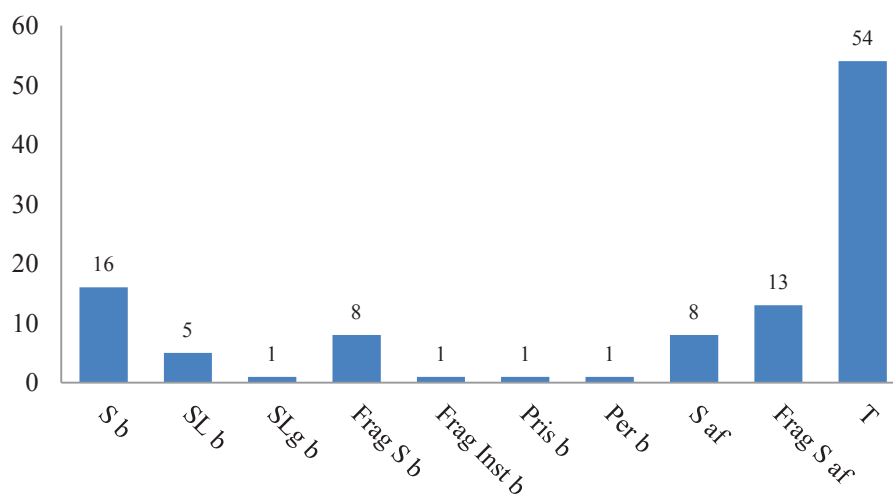


Figura 87: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-293. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico é relativamente pouco abundante e sua maior ocorrência vem da coleta superficial feita por Miller, já que nas sondagens o número de peças foi mínimo (somente 3).

Aquele pesquisador menciona um total de 63 artefatos (incluindo a coleta superficial, as sondagens e mais 17 peças sem numeração de catálogo, mas que pertenciam a esse sítio). No entanto, em nossa revisão localizamos somente 54 delas, associadas à coleta de superfície e as sondagens (Gráfico 18).

Gráfico 18: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-293



Na maior parte, o material lítico associado corresponde a seixos, que pode estar quebrados intencionalmente ou então terem recebido retiradas de poucas lascas, eventualmente formando uma pequena área de gume, além de raros instrumentos formatados, como percutores e pelo menos um fragmento de instrumento polido (provavelmente lâmina de machado) (Figura 88).

Estão ausentes na amostra os grandes talhadores bifaciais tão comuns nos sítios da porção mais alta do vale do rio Paranhana, apresentados anteriormente. A matéria prima utilizada é fundamentalmente o basalto, mas ocorrem alguns seixos e fragmentos naturais de arenito friável.

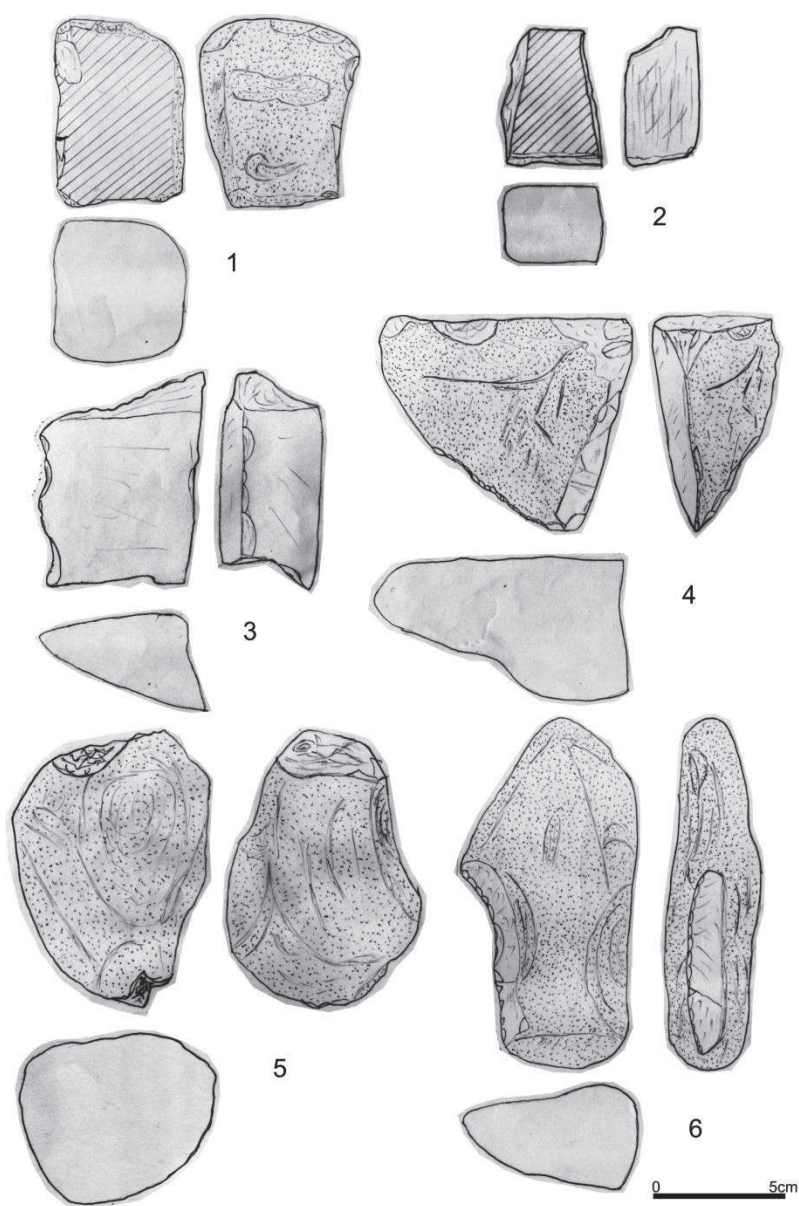


Figura 88: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-293. 1 – seixo lascado com face polida (b), 2 – fragmento de instrumento polido (b), 3 – prisma com gume (b), 4 – seixo lascado (raspador?) (b), 5 – percutor (b), 6 – seixo lascado com gume (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-379 – Moquém 1

Esse sítio está localizado na localidade de Moquém, no extremo sudeste de nossa área de estudo, já fora da bacia hidrográfica do rio Paranhana, mas ainda dentro da área de influência da mesma e do médio vale do rio dos Sinos.

Trata-se de uma elevação residual de arenito e basalto, com cerca de 170 m de altitude, que dista cerca de 2 km da margem direita do rio Rolante que, junto com o Paranhana, é um dos principais afluentes dos Sinos naquela área.

Foi pesquisado por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, em 1971, que encontrou em sua encosta baixa a sudeste matacões de basalto rolados com inscrições rupestres do Estilo Pisadas, em geral associado a caçadores e coletores da tradição Umbu. No entanto, a cerca de 20 m da área das gravuras, também encontrou “alguns fragmentos de cerâmica tupi-guarani”.

Embora essa cerâmica não tenha sido localizada na Reserva Técnica do MARSUL, vale aqui fazer o registro e incorporar esse local como uma área integrada à região de nosso estudo. Também parte desse pequeno complexo, temos um segundo sítio da tradição Tupiguarani no local, descrito a seguir.

RS-S-380 – Moquém 2

Localizado a cerca de 500 m do anterior, em direção norte, no topo do Morro Moquém, em área aplanada, com vertentes próximas.

Nesse local, Mentz Ribeiro localizou “cerâmica tupi-guarani e 1 talhador”.

Da mesma forma que o anterior, o acervo material não foi localizado na Reserva Técnica do Marsul, restando somente as informações da ficha de registro original e sua possível localização. Foi incorporado ao nosso estudo pela mesma razão que o sítio anterior, pois representa um assentamento tupiguarani que, embora fora da bacia hidrográfica do rio Paranhana, está ainda em sua área de influência.

TQ 1 – Mineiro

Esse sítio está localizado na localidade de Mineiro, próximo a Linha Gonzaga, onde está o sítio RS-S-271, distando aproximadamente 1 km desse.

Esse sítio não possui documentação no CRSA do MARSUL e tampouco localizamos seu acervo material na Reserva Técnica. O único registro dele se dá de forma indireta, através de sua menção em um texto não publicado, de Jacobus (1994), que faz um balanço das áreas em que ocorrem sepultamentos em urnas da tradição Tupiguarani, a partir dos registros daquela instituição.

A única peça cerâmica relacionada ao sítio é uma grande vasilha (cambuchí), pintada, escavada por Miller, que é parte do material tombado (registro T-62), acondicionada na Sala de Tombo do MARSUL, cuja imagem foi apresentada no capítulo 2 dessa tese (ver Figura 38).

TQ 2 - Km4

Da mesma forma que o caso anterior, esse sítio não dispõe de ficha de registro e acervo material na Reserva Técnica do MARSUL e foi também somente mencionada por Jacobus (1994).

Segundo ele, trata-se de uma grande vasilha (cambuchi) pintada, que possuía uma tampa e que continha ossos humanos em seu interior.

Foi encontrada e escavada por Miller no ano de 1978, na área do antigo (e atualmente desativado) Hotel Vila Verde, a cerca de 500 m ao norte do MARSUL.

Uma fotografia dessa peça, apresentada no capítulo 2 dessa tese (ver Figura 39).

TQ 4 - Patomé

Sítio localizado no extremo sudeste do município de Taqura, na localidade de Padre Tomé (Patomé), a cerca de 7 km a sudeste do sítio TQ 1. A localização do sítio é aproximada, mas estaria localizado na média encosta do Morro Patomé, voltada para noroeste e a cerca de 1,5 km da margem esquerda do rio dos Sinos.

A única peça mencionada, também por Jacobus (1994) é uma grande vasilha (cambuchí), pintada em vermelho sobre branco, usada como urna para um sepultamento, que foi desenterrada por Miller no início da década de 1960.

Essa urna está registrada na Sala de Tombo do MARSUL sob o número T – 592. Uma foto dela foi apresentada no capítulo 2 dessa tese (ver Figura 41).

RS-S-30 - Tucanos

Esse sítio está localizado no atual bairro de Tucanos (à época da pesquisa, uma localidade), a cerca de 2 km a leste do centro urbano de Taquara.

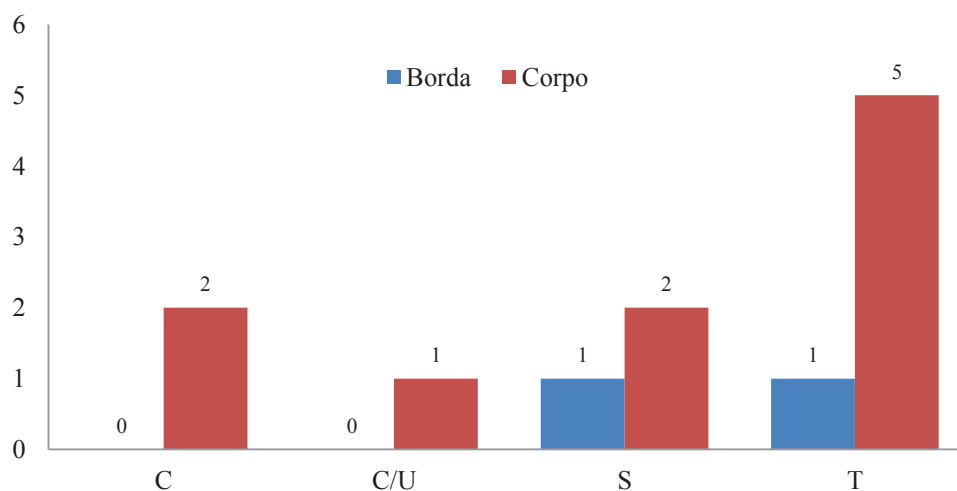
Miller, no início da década de 1970, registrou esse sítio como associado à tradição Umbu. De fato, na Reserva Técnica do MARSUL existe grande quantidade de material lítico e vestígios zooarqueológicos associados àquela tradição de caçadores e coletores, mas junto estão 6 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani.

As informações no CRSA se resumem a uma pequena nota da localização aproximada e sigla do mesmo, sem maiores detalhes sobre suas características nem tampouco croqui do sítio ou imagens.

Essas poucas peças cerâmicas, certamente, devem estar relacionadas a um pequeno assentamento tupiguarani posterior à ocupação do local pelos caçadores e coletores.

A escassa cerâmica apresenta fragmentos muito erodidos, compostos por uma pasta com antiplástico arenoso grosseiro e mal arredondado, quartzoso, e bastante frágil, com decoração corrugada, corrugada ungulada e simples. A única borda existente é muito pequena, dificultando a reconstituição gráfica da vasilha, mas percebe-se que era na forma de tigela (ñaembé), pequena e pouco profunda (Gráfico 19).

Gráfico 19: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, no sítio RS-S-30



3.3 O material arqueológico dos sítios do município de Parobé

Na área do município de Parobé foram estudados 4 sítios, todos eles associados à tradição Tupiguarani.

Esses sítios estão localizados próximos entre si, na margem esquerda do vale rio dos Sinos, em sua porção média, a jusante da foz do rio Paranhana, no distrito de Santa Cristina do Pinhal, localidade de Morro Negro.

Estão posicionados sobre pequenas elevações na várzea do rio dos Sinos (aqueles mais próximos dessa drenagem) ou então na média e baixa encosta de morros areníticos residuais.

Eles foram pesquisados por Miller, no início da década de 1960 e, apesar de todos possuírem acervo material na Reserva Técnica do MARSUL, alguns não possuem mais sua ficha de registro.

RS-S-34 - Morro Negro

Esse sítio não possui ficha de registro, mas informações secundárias encontradas em Jacobus (1994) indica que está situado em uma baixa encosta do Morro Negro, na localidade de mesmo nome, no distrito de Santa Cristina do Pinhal, a cerca de 1,5 km da margem esquerda do rio dos Sinos.

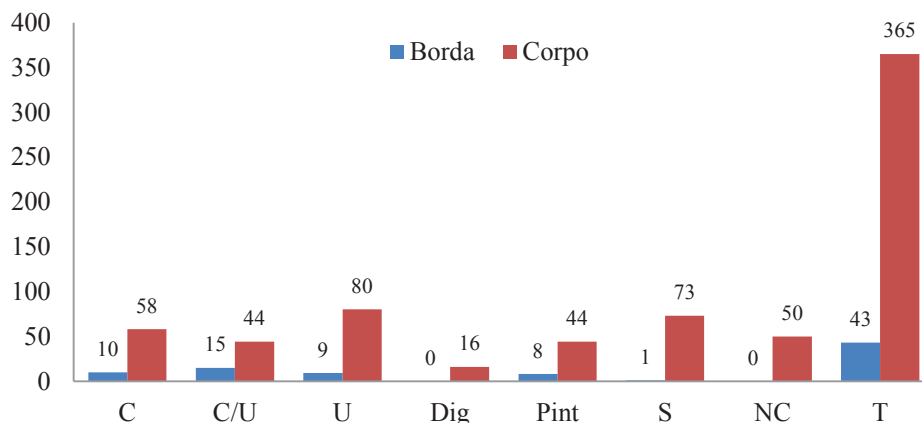
Pesquisado por Miller no ano de 1961, não há maiores detalhes sobre sua área e estrutura interna. Mas Jacobus (1994) menciona a existência de duas estruturas funerárias, que foram escavadas e retiradas por Miller. Fotografias reproduzidas por Jacobus no texto mencionado, de uma dessas escavações e das urnas e outras peças cerâmicas e líticas (um adorno peitoral de basalto e um tembetá de quartzo hialino) a elas associadas corroboram a informação, mas infelizmente nenhum desses documentos nem tampouco as peças foram localizadas no CRSA e na Reserva Técnica do Marsul e podem ser apreciadas somente através da reprodução de Jacobus (mostradas no capítulo 2 dessa tese).

O que existe naquela reserva é o material lito-cerâmico, provavelmente oriundo de coleta superficial, resgatado por Miller.

A amostra cerâmica está associada à tradição Tupiguarani e é composta por 408 fragmentos, entre bordas e partes do corpo. A decoração com maior frequência é a

ungulada, seguida pela simples e, depois, corrugada, corrugada ungulada e pintada (Gráfico 20).

Gráfico 20: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, no sítio RS-S-34



A morfologia das vasilhas, com exceção das urnas associadas aos sepultamentos, mostram pouca variação e representam tigelas para servir alimentos (ñaetá) e para cocção (ñaembé), geralmente com bordas diretas e eventualmente infletidas e de tamanhos variados, podendo chegar a pouco mais de 0,30 m de diâmetro de boca, além de panelas restringidas, com bordas infletidas, também para cocção de alimentos (yapepó), com no máximo 0,30 cm de diâmetro de boca (Figura 89).



Figura 89: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-34. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

Essa cerâmica apresenta invariavelmente produção roletada, com pasta com muito antiplástico arenoso grosseiro, geralmente grãos de quartzo pouco arredondados, queima oxidante incompleta com coloração marrom avermelhada e textura áspera ao toque.

O material lítico é praticamente inexistente na amostra, composto somente por um fragmento de arenito friável, além das peças descritas por Jacobus (1994), que representavam parte do mobiliário de um dos sepultamentos em urna.

É importante lembrar que o arenito (sobretudo o friável) é comum na litologia da área, mas outras matérias primas líticas são mais restritas localmente (como o basalto, quartzo, calcedônia e arenito silicificado). Isso pode indicar, por um lado a escassez de artefatos líticos e, por outro, a necessidade de deslocamento maior para obtenção dessas últimas matérias primas até a encosta do planalto ou em morros residuais capeados por basalto, ao mesmo tempo que indicaria que, possivelmente, o adorno peitoral e o tembetá teriam chegado ao sítio já prontos, acompanhando o indivíduo sepultado.

RS-S-260 - Pinhal

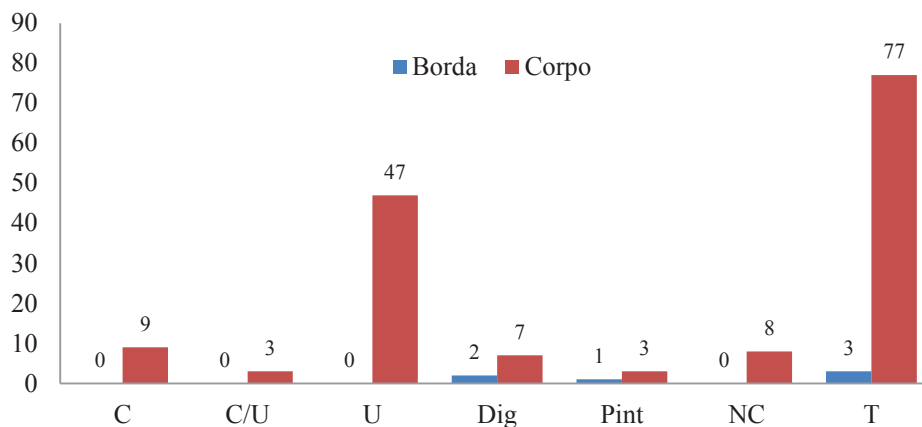
Localizado a cerca de 1 km para nordeste do sítio anterior, está situado mais próximo à margem esquerda do rio dos Sinos (cerca de 700 m), sobre uma elevação arenosa dentro da área de várzea do rio.

Miller, que o pesquisou em 1965, informa que teria havido ali um enterramento em urna, que foi destruído por lavração, antes de sua chegada. Segundo ele, no sítio ainda eram aparentes 4 pequenas áreas de solo antropogênico. À época, foram realizadas uma coleta superficial e duas sondagens estratigráficas. A quantificação apresentada originalmente é discrepante daquela que encontramos ao revisar o material existente na Reserva Técnica do MARSUL. Localizamos material lito-cerâmico oriundo da coleta superficial e das duas sondagens, totalizando 216 fragmentos cerâmicos e 19 peças líticas.

A cerâmica, de uma maneira geral, possui características semelhantes às aquelas descritas para o sítio anterior, em termos de pasta, antiplástico, queima e técnica de produção. Da mesma forma, ocorre um repertório limitado de técnicas de decoração e, novamente, a maior frequência é a do unglado, com um pequeno incremento de

corrugados e leve diminuição dos simples. O Gráfico 21 mostra essas frequências na amostra relacionada à coleta superficial realizada no sítio.

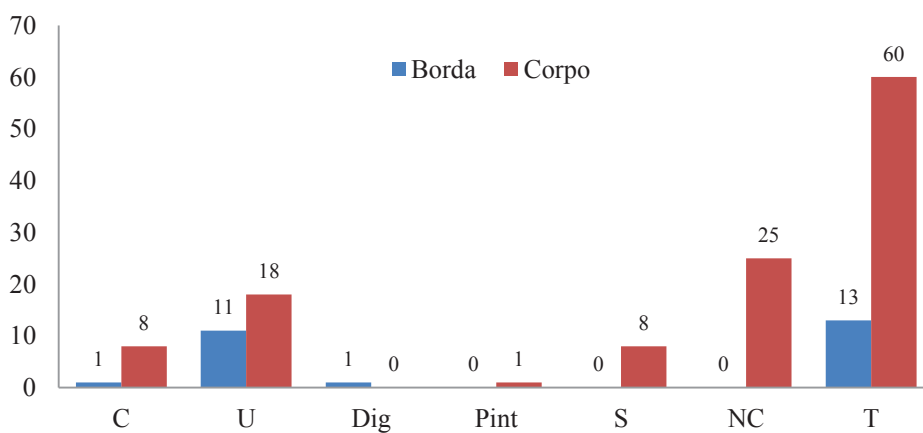
Gráfico 21: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, de coleta superficial, no sítio RS-S-260



Quando comparamos com as amostras oriundas das duas sondagens de 1 x 1 m realizadas por Miller, vemos que não há muita diferença nas proporções. Para melhor visualização, juntamos as amostras totais para cada sondagem, desconsiderando o nível estratigráfico (que foi artificial, de 0,10 m), sabendo que a profundidade máxima de ocorrência de vestígios foi o nível 4 (0,30 a 0,40 m de profundidade), em ambas e que a frequência de fragmentos diminuiu consideravelmente até aquele nível.

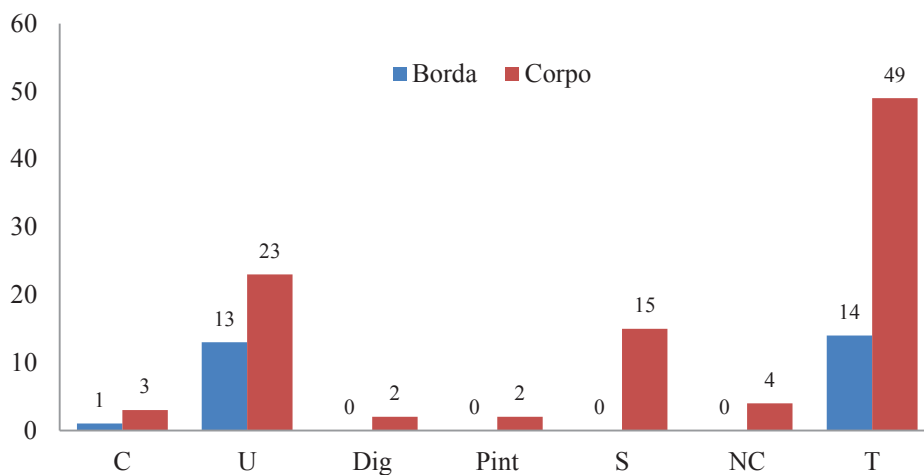
Para a sondagem 1 (Gráfico 22), que totalizou 73 fragmentos, temos:

Gráfico 22: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, na sondagem 1, no sítio RS-S-260



Para a sondagem 2 (Gráfico 23), que totalizou 63 fragmentos, temos:

Gráfico 23: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, na sondagem 2, no sítio RS-S-260



Quanto à morfologia, a cerâmica apresenta vasilhas com variabilidade pequena de formas, semelhantes às do sítio anterior, com tamanhos equivalentes, entre recipientes para preparar e servir alimentos, com corpo elipsoide em meia calota e bordas diretas ou com leve ponto angular e vasilhas infletidas restringidas para cocção (Figura 90).

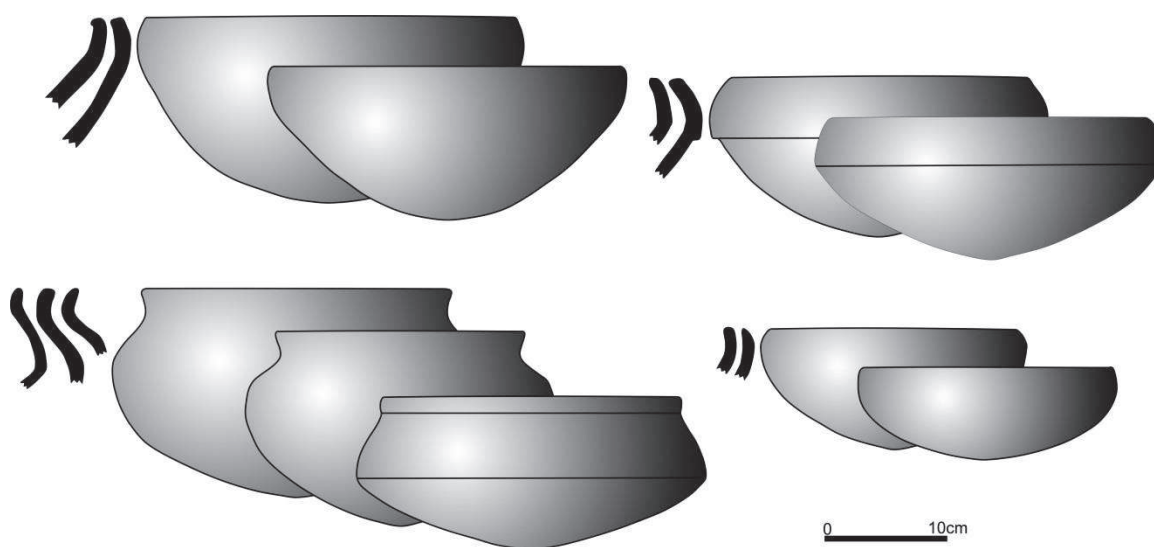


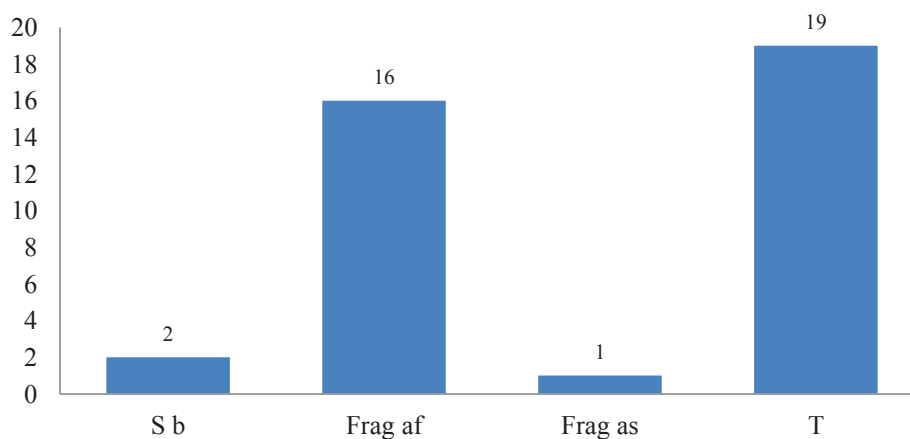
Figura 90: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-260. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico é, da mesma forma que no sítio anterior, bastante escasso, e só apareceu no contexto das sondagens. Apresenta maior ocorrência de fragmentos naturais de arenito friável. No entanto, entre esses fragmentos, há dois em que aparecem faces polidas, sendo que um deles se parece com um fragmento de “esteca” (polidor) e outro mostra uma pequena depressão irregular em uma face.

Também ocorrem um seixo de basalto, que foi quebrado e que apresenta áreas que também parecem ter sido alisadas e 1 fragmento de arenito silicificado, aparentemente sem nenhuma modificação intencional (Gráfico 24 e Figura 91).

Para fins de contagem do material lítico essas peças foram inseridas somente como seixos ou fragmentos, relacionados às diferentes matérias primas. Na prancha que mostra os desenhos das peças, elas estão discriminadas de forma mais descritiva.

Gráfico 24: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-260



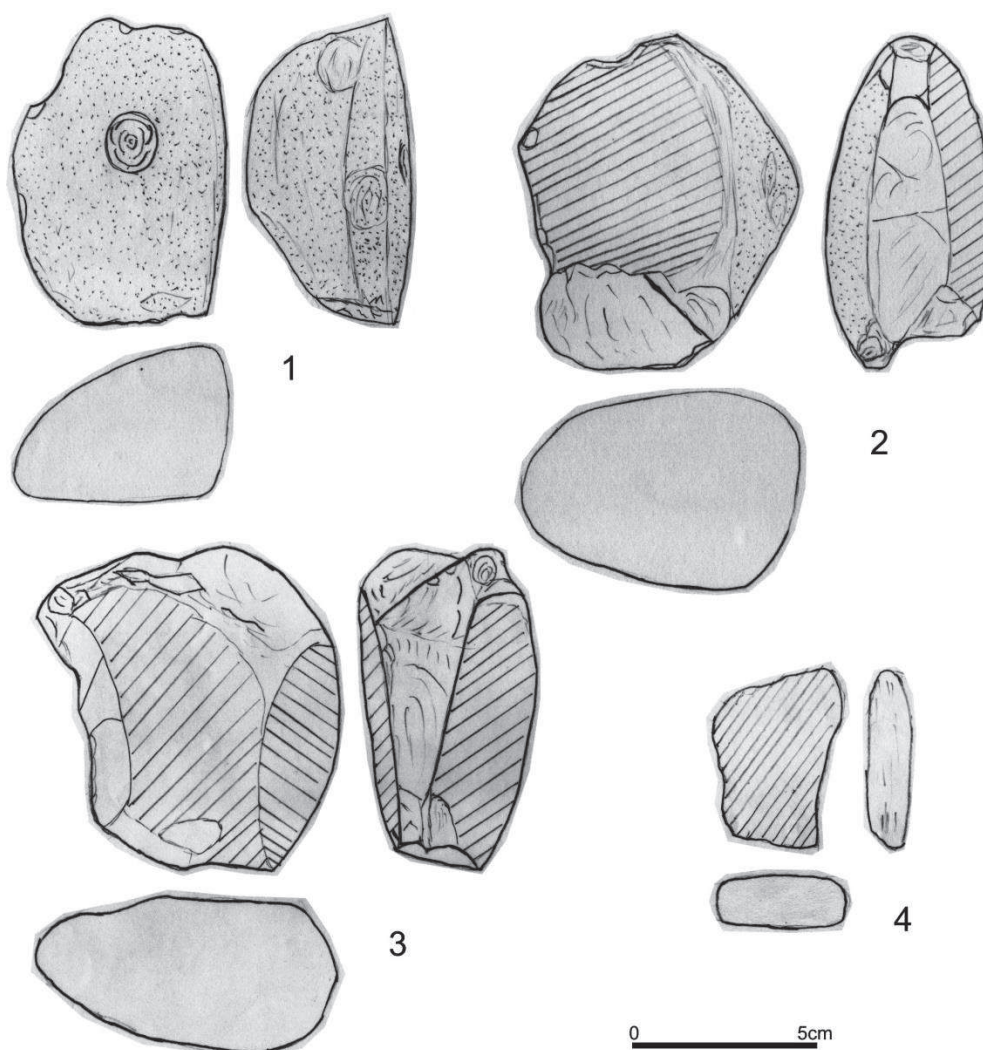


Figura 91: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-260. 1 – fragmento com pequena depressão circular (af), 2 – seixo de basalto quebrado intencionalmente e com faces alisadas (b), 3 – fragmento com faces polidas (af), 4 – fragmento com faces polidas (polidor/esteca?) (af). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-291 - Zezinho Paz 1

Este sítio está afastado cerca de 4 km do anterior, seguindo pela estrada secundária que liga Santa Cristina do Pinhal a São Leopoldo (via Lomba Grande). Localiza-se a esquerda da estrada, sobre a encosta baixa de um morro arenítico, cerca de 1,3 km da margem esquerda do rio dos Sinos.

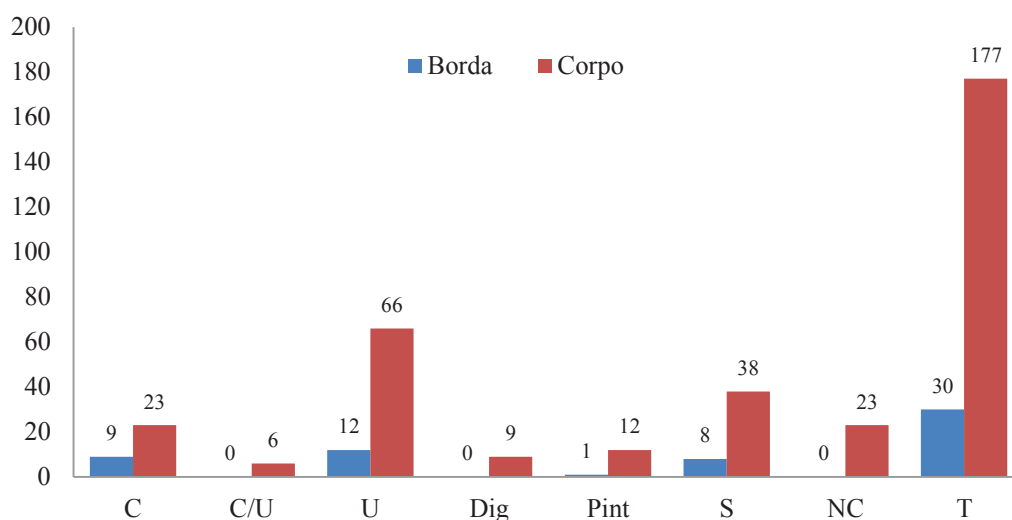
Nele Miller localizou três áreas com solo antropogênico, cuja coleta superficial resultou, segundo a ficha de registro original, 294 fragmentos cerâmicos e 63 artefatos líticos.

A cerâmica está associada à tradição Tupiguarani e, novamente, mostra estreita semelhança tecnológica e morfológica com aquelas dos dois sítios mencionados

anteriormente para essa área, com a alta frequência de decoração unglada, seguida por simples. Como algo um pouco distinto, já ocorre mais decoração corrugada e corrugada unglada, além do leve incremento da pintada. Uma decoração que ocorre desde o sítio RS-S-293, em Taquara e que permanece recorrente, ainda que com baixa frequência, é a digitada.

No Gráfico 25 é mostrada a classificação da cerâmica por decoração. Dos 294 fragmentos mencionados por Miler, encontramos somente 207, na Reserva Técnica do MARSUL.

Gráfico 25: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no sítio RS-S-291



As formas das vasilhas que puderam ser reconstituídas graficamente apresentaram tamanho pequeno (até 23 cm de abertura de boca), com formato de tigelas pouco profundas, possivelmente usadas para servir alimentos (ñaembé) ou cozer pequenas quantidades de comida (ñaetá) (Figura 92).

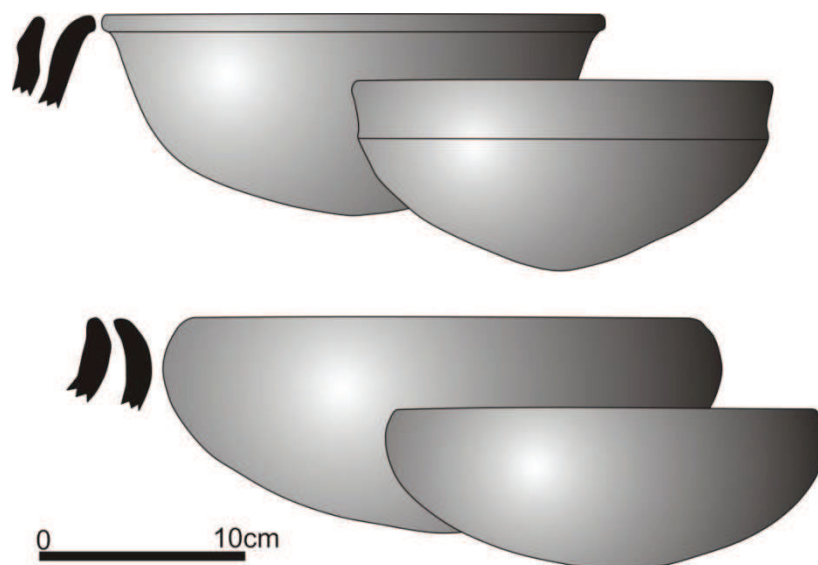


Figura 92: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-291. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico desse sítio já é mais abundante e com maior variabilidade de artefatos do que nos casos anteriores, para essa região. No entanto, das 63 peças mencionadas por Miller, só localizamos 57.

Ocorre presença maior de basaltos, especialmente na forma de seixos (às vezes quebrados intencionalmente) e lascas primárias, com gumes retocados. O arenito silicificado também ocorre com frequência maior, na forma de lascas primária e secundárias, eventualmente com gume retocado. No entanto, o alto percentual de seixos de calcedônia não implica em alta produção de artefatos nessa matéria prima, mas sim a ocorrência de peças naturais, sem modificação antrópica (Gráfico 26 e Figura 93).

Pela presença dessas matérias primas e pela quase ausência do arenito friável, é possível que os morros próximos ao sítio mantenham ainda um capeamento basáltico, onde essa matéria prima pode ser obtida, assim como o arenito silicificado em algum ponto de contato entre àquela litologia e o arenito friável (Botucatu).

Gráfico 26: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-291

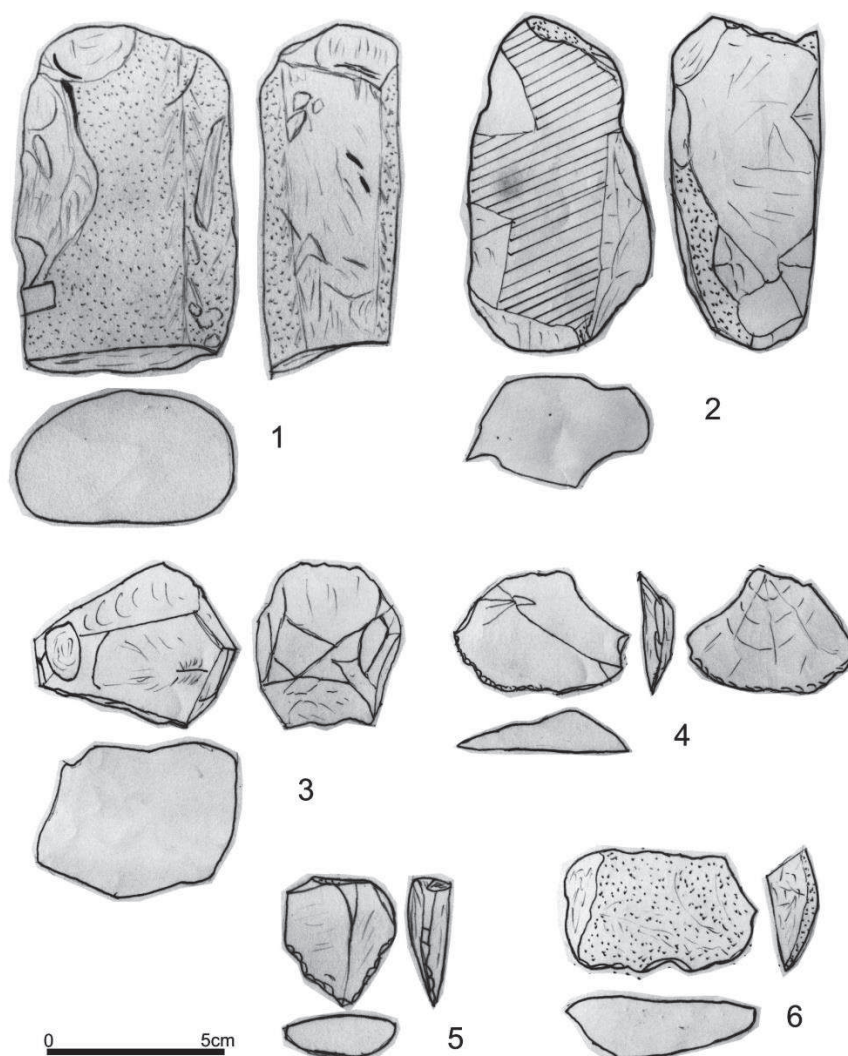
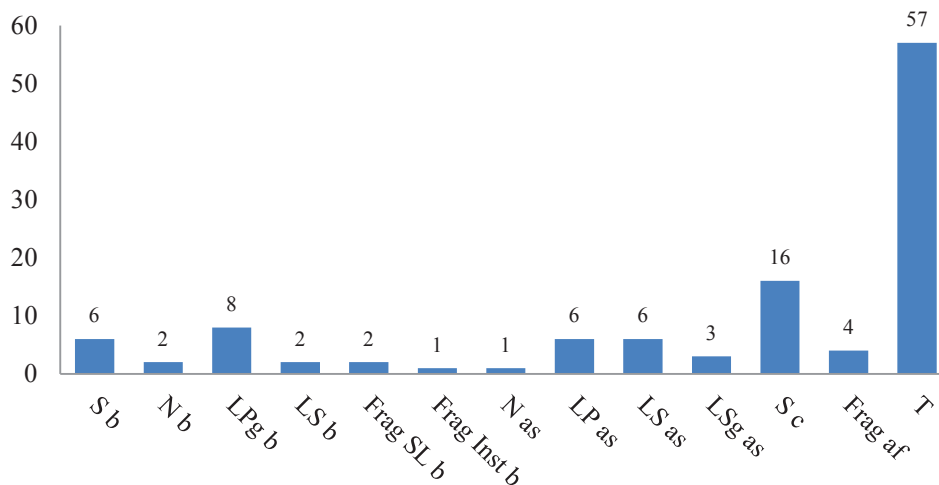


Figura 93: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-291. 1 – fragmento de instrumento bifacial lascado (provavelmente talão de um talhador) (b), 2 – fragmento de seixo lascado com face alisada (b), 3 – núcleo unipolar (as), 4 e 5 – lascas secundárias com gume retocado (as), 6 – lasca primária com gume retocado (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-292 - Zezinho Paz 2

Está localizado a 500 m ao norte do anterior, à direita da estrada e a cerca de 700 m da margem esquerda do rio dos Sinos, sobre uma pequena elevação arenosa do terreno, já na área de várzea daquele rio.

Miller, que o pesquisou em 1966, menciona duas áreas de solo antropogênico e a realização de uma coleta superficial geral, informando ainda que o material arqueológico não apresentava concentração sobre aquelas áreas, mas estava disperso por uma superfície maior.

Miller menciona um total de 134 fragmentos cerâmicos associados à tradição Tupiguarani, mas nossa revisão mostrou um número um pouco maior, com 152 fragmentos.

Ainda segundo Miller, a cerâmica se apresentava como “cacos pequenos e muito erodidos”, o que foi confirmado em nossa análise. Essa susceptibilidade à erosão deve-se especialmente à grande quantidade de antiplástico arenoso grosseiro e anguloso na pasta, que deixa uma textura áspera ao tato. Como nos sítios anteriores, a queima é oxidante incompleta deixando uma coloração predominantemente marrom avermelhada à superfície.

Como que formando um conjunto com o sítio RS-S-291 e diferentemente dos sítios RS-S-34 e RS-S-260, na mesma área, a frequência de decoração corrugada e corrugada ungulada cresce, assim como a pintada e simples. Além disso, aparece o escovado e se mantém um baixo número, mas de forma recorrente, de decoração digitada. Ainda assim, a frequência de ungulados é maior que a de corrugados e suas variantes, perdendo apenas para o simples (Gráfico 27).

A morfologia das vasilhas, a partir do baixo número de bordas passíveis de reconstituição gráfica, remete a formas esferoides e elipsoides, em meia calota, como tigelas e pratos para servir alimentos e beber (ñaembé e cambuchí caguabá) (Figura 94).

Gráfico 27: Quantificação da cerâmica Tupiguarani no sítio RS-S-292

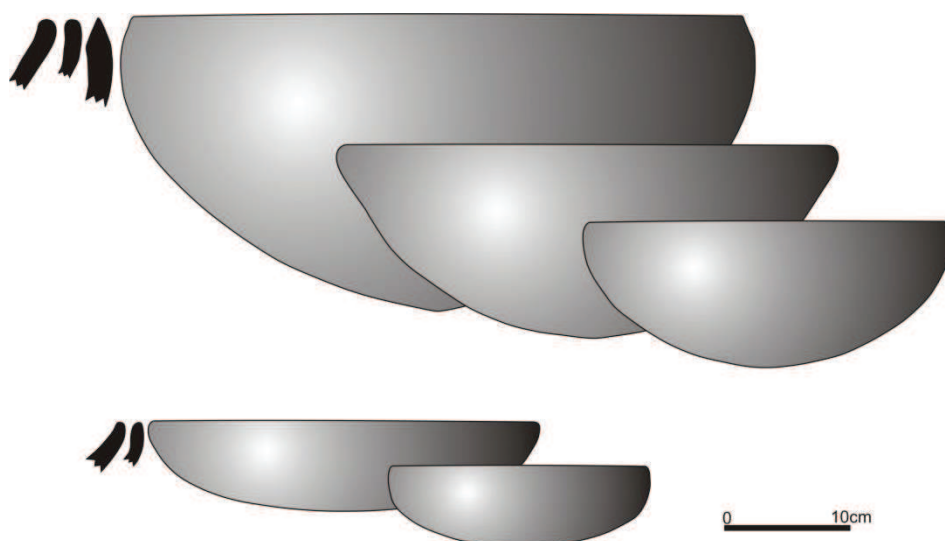
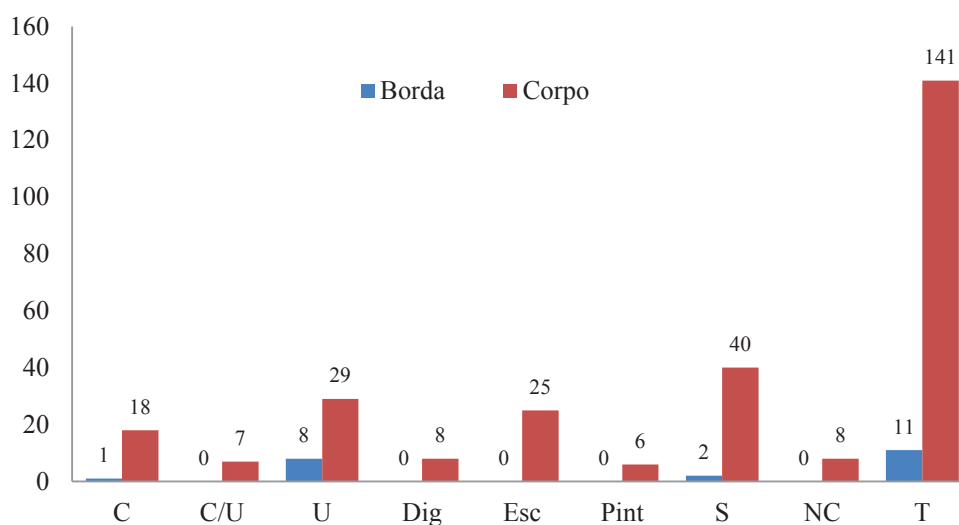


Figura 94: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-292. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico ocorre em pequena quantidade. As 12 peças mencionadas por Miler foram revisadas e apresentou uma variabilidade menor que o sítio anterior e mais semelhante ao RS-S-260, com poucos seixos de basalto (alguns deles com quebras intencionais), fragmentos de arenito silicificado sem modificações e fragmentos de arenito friável, eventualmente com faces polidas (Gráfico 28 e Figura 95).

Gráfico 28: Quantificação do material lítico do sítio RS-S-292

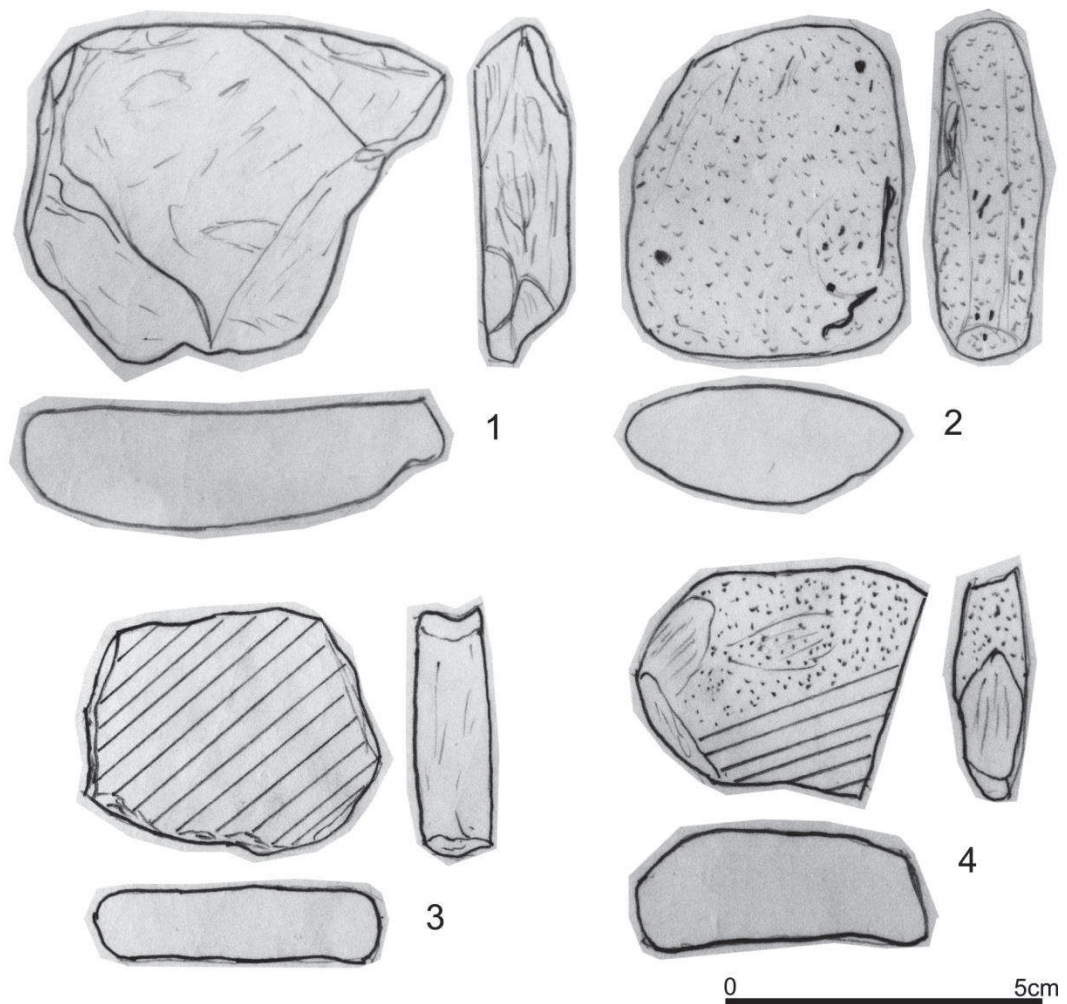
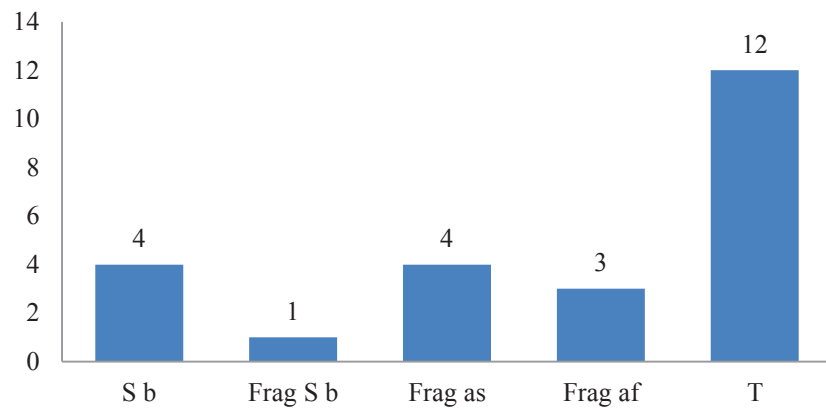


Figura 95: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-292. 1 – fragmento natural (af), 2 – seixo (b), 3 e 4 – fragmentos com faces polidas (af). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

3.4 O material arqueológico dos sítios do município de Sapiranga

São 7 os sítios estudados a área do município de Sapiranga, sendo que 4 deles estão associados somente a ocupações de portadores da tradição Tupiguarani (RS-S-375, RS-S-382, RS-S-378 e RS-S-383) e 3 apresentam cerâmica tanto da tradição Tupiguarani quanto Taquara (RS-S-281, RS-S-282 e RS-S-283)

Os 3 sítios multicomponenciais estão localizados muito próximos entre si, na localidade de Porto Palmeira, na margem direita do rio dos Sinos, em uma curva acentuada dessa drenagem, onde outrora havia uma balsa (atualmente uma ponte) e era um dos principais pontos de travessia ou passo do rio, entre Santa Cristina do Pinhal (Parobé) e Sapiranga. Formam um complexo de sítios situados sobre o dique marginal do rio, com altitudes em torno de 15 m. Foram pesquisados por Miller em meados da década de 1960 e um deles (RS-S-282) possui uma datação radiocarbônica de 1.380 ± 110 AP (SI-414).

Os 4 sítios com vestígios somente da tradição Tupiguarani estão localizados bem mais ao noroeste dos acima mencionados (entre 8 a 10 km de distância), distante do rio dos sinos e próximos a pequenos arroios que são seus tributários. Estão situados em áreas mais altas (entre 55 e 80 m de altitude) na encosta baixa formada pelo Morro Ferrabraz, que é um dos limites meridionais do Planalto Sul-Riograndense.

Esses sítios estão agrupados, formando 2 conjuntos com dois sítios cada e foram pesquisados por Pedro. A. Mentz Ribeiro, no ano de 1967.

RS-S-281 - Porto Palmeira 1

Esse sítio faz parte do complexo de 3 sítios multicomponenciais de Porto Palmeira, sendo aquele localizado mais próximo da margem direita do rio dos Sinos, do qual dista cerca de 150 m. Está situado sobre o final de um largo terraço fluvial, antes que o mesmo vá declinando suavemente em direção à margem daquela drenagem. Cerca de 200 m mais a noroeste, afastando-se do rio, em uma área mais elevada, estão os outros dois sítios.

Miller registrou a ocorrência de duas áreas de solo antropogênico, mas realizou somente coletas superficiais gerais, encontrando cerâmica associada à tradição Tupiguarani, além de “alguns tipo Morro da Formiga”, além de poucos artefatos líticos.

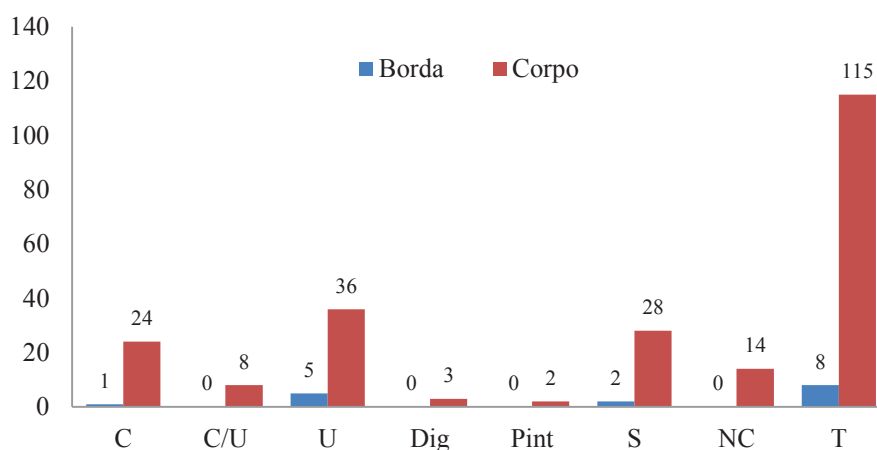
Na ficha de registro original, Miller contabiliza 147 fragmentos cerâmicos tupi-guarani e 2 fragmentos de cerâmica taquara. No entanto, localizamos na Reserva Técnica do MARSUL somente 123 fragmentos relacionados àquela primeira, além dos 2 fragmentos da tradição Taquara.

A cerâmica tupi-guarani, continua semelhante àquela já descrita anteriormente, com queima oxidante incompleta e pasta apresentando alta quantidade de antiplástico arenoso grosseiro, deixando muitos deles com textura áspera ao tato e, com certa frequência, erodidos. Porém, os grãos de quartzo que compõem a quase totalidade do antiplástico, já apresentam maior esfericidade.

Quanto ao tratamento de superfície, a tendência de alta frequência de unglado, seguido do simples, permanece, ainda que o corrugado e corrugado unglado estejam presentes, mas em pouca quantidade e o pintado é praticamente ausente (Gráfico 28).

Os dois fragmentos associados à tradição Taquara apresentam decoração ponteadada e ponteadada com pintura vermelha externa e interna. Apresentam pasta compacta e antiplástico de areia fina, espessura pequena (cerca de 0,6 cm) e coloração marrom escura.

Gráfico 28: Quantificação da cerâmica Tupi-guarani no sítio RS-S-281



Quanto à morfologia das vasilhas tupi-guarani, os poucos fragmentos existentes, por serem de pequeno tamanho, não possibilitaram uma reconstituição gráfica segura.

Porém, dois deles puderam ser utilizados como sugestão de forma, um apresentando um tipo recorrente na área de estudo, sendo uma tigela de tamanho médio, corpo em meia calota e borda direta (ñaembé). O outro originou uma forma que até

então não havia ocorrido nas amostras estudadas, conformando um grande prato raso com borda direta muito baixa, lábio aplanado, lembrando um torrador de farinha de mandioca (ñamopiu) com pouco mais de 45 cm de abertura de boca (Figura 96).

Entre os fragmentos cerâmicos, também encontramos uma peça, quebrada, que lembra um forninho de cachimbo.

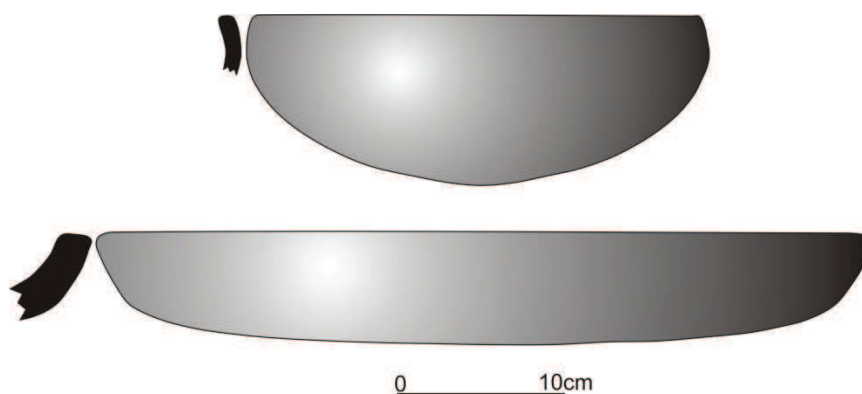
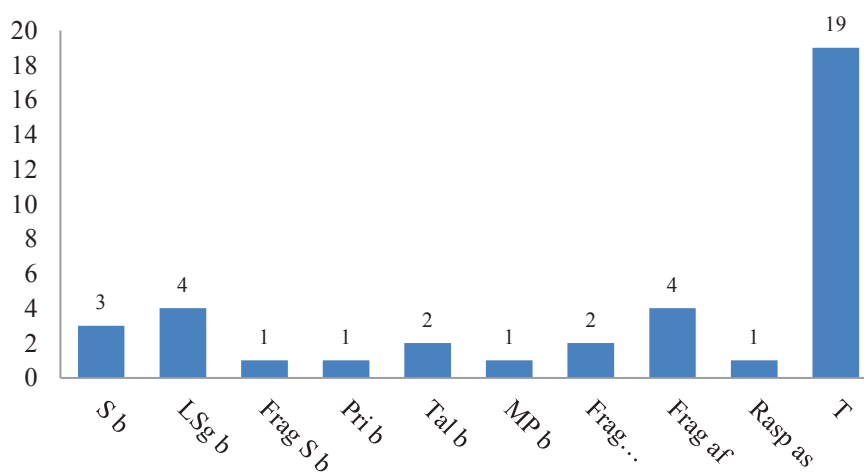


Figura 96: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-281. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico está representado por 19 artefatos, ao contrário do registro original, que contabilizava 17. A matéria prima mais utilizada foi o basalto, geralmente de boa qualidade, com a produção de diferentes instrumentos, tais como talhadores, mãos de pilá e algumas lascas com gume retocado. Ocorrem alguns fragmentos de arenito friável e um raspador de arenito silicificado (Gráfico 29 e Figura 97).

Gráfico 29: Quantificação do material lítico do sítio RS-S



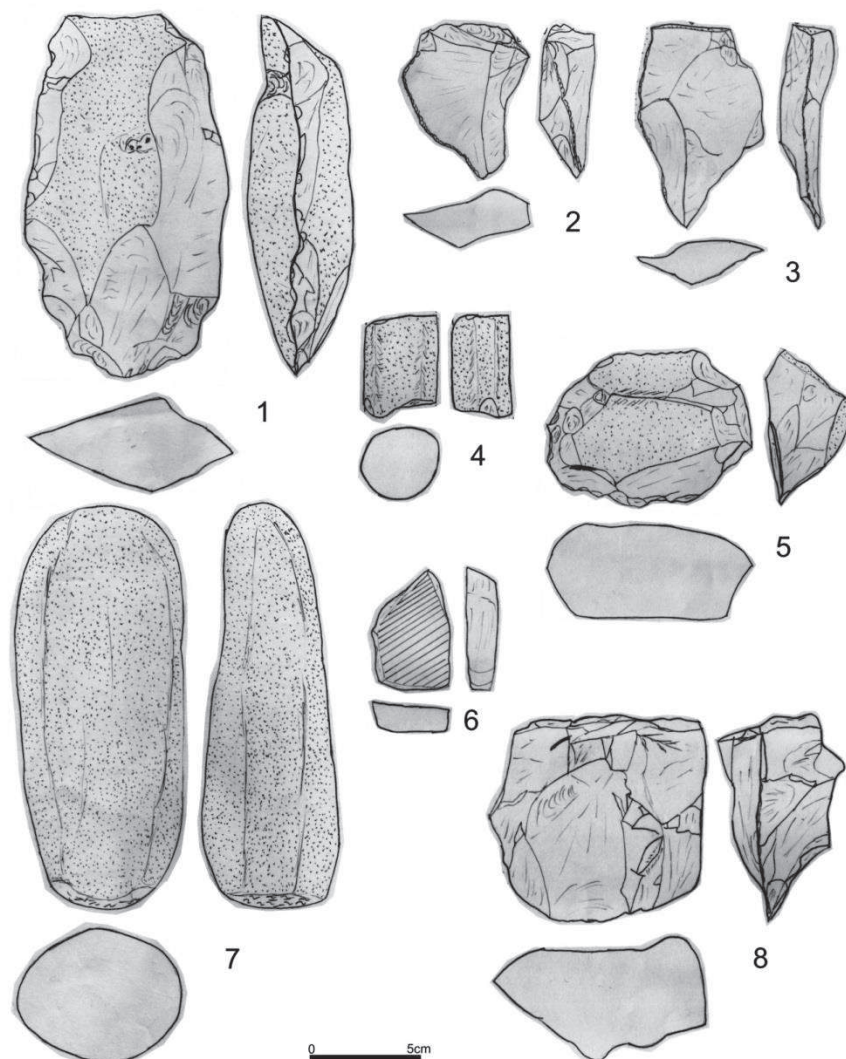


Figura 97: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-281. 1 e 8 – talhadores bifaciais (b), 2 e 3 – lascas secundárias com gume retocado (b), 4 – fragmento de mão de pilão (b), 5 – raspador plano-convexo (as), 6 – fragmento com face polida (af), 7 – mão de pilão (b). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-282 - Porto Palmeira 2

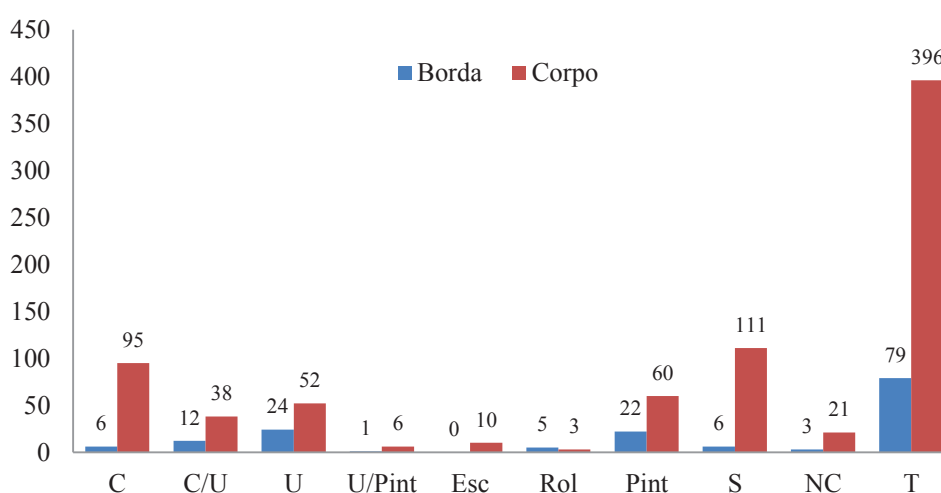
Localizado cerca de 120 m ao norte do anterior e a 300 m da margem direita do rio dos Sinos, está situado em uma parte um pouco mais alta do mesmo terraço, a 15 m de altitude, no lado esquerdo da estrada que leva a Sapiranga.

Miller, na ficha de registro original, menciona a existência de três áreas de solo antropogênico. Em coleta superficial geral, Miller menciona 519 fragmentos cerâmicos associados à tradição Tupiguarani, mas encontramos na Reserva Técnica do MARSUL somente 475, além de 51 relacionados à tradição Taquara.

De uma maneira geral, a cerâmica tupiguarani apresenta as mesmas características de pasta, antiplástico e queima mencionadas para o sítio anterior. Em termos de tratamento de superfície, a decoração corrugada e corrugada torna-se levemente mais frequente em comparação à ungulada, mostrando uma inversão da tendência presente nos sítios das áreas Três Coroas, Taquara e Parobé. Essa tendência permanece forte também nos outros sítios da área Sapiranga, com exceção apenas de RS-S-281 e RS-S-378.

A decoração pintada, em vermelho sobre branco, também cresce bastante, assim como a simples. Ocorre ainda o escovado e o roletado, em pequenas quantidades, além de fragmentos de uma vasilha ungulada com pintura vermelha (Gráfico 30).

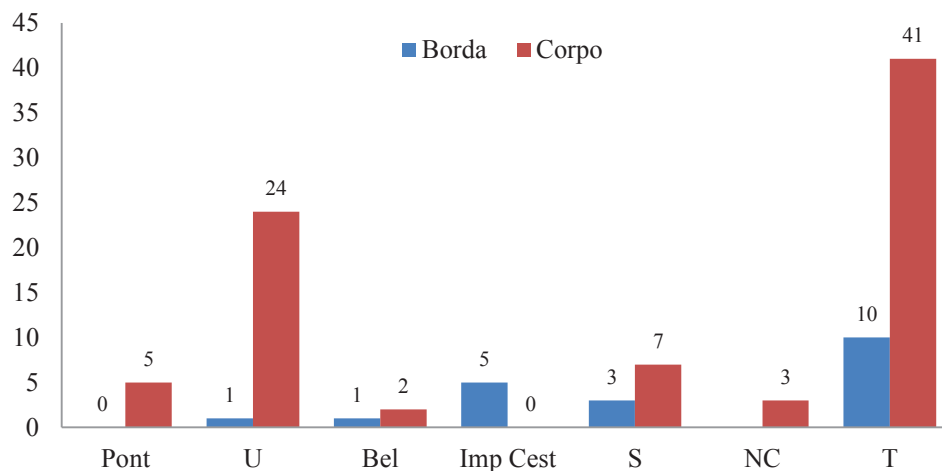
Gráfico 30: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, em superfície, no sítio RS-S-282



A cerâmica da tradição Taquara apresenta pasta compacta, com antiplástico de areia fina em grande quantidade, com grãos de quartzo relativamente bem arredondados, e com uma superfície áspera ao tato. A coloração dos fragmentos é quase sempre marrom escura ou então parda, com queima completa. A espessura dos fragmentos raramente atinge 1 cm.

O tratamento de superfície mais frequente é o ungulado, em geral verticalizado e linear (alguns fragmentos de uma mesma vasilha apresentaram ungulado tangente), seguido pelo simples. O ponteadado e beliscado possuem pouca representatividade. Um poucas peças apresentaram impressão por cestaria (Gráfico 31).

Gráfico 31: Quantificação da cerâmica Taquara, em superfície, no sítio RS-S-282



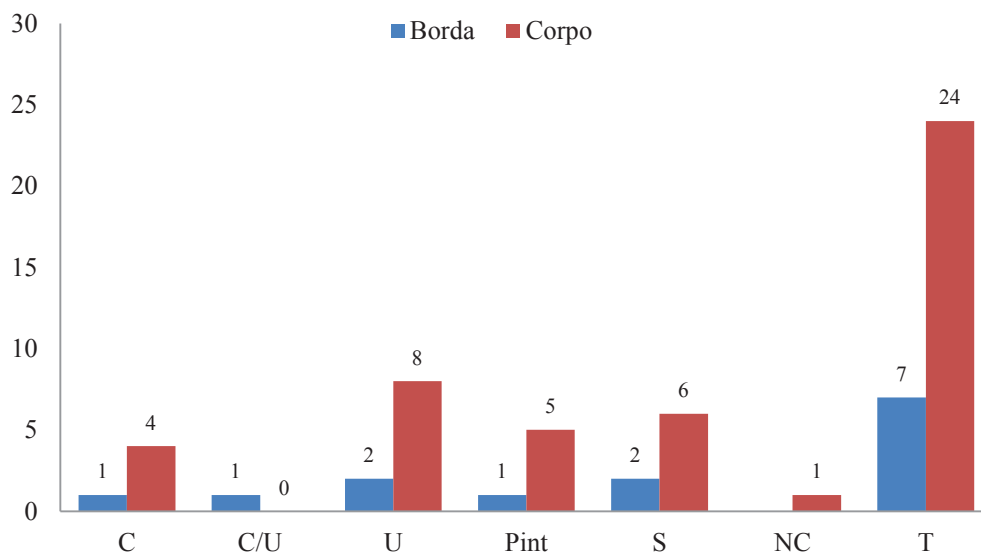
Miller ainda realizou duas sondagens estratigráficas de 1,0 x 1,5 m, que chegaram a 0,70 m de profundidade, embora material arqueológico só tenha aparecido até o terceiro nível artificial, tendo encontrado tanto cerâmica tupiguarani, como taquara, além de material lítico. As quantificações feitas por ele não são compatíveis com as que temos, oriundas do material encontrado na Reserva Técnica do MARSUL.

Optamos por tabular, para melhor visualização, o total de fragmentos cerâmicos encontrados em cada sondagem, somente separando-o por tradição tecnológica.

Para a primeira sondagem, realizada em um local que, segundo Miller, “encontramos cacos Tipo Morro da Formiga”, a cerâmica tupiguarani teve um total de 31 fragmentos (além de um fragmento de forninho de cachimbo), enquanto que a taquara, 27.

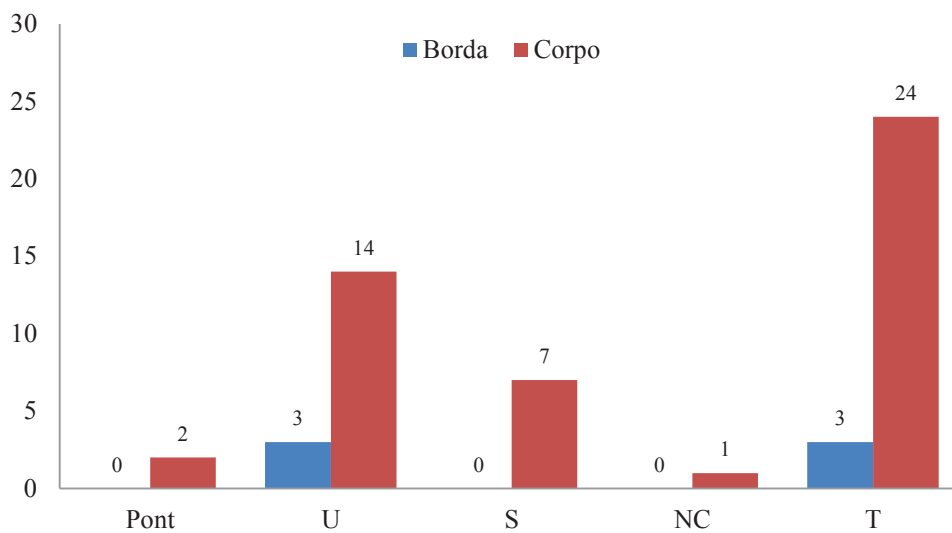
Para a cerâmica tupiguarani, temos a seguinte distribuição, por decoração (Gráfico 32):

Gráfico 32: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, na sondagem 1, no sítio RS-S-282



Quanto à cerâmica da tradição Taquara, temos (Gráfico 33):

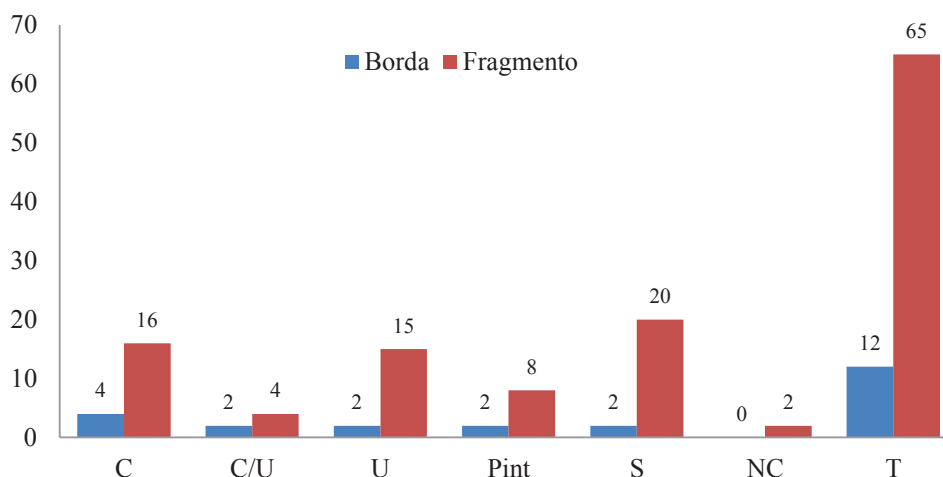
Gráfico 33: Quantificação da cerâmica Taquara, na sondagem 1, no sítio RS-S-282



É importante mencionar que a cerâmica de ambas as tradições ocorreram de forma homogênea, ou seja, estavam igualmente distribuídas especialmente nos dois primeiros níveis artificiais superiores.

Na segunda sondagem, feita em uma das áreas de solo antropogênico, foram encontrados quase que exclusivamente fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani (77) e somente um fragmento associado à tradição Taquara, alisado (simples) (Gráfico 34). O material cerâmico estava concentrado, em sua maior parte no primeiro nível (0 a 10 cm).

Gráfico 34: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, na sondagem 2, no sítio RS-S-282



A morfologia da cerâmica tupiguarani, de um modo geral, é mais variada do que a que ocorre, por exemplo, na área do município de Parobé, apresentando formas e mais próxima àquela do sítio RS-S-293, em Taquara, indicando uma maior estabilidade do assentamento (Figura 98).

Predominam as formas elipsoides e em meia calota abertas, com bordas diretas ou infletidas não restringidas, formando tigelas e pratos, às vezes com grandes dimensões, com até 0,40 m de abertura de boca, algumas delas (as infletidas, especialmente) com pintura interna e/ou externa em vermelho sobre branco. São vasilhas destinadas a servir e comer alimentos sólidos e líquidos (ñaembé, ñaetà e cambuchí caguabá).

Por outro lado, ocorrem também vasilhas de contornos complexos, com inflexões e pontos angulares, de tamanho mediano (até cerca de 0,30 m de diâmetro de boca), com decoração plástica ou pintada, provavelmente usadas para cozer alimentos (yapepó).

Não ocorrem evidências de vasilhas grandes, para armazenamento de líquidos, como os cambuchís.

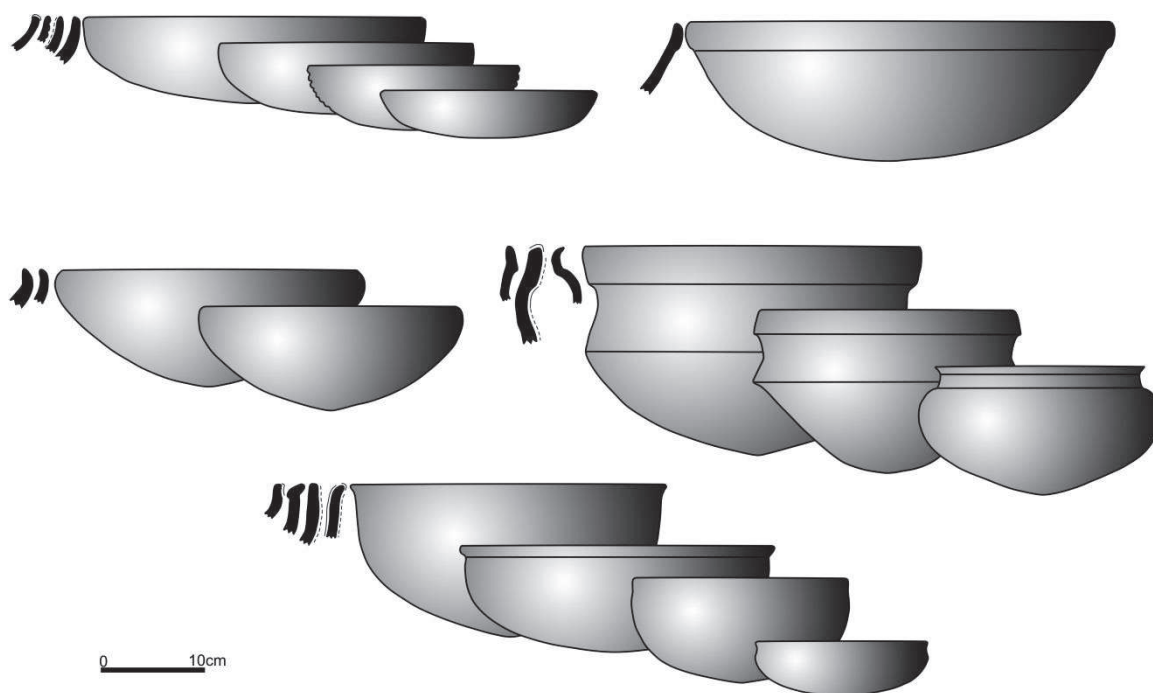


Figura 98: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-282. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

As poucas bordas e fragmentos maiores passíveis de reconstituição gráfica associados à cerâmica da tradição Taquara, não permitiram uma boa amostra. Porém, aparecem as típicas formas cilíndricas, altas e com corpo levemente infletido, além das formas pequenas, tipo tigelas, de corpo em meia calota (Figura 99).

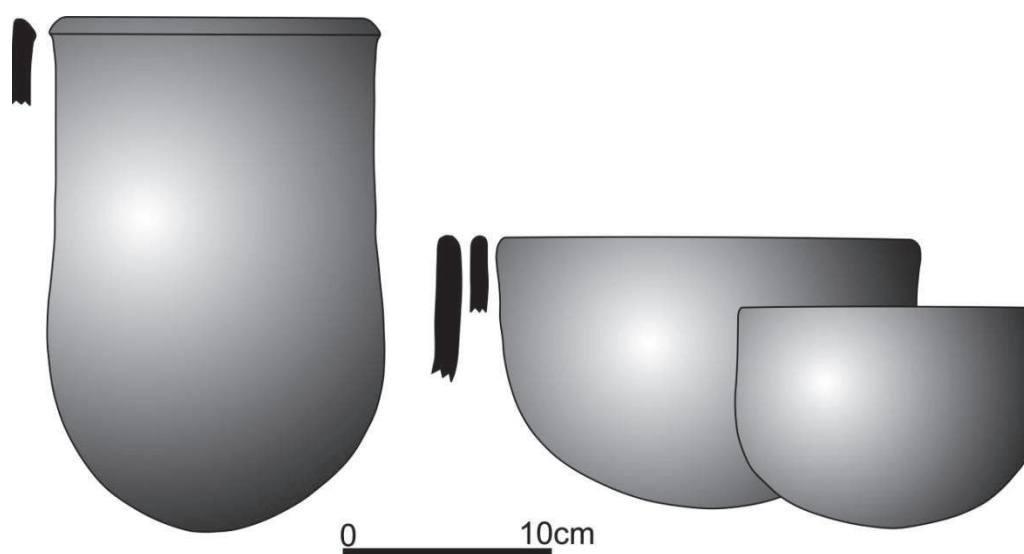
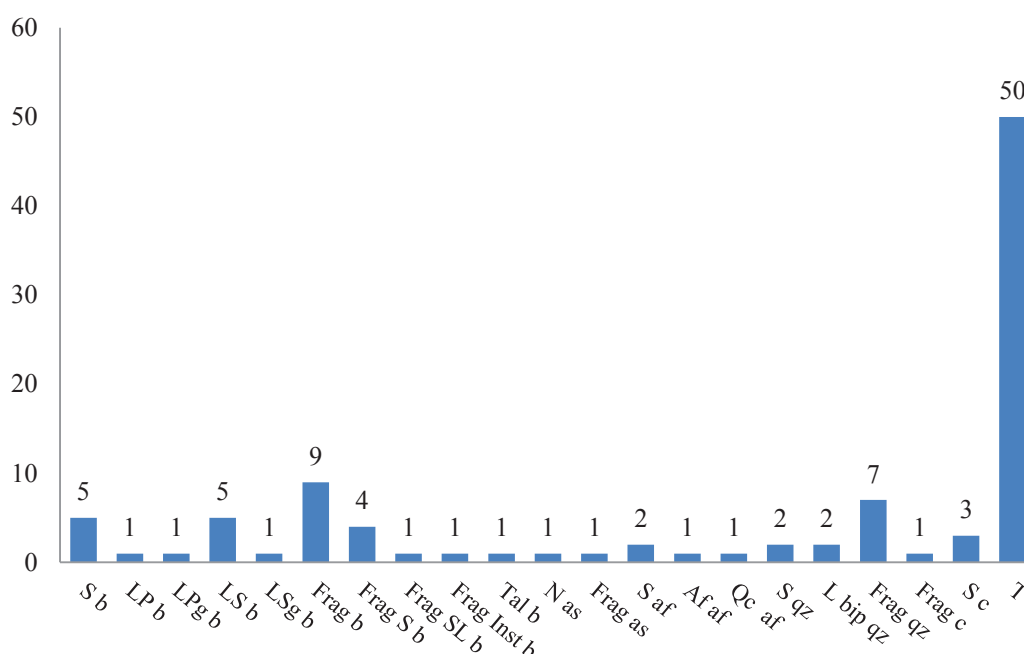


Figura 99: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-282. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

Com relação ao material lítico, esse foi representativo tanto na coleta superficial como na primeira sondagem, feita em uma área em que havia tanto cerâmica tupiguarani quanto taquara.

Na coleta superficial, a matéria prima mais largamente utilizada foi o basalto, geralmente ocorrendo na forma de fragmentos naturais ou quebrados intencionalmente, eventualmente como lascas primárias e secundárias. São raros os instrumentos produzidos (somente um pequeno talhador). O arenito silicificado e o friável são pouco comuns, mas o quartzo hialino aparece como elemento importante, com lascas e fragmentos oriundos de retalhamento bipolar (Gráfico 35).

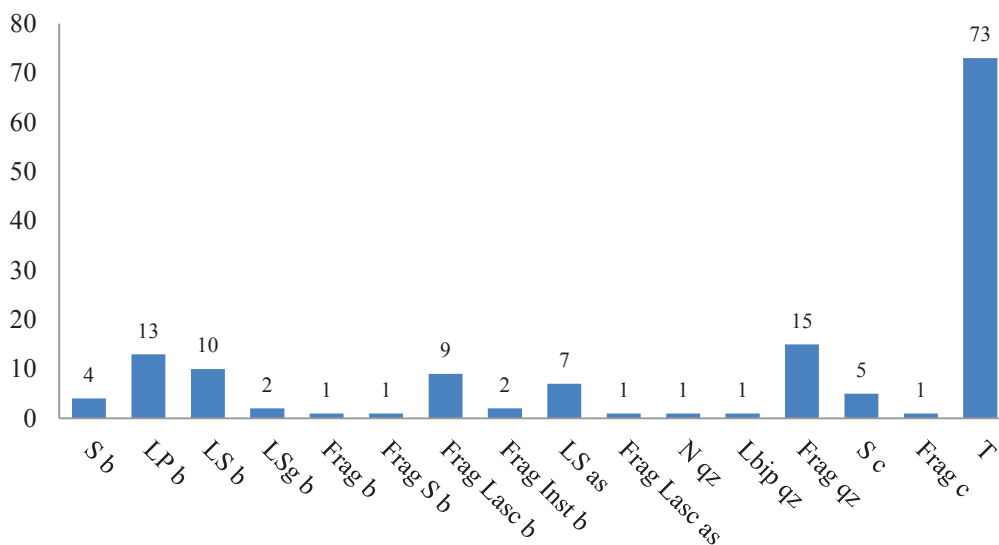
Gráfico 35: Quantificação do material lítico, superficial, do sítio RS-S-282



Nas sondagens realizadas, o material lítico teve maior quantidade e variabilidade na primeira, associada a uma área com material cerâmico da tradição Tupiguarani e Taquara, do que na segunda, exclusivamente tupiguarani.

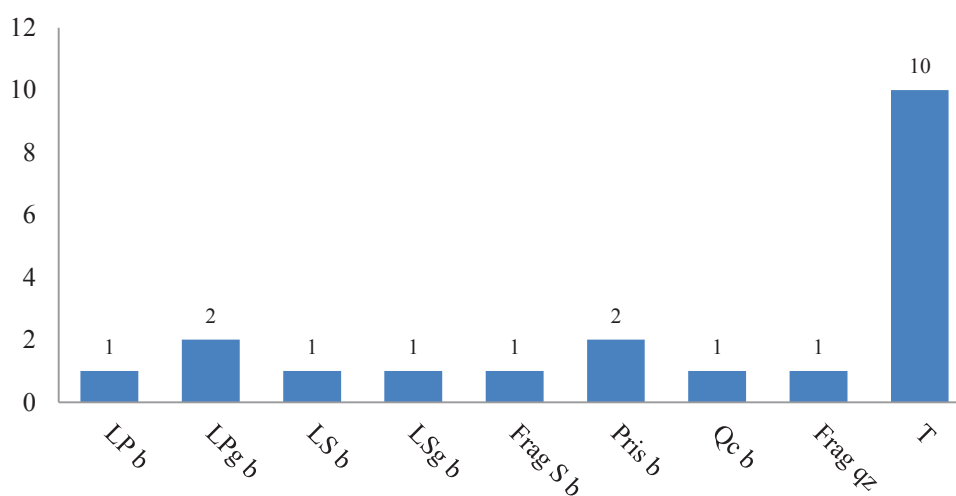
Na sondagem 1, a maior frequência de matéria prima se deu com o uso do basalto, quase sempre como lascas primárias e secundárias, raras delas com modificações e fragmentos de lascamento unipolar. É notável novamente a utilização do quartzo hialino, como resíduo de retalhamento bipolar (Gráfico 36).

Gráfico 36: Quantificação do material lítico, na sondagem 1, do sítio RS-S-282



Na sondagem 2, feita em uma área de solo antropogênico associada à ocupação tupiguarani, o material lítico ocorre em menor quantidade e restrito ao primeiro nível escavado (0 –10 cm). O basalto aparece com maior frequência, na forma de lascas primárias e secundárias, eventualmente retocadas. Aparecem 2 fragmentos de prismas, sem modificações e um quebra coquinho. Não ocorrem outras matérias primas como arenito silicificado e friável e somente um fragmento de quartzo hialino, natural (Gráfico 37).

Gráfico 37: Quantificação do material lítico, na sondagem 2, do sítio RS-S-282



Na Figura 100 estão representados os tipos de artefatos mais significativos do sítio RS-S-282, reunindo tanto aqueles oriundos de coleta superficial com os das sondagens.

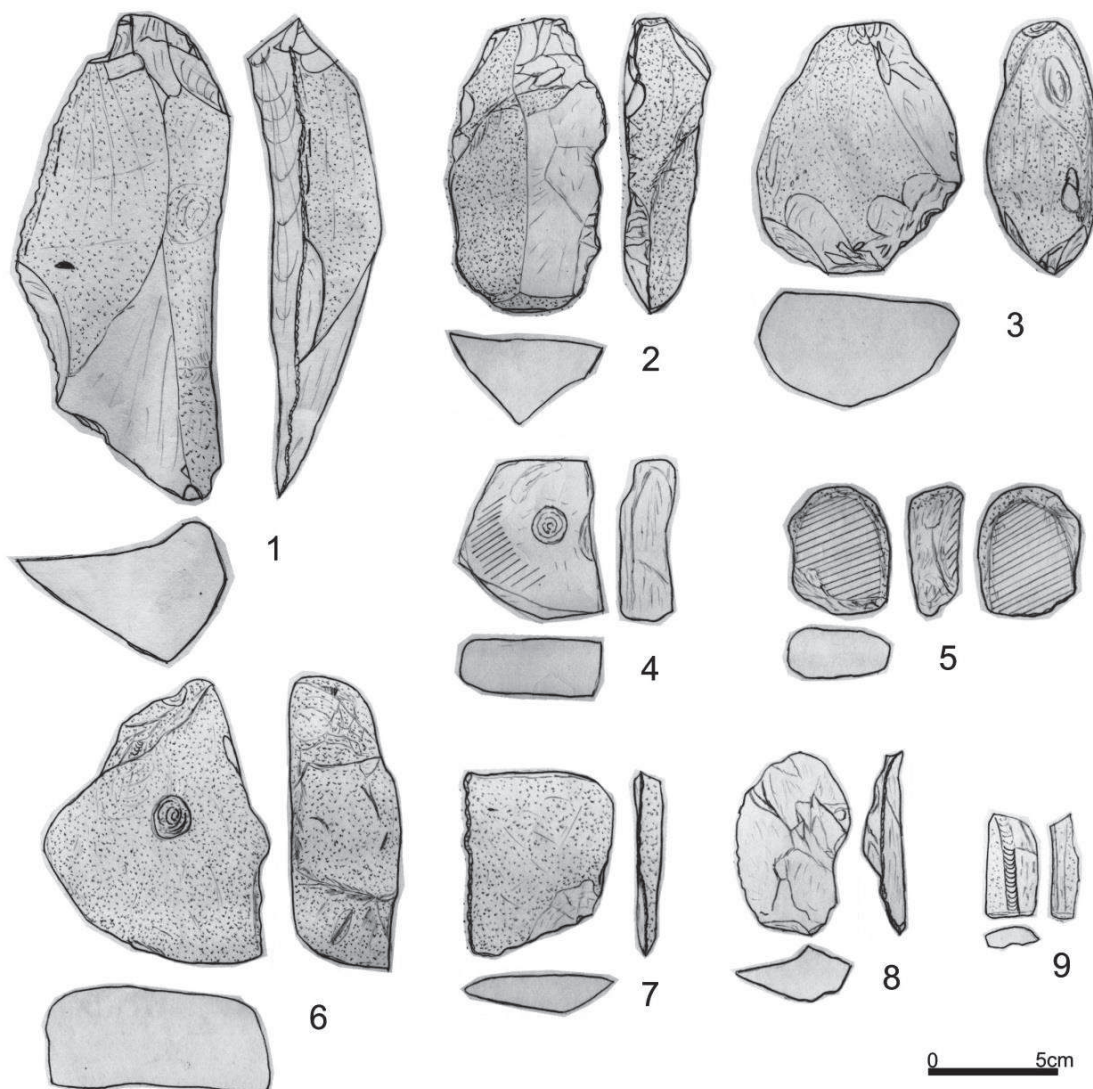


Figura 100: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-282. 1, 2 e 7 – lasca primária com gume retocado (b), 3 – talhador (b), 4 e 6 – quebra coquinho (b e af), 5 – seixo com face polida (af), 8 – lasca secundária com gume retocado (b), 9 – afiador em canaleta (af). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-283 - Porto Palmeira 3

Esse é o terceiro sítio que forma o conjunto Porto Palmeira. Está localizado 70 m a nordeste do anterior, sobre o mesmo terraço, no lado direito da estrada que vai a Sapiranga.

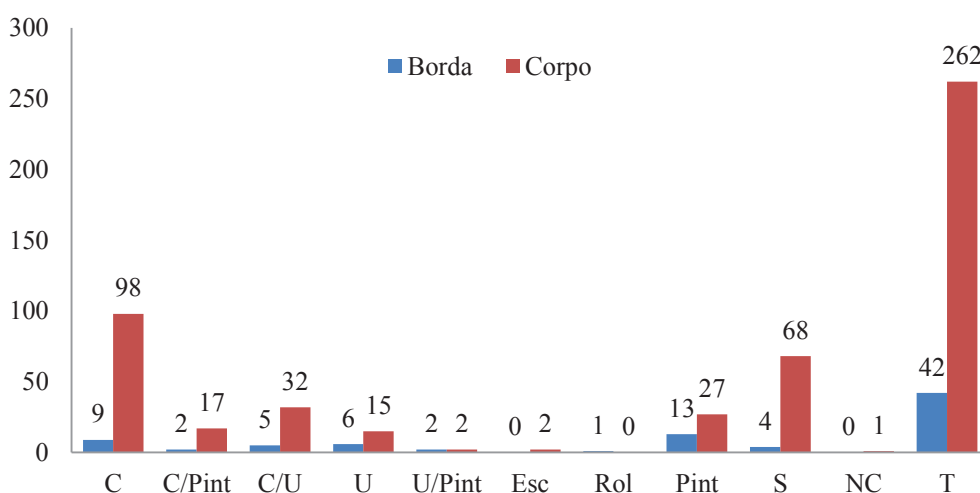
Na ficha original escrita por Miller, são mencionadas duas áreas de solo antropogênico, sendo que uma deles está associada à cerâmica da tradição Tupiguarani e Taquara e outra exclusivamente a material lítico.

A cerâmica tupiguarani está representada por 304 fragmentos, além de um fragmento de forninho de cachimbo, e 15 fragmentos relacionados à tradição Taquara, que foram recolhidos superficialmente na área com solo antropogênico em que aparecia cerâmica.

Os fragmentos da tradição Tupiguarani apresentam características idênticas àquela já mencionadas para os outros dois sítios desse complexo, com pasta com muitos grãos de quartzo, relativamente bem arredondados, queima oxidante incompleta e coloração marrom clara a marrom avermelhada.

O tratamento de superfície envolve especialmente o uso da decoração corrugada e corrugada ungulada, em lugar da ungulada, lembrando novamente os dois sítios anteriores e reafirmando essa tendência para a área Sapiranga. Em seguida temos o tratamento alisado (simples), seguido do pintado, que também aparece associado ao corrugado e ao ungulado. Também ocorre, como no sítio anterior, a presença de decoração escovada e roletada, em pequena proporção (Gráfico 37).

Gráfico 37: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, em superfície, no sítio RS-S-283



A morfologia das vasilhas remete àquelas do sítio anterior, com maior proporção de formas abertas não restringidas, rasas e com corpo em meia calota, como pratos e tigelas, com borda direta ou infletida, usadas para servir e comer alimentos sólidos e líquidos (ñaembé, ñaetà e cambuchí caguabá). Eventualmente, aparecem algumas poucas formas mais complexas, embora de tamanho médio (até 0,30 m de diâmetro de abertura da boca), possivelmente utilizadas como panelas para cozer alimentos ou como pequenos containeres (yapepó e cambuchí) (Figura 101).

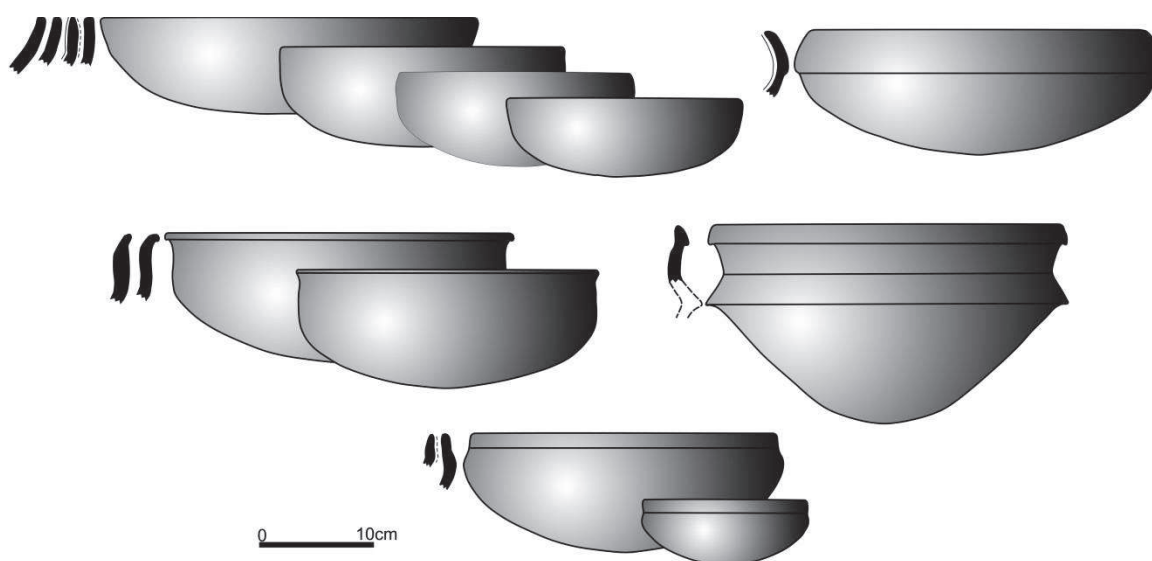


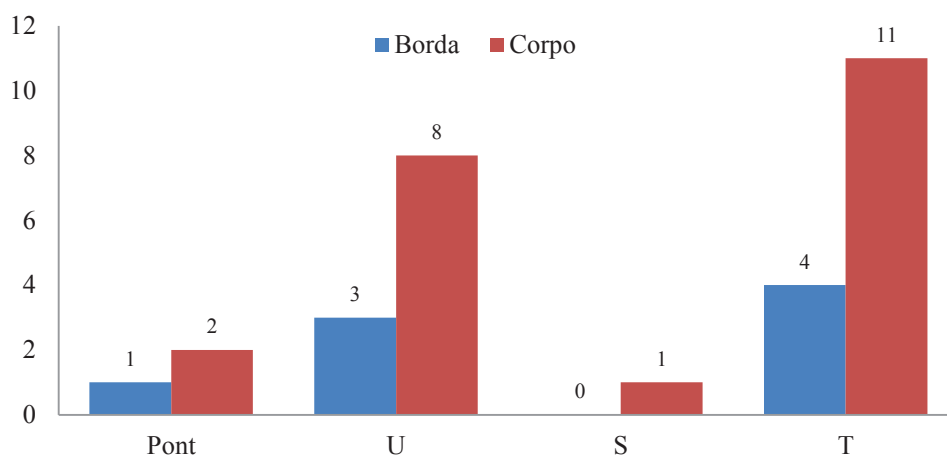
Figura 101: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-283. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

A cerâmica associada à tradição Taquara é escassa e, segundo Miller, estava mais localizada a cerca de 6 m da maior concentração de fragmentos tupiguarani.

Suas características tecnológicas são semelhantes àquelas descritas para o sítio vizinho (RS-S-283) e, de uma maneira geral, aos sítios em que ocorre essa cerâmica em toda a área de estudo, à exceção de que a partir daquele citado acima, o antiplástico já é formado por grãos de quartzo pequenos e bem arredondados.

O tratamento de superfície apresenta decorações também típicas, especialmente plásticas como a unglada e ponteadada, além da alisada (simples) (Gráfico 38).

Gráfico 38: Quantificação da cerâmica Taquara, em superfície, no sítio RS-S-283



A morfologia das poucas vasilhas que puderam ser reconstituídas graficamente também lembram as do sítio anterior, com as recorrentes formas com corpo cilíndrico, altas e levemente infletidas e pequenos pratos rasos em meia calota e borda direta, nesse caso com lábio expandido (Figura 102).

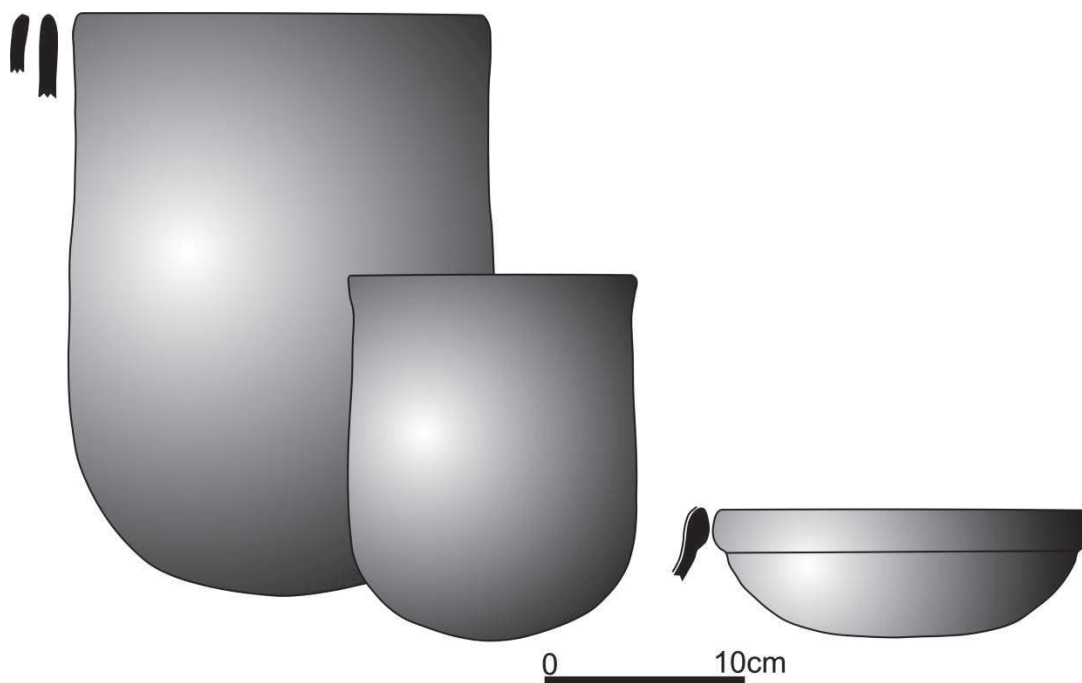
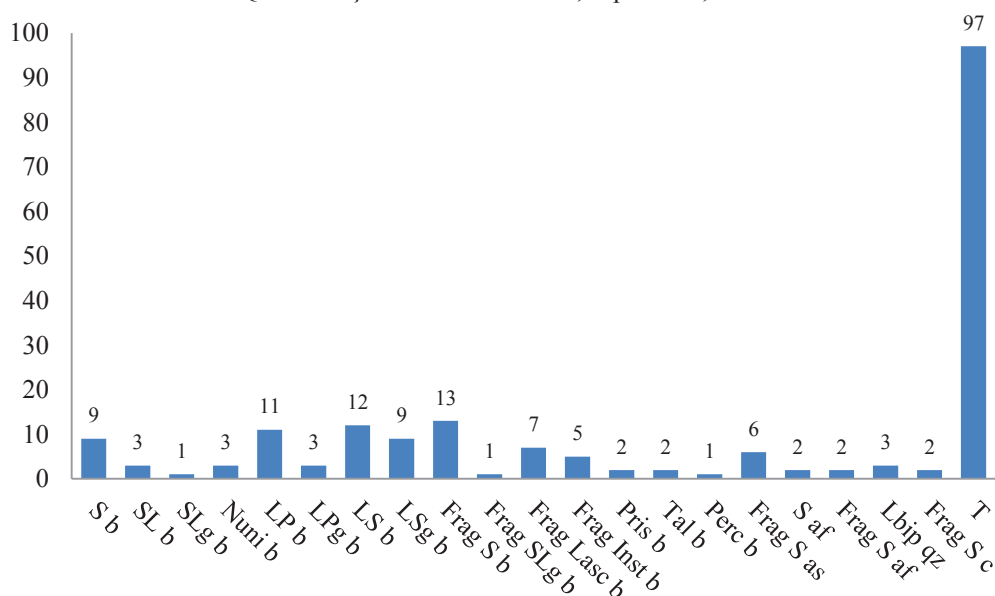


Figura 102: Modelos de formas cerâmicas da tradição Taquara, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-283. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

O material lítico está relacionado tanto à coleta geral de superfície quanto a uma sondagem estratigráfica.

Na coleta superficial, ocorrem 97 artefatos, que mostram uma preferência pelo basalto com principal matéria prima, presente especialmente como lascas primárias e secundárias, muitas vezes com retoque em uma aresta para formação de gume. Ocorre também um talhador, produzido não sobre seixo mas sobre uma lasca grande e espessa de basalto e um percutor nessa mesma matéria prima. O arenito silicificado aparece sob a forma de seixos e fragmentos de lascamento unipolar sem modificações, enquanto o arenito friável ocorre também sob a forma de fragmentos, mas alguns com faces polidas. Algumas poucas lascas de quartzo hialino e fragmentos de seixos de calcedônia ocorrem como evidência do uso de técnica de retalhamento bipolar (Gráfico 39).

Gráfico 39: Quantificação do material lítico, superficial, do sítio RS-S-283



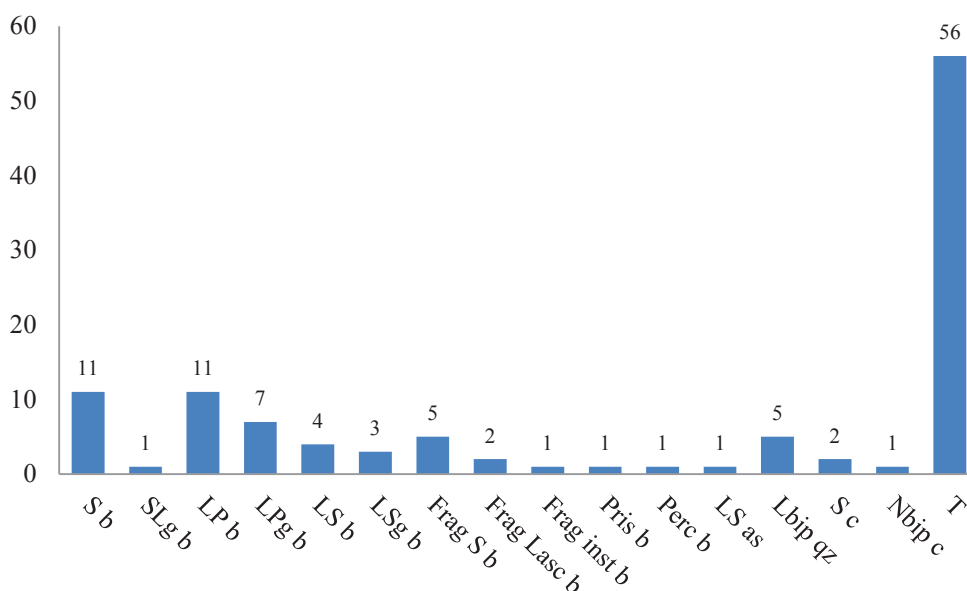
Miller realizou uma sondagem estratigráfica em uma das áreas com solo antropogênico, onde somente material lítico aparecia em superfície.

O resultado da sondagem, que teve dimensão de 2,0 x 2,0 m e uma profundidade de até 0,80 m, não foi diferente. O material encontrado foi somente lítico, até uma profundidade de 0,20 m, que aquele pesquisador associou à tradição Tupiguarani.

A matéria prima preferencial continua sendo o basalto, principalmente na forma de lascas unipolares primárias e secundárias, eventualmente com gume retocado. Outras

matérias primas são mais raras, mas continua ocorrendo o arenito silicificado, o quartzo e a calcedônia, essas últimas duas na forma de lascas e núcleos bipolares (Gráfico 40).

Gráfico 40: Quantificação do material lítico, na sondagem 1, do sítio RS-S-283



Na Figura 103, são apresentados graficamente os principais tipos de artefatos líticos encontrados no sítio RS-S-283. Embora eles não estejam separados por tipo de resgate (se por coleta superficial ou através da sondagem estratigráfica), não é muito fácil separar o que estaria relacionado diretamente com a tradição Tupiguarani ou Taquara.

Na verdade, a tipologia e tecnologia de produção de artefatos é muito semelhante e, talvez, o elemento de distinção talvez seja, nesse caso, um maior aproveitamento do quartzo hialino, com retalhamento bipolar.

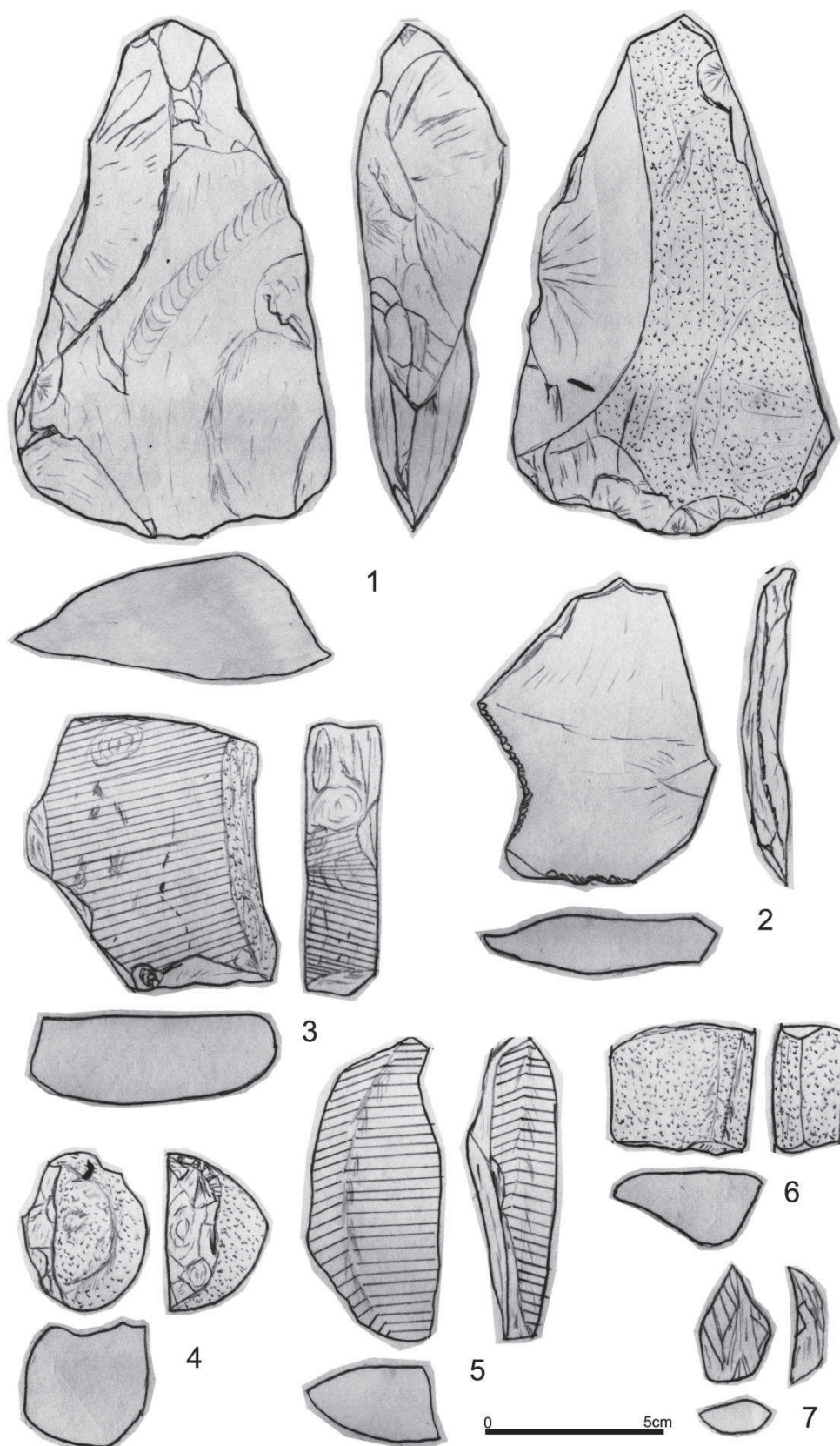


Figura 103: Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-283. 1 – talhador (b), 2 – lasca unipolar secundária com gume retocado (b), 3 – fragmento com faces polidas (af), 4 – núcleo bipolar (c), 5 – fragmento de instrumento polido (lâmina de machado?) (b), 5 – fragmento de prisma (b), 7 – lasca bipolar (qz). Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-375 - Otto Wingert 1 e RS-S-382 – Otto Wingert 2

Ao norte da área urbana de Sapiranga, no limite atual de sua zona urbana, Pedro A. Mentz Ribeiro localizou, registrou e pesquisou, no ano de 1967, 4 sítios associados à tradição Tupiguarani. Esses sítios formam dois conjuntos, de 2 sítios cada um, que estão localizados próximos entre si e situados em uma larga faixa de encosta baixa do Morro Ferrabraz, entre cotas de 55 a 70 m de altitude.

O topo do morro, que representa a porção mais meridional do Planalto que avança sobre a planície do rio dos Sinos, está a cerca de 2,0 a 2,5 km ao norte dos sítios. A área é muito bem drenada por arroios e outros pequenos cursos de água, que correm em direção sul, para desaguar no rio dos Sinos, que está a cerca de 7 a 10 km, naquela direção.

O sítio RS-S-375 faz conjunto com RS-S-382, distando um de outro 600 m, próximos à estrada secundária que leva de Sapiranga a Dois Irmãos. Ambos estão próximos ao arroio Sapiranga, que desagua no rio dos Sinos, mais ao sul.

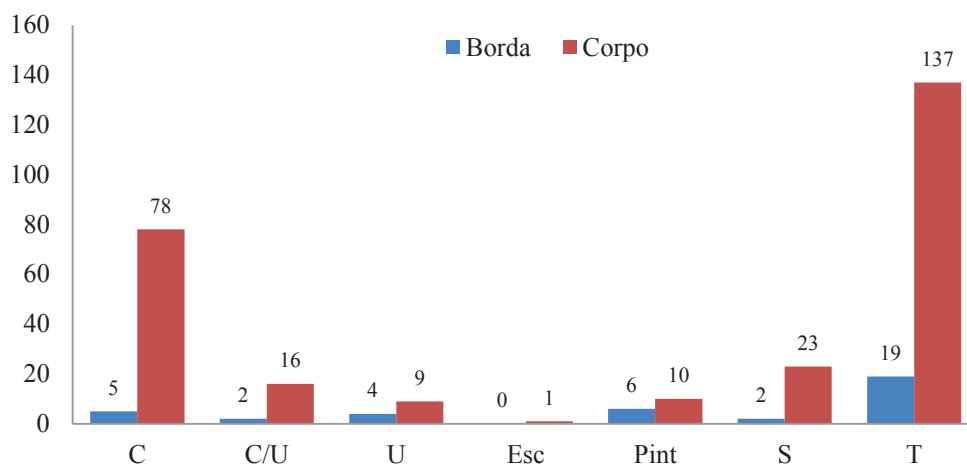
Mentz Ribeiro, na ficha de registro original, menciona a informação dada pelo proprietário da terra, da existência de áreas de solo antropogênico, quando da abertura das primeiras lavouras. No entanto, o próprio pesquisador não as encontrou mais, realizando somente coletas de material superficial em ambos os sítios.

Tomando os dois sítios em conjunto, as características da cerâmica são, em termos de pasta, antiplástico, queima e tratamento de superfície, as mesmas vistas para aquela dos sítios do complexo Porto Palmeira e que se repete também no sítio vizinho, RS-S-382: pasta com muito antiplástico de areia grossa, com grãos de quartzo arredondados a sub-arredondados, queima oxidante incompleta, com coloração das paredes externas entre o marrom claro e marrom avermelhado.

A decoração corrugada, mantendo a tendência para essa área, é mais frequente que a ungulada, tendo boa representatividade a presença de fragmentos pintados e simples. O escovado, embora apareça na amostra, é muito mais raro.

No sítio RS-S-375, encontramos na Reserva Técnica do MARSUL 156 fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani. Nesse, a popularidade do corrugado e corrugado ungulado é bastante significativa em relação a outros tipos de decoração (Gráfico 41).

Gráfico 41: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, em superfície, no sítio RS-S-375



A morfologia das vasilhas, em função do pouco número de bordas que possibilitassem uma reconstituição gráfica confiável, mostra formas relativamente pequenas a médias (até cerca de 0,25 m de diâmetro de abertura de boca), com corpo elipsoide, em meia calota e bordas diretas, conformando peças na forma de pratos e tigelas (ñaembé) e algumas vasilhas globulares, infletidas ou complexas, possivelmente usadas como recipientes para cocção de alimentos (yapepó) (Figura 104).

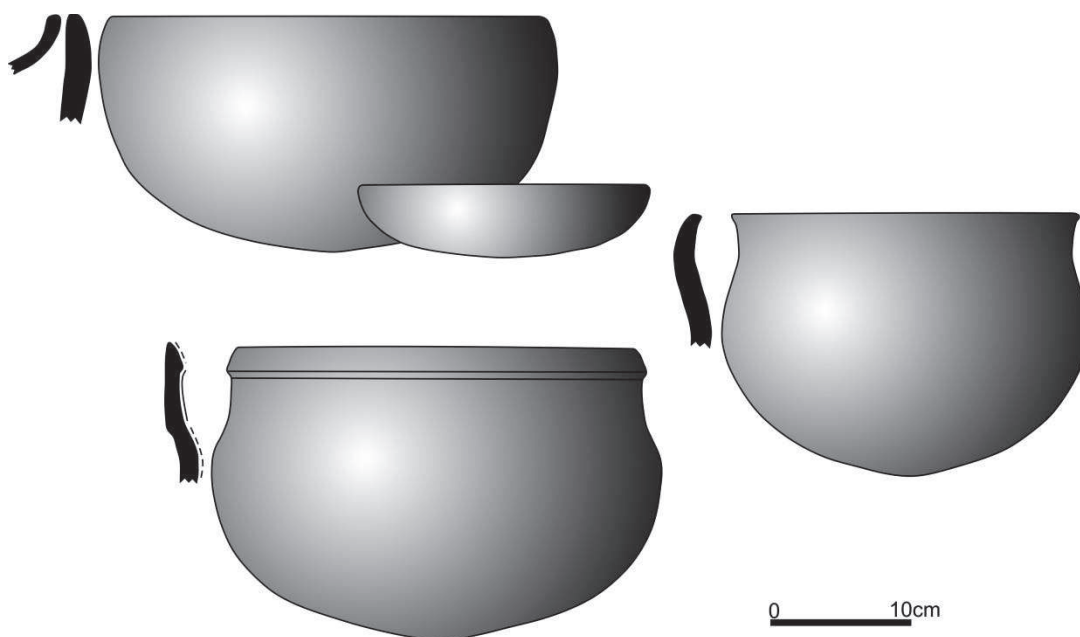
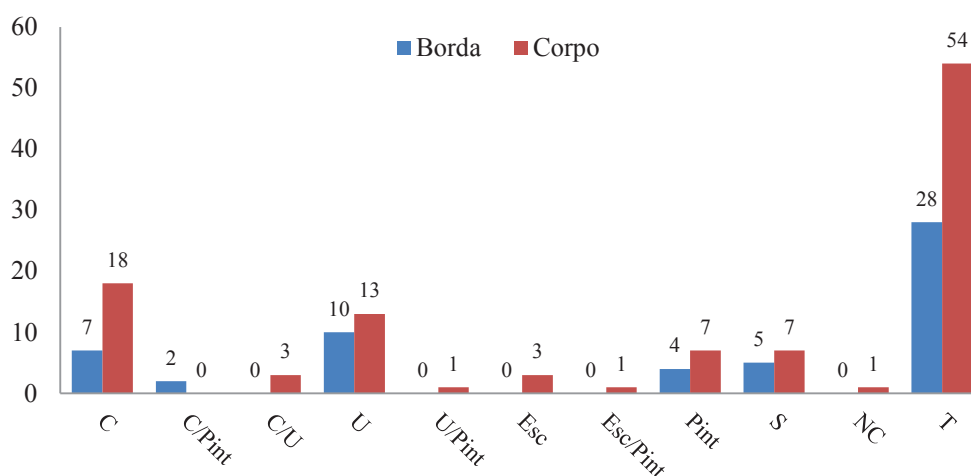


Figura 104: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-375. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

Do sítio RS-S-382, foram encontrados 82 fragmentos cerâmicos, onde o corrugado continua sendo a decoração mais usada, embora o unglado tenha aumentado de frequência sensivelmente, enquanto que o pintado e o simples diminuem. Alguns poucos fragmentos com decoração plástica externa (corrugado e unglada) também apresentam pintura, em vermelho, na parede interna (Gráfico 42).

Gráfico 42: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, em superfície, no sítio RS-S-382



A morfologia apresenta pouca variabilidade, semelhante ao sítio anterior, com presença de formas elipsoides e em meia calota, com borda direta, algumas de tamanho médio (até 0,30 m de diâmetro de abertura de boca) e fundas, com borda direta (eventualmente infletidas não restringidas), conformando pratos e tigelas (ñaembé e ñaetà). Ocorrem também algumas formas globulares, infletidas, para cozer alimentos (yapepó) (Figura 105).

Quanto ao material lítico, a descrição original do sítio feita por Mentz Ribeiro não informa nenhum achado nas coletas de superfície. No entanto, pela sua localização, ambos assentamentos dispunham das mesmas matérias primas já descritas, de forma ainda mais facilitada pela sua proximidade com áreas fonte potenciais de basalto, arenito silicificado, arenito friável e minerais como quartzo e calcedônia.

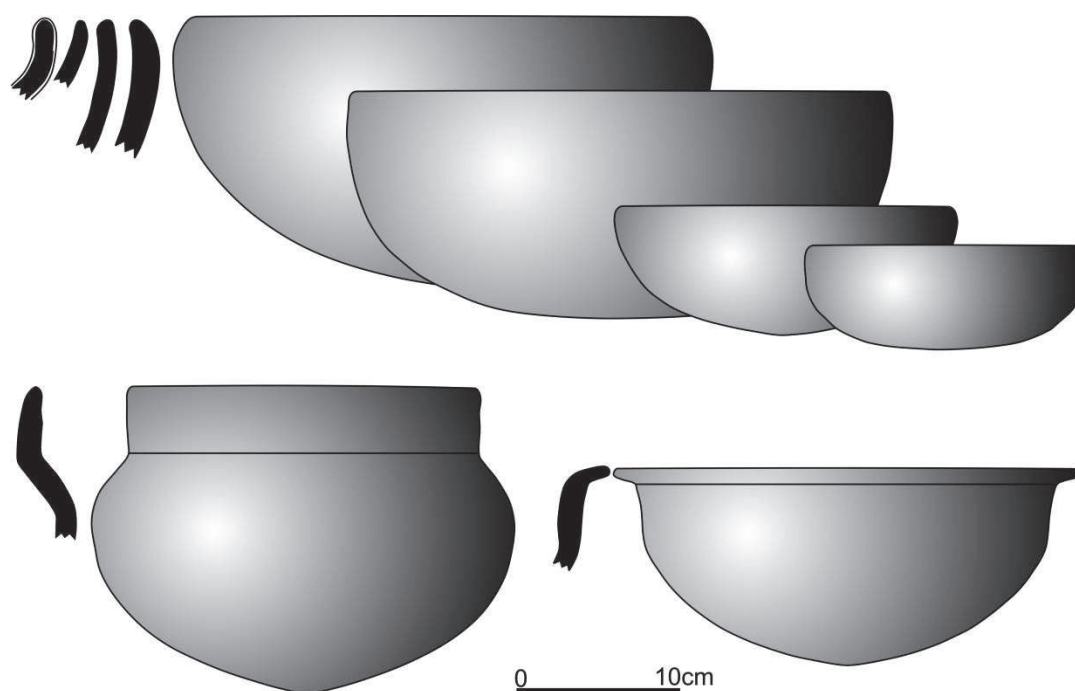


Figura 105: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-382. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

RS-S-378 - José Wenter 1 e RS-S-383 – José Wenter 2

Esses 2 sítios formam o segundo conjunto Tupiguarani, localizado no limite norte da zona urbana de Sapiranga, próximo ao bairro Amaral Ribeiro e distante cerca de 3,8 km para leste do conjunto anterior.

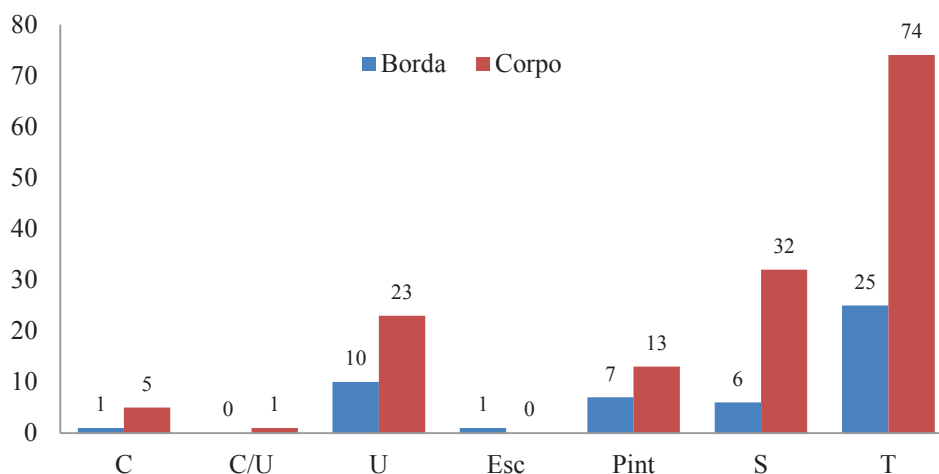
Os sítios distam entre si cerca de 150 m e Mentz Ribeiro menciona, para ambos, áreas de solo antropogênico que foram encontradas pelo proprietário da terra no momento da primeira lavração para abertura de lavouras. Porém, sua coleta de material superficial foi feita indiscriminadamente em uma área de 50 x 30 m, no primeiro e 100 x 300 m, no segundo sítio.

Em ambos, aquele pesquisador menciona fragmentos de cerâmica tupiguarani. Porém, no acervo da Reserva Técnica do MARSUL, encontramos somente o do sítio RS-S-378, que além da cerâmica apresentava também 2 peças líticas, um seixo e um fragmento natural de basalto.

A cerâmica do sítio RS-S-378 está representada por 99 fragmentos, com características físicas semelhantes aos dois sítios do conjunto Otto Wingert. No entanto, em termos de frequência de decoração, esse apresenta sensível aumento e maior

popularidade de unglado, em relação a corrugado e corrugado unglado, além do aumento do pintado e simples (Gráfico 43).

Gráfico 43: Quantificação da cerâmica Tupiguarani, em superfície, no sítio RS-S-378



A morfologia das vasilhas não difere daquelas que ocorrem no conjunto Otto Wingert, caracterizada por formas elipsoides e em meia calota, com borda direta, mas menores (até 0,25 m de diâmetro de abertura de boca), com bordas diretas, conformando pequenas tigelas (ñaembé) além de poucas formas globulares, de contorno infletido ou complexo, usadas para cocção de alimentos (yapepó) (Figura 106).

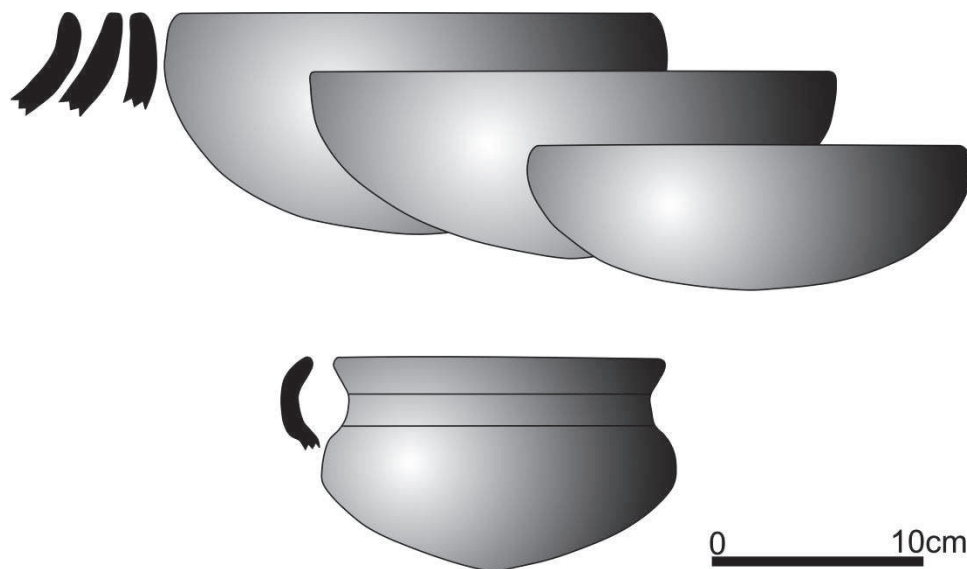


Figura 106: Modelos de formas cerâmicas da tradição Tupiguarani, a partir da reconstituição gráfica de bordas do sítio RS-S-378. Fonte: Jefferson L. Z. Dias.

A partir desse extenso capítulo em que apresentamos os dados brutos resultantes das análises realizadas em cada um dos sítios da área de estudo que possuíam acervo material na Reserva Técnica do MARSUL, no capítulo seguinte buscaremos apresentar um modelo de ocupação para os grupos portadores das tradições Tupiguarani e Taquara, para o médio vale do rio dos Sinos e vale do rio Paranhana.

CAPÍTULO 4

A OCUPAÇÃO DO MÉDIO VALE DO RIO DOS SINOS E VALE DO RIO PARANHANA PELOS GRUPOS PORTADORES DAS TRADIÇÕES TAQUARA E TUPIGUARANI

A partir do estudo dos sítios arqueológicos de uma área que envolve o médio vale do rio dos Sinos e, integralmente, o vale do rio Paranhana, um de seus principais afluentes, que se situa na região conhecida com Encosta do Planalto, no Estado do Rio Grande do Sul, buscamos compreender o processo de ocupação dessa vasta área pelos grupos portadores das tradições cerâmicas Tupiguarani e Taquara.

Para isso, utilizamos como universo amostral sítios que possuíam informações existentes no Cadastro de Registro de Sítios Arqueológicos (CRSA) do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL) e/ou acervo de cultura material na Reserva Técnica daquela instituição.

Tais informações envolvem, por um lado, as fichas de registro de sítio originais, croquis de plantas-baixas dos sítios e anotações diversas associadas, entre elas contagens de material arqueológico, feitas por Eurico T. Miller ou Pedro A. Mentz Ribeiro, entre os anos de 1961 e 1978, período em que foram conduzidas as principais pesquisas na área de estudo.

Por outro lado, além dessas informações, também foram estudadas as coleções lito-cerâmicas relacionadas àqueles sítios, disponíveis na Reserva Técnica do MARSUL.

Dessa forma, chegamos a uma amostra de 27 sítios, 18 associados à tradição Tupiguarani, 3 à tradição Taquara e 6 onde ocorrem vestígios cerâmicos das duas tradições, que chamamos de sítios “multicomponenciais”.

Esses sítios, por sua vez, foram relacionados à micro-áreas dentro do espaço maior da área de estudo, a partir das divisões geopolíticas de 4 municípios: Três Coroas, Taquara, Parobé e Sapiranga.

Na região de Três Coroas, que corresponde a área do médio e alto vale do rio Paranhana, foram estudados 7 sítios, sendo 3 deles associados somente a ocupação de portadores da tradição Tupiguarani, 1 associado somente a ocupação de portadores da tradição Taquara e 3 multicomponenciais, que apresentam materiais cerâmicos associados às duas tradições tecnológicas.

De uma maneira geral, os sítios tupiguarani estão localizados na parte média do vale, associados ou ao rio principal ou a importantes afluentes, em áreas que ainda mantém várzeas mais amplas, terraços fluviais ou suaves aclives para instalação dos assentamentos.

A cerâmica, nesses sítios, possui uma grande semelhança entre si em termos de tecnologia de produção e morfologia, representada principalmente por vasilhas de tamanho pequeno a médio (com relativamente pouca capacidade volumétrica, em comparação com o repertório tradicional do grupo), envolvendo essencialmente recipientes para preparar e cozer alimentos sólidos e líquidos e para servi-los, sem grandes vasilhas para armazenamento.

Nota-se na produção das vasilhas, em todos os casos, a utilização sistemática de antiplástico arenoso grosseiro com baixo grau de arredondamento dos grãos de quartzo.

O tratamento de superfície apresenta, invariavelmente, uma alta proporção de decoração plástica ungulada e alisada (simples), em comparação com outras mais comuns, como o corrugado, corrugado ungulado e o pintado, além de estarem presentes também alguns poucos fragmentos com decoração escovada e espatulada (Tabela 5).

Tabela 5: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Três Coroas

Decoração													
	C	C/Esp	C/U	C/U/Esc	U	Esc	Esc/U	Esp	Bel	Pint	S	NC	Total
Sítio													
S-296	127		55		137	6	1			93	161	62	642
S-299	20	1	17		33			1		29	14	17	132
S-300	9		6	35	4					9			63
S-320	6								4	5	4	9	28
Total	162	1	78	35	174	6	1	1	4	136	179	88	865

Em um dos sítios de ocupação tupiguarani (RS-S-296), ocorrem dois fragmentos de cerâmica com decoração ponteadada, da tradição Taquara, que pode estar representando algum tipo de contato entre os dois grupos, como ocorre nos sítios RS-S-320 e 321, a cerca de 6 km a leste. No entanto, as evidências aqui não são claras,

necessitando de uma amostra maior para inferirmos algo mais aprofundado na questão da interação dos dois grupos nestes locais.

O único sítio somente com material da tradição Taquara (RS-S-301), está localizado no extremo norte do vale do Paranhana, na transição com as áreas mais aplanadas do topo do planalto, em cota com cerca de 700 m. Encontra-se próximo a um arroio, mas afastado das drenagens maiores.

Originalmente foi informado que teria cerâmica daquela tradição tecnológica associada ao material lítico regatado; porém, a cerâmica não foi encontrada na Reserva Técnica do MARSUL. Há também a informação de que poderia ter havido uma casa subterrânea, que não foi constatada em loco na pesquisa de campo original.

Os sítios RS-S-320 e 321, localizados próximos entre si, na porção nordeste da bacia, em cotas acima de 700 m, longe de grandes cursos de água, podem ser associados a assentamentos de grupos portadores da tradição Taquara. Porém, nos dois casos são reportadas áreas com solo antropogênico (3 em cada sítio) onde, em um deles, ocorre exclusivamente cerâmica da tradição Tupiguarani, enquanto que nas outras, somente cerâmica da tradição Taquara.

A implicação desse fenômeno é de grande importância, pois pode estar relacionado (de forma ainda mais clara que no caso do sítio RS-S-296) a contato entre os grupos, com possibilidade de terem estabelecido uma interação através de convivência.

A cerâmica que ocorre nesses sítios é tipicamente àquela associada ao sítio tipo do Morro da Formiga (RS-S-61), na porção baixa do vale, com pasta bem homogênea, queima oxidante completa e eventualmente redutora, com antiplástico geralmente arenoso, formado por grãos de quartzo finos, mas em grande quantidade, pouco arredondados, tornando sua textura áspera ao tato e suscetível à erosão.

As formas são geralmente pequenas, de corpo cilíndrico vertical ou em meia calota, bordas diretas ou levemente infletidas (algumas com pequeno espessamento no lábio), paredes finas e com tratamento de superfície predominantemente unglado, seguido de ponteadado e alisado (simples) (Tabela 6).

Tabela 6: Quantificação do material cerâmico da tradição Taquara, nos sítios do município de Três Coroas

Decoração										
Sítio	U	Pont	U/Pont	Dig	Inc	Pin	Pin/U	S	NC	Total
S-296		2								2
S-320	72	32	1	3	1	6	2	20	35	172
S-321	7	7			2			9	5	30
Total	79	41	1	3	3	6	2	29	40	204

Por fim, o material lítico em todos os sítios, independentemente se associados à tradição Tupiguarani ou Taquara, não parece diferir muito em termos morfológicos nem quanto às técnicas de produção, sendo muito difícil separá-los.

No entanto percebe-se, nos sítios associados à tradição Taquara, uma inflexão maior para o aproveitamento de seixos brutos de basalto, especialmente apresentando quebras intencionais, como se a matéria prima estivesse sendo testada quanto a sua qualidade, bem como a produção de gumes abruptos, embora gerando instrumentos não formatizados. Além disso, percebe-se também uma significativa frequência de utilização de lascas unipolares, especialmente primárias, onde uma aresta lateral recebeu alguns poucos retoques a fim de produzir um fio cortante.

A alta frequência de grandes talhadores com gume distal, geralmente bifaciais, que lembram “chopping tools”, produzidos em seixos de grande tamanho, também é notável nos sítios da tradição Taquara, embora talhadores desse tipo ocorram também em sítios da tradição Tupiguarani.

A matéria prima utilizada é, principalmente, o basalto (mais de 90 %), que é utilizado sempre na forma original de seixos rolados. Sua qualidade é variável, mas predominam aqueles com textura homogênea, raras fraturas e coloração cinza escura. Outros tipos de rochas ou minerais, como arenito friável, arenito silicificado, quartzo e calcedônia são mais raros e usados para produzir instrumentos específicos, como afiadores e polidores (no primeiro caso) e lascas cortantes (nos outros).

A Tabela 7 sintetiza a produção de artefatos e instrumentos, a partir das categorias usadas na análise que realizamos nos sítios em que havia acervo lítico, para a área de Três Coroas.

Tabela 7: Quantificação geral do material lítico, nos sítios do município de Três Coroas

Sítio	S-296	S-299	S-301	S-320	S-321	T
Categoria						
S	5			11		16
SL				49	17	66
SLg				26	13	39
Nunip	1			4	1	6
LP	3			36	3	42
LPg			3	28	9	40
LS	5		5	11		21
LSg			2	8	2	12
Nbip				2		2
Lbip	1			1		2
Frag	15		2	1	4	22
Frag S	1					1
Frag SL						
Frag SLg					2	2
Frag Lasc				4		4
Frag Inst				2	1	3
Plaq	1	1				2
Pris		2		2		4
Per				2		2
Tal	6	1	3	18	12	40
Rasp	1			4	1	6
Enx						
Qc						
Lent		1				1
AC	2					2
Alm				1		1
MP						
Total	41	5	15	210	65	336

Os sítios arqueológicos estudados na região de Taquara, que correspondem à porção inferior do vale do rio Paranhana e a parte média do rio dos Sinos, apresentaram

de maneira geral, pouco material lito-cerâmico, com exceção de dois deles, considerados os mais importantes.

O sítio RS-S-61 (Morro da Formiga) representa um denso assentamento de portadores da tradição Taquara, sem a presença de casas subterrâneas, no topo de uma elevação com controle direto sobre uma vasta área de entorno, relativamente distante de rios maiores.

A cerâmica que ali ocorre é aquela a partir da qual, uma vez descrita e caracterizada em termos tecnológicos e morfológicos, deu nome à tradição tecnológica e está representada por uma grande quantidade de fragmentos, apresentando alta variabilidade de formas e decorações que se consolidaram como sendo as características dessa tradição, bem como de um de seus componentes de distribuição geográfica mais limitada (fase Taquara) que abrange boa parte da encosta sudeste do planalto, parte de seu topo e o litoral norte contíguo.

Embora não tenhamos podido realizar um estudo mais aprofundado desse acervo, pode-se notar a alta frequência de decoração plástica, sobretudo o pinçado, ponteadado e unglado, além do alisamento (simples).

O material lítico, apesar de utilizar como matéria prima essencialmente o basalto local, também apresenta taxas mais altas de utilização de minerais comumente associados a ele, como o quartzo hialino. Diferentemente do que ocorre nos sítios dessa tradição na porção mais alta da bacia do rio Paranhana, os artefatos predominantes são lascas (em geral retocadas e utilizadas) e peças bifaciais (sobre seixos e lascas) relativamente menores que aquelas encontradas nas áreas rio acima.

Os sítios relacionados à tradição Tupiguarani apresentam maior recorrência na área do baixo rio Paranhana e médio rio dos Sinos, em relação aos da tradição Taquara. Ocupam quase sempre pontos mais baixos do relevo, mas ainda assim sobre pequenas elevações residuais ou a encosta média e baixa de morros, estando mais próximos às drenagens maiores.

O sítio mais significativo, nessa área, é o RS-S-293, localizado praticamente dentro da zona urbana de Taquara, junto ao arroio Taquara, um dos pequenos afluentes do baixo rio Paranhana, que apresentou uma quantidade significativa de material arqueológico associado, sobretudo cerâmica.

Com pelo menos 2 áreas de solo antropogênico a cerâmica presente no sítio, em função de sua diversidade morfológica e de categorias de decoração, além da quantidade de fragmentos, parece indicar um assentamento relativamente estável, em uma área que originalmente possuía amplo espectro de captação de recursos alimentares e de matérias primas (mata, arroio, banhados, morros com arenito e basalto).

As formas compreendem uma ampla variedade de vasilhas do tipo pratos e tigelas, algumas dessas últimas de grande tamanho (podendo chegar a cerca de 50 cm de abertura da boca), até vasilhas associadas a cocção de alimentos e armazenamento, com tamanhos parecidos e até maiores.

É interessante notar que a decoração mais popular está representada pelo unglado (33 %), seguido pelo simples (23 %) e o escovado (17 %). O restante das pouco menos de 30 % de categorias de decoração está distribuído entre corrugados, corrugados unglados e pintados, além de outras pouco expressivas, entre elas o digitado (Tabela 8).

Esse parece ser um elemento diferenciador e diagnóstico dos sítios do vale do Paranhana e médio rio dos Sinos em relação, por exemplo, a áreas mais a montante e a jusante do vale do rio dos Sinos, cujos sítios possuem maior frequência de corrugados e corrugados unglados, além dos simples e pintados.

Tabela 8: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Taquara

Decoração										Total
	C	C/U	U	Esc	Dig	Dig/Ung	Pint	S	NC	
Sítio										
S-293	28	25	285	148	20	1	66	211	69	853
S-30	2	1						3		6
Total	30	26	285	148	20	1	66	214	69	859

Outros sítios tupiguarani estudados nessa área não possuem acervo material na Reserva Técnica do MARSUL ou o mesmo é muito pequeno. Porém, é importante salientar que em alguns deles (TQ 1, TQ 2 e TQ 4) apresentam urnas de grandes

dimensões (cambuchis) com sepultamentos humanos, indicando um grau relativamente alto de estabilidade.

Material lítico diretamente associado a sítios tupiguarani ocorre somente em RS-S-293 e, apesar de mostrar o aproveitamento de rochas e minerais que ocorrem localmente, especialmente o basalto, os poucos artefatos indicam uma produção pouco elaborada, bastante expedita, onde estão ausentes os grandes talhadores que muitas vezes estão associados a sítios da mesma tradição na parte média do vale.

Os 4 sítios arqueológicos estudados no município de Parobé estão todos associados à tradição Tupiguarani. Localizados na margem esquerda do rio dos sinos, entre 700 m a 1,5 km daquela, estão a oeste da desembocadura do rio Paranhana, fora da bacia desse propriamente dita mas ainda sob sua influência, na porção média do vale do rio dos Sinos.

Estão situados em terrenos mais aplanados, com cotas entre 15 e 53 m acima do nível do mar, em uma ampla área de várzea, sobre pequenas elevações arenosas (os mais próximos ao rio dos Sinos) ou na encosta baixa de morros residuais areníticos, por vezes capeados ainda com basaltos (os mais afastados).

Com exceção de um (RS-S-34), sobre o qual não há informações mais detalhadas, os demais apresentam entre 2 e 4 áreas de solo antropogênico, que podem indicar a existência de áreas de habitação.

O material cerâmico desses sítios apresenta, em geral, características tecnológicas semelhantes àqueles descritos para as áreas de Taquara e Três Coroas (respectivamente, baixo e médio/alto vale do rio Paranhana), produzidos com uma pasta bastante arenosa, cujo antiplástico é formado principalmente por grãos de quartzo grandes e com baixa esfericidade, dando à textura uma sensação áspera ao toque e, conseqüentemente, muito suscetível à erosão. A queima é invariavelmente oxidante incompleta, deixando uma coloração à superfície que vai do marrom claro ao marrom avermelhado.

A morfologia das vasilhas é relativamente pouco variada, sendo que as peças mais frequentes são as tigelas e pratos, com formas esferoides e elipsoides, utilizadas para servir alimentos líquidos e sólidos (ñaembé e cambuchí caguabá), de tamanho médio (até cerca de 30 cm de abertura de boca), raramente maiores.

Além dessas, também pode ocorrer em menor frequência painéis com bordas restringidas infletidas, usada para cozer alimentos (yapepó). Porém, no contexto de alguns desses sítios, foram encontradas estruturas funerárias (RS-S-34 e RS-S-260) em grandes vasilhas complexas pintadas (cambuchí), indicando também a presença de vasilhas para armazenamento de bebidas e certa estabilidade do assentamento.

As decorações presentes também possuem pouca variabilidade, sendo que a de maior frequência é a unglada, seguida da simples, corrugada e corrugada unglada, pintada e outras menos frequentes, como a digitada e escovada (Tabela 9).

Tabela 9: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Parobé

Decoração	C	C/U	U	Dig	Esc	Pint	S	NC	Total
Sítio									
S-34	68	59	89	16		52	74	50	408
S-260	22	3	112	12		7	23	37	216
S-291	32	6	78	9		13	46	23	207
S-292	19	7	37	8	25	6	42	8	152
T	141	75	316	45	25	78	185	118	983

É importante mencionar novamente a tendência a uma alta frequência de decoração unglada, em detrimento de decorações plásticas mais comumente encontradas em sítios dessa tradição tecnológica, como a corrugada e suas variações e a pintada, que se assemelha ao que ocorre nos sítios tupiguarani na área de Taquara e Três Coroas, de certa forma confirmando uma alta popularidade desse tipo de tratamento de superfície na cerâmica tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos.

Quanto ao material lítico, esse é bastante escasso em todos os sítios, compondo um total de 91 artefatos e raros instrumentos. A matéria prima mais frequente é o basalto, seguida do arenito friável e arenito silicificado. No sítio RS-S-291 foram também encontrados vários seixos pequenos de calcedônia, mas que eram naturais, sem evidências de modificação antrópica. No sítio RS-S-34 também ocorreu um tembetá produzido em quartzo hialino.

A maior ocorrência de basalto e arenito silicificado (além dos seixos de calcedônia) se deu nos sítios RS-S-291 e 292, muito próximos entre si. O primeiro está

localizado na encosta baixa de um complexo de morros que podem chegar a 200 m de altitude e, diferentemente dos dois sítios mais afastados (RS-S- 34 e 260, onde essas matérias primas não ocorrem ou são mínimas), aquela estrutura pode estar capeada por basalto e possibilitar condições favoráveis para a ocorrência de afloramentos daquelas matérias primas.

De uma maneira geral, o uso do arenito friável se dá principalmente através de sua utilização como prováveis polidores, mas também ocorrem muitas peças simplesmente fragmentadas.

O basalto e o arenito silicificado (em especial no sítio RS-S-291), apresentam modificações que resultaram em instrumentos mais bem acabados (lascas retocadas e um provável talão de um talhador), mas ainda assim, caracterizando uma indústria expedita (Tabela 10).

Tabela 10: Quantificação geral do material lítico, nos sítios do município de Parobé

Sítio	S-34	S-260	S-291	S-292	T
Categoria					
S		2	22	4	28
SLg			3		3
Nunip			3		3
LP			6		6
LPg			8		8
LS			8		8
Frag	1	17	4	7	29
Frag S				1	1
Frag SLg			2		2
Frag Inst			1		1
Adorno	1				1
Tembetá	1				1
Total	3	19	57	12	91

A área de Sapiranga apresentou uma maior proporção de sítios relacionados à tradição Tupiguarani. No entanto, no seu extremo leste, ocorre importante complexo de

3 sítios onde aqueles aparecem associados a fragmentos de cerâmica da tradição Taquara, conformando sítios multicomponenciais.

Na área de Porto Palmeira, próximos a margem direita do rio dos Sinos, os sítios RS-S-281, 282 e 283, localizados sobre um amplo terraço fluvial, Miller registrou e realizou coletas superficiais e fez, em dois deles, sondagens estratigráficas que indicam, em uma primeira vista, distintas ocupações, em momentos cronologicamente diferentes, de grupos portadores daquelas duas tradições tecnológicas.

No entanto, observando as descrições feitas por Miller, o mesmo menciona áreas distintas de concentrações superficiais de cerâmica tupiguarani e taquara, no mesmo sítio (RS-S-282 e 283). Nas sondagens estratigráficas realizadas, a cerâmica taquara, embora em muito menor número, não mostra uma nítida separação, em termos de posição na estratigrafia, em relação à cerâmica tupiguarani, estando ambas sempre concentradas nos primeiros 0,20 m, com a cerâmica tupiguarani inclusive chegando até o nível imediatamente inferior, mas sem a cerâmica taquara associada.

Isso parece indicar que não houve superposição de ocupações, se olharmos exclusivamente através da estratigrafia de um dos sítios. A menção a áreas distintas, umas com maior concentração de cerâmica tupiguarani e outras com maior concentração de cerâmica taquara (sendo uma exclusivamente com material lítico), em um mesmo contexto espacial, também poderia sugerir um fenômeno de interação e convivência entre pequenos grupos de portadores dessas tradições tecnológicas, a exemplo do que parece ter ocorrido em dois sítios da parte alta do vale do Paranhana (RS-S-320 e 321).

Mas, para tornar ainda mais complexa a compreensão do que realmente houve ali, um desses sítios (RS-S-282) possui uma datação radiocarbônica de 1.380 ± 110 AP (SI-414), que consideramos muito antiga para a tradição Tupiguarani na área e que associamos aos grupos portadores da tradição Taquara, o que é bastante plausível, tendo em vista a data existente para o sítio RS-S-61 (Morro da Formiga, 1.190 ± 100 AP (SI-409)) que parece indicar um movimento desses grupos em direção à jusante do rio dos Sinos, através do rio Paranhana (RS-S-61, RS-S-271, complexo Porto Palmeira), em um momento bem anterior à chegada dos grupos associados à tradição Tupiguarani, que provavelmente fizeram um movimento contrário, subindo o vale dos Sinos em direção à montante. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

Os sítios dos conjuntos Otto Wingert e José Wenter parecem representar assentamentos pequenos mas relativamente estáveis, de portadores da tradição Tupiguarani, sem contato com grupos Jê. Sua localização mais afastada de rios maiores e próximos à encosta do planalto (Morro Ferrabraz) os mantém, aparentemente, em maior isolamento. A cerâmica presente possui alta frequência de corrugados, ao contrário do que vimos até então para as outras áreas estudadas, o que pode indicar uma certa zona de fronteira entre dois territórios de domínio de diferentes grupos associados àquela tradição tecnológica. Sobre isso, também voltaremos a tratar mais a frente.

Em termos tecno-morfológicos, a cerâmica tupiguarani apresenta-se mais consolidada, no sentido de que a produção parece ser mais bem acabada, com uma pasta compacta, com antiplástico arenoso grosseiro, mas mais bem selecionado.

As formas, em geral, não são muito variadas, envolvendo especialmente vasilhas para preparar e servir alimentos líquidos e sólidos, de tamanho pequeno a médio, elipsoides ou globulares. Não são encontradas grandes vasilhas tipicamente usadas para armazenamento.

A cerâmica relacionada à tradição Taquara possui as mesmas características daquela encontrada nos sítios das outras áreas já mencionadas nesse capítulo (Três Coroas, Taquara), em termos tecno-tipológicos, mas que ocorre em menor quantidade e está restrita aos sítios do complexo Porto Palmeira.

A pasta é composta por uma quantidade maior de antiplástico, quase sempre areia fina (exceto nos sítios RS-S-320 e 321, onde aparecem grãos grandes de quartzo, com pouca esfericidade), mas que deixa a textura áspera ao tato e os fragmentos, que são normalmente pequenos, muito erodidos. A queima quase sempre é oxidante completa e o tratamento de superfície é predominantemente plástico, com o unglado seguido pelo simples e o pontado.

A morfologia das vasilhas também remete àquela encontrada nos sítios mais conhecidos da região (como o RS-S-61, Morro da Formiga), mas com uma variabilidade bem menor, ocorrendo alguns exemplares de formas cilíndricas, levemente infletidas e com pouca capacidade volumétrica e formas elipsoides em meia calota, quase sempre pequenas tigelas pouco profundas.

Na Tabela 11 resumimos a quantificação dos fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani por categorias de decoração, em todos os sítios da área Sapiranga. Na Tabela 12, fazemos o mesmo para a cerâmica da tradição Taquara.

Tabela 11: Quantificação do material cerâmico da tradição Tupiguarani, nos sítios do município de Sapiranga

Decoração	C	C/Pint	C/U	U	U/Pint	Dig	Esc	Esc/Pint	Rol	Pint	S	NC	Total
Sítio													
S-281	25		8	41		3				2	30	14	123
S-282	126		57	103	7		10		8	98	147	27	583
S-283	107	19	37	21	4		2		1	40	72	1	304
S-375	83		18	13			1			16	25		156
S-382	25	2	3	23	1		3	1		11	12	1	82
S-378	6		1	33			1			20	38		99
T	372	21	124	234	12	3	17	1	9	187	324	43	1.347

Tabela 12: Quantificação do material cerâmico da tradição Taquara, nos sítios do município de Sapiranga.

Decoração	Pont	Pont/Pint	U	Bel	Imp Cest	S	NC	Total
Sítio								
S-281	1	1						2
S-282	7		42	3	5	18	4	79
S-283	3		11			1		15
Total	11	1	53	3	5	19	4	96

Os sítios exclusivamente tupiguarani apresentaram muito pouco material lítico, que é mais abundante somente nos sítios do complexo Porto Palmeira e, entre os sítios que o compõe, especialmente em RS-S-282 e 283 (Tabela 13).

Se nas coletas superficiais realizadas nesses sítios do complexo Porto Palmeira fica difícil separar o que seria associado a uma ou outra tradição tecnológica, nas sondagens realizadas em RS-S-282 e 283, pode-se perceber uma sutil mas importante diferença, especialmente na apropriação de diferentes matérias primas e suas técnicas de modificação.

Tabela 13: Quantificação geral do material lítico, nos sítios do município de Sapiranga

Sitio Categoria	S-281	S-282			S-283		S-378	T
		Sup	S1	S2	Sup	S1		
S	3	12	9		11	13	1	49
SL					3			3
SLg					1	1		2
Nunip		1			3			4
LP		1	13	1	11	11		37
LPg		1		2	3	7		13
LS		5	17	1	12	5		40
LSg	4	1	2	1	9	3		20
Nbip			1			1		2
Lbip		2	1		3	5		11
Fragbip		7	16	1				24
Frag	4	3	1				1	9
Frag S	1	4	1	1	23	5		35
Frag SL		1						1
Frag SLg					1			1
Frag Lasc		8	10		7	2		27
Frag Inst		1	2		5	1		9
Pris	1			2	2	1		6
Perc					1	1		2
Tal	2	1			2			5
Rasp	1							1
Qc		1		1				2
Af		1						1
MP	3							3
SubTotal	19	50	73	10	97	56	2	307
Total	19		133		153		2	307

Em RS-S-282, na sondagem 1, realizada em uma área que apresentava material de ambas tradições e na sondagem 1 de RS-S-283, feita em uma área que continha somente material lítico, aparece um incremento na quantidade de peças com retalhamento bipolar, exclusivamente de quartzo hialino, cuja utilização sabe-se que é um marcador

em potencial para a tradição Taquara. Muito mais rara, no entanto, é a ocorrência da calcedônia, onde também é aplicado o retalhamento bipolar.

Por outro lado, a matéria prima mais abundante continua sendo o basalto, na forma de seixos, muitas vezes quebrados ou lascados intencionalmente, além de lascas primárias e secundárias eventualmente com a presença de um gume retocado. Praticamente não aparecem os grandes talhadores, mais frequentes nas áreas Três Coroas.

O arenito silicificado ocorre pouco e aparece quase sempre na forma de lascas secundárias, às vezes com retoques. O arenito friável aparece quase sempre na forma de fragmentos naturais, algumas vezes com faces polidas ou na forma de afiador em canaleta.

Vale lembrar ainda que, se para os sítios dos conjuntos Otto Wingert e José Wenter, todas essas matérias primas estavam facilmente acessíveis no entorno próximo, para os sítios do complexo Porto Palmeira, elas já não são tão facilmente encontradas ou, pelo menos, são mais localizadas e limitadas, tendo como provável área fonte mais próxima o Morro Negro, a cerca de 2,5 km a sudeste, na margem esquerda do rio dos Sinos.

A área de estudo apresenta, em termos ambientais, uma significativa variação litológica, de relevo, de tipos de solos e de cobertura vegetal. De uma maneira geral, essa variação se dá em um sentido vertical, com diferentes estratos desde sua porção de maior altitude até as de cotas mais baixas.

Nas áreas mais altas (alto vale do Paranhana), são encontrados os relevos mais movimentados com vales encaixados, com várzeas muito estreitas ou inexistentes, cuja litologia predominante são as rochas basálticas da Formação Serra Geral, formando solos litólicos pouco espessos, mas relativamente férteis e cobertura vegetal de Floresta Ombófila Mista e Floresta Estacional Semidecidual Montana²⁵. Nessas áreas, com altitudes acima de 700 m em relação ao nível do mar, estão localizados especialmente sítios relacionados à tradição Taquara (RS-S-301) e sítios multicomponenciais (RS-S-320 e 321), mas cuja ocupação principal está também relacionada a grupos portadores daquela tradição tecnológica.

²⁵ O subtipo Montano ocorre aí, na verdade, conformando uma zona de tensão ecológica (ecótono) com o subtipo Submontano. No entanto, essa variação é minimizada pela pouca distinção (somente algumas espécies do estrato arbóreo e pequenas variações no nível pluviométrico) entre eles.

No médio vale do rio Paranhana, o forte encaixamento desse rio e de alguns de seus afluentes (arroio Iraparú, arroio Angabeí, arroio Kampf, também conhecido localmente como arroio Lamp) já dá lugar a uma várzea um pouco mais larga, que pode chegar a 800 m em alguns pontos. Os arenitos da Formação Botucatu passam a aparecer, ainda associados aos basaltos, tanto em afloramentos em paredões rochosos como na forma de seixos rolados ao longo das drenagens. O relevo é menos movimentado, mais aplanado nas áreas próximas ao rio e arroios, com altitudes entre 50 m (na calha do rio Paranhana) e 200 m, nos morros residuais que o margeiam, apresentando solos mais espessos, predominantemente eutróficos do tipo terra roxa e podzólicos, que possuem boa fertilidade e muito aproveitados para a agricultura de pequena escala. A cobertura vegetal, nessas áreas, é predominantemente de Floresta Estacional Semidecidual Submontana. Em ambientes com essas características, passam a ser comuns os sítios associados à tradição Tupiguarani, cujos grupos portadores são reconhecidamente horticultores e estreitamente ligados a tais características ecológicas.

No baixo vale do rio Paranhana, já na altura de Taquara e Parobé e de sua desembocadura na margem direita do rio dos Sinos, a paisagem já se torna bastante distinta e assim permanece ao longo do curso médio dessa última drenagem, até o município de Sapiranga.

Predominam, em termos litológicos, especialmente os arenitos da Formação Botucatu e sedimentos recentes depositados por aquelas duas grandes drenagens. O relevo é muito mais aplanado, recortado apenas por morros residuais areníticos, por vezes ainda capeados por delgada camada de basaltos, cujas altitudes variam entre 15 m e 200 m acima do nível do mar.

Tanto o rio Paranhana quanto o Sinos, nessa região, apresentam amplas áreas de planície fluvial, que podem chegar a 4 km (no primeiro) e 8 km (no segundo) de largura. Os solos são predominantemente por cambissolos eutróficos e podzóis, com moderada a alta fertilidade, especialmente nos amplos terraços fluviais e nas encostas médias e baixas dos morros residuais. A cobertura vegetal, hoje já bastante alterada era, originalmente, predominantemente formada por Floresta Estacional Semidecidual de Terras Baixas, com porções nas áreas mais elevadas do subtipo Submontana, além de áreas alagadiças nas partes mais baixas e próximas às drenagens, em ambos os casos apresentando amplo espectro de recursos em termos de captação de alimentos e de matérias primas.

Nessas áreas são encontrados o maior número de sítios relacionados à tradição Tupiguarani (RS-S-293, 30, 379, 380, TQ 1, Q 2 e TQ 4, em Taquara; RS-S-34, 260, 291 e 292, em Parobé; RS-S-375, 378, 382 e 383, em Sapiranga) e, eventualmente, assentamentos da tradição Taquara (RS-S-61 e 271, em Taquara) e o complexo de sítios multicomponenciais Porto Palmeira (RS-S-281, 282 e 283, em Sapiranga).

Nas páginas seguintes, nos mapas das Figuras 107, 108 e 109, apresentamos a distribuição dos sítios na área de estudo, plotados sobre as cartas temáticas de relevo, solos e cobertura vegetal.

Observando a distribuição dos sítios de ambas as tradições tecnológicas sobre as cartas temáticas, embora existam imbricações, pode-se observar uma preferência entre as áreas de solos mais férteis, em geral nos terraços fluviais formados nas várzeas dos rios Paranhana e Sinos e arroios tributários, bem como nas encostas baixas e médias de morros residuais nessas áreas, com solos férteis e vegetação estacional submontana e de terras baixas, por grupos portadores da tradição Tupiguarani. Essas associações já são bem conhecidas e ocorrem também em outras áreas do Estado, especialmente na região das grandes bacias dos rios Jacuí e Uruguai.

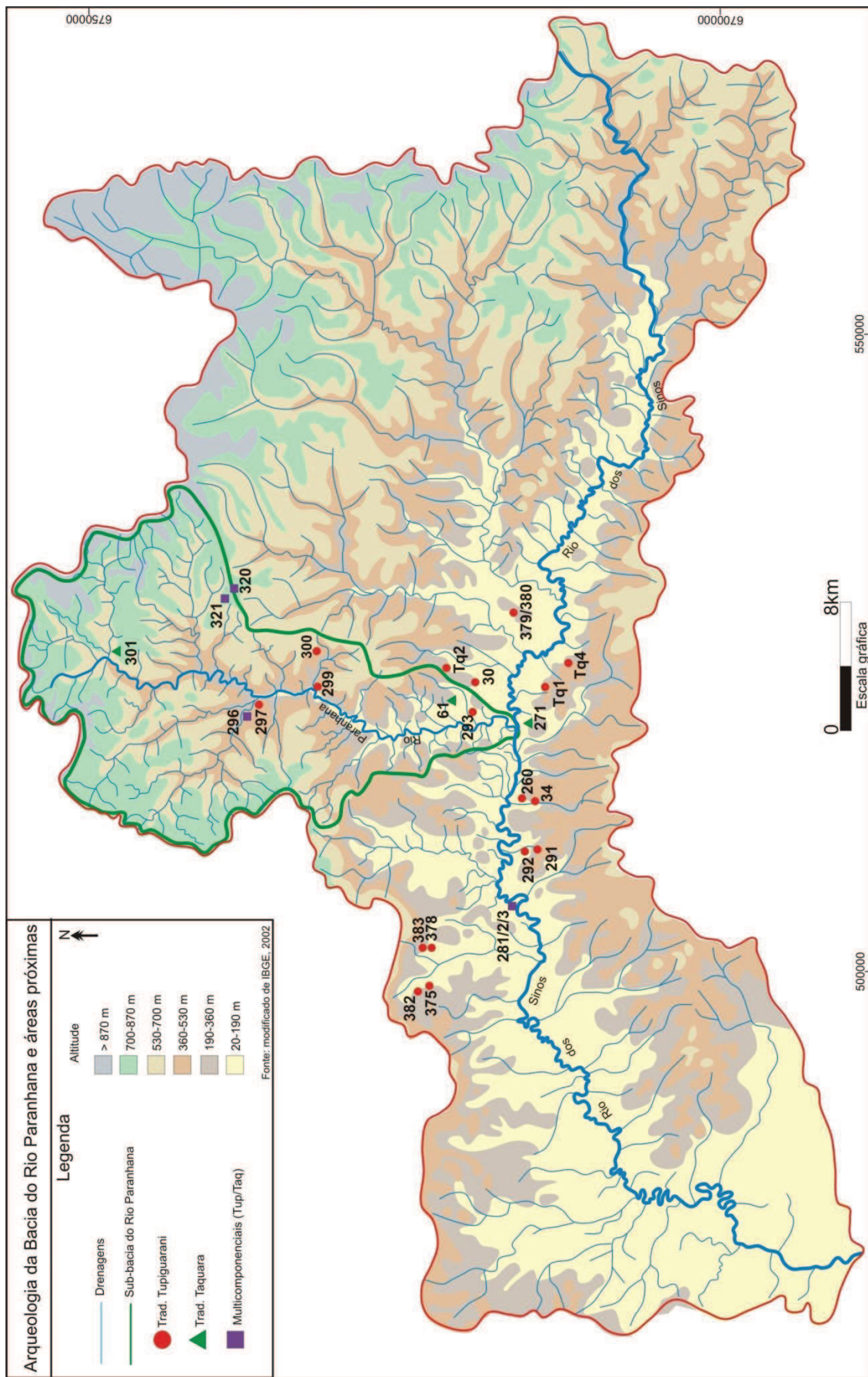


Figura 107: Mapa de distribuição dos sítios em função do relevo. Fonte: modificado de IBGE (2002).

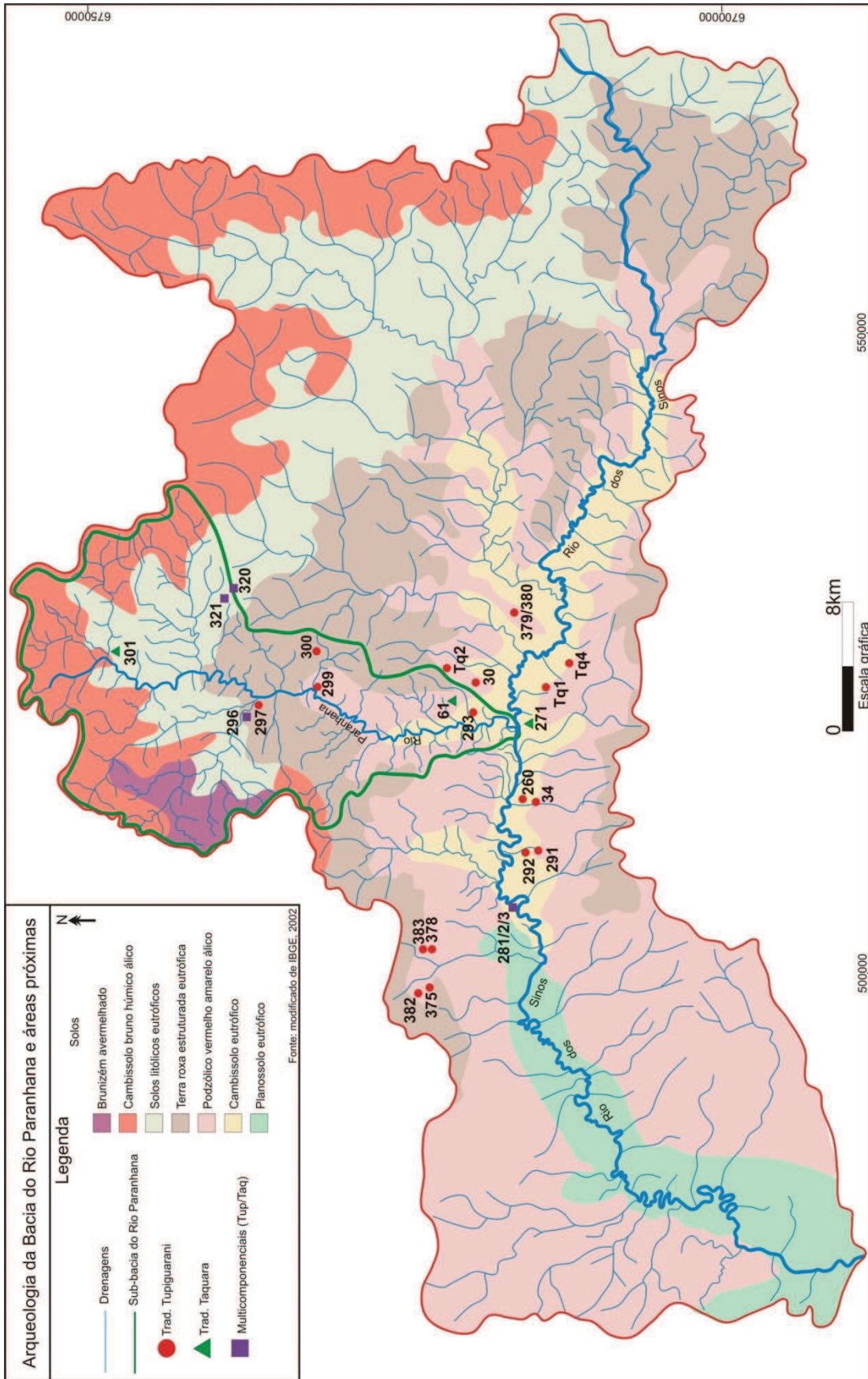
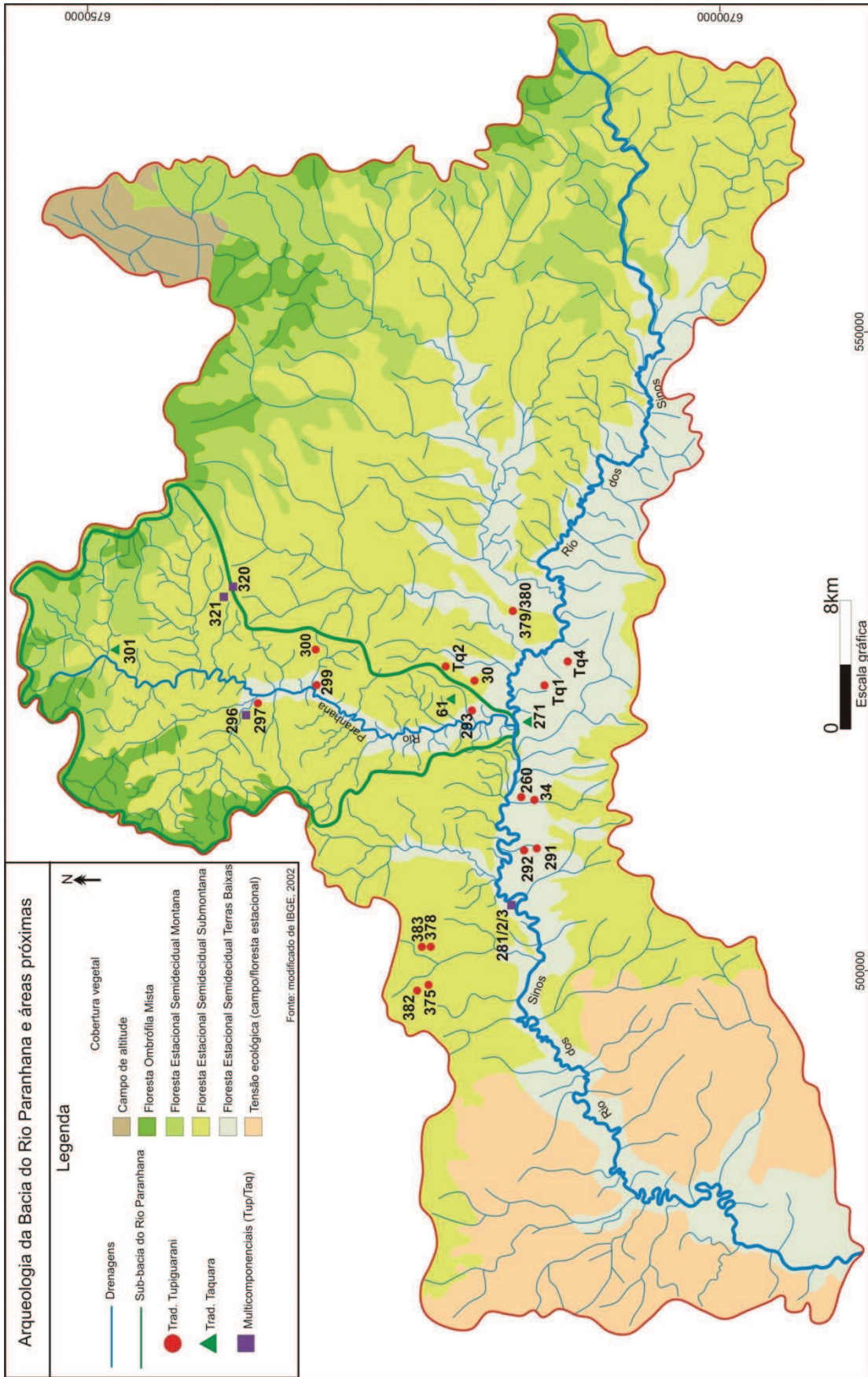


Figura 108: Mapa de distribuição dos sítios em função dos tipos de solos. Fonte: modificado de IBGE (2002).



Por outro lado, grupos relacionados à tradição Taquara tem maior ocorrência nas áreas mais altas, de relevo mais abrupto, relativamente afastados dos cursos de água maiores, onde predominam ainda solos férteis mas mais reduzidos em termos de amplitude, com cobertura vegetal estacional semidecidual montana ou ombrófila mista.

Porém, no baixo vale do rio Paranhana e ao longo do médio Sinos, à jusante, existem sítios associados a ocupações de grupos portadores da tradição Taquara, incluindo aí um grande e aparentemente estável assentamento (RS-S-61), localizado em uma elevação dentro da planície do seu baixo curso do rio Paranhana e datado em 1.190 ± 100 AP (SI-409), cerca de 888 AD (calibrada), além de um pequeno assentamento, possivelmente de caráter mais transitório, próximo a desembocadura desse mesmo rio (RS-S-271), na margem esquerda do rio dos Sinos.

Esses dois sítios, juntamente com ocupações representadas pelos sítios multicomponenciais do complexo Porto Palmeira, onde possivelmente ocorre uma ocupação relacionada à tradição Taquara anterior à Tupiguarani e que está datada em 1.380 ± 110 AP (SI 414), cerca de 662 AD (calibrada), podem representar um evento de expansão daqueles primeiros grupos, talvez a partir da própria calha do rio Paranhana, em direção à jusante do rio dos Sinos, em um momento em que parece haver um ciclo mais geral de expansão dessas populações Jê Meridionais tanto pelo planalto como pelo litoral atlântico e vales dos tributários da margem esquerda do rio Jacuí (Rogge, 2004). O relativo sucesso dessa expansão parece estar bem marcado localmente pela estabilidade do sítio RS-S-61 e da grande quantidade de assentamentos, ainda que nem sempre estáveis, no litoral nordeste do Estado.

Os sítios relacionados à tradição Tupiguarani, na área de estudos, por sua vez, parecem indicar um movimento contrário, rio dos Sinos à montante que, embora não tenhamos datações radiocarbônicas, deve ter ocorrido em um período cronologicamente bem posterior²⁶, por vezes reocupando áreas antes ocupadas por assentamentos de grupos portadores da tradição Taquara (como no complexo Porto Palmeira).

A expansão daqueles através do rio dos Sinos, que se dará até seu alto curso (Dias, 2003) envolve também a subida pelo vale do rio Paranhana, com assentamentos que mostram relativa estabilidade nas porções baixas (RS-S-293) e ocupações

²⁶ Dias (2003) menciona duas datas de TL para o sítio RS-S-399 (165 ± 20 AP (LVD 594) e 205 ± 25 (LVD 595)), no alto rio dos Sinos e insere a ocupação tupiguarani naquela área entre 1.450 e 1.750 AD. Para o baixo vale, Schmitz (com. pes., 2015) reporta um sítio datado em cerca de 300 a 400 anos AP (entre 1.500 a 1.600 AD). Pensamos que a mesma faixa cronológica pode ser proposta para nossa área de estudo, indicando um deslocamento relativamente rápido ao longo de todo o vale.

aparentemente menos densas, mas ainda bem consolidadas, no seu médio curso (RS-S-297, 297, 299 e 300).

Reocupações no complexo Porto Palmeira, além dos diversos sítios na área de Parobé e assentamentos estáveis como o do sítio RS-S-293, próximo ao sítio RS-S-61, mas sem evidências de contato, parecem indicar que a chegada desses horticultores se dá em um momento em que a expansão anterior dos grupos Jê Meridionais na área já havia se dispersado ou retrocedido, voltando às porções mais altas do vale do rio Paranhana e o Planalto.

Justamente, na parte alta desse vale, é possível que a contínua expansão tupiguarani tenha criado uma zona de fronteira com grupos Jê remanescentes e, talvez, estabelecido algum tipo de interação, inclusive de convivência, representada pelos sítios RS-S-320 e 321 e, em menor grau, RS-S-296.

Com relação à expansão e colonização do médio vale dos Sinos e do baixo/médio vale do Paranhana por populações portadoras da tradição Tupiguarani, é importante também mencionar que, possivelmente, nessa área tenha se estabelecido um território de domínio ou um *tekohá* bem demarcado e que se distingue do que parece ter ocorrido no alto curso dos Sinos, que conformou outro *tekohá* (DIAS, 2003) e no baixo vale desse mesmo rio, até pelo menos a altura do município de São Leopoldo (P. I. Schmitz, com. pes.) ou, possivelmente, Sapiranga. Um dos elementos que podem traduzir essa hipótese é a alta frequência de cerâmica com decoração plástica unglada²⁷, nos sítios das áreas de Três Coroas, Taquara e Parobé, que contrastam com o que ocorre de Sapiranga a jusante, no baixo rio dos Sinos (onde ocorre maior frequência de decoração corrugada e suas variantes, além da decoração pintada) e de Taquara à montante, no alto Sinos, onde ocorre o mesmo (MILLER, 1967).

Esses movimentos de expansão, relativamente rápidos, dos grupos portadores da tradição Tupiguarani, parecem estar concordantes com os vetores de movimentos mais amplos dentro do território sul-rio-grandense, como no modelo proposto por Bonomo *et al.* (2015), com uma entrada através do noroeste, pelo rio Uruguai, alcançando posteriormente o médio vale do Jacuí e dali se expandindo em direção leste, subindo seus tributários e alcançando o litoral, de modo semelhante ao que havia proposto inicialmente Brochado (1984) e posteriormente Rogge (2004). Nesse modelo, é

²⁷ Além da alisada (simples), em grande quantidade, às vezes maior que a unglada e a presença de decorações como o escovado, digitado, espatulado e outras em menor frequência.

considerado um período final dessa dispersão entre 1.000 a 1.780 AD, envolvendo aí a subida ao longo dos principais rios tributários da margem esquerda do Jacuí (BONOMO *et al.*, 2015).

Assim, acreditamos ter esboçado um modelo local, não destoante de modelos mais gerais, para compreender o processo de ocupação da região que compreende o médio vale do rio dos Sinos e seu principal afluente, o rio Paranhana, por grupos portadores das tradições Tupiguarani e Taquara. Partindo dele, é necessário agora produzir mais informações, com a localização de novos sítios e a tentativa de realocação daqueles já existentes, estudando de forma mais pormenorizada seus conteúdos culturais e buscando meios de realizar mais datações radiocarbônicas, a fim de consolidá-lo ou reconstruí-lo.

CONCLUSÃO

Partindo do estudo de 27 sítios arqueológicos associados às tradições cerâmicas Taquara e Tupiguarani, cujo acervo documental (fichas de registro de sítio, croquis de plantas-baixas, fotografias entre outras anotações) e material (coleções lito-cerâmicas) estão sob a guarda do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), buscamos compreender como poderia ter se dado o processo de ocupação da área do médio vale do rio dos Sinos, que envolve também o vale de um de seus principais tributários da margem direita, o rio Paranhana, pelos grupos portadores daquela tradições tecnológicas, localizados na região conhecida com Encosta do Planalto, situada no Estado do Rio Grande do Sul.

Para isso, a documentação foi compilada, organizada e estudada, juntamente com o acervo material lito-cerâmico, quando havia, que foi analisado a partir de um olhar tecno-tipológico, buscando caracterizar, ainda que de maneira não muito aprofundada, as características das indústrias líticas e da produção cerâmica daqueles sítios. Toda essa documentação provém de pesquisas realizadas entre o início dos anos 1960 e o final dos anos 1970, por E. T. Miller ou P. A. Mentz Ribeiro, então arqueólogos vinculados àquela instituição.

Dos 27 sítios estudados, 18 foram associados à tradição Tupiguarani, 3 à tradição Taquara e em 6 ocorrem vestígios cerâmicos das duas tradições; a esses últimos os denominamos sítios “multicomponenciais”.

Em termos de implantação no ambiente, os sítios estão distribuídos em diferentes compartimentos geomorfológicos, pedológicos e vegetacionais, que se diferenciam em um sentido vertical, ao longo do vale do rio Paranhana, desde suas cabeceiras, nas porções mais altas até sua desembocadura, na margem direita do rio dos Sinos, em seu curso médio.

Os sítios associados à tradição Taquara, de um modo geral, estão presentes em diferentes ambientes, embora sejam mais comuns nas partes mais altas da área. Ocorrem desde os terrenos mais acidentados, em pequenos platôs em cotas acima de 700 m (RS-S-301, 320 e 321), como também em sítios a céu aberto sobre pequenas elevações nas áreas mais baixas, entre 15 e 70 m de altitude (RS-S-61, 271, 281, 282, 283).

A cerâmica associada, em todos os sítios, guarda sempre relações diretas com aquela que foi definida, em termos tecnológicos e morfológicos, no sítio tipo da

tradição, justamente localizado dentro de nossa área de pesquisa (RS-S-61, datado em 1.190 ± 100 AP (SI-409)), caracterizando-se por uma pasta com grande quantidade de antiplástico de areia fina (exceto nos sítios RS-S-320 e 321, onde aparecem grãos grandes de quartzo, com pouca esfericidade), queima quase sempre oxidante completa e cujo tratamento de superfície é predominantemente plástico, onde predomina a decoração ungulada e ponteadada, com muitas variações, além do alisado (simples).

A morfologia apresenta uma variação relativamente pequena, mas aparecem também as formas características definidas inicialmente no sítio tipo, acima mencionado, com corpos cilíndricos e levemente infletidos e com pouca capacidade volumétrica e formas elipsoides em meia calota, quase sempre pequenas tigelas pouco profundas.

O material lítico, nesses sítios, sempre ocorre em quantidade relativamente grande, se comparada a dos sítios tupiguarani. De uma maneira geral, nos sítios da porção mais alta do rio Paranhana, o basalto é a matéria prima mais largamente utilizada, quase sempre na forma de seixos grandes, onde são produzidos robustos talhadores bifaciais, além de lascas primárias e secundárias, algumas com evidências de modificação por retoques em uma das arestas, formando um gume. Ocorrem também muitos seixos quebrados intencionalmente, como se o artesão estivesse testando a qualidade da matéria prima. Outras litologias aparecem pouco nessa área.

À medida que esses sítios ocorrem nas áreas mais baixas daquele vale e ao longo do médio rio dos Sinos, apesar do basalto continuar sendo a matéria prima mais utilizada, são incorporadas outras, quando disponíveis, como o arenito silicificado e friável, além do quartzo hialino e calcedônia. Os instrumentos produzidos são de menor tamanho, sem a ocorrência (ou com ocorrência eventual) dos grandes talhadores bifaciais das áreas mais altas. O retalhamento bipolar do quartzo hialino (e eventualmente, da calcedônia) aparece de forma mais expressiva e parece ser um elemento diagnóstico dessa indústria lítica.

Os sítios associados à tradição Tupiguarani ocorrem em maior número nas áreas mais baixas, em cotas que vão dos 15 m aos 200 m de altitude, com solos mais férteis, em geral nos terraços fluviais formados nas várzeas dos rios Paranhana e Sinos e arroios tributários, bem como nas encostas baixas e médias de morros residuais.

A cerâmica ocorre, na maioria dos sítios, de forma pouco expressiva, em quantidades relativamente pequenas, mas em alguns deles (RS-S-293, por exemplo), pode ocorrer em um volume significativo, apresentando uma variabilidade morfológica grande, indicando assentamentos estáveis.

Suas características tecno-morfológicas, de um modo geral, são semelhantes àquelas encontradas na maioria dos sítios dessa tradição, em outras regiões, mas aqui há um predomínio das formas pequenas a médias, de contorno simples ou infletido (eventualmente mais complexo), ligadas a vasilhas cuja função é preparar e servir alimentos. São poucos os casos de vasilhas grandes, normalmente utilizadas para armazenamento de bebidas ou, secundariamente, para enterramentos humanos (exceções são os sítios TQ 1, TQ 2, TQ 4, RS-S-34 e RS-S-260).

Na maior parte dos sítios tupiguarani (com exceção daqueles estudados na área de Sapiranga), a pasta da cerâmica possui um antiplástico predominantemente composto por areia grossa, a partir de grãos de quartzo com baixo grau de esfericidade, deixando a textura de sua superfície muito áspera ao toque e facilmente erodida. Além disso, o tratamento de superfície mais abundante, depois do alisado (simples), foi o unglado, em contraste com o que comumente ocorre em outras regiões, onde o unglado e suas variantes e a decoração pintada tem maior popularidade. Isso pode ser indicativo de um estilo tecnológico próprio da área do médio rio dos Sinos e vale do rio Paranhana, indicador de uma identidade local que poderia estar associada a um território de domínio exclusivo dos grupos que a ocuparam, um *tekohá* do médio rio dos Sinos.

O material lítico associado aos sítios tupiguarani é muito escasso e relativamente difícil de ser diferenciado daqueles associados à tradição Taquara, predominando também o basalto, mas com uma utilização maior do arenito friável, na forma de polidores e afiadores em canaleta. Em alguns sítios da parte média do vale do Paranhana, também são encontrados os grandes talhadores bifaciais semelhantes àqueles associados à tradição Taquara.

Em seis sítios, encontramos vestígios cerâmicos das duas tradições tecnológicas (RS-S-296, RS-S-320, RS-S-321, RS-S-281, RS-S-282 e RS-S-283), que podem ser explicados por superposição de assentamentos ou contato e interação entre os diferentes grupos.

No sítio RS-S-296, no médio rio Paranhana, ocorre junto a um assentamento tupi-guarani, dois fragmentos de cerâmica com decoração ponteadada, que lembra àquela da tradição Taquara, mas que possuem elementos tecnológicos (pasta, antiplástico, queima, espessura da parede) que remetem à tradição Tupiguarani, que poderia evidenciar contato com mistura de estilos tecnológicos. No entanto, a evidência é pequena e pouco controlada para chegarmos a uma explicação convincente. Assim, consideramos esse caso como de possível superposição de ocupações.

Na região de Sapiranga, na localidade de Porto Palmeira, ocorrem três sítios (RS-S-281, RS-S-282 e RS-S-283) que apresentam uma grande quantidade de cerâmica associada à tradição Tupiguarani, mas que apresenta também a ocorrência de um número significativo de cerâmica da tradição Taquara, às vezes concentradas em pontos diferentes no mesmo sítio. Em dois deles, Miller fez sondagens estratigráficas cujo material chegou a 0, 30 m de profundidade, sem mostrar diferença deposicional entre o material de uma e outra tradição, o que poderia indicar ocupações coetâneas.

No entanto, uma data radiocarbônica de uma das sondagens, de 1.380 ± 110 AP (SI-414) provavelmente associada à ocupação de portadores da tradição Taquara, parece estar indicando realmente superposição de assentamentos na mesma área, inicialmente por grupos daquela tradição tecnológica e, posteriormente, por grupos associados à tradição Tupiguarani, que reconhecidamente expandiram-se pelo vale do rio dos Sinos em um momento bem posterior.

Porém, voltando novamente ao vale do rio Paranhana e ao seu alto curso, encontramos dois sítios (RS-S-320 e RS-S-321) com ocupações mais densas relacionadas à tradição Taquara, com razoável quantidade de material lítico e cerâmico, mas com a presença de material cerâmico da tradição Tupiguarani nitidamente associado a espaços diferenciados dentro da área dos dois sítios.

É possível que, nesse caso, tenhamos a configuração de um processo de interação, ainda pouco compreendido, entre indivíduos dos dois grupos, em uma área que se caracterizaria por ser uma zona de fronteira entre as populações portadoras das duas tradições cerâmicas, indicando também o avanço da expansão tupiguarani para o alto vale do rio Paranhana.

Com base nessas informações, foi possível propor um modelo de ocupação da região do médio vale do rio dos Sinos e vale do rio Paranhana pelos grupos portadores

das tradições cerâmicas Taquara e Tupiguarani, no qual os primeiros experimentam uma expansão descendo o vale do rio Paranhana até sua desembocadura e dali, possivelmente, rio dos Sinos à jusante, pelo menos até a altura de Sapiranga²⁸, deixando como registro os sítios RS-S-61 e RS-S-271, no baixo Paranhana e próximo à foz desse com o Sinos e a primeira ocupação do complexo Porto Palmeira (RS-S-281, RS-S-282 e RS-S-283), com datas entre 662 AD (calibrada) e 888 AD (calibrada).

Um segundo momento de expansão e ocupação do médio vale do rio dos Sinos e do vale do Paranhana se daria somente cerca de 800 anos depois, entre 1.450 e 1.750 AD (não calibradas), mas agora aparentemente no sentido inverso, subindo o vale do rio principal, possivelmente a partir do Lago Guaíba, onde existem sítios datados desde, pelo menos, 1.340 AD²⁹ (não calibrada) e depois subindo o vale do rio Paranhana, em um momento que provavelmente, os grupos associados à tradição Taquara já teriam se dispersado ou refluído às áreas mais altas do vale do Paranhana e do Planalto contíguo.

Essa expansão tupiguarani em direção ao médio vale do rio dos Sinos e para a montante do vale do Paranhana está registrada pelos sítios RS-S-375, 378, 382, 383 e a segunda ocupação do complexo Porto Palmeira, na região de Sapiranga, os sítios RS-S-291, 292, 260 e 34 em Parobé, os sítios RS-S-293 (o assentamento mais denso na área), 30 e TQ 2 na porção baixa do rio Paranhana, os sítios RS-S-299, 300, 296 e 297, na parte média desse vale e os sítios TQ1, TQ4, RS-S-379 e 380 indicando uma provável expansão em direção ao alto curso do rio dos Sinos.

A expansão dos grupos portadores da tradição Tupiguarani em direção à montante do rio Paranhana, possivelmente levou ao estabelecimento de um processo de contato e interação com grupos associados à tradição Taquara, estabelecidos ainda nessa área do alto vale, fazendo dela uma zona de fronteira e resultando no que entendemos como uma interação que poderia ter envolvido convivência de um pequeno grupo familiar (ou uma ou mais mulheres?) relacionadas à tradição Tupiguarani em um assentamento de um grupo associado à tradição Taquara. No entanto, a natureza e a extensão temporal desse fenômeno local não pôde ser compreendida ainda.

²⁸ Essa expansão poderia, inclusive, ter chegado à foz do rio dos Sinos e alcançado o Lago Guaíba, já na altura de Porto Alegre. Alguns sítios associados à tradição Taquara são reportados para o entorno desse lago (KERN, 1994; BEBER, 2005).

²⁹ Dias e Silva (2013) mencionam 37 sítios na região do Lago Guaíba, dois deles com datas radiocarbônicas: RS-LC-71: Ilha Chico Manoel, com 610±50 AP e RS-SR-342: Santa Rita, com 540±60 AP e 440±60 AP.

É importante mencionar, por fim, que tanto a expansão dos portadores da tradição Taquara, descendo o rio Paranhana e o rio dos Sinos, como um segundo processo de expansão, em sentido contrário e cronologicamente posterior ao anterior, relacionado aos portadores da tradição Tupiguarani, subindo esses mesmos rios, proposto por nosso modelo na área de estudo, são consoantes com fenômenos de expansão e dispersão desses grupos em uma perspectiva regional, mais ampla, em momentos cronologicamente semelhantes.

Por volta de 800 até cerca de 1.200 AD muitos sítios relacionados à tradição Taquara e sua variante mais ao norte (Itararé) começam a aparecer em áreas mais amplas do planalto e no litoral atlântico, experimentando um processo de franca expansão, que dá sinais de retração já por volta de 1.300 AD (NEVES, 1988; ARAÚJO, 2007) o que é concordante com nossa proposta de expansão dos grupos relacionados à tradição Taquara e que também vem de encontro ao segundo momento de expansão na área, agora relacionada a grupos portadores da tradição Tupiguarani, subindo o rio dos Sinos e Paranhana em um momento de retração dos grupos anteriores. Bonomo *et al* (2015) propõem um período que vai de 1.000 a 1.780 AD para uma rápida expansão dos grupos tupi-guarani em direção aos vales tributários da margem esquerda do rio Jacuí e ao litoral atlântico, também consoante e envolvendo, cronologicamente, nossa proposta para o processo de expansão da tradição Tupiguarani no médio rio dos Sinos.

Esse modelo, ora proposto, sem dúvida representa uma primeira tentativa de explorar, por um lado, um rico acervo documental e de cultura material existente no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul e, por outro, analisar e compreender os processos de ocupação pré-colonial, ainda que parcialmente através de grupos ceramistas relativamente recentes, de uma área do médio vale do rio dos Sinos e vale do Paranhana, até então praticamente desconhecidos em termos arqueológicos e não integrados a um panorama mais amplo envolvendo aquelas duas tradições tecnológicas.

Com essa tese, um primeiro passo já nos parece ter sido dado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Astolfo G. de M. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil **Revista de Arqueologia**, 20, 2007, p. 9-38.
- BASILE BECKER, Ítala I. O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. **Pesquisas, Antropologia** n° 29. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1976.
- BASILE BECKER, Ítala I. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. **Pré-História do Rio Grande do Sul**. (P. I. Schmitz, Org.). **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 05**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1991, p. 133-159.
- BEBER, Marcus Vinicius. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da tradição Taquara/Itararé. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 10**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005, p. 05-125.
- BEBER, Marcus Vinicius. Sítios arqueológicos do município de São José do Cerrito, SC. **Pesquisas, Antropologia** n° 70. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2013, p. 43-64.
- BONOMO, M., ANGRIZANI, R. C., APOLINAIRE, E., NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, n° 356, 2015, p. 54-73.
- BROCHADO, José J. J. P. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones de La Sociedad Argentina de Antropología**, n° 7, 1973a, p. 7-39.
- BROCHADO, José J. J. P. **Desarrollo de La Tradición Alfarera Tupiguaraní (AD 500-1800)**. Porto Alegre: UFRGS, Gabinete de Arqueologia, Publicação n° 3, 1973b.
- BROCHADO, José J. J. P. **Alimentação na Floresta Tropical**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Caderno n° 2, 1977.
- BROCHADO, José J. J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América**. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984 (Tese de Doutorado).
- BROCHADO, José P., LAZZAROTTO, Danilo, STEINMETZ, Rolf. A cerâmica das missões orientais do Uruguai. Um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica. **Pesquisas, Antropologia** n° 20. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1969, p. 169-208.

COPÉ, Sílvia M., SALDANHA, João D. M., CABRAL, Mariana P. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. In: Casas Subterrâneas Nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (P. I. Schmitz, Ed.). **Pesquisas**, Antropologia nº 58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002, p. 121-138.

CHMIZ, Igor. Prospecções arqueológicas no vale do rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil). **Acta Praehistorica**. Buenos Aires: 5/7, [1961/1963], 1965. p. 35-52.

COPÉ, Sílvia M. & SALDANHA, João Darcy de Moura: Em busca de um sistema de assentamento para o planalto Sul riograndense: escavações no sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. **Pesquisas**: Antropologia nº 58, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002. p. 107-120.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistema de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos sinos, rio grande do sul**. São Paulo, 2003 (Tese de Doutorado).

DIAS, Adriana S. & SILVA, Sérgio B. Seguindo o fluxo do tempo, trilhando o caminho das águas: territorialidade guarani na região do Lago Guaíba. **Revista de Arqueologia**, 26(1), 2013, p. 56-70.

DIAS, Jefferson Luciano Zuch. A tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 05**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2005, p. 126-158.

DIAS, Jefferson Luciano Zuch. *Projeto de Investigação arqueológica do Vale do Paranhana*, In: SOBRINHO, Paulo Gilberto Mossmann & BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Raízes de Taquara**. Vol. II – Porto Alegre: EST, 2008, p. 1461-1470.

ESTEVAM, Eliane Aparecida & KÜNZLI, Ruth. Análise de Material Cerâmico Pré-Histórico da Região de Presidente Prudente - SP. **VII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IV Encontro Americano de Pós-Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba, s/d, p. 1628-1631.

EVANS, Cliford. Introdução. In. SIMÕES, Mário F. (editor) Programa Nacional de Pesquisas arqueológicas - Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, **Publicações Avulsas** nº 6, 1967. p. 7-14.

FERRARI, Jussara L. O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil. **Pesquisas**, Antropologia nº 35. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1983.

GOLDMEIER, Valter Augusto (Org). **Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul**: fichas de registro existentes no Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IBGE. Mapas de solos, vegetação e relevo. **Cartas avulsas**, 2002, obtidas em <http://downloads.ibge.gov.br/>.

JACOBUS, André L. **Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas e estruturas funerárias**. S/d. (datiloscrito).

KERN, Arno A. Interação cultura e meio ambiente em sítios de habitação subterrâneas no Planalto sul-rio-grandense (Município de Vacaria, RS). **Boletim do MARSUL**, 3. Taquara: 1985. p. 30-33.

KERN, Arno A. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

KERN, Arno A.; SOUZA, José Otávio de & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-histórica do Vale do Rio Pelotas (municípios de Bom Jesus e Vacaria, RS). 1ª Parte. Porto Alegre: **Veritas**, nº 35, 1989 (a). p. 99-127.

KLAMT, S. C. **Contribuição para o Sistema de Assentamento da Tradição Tupiguarani**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. (Tese de Doutorado).

KREVER, Maria Luisa B. & HAUBERT, Fabiana. Estudos dos remanescentes humanos do Planalto Sul-Rio-Grandense: Projeto Vacaria. **Trabalhos apresentados na XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2001. p. 29-39.

LA SALVIA, Fernando. Resumo das pesquisas arqueológicas no planalto – Rio Grande do Sul. **Pesquisas**, Antropologia nº 18. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1968, p. 101-113.

LA SÁLVIA, Fernando. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: WEIMER, Nelson Souza Günter (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 7-26.

LA SÁLVIA, Fernando; SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Ítala Irene. Cerâmica Caingáng-Fase Vacaria. In: **Estudos de Pré-História geral e brasileira**. São Paulo: Instituto de Pré-História, USP, 1970. p. 493-497.

LAZZAROTTO, Danilo, et al. Pesquisas arqueológicas no Planalto, São Paulo. **O Homem antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, 1971. p. 79-89.

MABILDE, Pierre F. A. Booth. **Apontamentos Sobre os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul**. São Paulo: IBRASA/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MENGHIN, Osvaldo F. A. El poblamiento prehistórico de Misiones. **Anales de Arqueología y Etnología**, v. XII. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 1957, p. 19-40.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Os abrigos sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul (nota prévia). Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, nº 2, 1975. p. 1-25.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, 1991. (Tese de Doutorado).

MENTZ RIBEIRO, P. A. & RIBEIRO, C. T. Levantamentos Arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, v. 12, 1985. p. 49-122.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & SILVEIRA, Ítela. Sítios arqueológicos da tradição Taquara, fase Erveiras, no vale do rio Pardo, RS, Brasil. (nota prévia). Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, nº 8, 1979. p. 3-59.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto, *et al.* Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS. São Paulo: **Revista de arqueologia**, Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira. 8 (1), 1994. p. 221-236.

MILLER, Eurico T. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste, Rio Grande do Sul. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, nº 6, 1967, p. 15-38.

MILLER, Eurico T. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Noroeste do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, nº 10 (PRONAPA 2). Belém: MPEG, 1969a, p. 33-46.

MILLER, Eurico T. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Oeste do Rio Grande do Sul (Campanha-Missões). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, nº 13 (PRONAPA 3). Belém: MPEG, 1969b, p. 13-21.

MILLER, Eurico T. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, nº 15 (PRONAPA 4). Belém: MPEG, 1971, p. 37-60.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e Serra do sudeste**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2014.

NEVES, W.A. Paleogenética dos Grupos Pré-históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). **Pesquisas**, Antropologia, 43, 1988, p. 1-178.

NOELLI, F.S. **Sem Tekohá não há Tekó**. Em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicada a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. Porto Alegre: PUCRS, 1993. (Dissertação de Mestrado).

NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, nº 44. São Paulo: USP, 1999/2000, p. 218-269.

NOELLI, F.S., MILHEIRA, R.G., WAGNER, G.P. Os Sítios arqueológicos Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. Registros até 2013. In: Milheira, R.G., Wagner, G.P. (Eds.), **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil**. Appris: Curitiba, 2014, p. 177 - 186.

OLIVEIRA, Cláudia A. Abordagens Teóricas Dos Grupos Pré-Históricos Ceramistas No Nordeste. **Canindé**, nº 1, 2001 p. 1-26.

PANTE, André Raymundo **Aplicação de Instrumentos de Gestão de Recursos Hídricos na Bacia do rio Paranhana**. Porto Alegre, 2006 (Dissertação de Mestrado).

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

RIFFEL, Eduardo Samuel e GUASSELLI, Laurindo Antonio. Ocorrência de Movimentos de Massa na Bacia Hidrográfica do Rio Paranhana – RS. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, Associação dos Geógrafos Brasileiros, UFGRS, nº 39, julho, 2012, p. 193-209.

RIZZO, Antonia. Hallazgos arqueologicos efetuados en un yacimiento en gruta en Tres de Mayo, Provincia de Misiones, Republica Argentina. **Pesquisas**, Antropologia nº 18. São Leopoldo: IAP, 1968, p. 11-19.

ROSA, André Osorio. **Relatório de Campo**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1998. [Datiloscrito].

ROSA, Carolina Aveline Deitos. **Pessoas, coisas e um lugar: Uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara, RS**. Porto Alegre, 2007 (Dissertação de Mestrado).

ROGGE, Jairo Henrique **Fenômenos De Fronteira: Um Estudo Das Situações De Contato Entre Os Portadores Das Tradições Cerâmicas Pré-Históricas No Rio Grande Do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. (Tese Doutorado).

ROGGE, Jairo Henrique e SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS**. **Pesquisas**, Antropologia nº 67. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2009, p. 23-132.

SAHLINS, Marshall D. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAHLINS, Marshall D. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: Porque a cultura não é um "objeto" em via de extinção. In: **Revista MANA**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 3, nº 1, 1997, p. 41- 73.

SCHMITZ, Pedro I. Parapeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). **Pesquisas**, Antropologia nº 2. Porto Alegre: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1958, p. 113-143.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Coord) **Arqueologia no Rio Grande do Sul**. **Pesquisas**, Antropologia nº 16. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1967. p. 2-10.

SCHMITZ, Pedro I. Algumas datas de carbono 14 de casas subterrâneas no planalto do Rio Grande do Sul. **Pesquisas**: Antropologia nº 20. São Leopoldo: 1969, p. 163-167.

SCHMITZ, Pedro I. As tradições ceramistas do planalto brasileiro. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1988, p. 75-130.

SCHMITZ, Pedro I. Arqueologia do planalto sul-brasileiro. **Revista de Arqueologia Americana**, nº 17/18/19. México, D. F.: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1999/2000, p. 51-74.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. (Ed) **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 05**. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 1991.

SCHMITZ, Pedro I. Casas Subterrâneas Nas Terras Altas do Rio Grande do Sul. **Pesquisas**, Antropologia nº 58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Ítala Irene. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. In: **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 05**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1991. p. 67-105.

SCHMITZ, Pedro I., BROCHADO, J. P. **Datos Para Una Seqüência Cultural del Estado de Rio Grande do Sul, Brasil**. Gabinete de Arqueologia, Publ. Nº 2. Porto Alegre: UFRGS, 1972.

SCHMITZ, Pedro I., DE MASI, Marco A N., BASILE BECKER, I. I., MARTIN, H. E. Nova contribuição à Fase Erveiras, Tradição Taquara. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, RS, Brasil. Documentos 01**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1987, p. 5-26.

SCHMITZ, Pedro I., BASILE BECKER, I. I., LA SÁLVIA, F., LAZZAROTTO, D., MENTZ RIBEIRO, P.A. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1988, p. 5-74.

SCHMITZ, Pedro I., ROGGE, Jairo H., ARNT, Fúlvio V. Sítios Arqueológicos do Médio Jacuí, RS. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 08**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2000.

SCHMITZ, Pedro I., ROGGE, Jairo H., ROSA, André O., BEBER, Marcus V., MAUHS, Julian, ARNT, Fúlvio V. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no planalto rio-grandense. In: Casas Subterrâneas Nas Terras Altas do Rio Grande do Sul (P. I. Schmitz, Ed.). **Pesquisas**, Antropologia nº 58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002, p. 11-105.

SCHMITZ. P. I., ROGGE, J. H., NOVASCO, R. V., MERGEN, N. M., FERRASSO, S. Rincão dos Albinos: um grande sítio Jê Meridional. **Pesquisas**, Antropologia nº 70. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2013 a, p. 65-132.

SCHMITZ. P. I., ROGGE, J. H., NOVASCO, R. V., MERGEN, N. M., FERRASSO, S. Boa Parada: um lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e ‘danceiros’.

Pesquisas, Antropologia nº 70. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2013 b, p. 133-196.

SILVA, Sérgio B. da. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingáng: Um Modelo Para a Compreensão das Sociedades Proto-Jê Meridionais**. São Paulo: USP, 2001. (Tese de Doutorado).

SOARES DE SOUZA, Gabriel. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. História da Arqueologia brasileira. **Pesquisas: Antropologia nº 46**, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1991.

SOUZA, José O. C. de. O sistema econômico nas sociedades indígenas Guarani pré-coloniais. **Horizontes Antropológicos**, ano 1, nº 18. Porto Alegre: UFRGS, IFCH, 2002, p. 211-253.

SOUZA, Luiz Fernando de. Estudo acerca da cobertura vegetal e uso do solo nas zonas ciliares dos principais corpos hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. **DOCUMENTO DAT-MA Nº 0616/2008**. Porto Alegre, 2008.

STRECK *et al.* **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2008.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: **História dos Índios no Brasil**. (M. C. da Cunha, Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 87-102.

WAGNER, Gustavo P. **Ceramistas Pré-Coloniais do Litoral Norte**. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de Mestrado). 2004.

ANEXO 1

**Chaves para as abreviaturas utilizadas na classificação dos vestígios lito-cerâmicos
e matérias primas líticas**

Lista de abreviaturas para a cerâmica Tupiguarani:

C = corrugado;	Esc/U = escovado/ungulado;
C/Esp = corrugado/espatulado;	Dig = digitado;
C/Pint = corrugada/pintado;	Dig/U = digitado/ungulado;
C/U = corrugado/ungulado;	Esp = espatulado;
C/U/Esc = corrugado/ungulado/escovado;	Rol = roletado;
U = ungulado;	Bel = beliscado;
U/Pint = ungulado/pintado;	Pint = pintado;
Esc = escovado;	S = simples;
Esc/Pint = escovado/pintado;	NC = não classificado.

Lista de abreviaturas para a cerâmica Taquara:

U = ungulada;	Imp Cest = impressão em cestaria;
U/Pont = ungulada/ponteada;	Dig = digitada;
Pont = ponteada;	Pint = pintada
Pin = pinçada;	S = simples;
Pin/U = pinçada/ungulada;	NC = não classificado.
Inc = incisa;	

Lista de abreviaturas para o material lítico:

S = seixo;	Frag Af = fragmento de afiador em canaleta;
SL = seixo lascado;	N = núcleo;
SLg = seixo lascado com gume;	Lent = lenticulóide;
LP = lasca primária;	Pl = placa;
LPg = lasca primária com gume;	Pris = prisma;
LS = lasca secundária;	Per = percutor;
LSg = lasca secundária com gume;	Tal = talhador;
Lbip = lasca bipolar;	Enx = enxó;
Frag = fragmento natural;	Rasp = raspador;
Frag S = fragmento de seixo;	Qc = quebra-coquinho;
Frag SL = fragmento de seixo lascado;	M = moedor;
Frag SLg = fragmento de seixo lascado com gume;	MP = mão de pilão.
Frag Lasc = fragmento de lascamento;	
Frag Inst = fragmento de instrumento;	
Frag Pris = fragmento de prisma;	

Lista de abreviaturas de matéria prima:

b = basalto;

af = arenito friável;

as = arenito silicificado;

qz = quartzo;

c = calcedônia.